

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

LORENNA RIBEIRO ZEM EL-DINE

**A ALMA E A FORMA DO BRASIL: O MODERNISMO
PAULISTA EM VERDE-AMARELO (ANOS 1920)**

Rio de Janeiro
2017

LORENNA RIBEIRO ZEM EL-DINE

**A ALMA E A FORMA DO BRASIL: O MODERNISMO
PAULISTA EM VERDE-AMARELO (ANOS 1920)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Robert Wegner

Rio de Janeiro
2017

LORENNA RIBEIRO ZEM EL-DINE

**A ALMA E A FORMA DO BRASIL: O MODERNISMO
PAULISTA EM VERDE-AMARELO (ANOS 1920)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robert Wegner (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientador

Prof. Dr. Jorge Eduardo Myers (Centro de Historia Intelectual da Universidad Nacional de Quilmes)

Prof. Dr. André Pereira Botelho (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Prof. Dra. Nísia Trindade Lima (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Marcos Chor Maio (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dr. Alejandra Judith Josiowicz (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas)

Prof. Dra. Dominichi Miranda de Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Z54a

Zem El-Dine, Lorena Ribeiro.

A alma e a forma do Brasil: o modernismo paulista em verde-amarelo (anos 1920) / Lorena Ribeiro Zem El-Dine. – Rio de Janeiro: s.n., 2017.

220 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

Bibliografia: 203-220f.

1. Antropologia Cultural. 2. Eugenia (Ciência). 3. Nacionalismo verde-amarelo. 4. Brasil.

CDD 304.8981

Para meus pais e meus irmãos

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata a Robert Wegner por seu entusiasmo com a ideia que se transformou em projeto de doutorado e finalmente nesta tese. Também agradeço sua paciência, compreensão, tranquilidade e por todas as reuniões de orientação das quais sempre saí mais animada com a pesquisa. A ele e aos professores do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz agradeço pela acolhida, pelo incentivo e pelo diálogo durante esses anos.

Muito obrigada aos professores que ministraram as disciplinas do doutorado, Luiz Antonio da Silva Teixeira, Cristiana Facchinetti, Simone Kropf, Kaori Kodama, Dominichi Miranda de Sá e Tania Salgado Pimenta. Marcos Chor Maio, pela oportunidade generosa de diálogo. Maria Rachel de G. Fróes da Fonseca, pela bibliografia sobre José Vasconcelos e pelas histórias sobre o México. Nísia Trindade Lima foi sempre atenciosa, fez sugestões ao projeto de tese durante o Seminário de Pesquisa e participou da qualificação em 2014. A ela e a Pedro Duarte de Andrade agradeço pelos comentários e indicações bibliográficas que contribuíram para tornar mais consistente o projeto de tese que à época eu tinha em mãos. Eu não poderia deixar de agradecer também a generosidade com que Magali Romero Sá intermediou o meu contato com professores na Alemanha, onde pretendia realizar um estágio de pesquisa. A viagem acabou não acontecendo, mas uma tese também é feita de mudanças de planos.

Não posso deixar de agradecer, pelo aprendizado, pelo convívio e pela amizade, aos colegas que ingressaram comigo no mestrado e no doutorado em 2013, André Lima, Anderson Antunes, Sérgio Marcondes, Ricardo Cabral, Vanessa Pereira, Júlio Cesar Paixão, Evandro Castro, Giulia Engel, Ana Paula Magno, Lucas Lolli Viera, Maurício Bezerra, Marianne Azevedo, Fernanda Araújo, Elizabete Henna, Rodrigo Aragão, Frederico Tavares, Diádiney de Almeida, Tarcila Garcia, Danielle Sanches de Almeida. À Aline Maísa Lubenow, Barbara Damasco, André Patrasso e Carolina Arouca devo um agradecimento especial pela companhia nos passeios pelo Rio e pelas conversas animadas no restaurante da Fiocruz.

Sandro Hilário, Paulo Henrique Chagas, Maria Cláudia Cruz, Deivison Nascimento, Nelson Nascimento e Amanda Gutierrez, funcionários da Casa de Oswaldo Cruz, foram sempre incrivelmente atenciosos. Muito, muito obrigada!

Meu primeiro contato com os personagens desta tese aconteceu no mestrado, na Universidade Federal do Espírito Santo. Foi meu orientador na época, Fábio Muruci dos Santos,

quem me apresentou o desafio de estudar os “modernistas verde-amarelos”. A ele agradeço por sua presença e importância no que foi, de certa maneira, o começo da pesquisa que resultou nessa tese.

Muito obrigada a Paula Habib por ter me apresentado a Robert Wegner e a Casa de Oswaldo Cruz, mas também pelo convívio desde a disciplina de História do Brasil III, em 2004, pela leitura dos meus primeiros trabalhos de graduação, na Universidade Federal de Viçosa, e pelos reencontros sempre felizes, no Rio de Janeiro.

Não posso deixar de agradecer também aos professores Jonas Marçal de Queiroz, Karla Martins, Fabio Faria Mendes, Priscila Dorella, Luiz Lima Vailati, Sergio Alberto Feldman e Antonio Carlos Amador Gil.

Agradeço a Fundação Oswaldo Cruz, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) pelo apoio financeiro que tornou possível a minha estadia no Rio de Janeiro, a aquisição de bibliografia e as viagens de pesquisa.

Muito obrigada a Adrián Gorelik e a Martín Bergel pela generosa acolhida no Centro de Historia Intelectual da Universidad Nacional de Quilmes, no Seminario de Historia de las ideas, los intelectuales y la cultura, do Instituto de Historia Argentina Dr. Emilio Ravignani, e pela oportunidade de apresentar resultados parciais da minha pesquisa no *V Taller de Historia Intelectual*, em agosto de 2016.

Agradeço ainda pela oportunidade de diálogo em edições do Ateliê do Pensamento Social, do CPDOC-FGV, do Seminário de Pós-Graduação da Casa de Oswaldo Cruz e em Simpósios Temáticos da Associação Nacional de História (ANPUH) e da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC).

À Regiane Gouveia, Livia Rangel, Monica Santana, Emiliano Mastache, Maria do Carmo Oliveira, Eduardo Ferraz Felipe e Alejandra Judith Josiowicz agradeço pela leitura que fizeram de textos iniciais e de capítulos da tese.

À Laila Araújo muito obrigada pelo pouso sempre feliz em São Paulo, por me apresentar a cidade e pela disponibilidade de conversar também sobre a pesquisa nos arquivos paulistas e à Danielle Assis, que conheci no Rio de Janeiro, pelas longas conversas e passeios pela capital paulista.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, da Faculdade de Filosofia y

Letras da Universidade de Buenos Aires, da Biblioteca e do Arquivo Histórico da Academia Brasileira de Letras, do Arquivo Histórico da Casa de Rui Barbosa, da Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade, do Arquivo e da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, do Rio Arquivo Histórico da cidade de Rio Claro, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo e da Casa Menotti Del Picchia, por terem me recebido tão bem. Finalmente, eu não poderia deixar de lembrar que tive acesso a maioria das fontes da tese na Hemeroteca Digital Brasileira, que facilita tanto o nosso trabalho e abre um campo de possibilidades.

À Regiane Gouveia, Goshai Daian, Pedro Demenech, Ana Rocha, Eliza Vianna, Carolline Soares, Helicarla Moraes, Emiliano Mastache e Monica Santana agradeço pela amizade e por termos partilhado a experiência de fazer um doutorado. As amigas que fiz na minha estadia em Santa Teresa, Suzana Piscitello, Vanessa Pereira, Deborah Cecília, Nathalia Vieira, Rosana Freire, Ana Caroline Silva, Patrícia Miecznikowski, Andressa Mattos, Patrícia Falcão, Francyne Souza, Helicarla Moraes, Monica Santana, Camila Pereira e a Leônidas Pires por terem sido parte da minha família no Rio de Janeiro. À Sandra Jaramillo, Salomé Carrillo, Daniela Velásquez, Claudia Coelho e Ailen Pratti por dias felizes em Buenos Aires. Aos amigos irmãos que herdei dos anos em Viçosa Silas Raasch, Thiago Enes, Wilka França, Regiane Gouveia, Natália Alves e Celina Van den Eynde por terem estado sempre por perto. Aos amigos da vida toda Priscila Monteiro, Erivelton Silva, Liliane Carvalho e Karine Almeida por me lembrarem da infância.

Sem o Eduardo esse não seria um caminho tão bonito.

À minha família, pelo aconchego. Especialmente aos primos Marco Antônio, Taís, Lívia, Laura, Tatiana, Marcos Vinícius, Karina e Maria do Carmo. Ao tio Antonio e às tias Cléria e Elza. À tia Ana muito obrigada pelo incentivo. À tia Eliana e ao Mário pelas conversas e pelos passeios de bicicleta que animaram os últimos meses de trabalho na tese. Aos meus irmãos, Laísa e Igor, e à minha mãe, Márcia, pelo apoio incondicional, pela paciência e pelo amor.

RESUMO

A tese estuda a chamada vertente verde-amarela do modernismo paulista, entre os anos 1925 a 1929, considerando seus contrapontos a outras perspectivas daquele movimento literário, associadas aos escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Analisa os textos programáticos verde-amarelos pela perspectiva vanguardista da implosão das fronteiras entre arte e vida, bem como da complexa aproximação desses escritores paulistas com as ciências, num contexto de institucionalização dos saberes científicos no país. Destaca como os participantes daquele movimento procuraram resguardar a prerrogativa da arte e da literatura na interpretação da brasilidade em face do crescente prestígio das ciências e dos cientistas como atores intelectuais e, ao mesmo tempo, como se acercaram de uma tradição ensaística brasileira. Focaliza o diálogo ambivalente desses escritores com as ciências, considerando o modo como conduziram um debate em torno da mestiçagem no Brasil, dando atenção às discussões da antropologia e dos estudos eugênicos, a partir da leitura das obras de Alfredo Ellis Junior e Edgard Roquette-Pinto e de *La Raza Cósmica* (1925), do mexicano José Vasconcelos. Ao mesmo tempo, ao ressaltar a leitura singular que os verde-amarelos fizeram dessa obra e de pensadores ligados à tradição alemã da filosofia da vida, este estudo chama a atenção para os referenciais estrangeiros no nacionalismo verde-amarelo. Articulando esses temas, um dos argumentos desenvolvidos nesta tese é o de que o entendimento do verde-amarelismo sobre as condições necessárias à constituição de uma forma brasileira teria sido a principal razão das divergências dos participantes desse movimento com os pares no modernismo paulista. A abordagem adotada neste estudo, dialogando com os conceitos de sinceridade e autenticidade, desenvolvidos pelo crítico Lionel Trilling (1971), procura notar que no discurso do grupo literário paulista a demanda pela sinceridade, no sentido da congruência entre a arte e o sentido nacional, afastava a possibilidade de escolha dentre um conjunto de identidades culturais e fazia dela um caminho exclusivo para a tradução dos elementos autênticos da cultura brasileira.

ABSTRACT

This thesis intends to study the *paulista verde-amarela* subcurrent of Brazilian Modernism between 1925 and 1929. Such study takes into account counterpoints to other perspectives on that literary movement associated to the writers Mário de Andrade and Oswald de Andrade. It analyzes *verde-amarelo* programmatic texts on an avant-garde perspective of implosion of barriers between art and life in the first decades of the twentieth century, as well as, the complex and close relationship those *paulista* writers used to have with Science, in the context of the institutionalization of scientific knowledge in Brazil. The thesis also highlights how movement members sought to protect the prerogative of art and literature in interpreting *Brazilian-ness* when faced with increased prestige of Sciences and scientists as intellectual actors and, simultaneously, how they gradually approached the Brazilian essay tradition. The focus is on the ambivalent dialogue those writers established with Sciences, considering how they dealt with the debate on miscegenation in Brazil, highlighting discussions on Anthropology and eugenic studies, based on the works of Alfredo Ellis Junior and Edgar Roquette-Pinto, and the dialogue with the book *La Raza Cósmica* (1925) – (The Cosmic Race) -, by Mexican writer José Vasconcelos. At the same time, the current study underscores foreign references in the *verde-amarelo* nationalism, especially the peculiar way verde amarelo interprets the José Vasconcelos' work and the German tradition of philosophy of life. By combining those topics, one of the arguments further developed herein is the understanding of *verde-amarelismo* as regards shaping a Brazilian form, which could have been one of the main reasons for division between members of that movement and their counterparts in the *paulista* Modernism. The approach used in this study, created by the critic Lionel Trilling (1971), establishes a dialogue between the concepts of sincerity and authenticity. It aims for realizing that, in the *paulista* literary group, the demand for sincerity, in the sense of agreement between art and the national meaning, alienated the possibility of choice between a set of cultural identities, and such possibility materialized a sole path for translating authentic elements of the Brazilian culture.

Sumário

Introdução.....	17
Capítulo 1: O lado verde-amarelo do modernismo.....	30
1.1. Triunfo e atrofia do modernismo.....	39
1.2. Construção e forma.....	45
1.3. Os fantasmas do modernismo.....	57
1.4. Uma vanguarda verde-amarela?.....	67
Capítulo 2: Arte, literatura e ciência.....	74
2.1. Arte, literatura <i>versus</i> ciência.....	82
2.2. Arte, literatura e ciência.....	96
2.3. Alfredo Ellis Junior, modernista.....	104
Capítulo 3: A raça cósmica verde-amarela.....	117
3.1. José Vasconcelos e a América Latina.....	124
3.2. O Brasil na obra de José Vasconcelos.....	131
3.3. Os limites da ciência.....	137
3.4. Uma eugenia estética.....	142
3.5. A raça cósmica verde-amarela.....	144
Capítulo 4: Modernismo, monumento, crítica e tradição.....	158
4.1. História e ciência.....	165
4.2. A filosofia da vida.....	171
4.3. Os modos da história.....	180
4.4. Os ruminantes de cultura.....	186
4.5. Forma e sinceridade.....	193
Considerações finais.....	200
Referências bibliográficas.....	203

Introdução

Há cinco anos atrás, em São Paulo, o parnasianismo imperava de tal maneira que cairia logo no ridículo o poeta que não fizesse o tratado de [Théodore de] Bainville o seu livro de cabeceira. Foi Menotti Del Picchia que deu o primeiro grito de alarme contra tal estado de coisas e abriu caminho assim para a nova geração mais audaz e mais fecunda em talentos. *Moisés* esse grito de alarme, não era um poema moderno para a época, mas *era moderno para São Paulo*.¹

Esse trecho de Sérgio Buarque de Holanda, que remete ao cenário literário paulista de começos dos anos vinte, pode a princípio surpreender o leitor não muito desprevenido. É que a imagem de Menotti Del Picchia como o “Gedeão” de uma nova geração de escritores paulistas não tem hoje a mesma força. O autor já não encontra lugar no espaço que Mário de Andrade e Oswald de Andrade costumam ocupar em nossas memórias do modernismo. Contudo, na época, era o próprio Menotti Del Picchia quem, nas suas crônicas publicadas no *Correio Paulistano*, costumava se autodenominar como o personagem bíblico,² lançando mão de uma linguagem que o colocava a par dos vanguardismos da época, prolíficos no uso de metáforas religiosas e militares. De qualquer modo, o comentário seguinte de Sérgio Buarque de Holanda, segundo o qual “*Moisés* esse grito de alarme, não era um poema moderno para a época, mas era moderno para São Paulo”, nos leva de volta às nossas convicções iniciais e podemos permanecer confortáveis com as imagens do modernismo brasileiro as quais estamos habituados.

¹ Os grifos são meus. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Os novos de São Paulo”. In: *O Espírito e Letra. Estudos de Crítica Literária I (1920-1947)*. Organização, Introdução e Notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 148. O artigo teria sido publicado em 05 de junho de 1922, no periódico *O Mundo Literário*, do Rio de Janeiro.

² O que se pode constatar, por exemplo, pela leitura da Crônica Social “A ‘bandeira’ futurista”, de 22 de outubro de 1921, onde Menotti Del Picchia afirma: eu, que, como o Gedeão bíblico, conto dia a dia os meus soldados, verifico, com radioso prazer, que, como no milagre evangélico da multiplicação dos pães, as unidades aumentam, engrossando dia a dia a turba “futurista” de S. Paulo”. Ou, ainda, pela Crônica Social “Mais um futurista!”, de 03 de novembro de 1921, que narra a “conversão” de Plínio Salgado ao modernismo. Segundo Menotti Del Picchia, Plínio Salgado teria resistido inicialmente ao futurismo dos novos, por discordar da “onda de exotismo vesânico, maluco, estrambótico, que tem alucinado certos escritores”. Até que certo dia lhe apresentou uma poesia escrita nos parâmetros da “nova escola”. Foi assim que, nas palavras de Menotti Del Picchia, “mais um forte, belo e moço talento viera a formar na vanguarda reacionária dos escritores paulistas, Gedeão, com espanto, contava com mais um soldado nas suas fileiras”. Ambas as crônicas foram compiladas em DEL PICCHIA, Menotti. *O Gedeão do modernismo: 1920-22*. Introdução, seleção e organização por Yoshie Sakiana Barreirinhas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1983.

Mas se seguirmos consultando outros artigos do então jovem crítico literário (quando publicou *Os novos de S. Paulo*, Sérgio Buarque de Holanda estava a um mês de completar vinte anos) podemos ainda nos reencontrar com o mesmo sobressalto inicial, porque os comentários parecem continuamente subverter a importância que já nos acostumamos a atribuir a determinados personagens da história do modernismo paulista. Assim, a alguns leitores atuais de Sérgio Buarque de Holanda, no início dos anos vinte, talvez causará estranheza por exemplo, a adjetivação de alguns nomes, bem como a ordem em que, por vezes, esses nomes aparecem enunciados no seu texto. Pode acontecer, também, que a leitura da crítica de Sérgio Buarque de Holanda faça recordar personagens do modernismo ou mesmo que apresente a alguns leitores nomes que até então permaneciam seus completos desconhecidos.

Esses exemplos se repetem em alguns artigos, no que parece ser uma intenção reiterada do crítico de apresentar os membros de uma nova geração literária e de tomar partido em favor dela. Chamando-os de futuristas, uma denominação que lhes seria recorrente no contexto próximo à Semana de Arte Moderna de 1922,³ num desses artigos Sérgio Buarque de Holanda destaca que

a velha terra dos bandeirantes vai colaborar para o progresso das artes com uma plêiade disposta a sacrifícios para atingir esse ideal. Um dos seus chefes é Menotti Del Picchia, já conhecido em todo o Brasil como autor do lindo poema “Juca Mulato” e da também horrível palhaçada “Laís”. Outro não menos ilustre é Oswald de Andrade, que escreveu os três romances ainda inéditos que vão constituir a *Trilogia do exílio: Os condenados, A estrela do absinto e A escada de Jacó*. Há ainda muitos outros, como Mário de Andrade, do Conservatório de São Paulo, que escreveu há tempos, uma série de artigos de sensação sobre *Os mestres do passado*. Não é preciso citar Guilherme de Almeida que, aliás, com sua visão estética originalíssima, está um pouco fora do movimento. Guilherme, que possui alma de artista como poucos, têm prontas obras de valor de *Scherazada*, das *Canções gregas*, de *A flor que foi um homem* e reserva-nos ainda grandes surpresas. Seria injusto não citar Ribeiro Couto, Agenor Barbosa e Afonso Schmidt, que, embora não sejam todos paulistas ou não residam em São Paulo, nem por isso deixam de colaborar para o seu progresso literário.⁴

Nesse trecho, encontramos Menotti Del Picchia ocupando, novamente, uma posição destacada no grupo de escritores paulistas que Sérgio Buarque de Holanda procurou caracterizar. O nome de Oswald de Andrade aparece em seguida, qualificado como o “não menos ilustre” autor de uma trilogia inédita, que não recebe nenhuma apreciação crítica de

³ Acerca das aproximações do modernismo com a vanguarda futurista ver FABRIS, Annateresa. *O Futurismo Paulista: hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda no Brasil*. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O futurismo paulista”. *Op. Cit.*, p. 132-133. O texto foi publicado na revista *Fon-Fon*, em 10 de dezembro de 1921.

Sérgio Buarque de Holanda. O terceiro nome assinalado no trecho é o de Mário de Andrade (apanhado entre o de “muitos outros”), apresentado, genericamente, como membro do Conservatório de São Paulo e autor de uma série de artigos denominada *Os mestres do passado*. Um título que mencionado assim, sem nenhum adendo, poderia, a princípio, contradizer o intuito de Sérgio Buarque de Holanda de comunicar a existência de um grupo de novos escritores, entre os quais Mário de Andrade estava incluído.

Parece plausível a explicação de que Sérgio Buarque de Holanda, quando escreveu aquele texto, não estivesse ainda tão familiarizado com as obras de Oswald de Andrade e de Mário de Andrade ou, pelo menos, não tanto quanto estaria com relação à obra de Menotti Del Picchia. De fato, Menotti Del Picchia, em 1921, era já o autor consagrado de *Juca Mulato* e ocupava uma posição assimétrica em relação aos outros dois escritores, principalmente em relação a Mário de Andrade, na cena literária paulista. Mário de Andrade era um estreante nas letras e não havia publicado *Paulicéia Desvariada* (1922) ainda. Oswald de Andrade é que não era tão estreante assim. Ele e Menotti Del Picchia teriam, inclusive, compartilhado outros projetos literários, como o da revista *Papel e Tinta* (1921- ?).

Mas também podemos dar um sentido aos elementos que aparecem nesse trecho de Sérgio Buarque de Holanda, ou seja, tanto ao destaque conferido à Menotti Del Picchia, quanto à apresentação pouco efusiva de Oswald e Mário de Andrade (para o nosso olhar atual sobre o modernismo paulista), aproximando-os da epígrafe que abre esta introdução. Coloquemos assim, de novo, em destaque, a observação que Sérgio Buarque de Holanda faz sobre o *Moisés* (1917), de Menotti Del Picchia, isto é, a de que esse “não era um poema moderno para a época, mas era moderno para São Paulo”.⁵

Muitas coisas podem ser mencionadas com relação a essa passagem. Primeiramente, é preciso assinalar que Sérgio Buarque de Holanda está falando de um passado, precisamente de “cinco anos atrás”, quando o parnasianismo era ainda o modelo estético predominante em São Paulo. Somos levados a imaginar que nesse curto espaço de tempo o contexto literário teria sofrido alterações importantes. E, de fato, quando Sérgio Buarque de Holanda publicou *Os novos de S. Paulo*, em 05 de junho de 1922, já havia acontecido a Semana de Arte Moderna e a estreia da primeira revista modernista, *Klaxon*. Já o fragmento que analisamos em seguida, do texto *O Futurismo Paulista* – onde Menotti Del Picchia, Oswald e Mário de Andrade são mencionados nessa ordem como alguns dos chefes da renovação literária paulista – é de

⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Os novos de São Paulo”. *Op. Cit.*, p. 148.

dezembro de 1921.

Não podemos nos esquecer de que num sentido estrito a expressão “moderno para São Paulo” pretende qualificar a obra de Menotti Del Picchia como uma realização que, muito embora não se descole o suficiente do tradicional, acabou produzindo um efeito ligeiramente diferente. *Moisés* seria assim, uma obra entre dois tempos. Porém, “modernos para São Paulo” termina qualificando, também, o cenário literário paulista em relação a um contexto mais amplo que seria mais moderno do que São Paulo. E, nesse último sentido, a expressão de Sérgio Buarque de Holanda resumiria perfeitamente uma experiência de descompasso, que daria o tom de muitas das falas de escritores da época,⁶ além das sucessivas gradações pelas quais o sentido de novidade, pouco a pouco, se esvai. *Moisés*, que é moderno para São Paulo. São Paulo que, por sua vez, não é tão moderno assim em relação a outro lugar – o não mencionado continente europeu, onde os artistas nesse período experimentavam diferentes vanguardismos. Desse ângulo, portanto, a assertiva “Modernos para São Paulo” configuraria uma variável do diagnóstico do atraso brasileiro, comum no início dos anos vinte, e que não nos abandonaria.

Ainda se comparamos os dois textos de Sérgio Buarque de Holanda (de dezembro de 1921 e junho de 1922) podemos nos dar conta de que suas apreciações de alguns escritores sofreram mudanças importantes. Assim, por exemplo, temos que no texto de 1921, Guilherme de Almeida foi apresentado como um dos principais destaques do “futurismo paulista”, a ponto de sua “estética originalíssima”, na visão de Sérgio Buarque de Holanda, projetá-lo, inclusive, “um pouco fora do movimento”.⁷ No entanto, esse juízo se modificaria no texto de junho de 1922, quando o seu livro *Nós* (1917) recebeu a mesma avaliação o *Moisés* de Menotti Del Picchia, isto é, a de ser uma obra moderna para os parâmetros da literatura paulista.⁸ Os comentários sobre Monteiro Lobato, seguem o mesmo sentido. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, *Urupês* (1918) é uma obra de valor, apesar do sentido estreito e errôneo do movimento sertanista no qual se inscrevia.⁹

De todo modo, em ambos os textos, Sérgio Buarque de Holanda iluminou nomes hoje pouco frequentados pela nossa memória do modernismo. Além do próprio Guilherme de

⁶ Me refiro aqui à ênfase sobre a necessidade da atualização brasileira frente às novas linguagens artísticas no contexto europeu, no chamado primeiro tempo modernista, entre 1917 e 1924, conforme foi assinalado por JARDIM, Eduardo. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Ed. Rev. e atual. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Ponteio, 2016, p. 43-44.

⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O futurismo paulista”. *Op. Cit.*, p. 132-133.

⁸ *Idem*. “Os novos de São Paulo”. *Op. Cit.*, p. 148.

⁹ *Ibidem*.

Almeida, Ribeiro Couto aparece mencionado tanto em *Os novos de S. Paulo*, quando em *O futurismo paulista*. A citação desses escritores e de outros, como Moacir Debreau, Agenor Barbosa e Afonso Schmidt, no texto de dezembro de 1921, põe ênfase ainda na interlocução entre as cenas literárias paulista e carioca, antes da realização da Semana de Arte Moderna, em 1922. Tal fato permite relativizar a impressão de um movimento originalmente paulista que, posteriormente, atraiu a atenção de literatos em outras regiões do país, ideia que tem sido revisada nos estudos mais recentes sobre o modernismo literário.¹⁰

Por sua vez, se tomamos em conjunto alguns dos textos que Sérgio Buarque de Holanda publicou na década de 1920, sobre a literatura modernista, constataríamos uma mudança da avaliação de alguns dos seus personagens. Basta comparar os artigos comentados até aqui com o polêmico *O lado oposto e outros lados*, de outubro de 1926,¹¹ onde Menotti Del Picchia e seus companheiros no movimento verde-amarelo, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, sequer foram mencionados pelo crítico, ou ainda com o artigo *Die Moderne Brasilianische Literatur*, de abril de 1930,¹² época em que Sérgio Buarque de Holanda viveu em Berlim. Nele, apenas Menotti Del Picchia foi nomeado sucinta e cuidadosamente, ao lado de Guilherme de Almeida, ambos como “nomes respeitados da literatura brasileira” que teriam aderido ao grupo modernista liderado por “Mário e Oswald de Andrade, então quase desconhecidos do grande público, mas que eram na realidade os líderes do movimento”.¹³

Comentando os textos de Sérgio Buarque de Holanda, exponho alguns dos percursos dessa pesquisa. Mas ainda pretendo seguir um pouco mais pelo caminho feito até aqui, elegendo agora outros interlocutores.

No que se refere à menção de Sérgio Buarque de Holanda a personagens hoje

¹⁰ Nas últimas décadas, a historiografia tem chamado a atenção para a sua multiplicidade dos modernismos que se desenvolveram nos anos vinte, destaco aqui os estudos de MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província. Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Editora 34, 2011 e de GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999. Além disso, cabe lembrar uma série de pesquisas dedicadas a personagens que até então haviam pouco estudados do ponto de vista da interlocução com os temas modernistas, tais como a pesquisa de doutorado de BOTELLHO, André Pereira. *Um ceticismo interessado: Ronald de Carvalho e sua obra dos anos 1920*. 349 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, o livro recente de PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Coelho Netto. Um antigo modernista*. São Paulo: Martins Fontes, 2016 e o excerto sobre as relações de Lima Barreto com os modernistas de 1922, em SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”. *Op. Cit.*, p. 224-228.

¹² Na tradução de Mario Luiz Frungillo “A moderna literatura brasileira”, em *idem. Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro 1, 1920-1949*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp/Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 43-49.

¹³ *Ibidem*, p. 43.

considerados pouco expressivos do ponto de vista do cânone modernista, é elucidativa uma declaração de Antonio Candido. Ao prefaciar *Meninos, poetas & heróis: aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo* (2001), livro de Luiza Franco Moreira, Antonio Candido chama a atenção para a existência de “certo desequilíbrio” nos estudos universitários sobre os escritores modernistas. Conforme assinala, a partir da década de 1960, as dissertações, teses e ensaios se concentraram em Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, e posteriormente passariam a focar Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Em contrapartida, segundo o crítico, ficaram esquecidos dos estudos acadêmicos os “modernistas menores ou laterais”, como Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho e Menotti Del Picchia.¹⁴ Essa lista de Antonio Candido contempla muitos dos nomes que foram apresentados por Sérgio Buarque de Holanda como expoentes da geração renovadora (ou futurista) de São Paulo, no começo dos anos vinte. No caso de Menotti Del Picchia, o deslocamento de juízo é o que mais se destaca, pois, de um dos “chefes” do grupo literário paulista nos anos vinte, desce à condição de escritor lateral do modernismo, em dois mil e um.

Colocadas lado a lado as anotações desses dois críticos do modernismo, separadas por um intervalo de cerca de oitenta anos, enxergamos um sem número de inscrições sobrepostas, de uma história em continua reescritura. E embora esta tese não tenha a intenção de realizar uma análise do lugar da crítica literária, ambas as apreciações do movimento chamado modernista, contribuem para justificar a abordagem que foi privilegiada nesta tese. Mas antes de explicitar quais as estratégias de leitura do movimento verde-amarelo que nortearam o estudo a seguir, fixemo-nos um pouco mais sobre o prefácio de Antonio Candido.

Geralmente, espera-se do prefaciador que apresente alguns dos méritos do livro que o leitor tem em mãos. Desse modo, o comentário de Antônio Candido sobre o livro de Luiza Franco Moreira poderia ser interpretado como uma justificativa *pro forma*, que ressalta a contribuição do estudo realizado pela autora, para sanar uma lacuna nas pesquisas acadêmicas sobre Cassiano Ricardo. No entanto, Antonio Candido acaba explicitando certo tabu que parece circundar a determinados temas modernistas. Nas palavras de Antonio Candido, a autora do livro fez uma opção temática corajosa “porque o grupo nacionalista a que ele [Cassiano Ricardo] pertenceu costuma despertar associações políticas conservadoras, quando não francamente reacionárias, que constroem um pouco, mesmo decorrido tanto tempo, porque em tais escritores a qualidade da obra não é suficientemente alta para fazer esquecer o

¹⁴ Antonio Candido. Prefácio. In: MOREIRA, Luiza Franco. *Meninos, Poetas e Heróis. Aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 15-16.

comprometimento ideológico”.¹⁵

Esse comentário de Antonio Candido pode esclarecer, em alguma medida, porque justamente essa abordagem tem sido a mais recorrente entre os estudos, poucos, conforme atesta Antonio Candido, sobre Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado e o “grupo nacionalista” a que pertenceram. Talvez também por isso estejamos mais propensos a reter a imagem de Cassiano Ricardo como ideólogo do Estado Novo, ou, a de Plínio Salgado, como chefe do Integralismo, do que a mirá-los como atores do movimento literário paulista dos anos vinte. Além disso, sendo verdade que produziram uma literatura pouco sofisticada do ponto de vista literário, alcançaram à época um relativo sucesso editorial, vide, por exemplo, as sucessivas edições que recebeu o *Juca Mulato* (1918), de Menotti Del Picchia, e o *Martim Cererê* (1928) de Cassiano Ricardo, bem como o sucesso do romance de estreia de Plínio Salgado, *O Estrangeiro* (1926).¹⁶

Este estudo parte da premissa de que a compreensão dos movimentos literários renovadores, das primeiras décadas do século XIX, especialmente na sua expressão paulista pode ainda beneficiar-se de uma leitura sobre o chamado movimento verde-amarelo. Nesse sentido, os capítulos que seguem a esta introdução focalizam Menotti Del Picchia, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, bem como a outros escritores que se acercaram a proposta do grupo verde-amarelo, como Candido Motta Filho e Alfredo Ellis Junior,¹⁷ enquanto membros de uma geração de literatos que ensaiou projetos estéticos, culturais e políticos, nos quais estiveram implicados em distintas experiências e anseios de modernidade. Poderíamos dizer

¹⁵ *Ibidem*, p. 16.

¹⁶ Um tema que estando de fora desta tese, valeria a pena desenvolver. Luiza Franco Moreira apresentou alguns dados que permitem estimar a recepção de duas das obras mencionadas, especialmente, nos anos trinta e quarenta. Segundo a autora, se é certo que poemas de *Martim Cererê* foram incluídos em livros escolares e antologias de ampla circulação em meados dos anos trinta, é bastante provável, ainda, que tenham circulado nas escolas entre o final dos anos vinte e começo dos anos trinta. Segundo Luiza Franco Moreira, Ênio Silveira, que foi fundador e diretor da Editora Civilização Brasileira e da Companhia Editorial Nacional, afirmou que “a escolha dos títulos para publicação em geral refletia tanto a opinião de Monteiro Lobato, que se empenhava por livros brasileiros que lhe pareciam importantes, como a de Octalles Marcondes Ferreira, proprietário da firma e homem ‘mais pragmático’, que se interessava por livros que teriam boa receptividade”. Assim, o fato de *Martim Cererê* ter recebido quatro edições pela Companhia Editorial Nacional entre 1936 e 1947, para Ênio Silveira, mostrava que este era “um livro consagrado e que encontrava boa receptividade”. Cada uma das edições teria saído com tiragem de 5000 exemplares. À mesma época, “Menotti Del Picchia era um best-seller da editora, vendendo, como lembrou Ênio, mais de 10.000 exemplares de *Juca Mulato* a cada 2 anos”, ver MOREIRA, Luiza Franco. *Op. Cit.*, p. 67; 71-72.

¹⁷ Menotti Del Picchia chegaria a contar como membros do movimento verde-amarelo, o poeta Raul Bopp e o escritor Genolino Amado, que junto daqueles cinco escritores, também era colunista do *Correio Paulistano*. Também se referiu a Affonso de Taunay, Júlio Prestes e Alarico da Silveira como “correspondentes espirituais” do movimento. Ver HÉLIOS. Crônica Social: Coisas Verdadeiras. *Correio Paulistano*, p. 6, 17 jan. 1927. Os nomes mencionados tiveram, no entanto, participações pontuais ou mesmo indiretas, por meio de alusões às suas obras, nos debates levantados pelo grupo verde-amarelo.

simplesmente que o objetivo é tentar uma aproximação a esses escritores, diferente da que teria sido até hoje a mais recorrente, focalizando-os enquanto vanguardistas. Mas, nesse caso, tendo em conta os caminhos sugeridos em estudos como os de Carl E. Schorske (1998), Marshal Berman (2007) e Andreas Huyssen (1996) e (2014), seria necessário esclarecer nosso esforço para escapar de formulações muito estritas das categorias modernismo e vanguarda.¹⁸

No que se refere à questão ideológica, parte-se da premissa de que a preocupação com focalizar a inserção política dos escritores identificados com o verde-amarelismo, nas décadas de trinta e quarenta, em que pese a qualidade dos estudos desenvolvidos a partir dessa perspectiva, dentre os quais são duas referências fundamentais o estudo de Helgio Trindade (1979), sobre Plínio Salgado, e o de Monica Pimenta Velloso (1983), sobre Cassiano Ricardo, podem ter projetado alguma sombra sobre suas participações no movimento paulista literário dos anos vinte.¹⁹ Nesse sentido, a pesquisa que resultou nesta tese, procurando distanciar-se dos recortes temporais que têm sido adotados com maior frequência nos estudos dedicados aos verde-amarelos, privilegiou estritamente os anos vinte. Isso não significa que os aspectos estético, literário e o político sejam tidos como instâncias apartadas, uma vez que a própria dinâmica das vanguardas de aproximação da arte com a vida, como ressaltaram Peter Bürger (1974) e Andreas Huyssen (1996), desmentiria essa premissa.²⁰ Apenas a escolha reflète a tentativa de compreender suas articulações no contexto específico selecionado e de encontrar um enquadramento distinto do tema e, claro, de viabilizar a realização da pesquisa, que do contrário se tornaria demasiado abrangente.

A respeito disso, vale ressaltar o imenso volume de publicações desses escritores

¹⁸ Me refiro à SCHORKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; BERMAN, Marshal. *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo*. Tradução de Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996 (especialmente os dois primeiros capítulos) e *Idem. Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais e políticas da memória*. 1 ed.. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto/MAM, 2014.

¹⁹ O estudo de Monica Pimenta Velloso debruça-se, especialmente, sobre a trajetória de Cassiano Ricardo, dos anos vinte aos anos quarenta, VELLOSO, Monica Pimenta. *O mito da originalidade brasileira: a trajetória intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 20 ao Estado Novo)*. 189f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983. O mesmo recorte temporal que foi privilegiado nessa pesquisa tem sido adotado com frequência por estudos sobre participantes daquele grupo literário. Como, por exemplo, pela tese de doutorado de MOREIRA, *Op. Cit.* e por CAMPOS, Maria José. *Versões modernistas da democracia racial em movimento. Estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945*. 368f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. O estudo de Gilberto Vasconcellos (1979) parte do tema integralista ao analisar um conjunto de textos modernistas, por isso pode ser mencionado ao lado dois trabalhos citados no texto. Ver VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira. Análise do discurso integralista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

²⁰ BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Tradução de José Pedro Antunes. 1 ed.. São Paulo: Cosac Naif, 2012. [1974], p. 96-97, *passim*, e HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo. Op. Cit.*, p. 27-28.

somente nos anos vinte. Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Candido Motta Filho mantiveram participação periódica, semanal ou quinzenal, no *Correio Paulistano*, enquanto que Menotti Del Picchia foi presença praticamente diária na Crônica Social do mesmo diário paulista.²¹ Alguns desses artigos foram reunidos, posteriormente, em livros (em alguns casos, depois de as primeiras versões sofrerem pequenas alterações, acréscimos ou supressões de trechos à versão original), e têm recebido a atenção dos estudos historiográficos. Refiro-me aqui a coletâneas como *O Curupira e o Carão* (1927), que reúne artigos de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, e *Literatura e Política* (1927), de Plínio Salgado. No caso de Candido Motta Filho, também ao livro *Alberto Torres e o tema da nossa geração* (1931), que foi originalmente publicado no *Correio Paulistano*, entre 1927 e 1928. Contudo, diversos artigos de jornais não ganharam novas edições. Assim, sempre que possível, a leitura realizada nesta tese procurou abranger textos verde-amarelos, menos conhecidos que os citados anteriormente, com a perspectiva de matizar alguns temas e de sugerir outras possibilidades de aproximação desse grupo literário.

Algumas questões estimularam este estudo, ainda que não tenham sido tratadas de forma sistemática por ele. Por exemplo, a necessidade de problematizar categorizações que, partindo da identificação do horizonte conservador do verde-amarelismo, localizaram-no como manifestação fora da curva modernista, em grande medida, ajustada em torno do progressismo que associamos a Mário de Andrade e a Oswald de Andrade. É o caso, por exemplo, da expressão “falsa vanguarda” empregada por Antonio Arnoni Prado (2010) para caracterizar gerações de escritores, entre os quais estão incluídos os chamados “verde-amarelos”, que teriam se acercado dos autênticos vanguardistas, na tentativa de neutralizar possíveis ameaças ao *status quo* oligárquico.²² Todavia, essa é uma posição difícil de ser sustentada se temos em conta que as vanguardas literárias expressaram tendências políticas diversas, tanto de esquerda, como de direita, incluindo, nesse caso, o fascismo, como foi notado, por exemplo, por Raymond Williams (2011).²³

Além disso, a interpretação do verde-amarelismo como uma espécie de anomalia do modernismo brasileiro possa talvez ser compreendida a partir das considerações de Andreas

²¹ Privilegiando o recorte temporal de meados de 1925 a 1929, foram levantados cerca de 460 artigos de autoria de Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Candido Motta Filho.

²² PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda. Os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010. [1983]

²³ WILLIAMS, Raymond. A política da vanguarda. In: *Política do modernismo: contra os novos conformistas*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [1989], p. 36.

Huysen sobre um processo de canonização da obra de arte modernista em que, segundo o autor, a “óbvia heterogeneidade acabaria dando lugar a um certo relato universalizante do moderno”.²⁴ No interior desse discurso no qual o modernismo estético e o vanguardismo na Europa foram lidos como uma “cultura progressista e opositiva”, segundo aquele autor, teriam sido ignorados, por exemplo, no campo das artes plásticas, movimentos como o expressionismo, o dadaísmo e a *Neue Sachlichkeit* [Nova Objetividade] de Weimar. De acordo com Huysen, “o caminho especial [Sonderweg] alemão nas artes plásticas foi explicado, se não descartado, com clichês sobre o expressionismo subjetivo, o frenesi irracionalista e o romantismo obscuro”.²⁵ Também fora do contexto europeu, a mesma narrativa canônica não daria conta de abranger outros modernismos tais como, segundo o autor, “o de Xangai da década de 1930 como espaço de emergência do comunismo chinês”, ou ainda “a explosão do modernismo no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, e nem sua instrumentalização para um projeto proto-fascista nacional”.²⁶

Do mesmo modo, parecem pertinentes as ressalvas de Daniel Barbosa Andrade de Faria (2004) com relação à perspectiva da existência de uma única opção autoritária entre os modernistas, identificada com os verde-amarelos.²⁷ Seus estudos (2000) e (2004) procuraram problematizar os marcos fundadores do “modernismo” brasileiro. Na pesquisa de mestrado, a sua aproximação ao movimento literário paulista dos anos vinte foi mediada pela ideia de um “modernismo romântico”, em torno da qual seria possível reunir distintos atores do modernismo. A sua leitura dos textos de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia buscou ressaltar as diferentes

²⁴ HUYSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo. Op. Cit.*, p. 56-57.

²⁵ *Idem. Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais e políticas da memória. Op. Cit.*, p. 116. Sobre o tema, ante o verde-amarelismo, são pertinentes as considerações de Randal Johnson (1988): “some contemporary critics tend to equate the first phase of Brazilian modernism with those factions seen as aesthetically progressive and more specifically with those led by Mário de Andrade and Oswald de Andrade. At the same time literary historiography has tend to efface the movement’s political affiliations and contradictions. This has occurred in part by way of a rather curious ideological separation of the wheat from the chaff in which certain figures, such as Menotti Del Picchia, who were in the forefront of the movement in the 1920s are now denied the status of “modernist”. Concurrently there has been a highly questionable retrospective projection of political radicalism onto those, such as if advanced and frequently radical aesthetically daring. As if advanced and frequently radical aesthetic positions necessarily implied radical politics. Due to the complex “homogenizing” process of canonformation, many critics have tended to ignore or simplistically dismiss less-than-progressive tendencies of modernism. Of the three most important studies of Verde-Amarelo, two are by social scientists and one is by a philosopher. In one of these studies, *Ideologia Curupira*, Gilberto Vasconcelos, refers to the group as modernism’s vergonha”. JOHNSON, Randal. Notes On A Conservative Vanguard: The Case of Verde-Amarelo/Anta. *Hispanic Studies Series*, v. 4, 1988, p. 31-32. Os outros estudos a que o autor se refere são os de JARDIM, Eduardo. *Op. Cit.*, e VELLOSO, Monica Pimenta. *Op. Cit.*

²⁶ HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais e políticas da memória. Op. Cit.*, p. 22.

²⁷ FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. *O Mito Modernista. 297f.* Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004, p. 15.

perspectivas a partir das quais esses autores reformularam ideias de historicidade, estética e política recorrentes na tradição romântica.²⁸ No doutorado, sua pesquisa se concentrou sobre as trajetórias de Mário de Andrade e de Menotti Del Picchia, no período dos anos vinte aos anos quarenta. Em ambos os trabalhos, Daniel Barbosa Andrade de Faria chamou a atenção tanto para projeções políticas inscritas nas propostas estéticas e literárias desses escritores, bem como para um vocabulário que foi, em alguma medida, compartilhado por eles. No caso da pesquisa de doutorado, por personagens comumente localizadas em campos opostos do chamado modernismo literário.²⁹

Estudos como os de Daniel Barbosa Andrade de Faria, ao se debruçarem sobre os projetos literários e políticos dos chamados modernistas, inclusive, conferindo atenção a personagens até hoje pouco prestigiados pela historiografia,³⁰ procuram responder a partir do campo da história, aos constrangimentos derivados tanto do cânone modernista, quanto das posturas ideológicas desses escritores (conforme a citação anterior de Antonio Candido). Além disso, procuram reconsiderar um conjunto de inquietações derivadas de estudos clássicos sobre o campo intelectual brasileiro das primeiras décadas do século XX. Considero aqui as questões levantadas num prefácio de Antonio Candido, dessa vez, à obra de Sérgio Miceli, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*.³¹ Na opinião do crítico, ao tentar mostrar as correspondências entre os intelectuais e os projetos de hegemonia das elites dirigentes, lidando com a fronteira sensível entre as biografias de cada intelectual e o manejo das categorias analíticas, nem sempre Sérgio Miceli teria escapado “do risco de condenar em vez de compreender”.³²

Parecem justas as inquietações de Antonio Candido se temos em conta, novamente, um prefácio que Sérgio Miceli escreveu para o livro de Antonio Arnoni Prado, que foi citado anteriormente. No prefácio, Sérgio Miceli trabalha abundantemente com oposições como as

²⁸ *Idem. O modernismo que se tornou romântico: literatura, política e brasilidade*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

²⁹ *Idem. O Mito Modernista. Op. Cit.*

³⁰ Outra contribuição nesse sentido é a dissertação de Leonardo Ayres Padilha sobre Plínio Salgado, ver PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o hinterland: o pensamento modernista de Plínio Salgado*. 117 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

³¹ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. In: *Idem. Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³² Antonio Candido. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. *Op. Cit.*, p. 73. Uma situação que, décadas atrás, como notou Ricardo Benzaquen de Araújo, se repetiria no caso dos autores ligados à AIB, “muitos mais criticados e/ou denunciados, do que efetivamente analisados”. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 19.

estabelecidas, por exemplo, entre o Mário de Andrade, que “lidava com materiais expressivos da cultura popular” “por meio de um apaixonado trabalho de campo e de reflexão”, e os escritores reunidos sob a denominação de “falsa vanguarda”, que “aprontavam versões escapistas de nosso passado”.³³ Sergio Miceli também emprega uma série de qualitativos para se referir àqueles escritores, tais como “nacionalistas fanáticos” “cooptados”, “carbonos e ventríloquos”, “interioranos” e “desfavorecidos”. A exemplo da comparação anterior, esses termos frequentemente tiveram o seu contraponto. É o caso de quando Sergio Miceli compara a “surpreendente estética andradina” com a “redescoberta rasa da cultura brasileira pela “falsa vanguarda””.³⁴ Do mesmo modo, parecem exageradas algumas afirmações do autor como, por exemplo, a de que “as lideranças da ‘falsa vanguarda’ no Rio de Janeiro promoveram um modernismo regressivo, antipaulista, hostil às contribuições inovadoras de Mário e Oswald de Andrade”,³⁵ que reforçam o marco paulista do modernismo brasileiro fazendo, em certo sentido, coro a algumas falas da época. Finalmente, são polêmicas as relações estritas que Sérgio Miceli estabeleceu naquele texto entre os aspectos biográficos e as inclinações estéticas e ideológicas dos personagens desta tese:

Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo provinham de famílias enraizadas em pequenas cidades e fazendas do interior paulista, constrição decisiva na modelagem de certa mentalidade, das preferências em matéria cultural, dos repertórios, linguagens e, claro, das filiações doutrinárias e partidárias. O ranço tacanho se estendeu aos temas, personagens e estilo do universo de criação literária, como se pode atestar pela leitura das obras de estreia. A formação escolar, as ocupações iniciais, as ligações familiares e o primeiro casamento plasmaram “escolhas” assumidas na vida intelectual. [...] A estreiteza dos horizontes de formação cultural, o fato de nunca terem empreendido viagens ao exterior quando moços, a pouca familiaridade e o preconceito com as vanguardas europeias, tudo isso reforçou a pronta adesão ao ideário nativista. [...] A imprensa constituiu um espaço estratégico de acolhimento a esses jovens interioranos, garantindo posições, contatos e proventos indispensáveis ao manejo das veleidades autorais. [...] sujeitaram a obra a demandas heterônomas, de um lado, pelo feitio de atuação da imprensa, de outro por conta dos serviços prestados aos políticos protetores. [...] Se Mário e Oswald de Andrade dispunham de trunfos e podiam marcar distância perante as entidades culturais e políticas a que se ligaram, os verde-amarelos estavam à mercê da premência de abrigo junto às oligarquias.³⁶

Aqui não se trata de retificar uma suposta injustiça cometida a esses escritores, mas de reconhecer as dificuldades que esse tipo de abordagem configura para uma “compreensão”, para ficarmos com o termo utilizado por Antonio Candido, do discurso verde-amarelo e de sua

³³ MICELI, Sérgio. Para uma história social da falsa vanguarda. In: PRADO, Antonio Arnoni. *Op. Cit.*, p. 9.

³⁴ *Ibidem*, p. 11.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*, p. 11-13.

inserção no debate literário paulista dos anos vinte. Essa perspectiva sugere a necessidade de conferir maior importância aos seus textos, percorrendo novamente crônicas, manifestos, resenhas e as polêmicas literárias que protagonizaram junto de outros atores do modernismo.

Ainda a respeito da noção de vanguarda, a opção feita aqui foi por não descartar a sua relevância para uma aproximação aos projetos estéticos e culturais verde-amarelos, o que em certo sentido coloca essa pesquisa ao contrapelo da historiografia sobre o modernismo, com perspectivas mais ou menos afinadas com o ponto de vista de Antônio Arnoni Prado.³⁷ Nesse caso, parte-se do pressuposto de que a recorrência de uma leitura em algum grau retrospectiva dos escritos verde-amarelos, ou pautada por marcos posteriores da trajetória dos participantes daquele movimento, possivelmente relegou a segundo plano um estudo do repertório verde-amarelo, sob a perspectiva da proposição vanguardista de implosão das fronteiras entre arte e vida, ou, entre arte e política. Nesse sentido, seria o caso de ler os textos verde-amarelos sob o ponto de vista dos sentidos de estetização da política ou de politização da arte, desenvolvidos por Walter Benjamin (2012).³⁸ É provável que esse itinerário permita aproximar os distintos atores e vertentes do modernismo paulista, colocando em xeque a própria ideia de “falsa vanguarda”, que estaria baseada na expressão de tendências políticas mais conservadoras de alguns escritores.

Além da renovação dos preceitos estéticos na literatura, numa operação que necessariamente tinha o tom do questionamento do passado literário brasileiro, os modernistas buscaram, sobretudo, a partir de meados dos anos vinte, fixar uma expressão artística tipicamente brasileira, o que daria em um caminho inverso, na valorização do passado nacional. Interpretar o Brasil e forjar uma cultura nacional tornou-se um exercício crucial para esses escritores, no qual estiveram implicadas apreensões singulares da modernidade e projeções de sentido, a partir de uma perspectiva local, mas enredada por vínculos variáveis com referentes externos. Poderíamos assim, localizar tendências distintas e coexistentes entre os diversos grupos modernistas, que tanto manifestou em um impulso destrutivo, nos seus ataques à literatura passadista, como também em um ideal de construção, ligado à tentativa de projetar internacionalmente a literatura nacional.

³⁷ A aproximação com a tradição regionalista também sustentou a ideia do verde-amarelismo como um movimento desviante à renovação literária paulista dos anos vinte. Foi assinalada, por exemplo, em VELLOSO, Monica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 6, n.11, 1993, p. 90-112.

³⁸ Ver BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. BENJAMIN, Walter [et. al.]. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Organização de Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 9-40.

Em vista do entendimento clássico da vanguarda, enquanto impulso demolidor dos parâmetros tradicionais da arte,³⁹ parece natural identificar essa segunda tendência do modernismo como sintoma do arrefecimento do impulso vanguardista. O que excluiria o movimento verde-amarelo, com seus propósitos alinhados ao ideal construtivista, da experiência das vanguardas. Note-se que, na verdade, o modernismo paulista em geral expressou tendência semelhante especialmente a partir da segunda metade dos anos vinte. Ante a esse impasse, como nota Adrián Gorelik (2005), nos estudos que se debruçaram sobre as vanguardas latino-americanas foi frequente o uso de adjetivações que dessem conta das particularidades desses movimentos em relação a um modelo vanguardista.⁴⁰ Deixando de parte uma crítica literária dos textos verde-amarelos, o que extrapola os objetivos desta tese, o verde-amarelismo serviria como um exemplo dessa operação conceitual, uma vez que consideremos a expressão “falsa vanguarda” ou os qualitativos como “superficial” e “aguado”, frequentemente usados em referência ao movimento.⁴¹ Por fim, no que se refere especificamente ao tema do construtivismo, parece ser mesmo o caso de considerá-lo como um polo da dialética da vanguarda, como sugere Adrián Gorelik.⁴²

Um preâmbulo tão longo tem sua razão de ser em uma pesquisa sobre o movimento verde-amarelo e antecipa algumas escolhas que estruturam esta tese. Num sentido geral, os capítulos seguintes procuram experimentar diferentes prismas sobre um objeto que, como vimos até aqui, se encontra rodeado por precauções. O primeiro capítulo atenta para a relação entre o estabelecimento de um programa verde-amarelo para a literatura brasileira e uma leitura retrospectiva e coeva do modernismo realizada por seus idealizadores. A perspectiva tomada é a de que os embates com outros participantes daquele movimento literário implicaram em revisões e intervenções na memória e na história recente do modernismo. Nos anos vinte, os escritores verde-amarelos foram elaborando com ênfase cada vez maior os tópicos do seu programa literário, tais como a valorização da expressão individual do artista e o contraponto às escolas literárias, além da proposta de reorientação daquele movimento literário num sentido construtivo. Tendo em conta que esses tópicos não foram exclusivos do programa verde-

³⁹ BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Tradução de José Pedro Antunes. 1 ed.. São Paulo: Cosac Naif, 2012. [1974]

⁴⁰ GORELIK, Adrián. *Das Vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 16-19.

⁴¹ Cf. CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2010, [1969], p. 199. A mesma ideia é foi reiterada por DUARTE, Pedro. *A palavra modernista. Vanguarda e Manifesto*. 1 ed.. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Editora PUC-Rio, 2014, p. 43. No entanto, cabe fazer a ressalva de que ambos os autores parecem concordar com definição do verde-amarelismo como *kitsch*.

⁴² GORELIK, *Op. Cit.*, p. 23-24.

amarelo, mas corroborados por outros modernistas, a estratégia de leitura adotada nesse capítulo procurou dispor, a partir da consulta a periódicos e revistas literárias, o ritmo da aproximação entre Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia e do contraponto desses escritores com outros integrantes do movimento literário de São Paulo.

O tom do distanciamento buscado pelos verde-amarelos em relação aos demais modernistas aponta para uma aproximação singular com a cultura brasileira. Esse tema, que começa a ser desenvolvido no primeiro capítulo da tese, ganhará maior ênfase no capítulo seguinte, dialogando com o estudo de Eduardo Jardim (2016) e com a perspectiva da conformação de distintas vertentes do modernismo, que optaram entre caminhos intuitivos e analíticos para a apreensão da brasilidade. Nesse plano, o repertório verde-amarelo teria se constituído como oposição ao intelectualismo de alguns modernistas, cujas obras foram caracterizadas como uma leitura artificial da brasilidade. Esses escritores ressaltariam o sentimento, a intuição e o instinto como instâncias privilegiadas para a apreensão dos traços nacionais e a elaboração de expressão estética originalmente brasileira. Ao mesmo tempo, o segundo capítulo também começa a testar o rendimento de uma aproximação com as noções de sinceridade e autenticidade, tomando por referência o estudo de Lionel Trilling (1971), com o mesmo propósito de marcar a diferenciação do programa verde-amarelo no âmbito do modernismo paulista.⁴³

No quadro que se desenha a partir do primeiro capítulo, os verde-amarelos denominariam insincera a perspectiva intuitiva de Oswald de Andrade e o intelectualismo de Mário de Andrade, por considerarem que esses escritores se valiam de técnicas vanguardistas importadas ou de processos intelectualistas, antes do que do contato direto com a realidade brasileira. O problema residia tanto na ideia de prevalência da cópia ou da imitação estrangeira na obra do escritor, quanto no seu distanciamento com relação aos traços essenciais da nação, além de sua própria transgressão pela escrita vanguardista europeia, que impediria o desenvolvimento natural, ou orgânico, de uma estética brasileira. A ideia subjacente ao ideário verde-amarelo referencia uma identidade fixa e entende que o artista deveria expressar sinceramente a brasilidade. Nos rodeios dessa indicação, ao mesmo tempo em que precisaria se desenvolver inserindo-se no ritmo das transformações culturais em curso na Europa, a literatura brasileira não poderia prescindir de sua singularidade, marcada especialmente pelo signo do espaço sobre o tempo, em uma relação inversa a da balança europeia. O Brasil seria

⁴³ TRILLING, Lionel. *Sinceridade e Autenticidade. A vida em sociedade e a afirmação do eu*. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: Editora É Realizações, 2014 [1971].

representado como país novo, onde o sentido da ruptura e destruição associado aos vanguardismos dos anos vinte não remeteria ao confronto com um passado inexistente, mas principalmente ao embate com perspectivas externas de apreensão da sua especificidade cultural. Houve, desse modo, uma valorização do ímpeto vanguardista enquanto inspiração para a ruptura com a tradição de cópia dos modelos estéticos europeus, que daria vazão ao aparecimento de uma literatura brasileira.

Assim, mais do que a escolha por parte do artista de uma forma dentre um conjunto de identidades culturais disponíveis, o desenvolvimento de uma arte e expressão autêntica significava uma preocupação com uma forma que brotasse e correspondesse à essência da nação. Com efeito, ainda que a noção de uma identidade fraturada tenha perpassado alguns debates do verde-amarelismo, em oportunidades como a que se deu em torno do totem tupi, da Anta, em 1927, o discurso do grupo de Plínio Salgado terminaria encontrando uma solução no manifesto do grupo verde-amarelo, publicado em 1929, na sua leitura sobre a participação do indígena na cultura brasileira. A importância desse legado no discurso verde-amarelo, diria respeito ao papel que foi conferido ao indígena, o de um elemento uniformizador da “alma nacional”. Nesse sentido, a preocupação com forma seria projetada como problema central e disparador da divergência com Mário e Oswald de Andrade.

Um dos veios a partir dos quais esse tema se manifestou diz respeito exatamente ao contraponto, mencionado anteriormente, entre a importância das vias da intuição e da inteligência na elaboração de um sentido nacional. Os verde-amarelos, ao mesmo tempo em que foram críticos da apropriação dos processos científicos pelas artes e pela literatura, procurando resguardar certa prerrogativa da arte na interpretação do sentido nacional, longe de desautorizarem os conhecimentos produzidos pela ciência, terminariam sucumbindo ao fascínio pela objetividade atribuída aos seus discursos sobre temas nacionais. Como o segundo capítulo procura ressaltar, a demanda desses escritores pela sinceridade terminaria encontrando na ciência e, especialmente, na aproximação entre perspectivas artísticas e científicas, a possibilidade de produzir um discurso correspondente à brasilidade.

Essa ambiguidade do discurso verde-amarelo, que oscilava entre a afirmação da arte como esfera autônoma dos processos científicos e a recepção dos seus discursos sobre o nacional, a partir, por exemplo, das leituras que fizeram de Alfredo Ellis, Junior, Edgard Roquette-Pinto e José Francisco de Oliveira Vianna, focalizadas no segundo capítulo, encontra-se ressaltada em todos os capítulos da tese. O tema salta de um destaque lateral no primeiro capítulo para uma posição mais destacada no segundo capítulo, mas segue importante nos

capítulos terceiro, tratado do ponto de vista da leitura verde-amarela da obra do intelectual mexicano José Vasconcelos, e no quarto, onde a leitura dos textos programáticos do verde-amarelismo se encontra norteadada por uma aproximação à *II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* (1874), de Friedrich Nietzsche.

Nos capítulos segundo e terceiro, o tema da mestiçagem configura o panorama a partir do qual esta tese discute a aproximação do verde-amarelismo com o discurso científico. O segundo capítulo sugere a apropriação daqueles escritores do debate eugenista e procura localizar a participação de Alfredo Ellis Junior no verde-amarelismo. Vale ressaltar, a mestiçagem inter-racial e o discurso eugênico tiveram grande atenção do historiador paulista nos anos vinte, se impregnaria a suas pesquisas sobre a formação racial da população de São Paulo e, posteriormente, aos seus estudos sobre os imigrantes residentes no estado paulista. No terceiro capítulo, a mesma temática aponta para as apropriações dos escritores paulistas das teses defendidas por José Vasconcelos, em *La Raza Cósmica* (1925), em sua releitura positiva da mestiçagem, num discurso que, a exemplo dos textos verde-amarelos, esteve igualmente marcado por distanciamentos e aproximações com os debates científicos.

O programa verde-amarelo, ao defender uma aproximação entre arte e vida, no que estaria a princípio em contato com a orientação vanguardista, desenvolveu um diálogo particular com as ciências, em especial com as ciências sociais, na busca de uma apreensão da nacionalidade. Essa aproximação estaria marcada pela tensão entre uma perspectiva intuitiva, representada pelo olhar do artista sobre a realidade brasileira, e o modelo analítico da ciência. Dos fios que foram destacados no segundo capítulo ressalta-se, a partir de um diálogo com os estudos de Pedro Duarte (2014) e Daniel Barbosa Andrade de Faria (2000) e Octávio Paz (1974), a aproximação do discurso verde-amarelo com um repertório romântico.⁴⁴ Já no terceiro capítulo, a discussão procurar atentar para os diálogos dos verde-amarelos com escritores e ensaístas hispano-americanos, considerando a inscrição da revista *Novíssima* (1923-1926), de Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia, num debate sobre o ibero americanismo e, principalmente, a leitura que aqueles autores fizeram da obra do mexicano José Vasconcelos.

O capítulo quarto retoma a discussão sobre o problema da ciência no discurso verde-amarelo, considerando a possibilidade de que esse tema possa ser iluminado numa aproximação aos debates que se desenvolveram na Alemanha, no contexto de institucionalização das ciências sociais, entre fins do século XIX e começos do XX. Nessa perspectiva, esse último capítulo da

⁴⁴ FARIA, *O modernismo que se tornou romântico... Op. Cit.* e PAZ, *Os filhos do barro... Op. Cit.*, DUARTE, *A palavra modernista, Op. Cit.*

tese segue pistas esparsas que se referem tanto ao que os discursos dos escritores paulistas evocariam da *II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida*, de Friedrich Nietzsche,⁴⁵ quanto à citação a autores como Oswald Spengler e Hermann Keyserling, a partir dos quais os verde-amarelos poderiam ter entrado em contato com a chamada filosofia da vida alemã.

Desse modo, retomando uma estratégia que ganha maior ênfase a partir do segundo capítulo da tese, a intenção no capítulo quarto foi chamar a atenção para os referenciais estrangeiros do nacionalismo verde-amarelo. Isso, sem perder de vista a relação entre as polêmicas nas quais os verde-amarelos envolveram os seus pares modernistas e as mudanças associadas a crescente especialização dos saberes e a emergência do cientista como ator e intérprete do país, nas primeiras décadas do século XX.⁴⁶ Nesse sentido, o mesmo capítulo quarto retoma a discussão sobre a forma, chamando a atenção para os encaminhamentos distintos que Friedrich Nietzsche e os verde-amarelos deram ao tema. Conforme a perspectiva desenvolvida nesse capítulo, a visão pejorativa dos verde-amarelos em relação à forma, entendida quase sempre como convenção e exterioridade, que não correspondia à essência brasileira, poderia ser contraposta ao que o filósofo considerou como uma fragilidade dos modernos alemães, que possuiriam uma cultura sem forma.

⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *II Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

⁴⁶ A respeito desse tema ver SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. Vale ressaltar que a historiadora trabalha no marco de pesquisas sobre a história das ciências que nos últimos anos redimensionaram os recortes temporais das práticas científicas no Brasil. Sob o ponto de vista desses estudos, a geração de cientistas das primeiras décadas do século XX, foram tidos não mais como precursores da ciência brasileira, conforme uma chave de leitura que relaciona a emergência de uma prática científica a institucionalização universitária, mas como atores de uma demanda de especialização das disciplinas científicas no país. A partir dessa leitura, admite-se que a prática científica remontaria a períodos mais recuados da história brasileira, desde o período colonial, podendo ser estudada a partir de periódicos médicos, institutos agrícolas, museus naturais, etc. Ainda sobre o papel dos médicos na interpretação do Brasil e da sociedade brasileira ver HOCHMAN, Gilberto e LIMA, Nísia Trindade (orgs.). *Médicos Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2015.

Capítulo 1

O lado verde-amarelo do modernismo

Em 15 de outubro de 1926, a *Revista do Brasil* publicava *O lado oposto e outros lados*. O artigo que gerou falatório entre os modernistas tem o sentido de ruptura na trajetória de Sérgio Buarque de Holanda.¹ Numa espécie de balanço do modernismo em São Paulo, esse texto subdivide o cenário literário da época em diversos lados, alguns dos quais são localizados em searas opostas. Começa enumerando as conquistas do modernismo e termina distribuindo juízos críticos dos quais escaparam uns pouquíssimos nomes citados no artigo. Nem mesmo Mário de Andrade, a quem Sérgio Buarque de Holanda se referiu como “melhor poeta brasileiro” escapou. A sua atitude foi considerada como intelectualista pelo crítico e sua última obra foi tomada foi representante de um anseio construtivista.²

Em 1926, a percepção de Sérgio Buarque de Holanda era a de que o impulso vanguardista perdia a força e os modernistas acomodavam a sua literatura a “esquemas premeditados”.³ A partir dessa sua apreensão, Sérgio Buarque de Holanda chegou perto de exprimir aquele sentido de vanguarda como versão mais intransigente do modernismo, conforme foi assinalado por Matei Calinescu (1987). Nas palavras desse autor, “a vanguarda é, sob todos os aspectos, mais radical do que a Modernidade. Menos flexível e tolerante nas nuances, ela é naturalmente mais dogmática – tanto no sentido da autoafirmação como

¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”. In. *O Espírito e a Letra. Estudos de Crítica Literária I. 1902-1947*. Organização, Introdução e Notas de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 224-228. Os desdobramentos dessa publicação de Sérgio Buarque de Holanda são conhecidos. Pouco depois de “O lado oposto e outros lados” sair publicado, o crítico modernista foi de mudança para Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, abandonando temporariamente a crítica literária. Alguns meses mais tarde, dando por encerrado o seu retiro capixaba, viajou para Berlim como correspondente d’*O Jornal* e permaneceu ali entre os anos de 1929 e 1930, ainda distante do modernismo no qual se envolvera anos antes, como crítico e como editor de uma revista literária, a *Estética* (1924-1925).

² *Ibidem*, p. 227. Para Pedro Meira Monteiro, “O lado oposto e outros lados” tem o significado do “desencanto” “com o grito juvenil das vanguardas” que mais tarde, em 1942, também daria o tom da famosa conferência de Mário de Andrade sobre o Movimento Modernista. A relação epistolar entre esses escritores e o incômodo de Sérgio Buarque de Holanda com o construtivismo que se tornaria um termo chave para os modernistas, no contexto da publicação de “O lado oposto e outros lados”, foram analisados em MONTEIRO, Pedro Meira. “Coisas sutis, ergo profundas”: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. In: *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. Correspondência*. 1 ed.. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto de Estudos Brasileiros/EDUSP, 2012, p. 169-360.

³ HOLANDA, “O lado oposto e outros lados”. *Op. Cit.*, p. 224.

reciprocamente no sentido da autodestruição”.⁴ Levando em conta o conceito, a impaciência de Sérgio Buarque de Holanda com o anseio construtivo dos modernistas ou com o estabelecimento de um programa para a literatura brasileira, poderia ser interpretada como tradução da ambição vanguardista pela implosão das fronteiras entre arte e vida. Além disso, poderíamos tomar *O lado oposto e outros lados* como um manifesto de vanguarda.

A respeito disso, como exemplo limite do radicalismo da vanguarda e de sua própria dualidade, vale lembrar as críticas que Jorge Luís Borges viria a fazer às vanguardas artísticas e, em especial, ao surrealismo de André Breton, no artigo *Un caudaloso Manifiesto de Breton*.⁵ Nesse artigo, Borges se refere aos manifestos de vanguarda como “autoritários documentos” e foi nessa chave que analisou o folheto *Por uma Arte Revolucionária Independente*, lançado pelo escritor francês André Breton e pelo muralista mexicano Diego Rivera. Como aponta Borges, o documento diria duas coisas incompatíveis. De um lado condenaria a submissão da arte ao comunismo stalinista e, de outro lado, “o indiferentismo político”, considerando como tarefa da arte contemporânea preparar a revolução, ao que completava sarcasticamente, “Pobre arte independente, el que premeditan...”.⁶

Como aponta Adrián Gorelik (2005), a dialética das vanguardas colocaria em questão a noção clássica da vanguarda expressa por Peter Bürger (1986), com ênfase sobre o impulso destrutivo. Como procura mostrar Gorelik, a perspectiva da arquitetura redimensiona aquele conceito ao chamar atenção, necessariamente, para a dimensão construtiva dos movimentos vanguardistas. O que seria especialmente pertinente ao estudo do caso latino-americano, onde as vanguardas conceberam como sua principal tarefa a construção de uma tradição.⁷ Noutra aproximação, parece estimulante pensar o tema da vanguarda, pela imagem sugerida numa passagem do *Danúbio* (2008), de Claudio Magris, como “uma desconstrução que segue regras

⁴ CALINESCU, Matei. *As cinco faces da modernidade. Modernismo, Vanguarda, Decadência, Kitsch, Pós-Modernismo*. 1 ed.. Tradução Jorge Teles de Menezes. Vega Editora, 1999 [1987], p. 92.

⁵ O artigo foi publicado na revista *El Hogar*, em 02 de dezembro de 1938. Cf. SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 529. Esse episódio sugere ainda outra possibilidade de interpretação do texto de Sérgio Buarque de Holanda, mais afinada àquela percepção de Borges expressa anos mais tarde, sobre o autoritarismo das vanguardas que, no caso do crítico brasileiro, teria sido traduzida pelo construtivismo. Mas o que Borges está tratando por vanguarda, Sérgio Buarque de Holanda diz enfaticamente que já não era, porque o sentido de liberdade que associa a vanguarda seria avesso à ideia de construção. Com efeito, mirando a vanguarda de outra maneira, conquanto mais intransigente, ainda assim ela não escaparia daquela dualidade notada antes no modernismo, a de se constituir ao mesmo tempo como impulso destrutivo e construtivo.

⁶ *Ibidem*, p. 529-530.

⁷ GORELIK, Adrián. *Das Vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 16; 20. Acerca do problema conceitual da vanguarda, ver especialmente o Capítulo 1, “Nostalgia e Plano, o Estado como vanguarda”.

e cálculos, uma arte de decompor e recompor, ou seja, de criar uma ordem”.⁸

Mas, por ora, retomando a apresentação de *O lado oposto e outros lados*, nenhum dos personagens dessa tese foi citado por Sérgio Buarque de Holanda. Um silêncio que é mais intrigante se temos em conta que a polêmica entre os fundadores desse movimento e Oswald de Andrade se arrastava há cerca de um ano no jornal *Correio Paulistano*. A ideia de uma contraproposta para a Poesia Pau Brasil começaria a ser delineada em setembro de 1925 e, meses depois, em meados de 1926, Menotti Del Picchia, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo anunciariam naquele periódico a criação da chamada anti Academia Verde-Amarela.⁹ Portanto, o aparecimento de *O lado oposto e outros lados* coincide com o momento no qual, em tese, os participantes daquele movimento literário tinham sobre si alguma atenção, ao menos dos pares e dos leitores do *Correio Paulistano*.

O texto de Sérgio Buarque de Holanda também não teria despertado grande interesse entre aqueles escritores. Nos artigos publicados no *Correio Paulistano*, que foi o principal veículo de divulgação do programa verde-amarelo, a primeira menção ao *O lado oposto e outros lados* teria sido feita, por Plínio Salgado, somente em 31 de maio de 1928. No artigo *Aspectos da gente nova*, era Plínio Salgado quem procurava traçar um quadro das distintas correntes da “geração moderna” e, nesse esforço, recordava os que haviam tentado antes dele um empreendimento semelhante. Foram mencionados por Plínio Salgado um dos *Estudos* publicados por Tristão de Athayde sobre o modernismo e os comentários que Tasso da Silveira publicou a respeito deles, na revista *Festa*. Em seguida, Plínio Salgado se referiu ao *O lado oposto e outros lados*, conforme o trecho a seguir: “a definição de Buarque de Holanda, há tempos, no seu “O lado oposto e o outro lado” [grifo meu] acho também que não abrange o conjunto dos fenômenos mentais brasileiros dos nossos dias, se bem seja um dos estudos mais exatos que se tem feito da geração nova do Brasil”.¹⁰

Fora essa menção, há outra ainda mais sucinta, também de Plínio Salgado, num dos textos reunidos no livro *Literatura e Política* (1927). O trecho se trata de uma intervenção do autor numa passagem do artigo *Crônicas Verdamarelas II: Literatura e Política*, que havia sido

⁸ MAGRIS, Claudio. *Danúbio*. Tradução de Elena Grechi e Jussara de Fátima Mainardes Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 18.

⁹ O anúncio foi feito por Menotti Del Picchia, ver HÉLIOS. Ahi Que'ras! *Correio Paulistano*, p.4, 25 jul. 1926. Nesse mesmo mês, foi lançado o último exemplar da *Novíssima*, onde consta um texto de Plínio Salgado aplaudindo a iniciativa de Menotti Del Picchia, consultar GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: estética e ideologia na década de 1920*. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Instituto de Estudos Brasileiros, 1987, p. 249.

¹⁰ SALGADO, Plínio. Aspectos da gente nova. *Correio Paulistano*, p. 3, 31 mai. 1928.

publicado no *Correio Paulistano*, em 04 de junho de 1927. Na versão definitiva que consta em *Literatura e Política*, o artigo recebeu novo título, *Panorama Mental Brasileiro*, e no trecho onde foi incluída a citação à Sérgio Buarque de Holanda se encontra a mesma imprecisão destacada antes, quanto ao título do artigo. Plínio Salgado suprime o plural usado pelo crítico modernista, reduzindo a dois a quantidade de lados discriminados por Sergio Buarque de Holanda, como se pode notar no fragmento em destaque: “Livro de Mário: ‘Losango Caqui’, Brigas. Livros de Guilherme: Artigos, polêmicas, discussões, conferências, entrevistas. Zangas. Buarque de Holanda define o ‘lado oposto’ e o ‘outro lado’ – as duas correntes modernas. No fundo, um ponto de vista único: liquidar com os remanescentes do passadismo”.¹¹

O argumento de Plínio Salgado nessas citações dá sentido à sua desatenção, como também demonstra certa incompreensão do argumento de Sérgio Buarque de Holanda. Pois mesmo no caso de se considerar válida a polarização entre um “lado oposto” e um “outro lado”, que se projeta da leitura feita por Plínio Salgado, ainda assim seria difícil reiterar, do ponto de vista de Sérgio Buarque de Holanda, a conclusão daquele escritor de que esses dois lados seriam equivalentes na busca por “liquidar com os remanescentes do passadismo”.¹² Em vez disso, Sérgio Buarque de Holanda apresentaria em *O lado oposto e outros lados* uma profusão de lados do modernismo e dentre deles um “lado oposto” à margem das experiências vanguardistas.¹³ O grupo dos “acadêmicos modernizantes”, conforme o batismo de Sérgio Buarque de Holanda, teria como representantes Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida e Guilherme de Almeida. Eram escritores que, na definição do crítico, “aparentaram por certo tempo responder às instâncias da nossa geração”, criaram “uma poesia principalmente brilhante”, no entanto, “continuaram a tradição da poesia, da literatura bibelô, que nós detestamos”.¹⁴

Essa passagem de *O lado oposto e outros lados* contém indícios suficientes sobre o lado que coube aos verde-amarelos no balanço de Sérgio Buarque de Holanda. Em primeiro lugar, temos que os nomes incluídos pelo crítico no grupo dos “acadêmicos modernizantes” coincidem

¹¹ *Idem*. “Panorama Mental Brasileiro”. In: *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1927, p. 32. A redação anterior, sem a menção a Sérgio Buarque de Holanda, em “Crônicas Verdamarelas II: Literatura e Política”, é a seguinte: “Livro de Mário: ‘Losango Caqui’, Brigas. Livros de Guilherme: Artigos, polêmicas, discussões, conferências, entrevistas. Zangas. No fundo, um ponto de vista único: liquidar com os remanescentes do passadismo”. *Idem*. *Crônicas Verdamarelas II: Literatura e Política*. *Correio Paulistano*, p. 3, 4 jun. 1927.

¹² *Ibidem*.

¹³ Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda “autores que se acham situados positivamente ‘do lado oposto’ e que fazem todo o possível para sentirem um pouco a inquietação da gente da vanguarda”. HOLANDA, “O lado oposto e outros lados”. *Op. Cit.*, p. 224.

¹⁴ *Ibidem*.

com os de alguns escritores que Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado poupariam das críticas dirigidas à Mário e Oswald de Andrade, entre fins de 1925 e começos de 1926. Além disso, seria possível considerar o trecho onde Sérgio Buarque de Holanda afirma, a respeito da continuidade dos ataques ao academicismo, que “não se trata de combater o que já se extinguiu, e é absurdo que muitos cometem”,¹⁵ como uma indireta ao grupo literário que ainda se apresentava, em 1926, como uma anti Academia. No entanto, o recado mais evidente àqueles escritores estaria contido na expressão “do lado oposto”, entre aspas, que sugere um uso em segunda mão.¹⁶ Ao que parece, o primeiro a utilizá-la foi Cassiano Ricardo. No artigo *A revelação do Brasil pela poesia moderna*, publicado quase um ano antes de *O lado oposto e outros lados*, Cassiano Ricardo usou a expressão para denominar a si e a outros escritores, que seriam críticos dos “excessos de rebeldia” do modernismo, como se pode ver na seguinte passagem:

O movimento modernista nasceu em São Paulo. Os cruzados da nova bandeira foram Oswald de Andrade, Motta Filho, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Ribeiro Couto, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida. Houve quem lhes notasse o idealismo exaltado, mas puramente teórico. E dentre os do *lado oposto* [grifo meu], que combateram vivazmente [sic] os excessos de rebeldia, tive que figurar.¹⁷

Nesse texto, o poeta paulista não detalha quem eram seus companheiros “do lado oposto”. O uso daquela expressão faria referência ao “idealismo teórico”, identificado a supostos “excessos de rebeldia” do modernismo. A ideia seria desenvolvida em outras publicações nas quais os verde-amarelos destacaram a arte mais cerebral que sentimental de alguns modernistas. Apenas algumas semanas depois, Menotti Del Picchia publicaria *Verde e Amarelo*,¹⁸ texto inaugural do movimento e supostamente uma iniciativa de Cassiano Ricardo e Plínio Salgado à qual Menotti Del Picchia daria o seu aval. Porém, a expressão “lado oposto”, antes de constar no artigo de Sérgio Buarque de Holanda, fora utilizada ainda em 26 de setembro de 1925, como título da carta que Oswald de Andrade mandou publicar na coluna de Hélio [Menotti Del Picchia], no *Correio Paulistano*. Nessa carta, Oswald de Andrade se defendeu das críticas dirigidas à Poesia Pau Brasil, ironizou a bandeira verde-amarela e esclareceu o uso daquela expressão com um P.S.: “o título dessa carta é o da íntima escola literária fundada,

¹⁵ *Ibidem*, p. 227.

¹⁶ *Idem*. O lado oposto e outros lados. Revista do Brasil, p. 9-10, 15 out. 1926. Original consultado em: <http://icaadocs.mfah.org/icaadocs/THEARCHIVE/FullRecord/tabid/88/doc/781100/language/en-US/Default.aspx>. Acesso em: 24 mai. 2017.

¹⁷ RICARDO, Cassiano. A revelação do Brasil pela poesia moderna. *Correio Paulistano*, p.3, 08 set. 1925.

¹⁸ HÉLIOS. Crônica Social: Verde e Amarelo. *Correio Paulistano*, p. 3. 23 set. 1925.

diante da aproximação do sr. Coelho Netto das fileiras modernas”.¹⁹ Este Coelho Netto a que se refere Oswald de Andrade seria Cassiano Ricardo, que recém-chegado à São Paulo, fazia o seu ingresso no modernismo, aproximando-se de Menotti Del Picchia e de Plínio Salgado. Portanto, é plausível que na ocasião em que foi utilizada por Sérgio Buarque de Holanda, a expressão “lado oposto” tivesse já um sentido bastante conhecido pelos modernistas.

Há ainda outra passagem de *O lado oposto e outros lados* onde seria possível localizar os escritores verde-amarelos. Num trecho do seu artigo, Sérgio Buarque de Holanda afirma que alguns modernistas erravam ao buscar uma “arte de expressão nacional” recorrendo à “panaceia abominável da construção”.²⁰ Dessa tendência, ou, desse lado do modernismo, que, segundo Sérgio Buarque de Holanda, teria muitos pontos de contatos com os “acadêmicos modernizantes”, embora fosse “mais considerável”, Tristão de Athayde [Alceu Amoroso Lima] seria o nome mais representativo. O construtivismo criticado por Sérgio Buarque de Holanda havia se tornado uma espécie de mantra verde-amarelo nos meses que antecedem à publicação de “O lado oposto e outros lados”, ainda que pintado num sentido distinto do de Tristão de Athayde. Críticos da importação de formas europeias, os verde-amarelos defenderam um construtivismo que flertava com a perspectiva organicista, fórmula que talvez tenha sido sintetizada por Menotti Del Picchia alguns anos mais tarde, por meio da expressão “idealismo orgânico”.²¹

Mas apesar dessas divergências, *O lado oposto e outros lados* traria um enredo semelhante ao de um conjunto de artigos publicados pelos verde-amarelos, a partir da segunda metade de 1925. Naquele contexto, o acentuar de afinidades e diferenças entre “os novos de S. Paulo”,²² fragmentou o modernismo em distintos projetos literários. Já passados alguns anos da

¹⁹ Oswald de Andrade *apud* HÉLIOS. Crônica Social: O lado oposto. *Correio Paulistano*, p.5, 26 de setembro de 1925. O maranhense Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934) foi um dos principais escritores de sua geração, com mais 120 obras publicadas ao longo de sua trajetória literária. Nos anos vinte, sua escrita rebuscada se tornou alvo dos modernistas e sua obra acabou identificada como passadista por escritores como Oswald de Andrade. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, Oswald de Andrade costumava dizer “que Coelho Neto tinha um grande futuro atrás de si” e o “chamava de Coelho Avô”. Cf. MARTINS, Renato. *Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009, p. 126. Brincadeiras e juízos como esses acabaram levantando uma barreira entre as concepções estéticas do escritor e as do modernismo. Essa impressão tem sido, no entanto, relativizada em estudos recentes sobre a trajetória de Coelho Netto, atentos aos vínculos de continuidade da sua literatura com a de seus críticos, ver a respeito PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Coelho Netto. Um antigo modernista*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

²⁰ HOLANDA, “O lado oposto e outros lados”. *Op. Cit.*, p. 225-226.

²¹ Menotti Del Picchia opõe esse “idealismo orgânico” ao “idealismo utópico” de intelectuais como Rui Barbosa, que teriam se formado dentro de pensamento esterilizador, estrangeiro, e alheios à realidade brasileira. DEL PICCHIA, Menotti. *Por amor do Brasil (Discursos Parlamentares)*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1928, p. 20, *passim*.

²² Lembrando a expressão utilizada por Sérgio Buarque de Holanda em 1921. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Os novos de S. Paulo. In. *O Espírito e a Letra. Estudos de Crítica Literária I. 1902-1947*. Organização, Introdução e

Semana de Arte Moderna de 1922, a conformação de uma estética brasileira se tornava, agora, tema predominante do chamado segundo tempo modernista.²³ São desse período alguns balanços iniciais sobre o movimento literário, que buscaram enfatizar tanto a sua vitória sobre o passadismo, associado especialmente à escola parnasiana, quanto certo descontentamento com determinados rumos do movimento. Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia, partindo do diagnóstico de que a literatura brasileira não teria alcançado ainda uma ruptura efetiva com a tradição de cópia de modelos estéticos europeus, defenderiam a atualização do programa modernista e o distanciamento em relação às vanguardas europeias, como condições determinantes para a aquisição de uma literatura própria.

O tema da brasilidade, que em meados dos anos vinte se destacaria cada vez mais nos debates modernistas, foi discutido na *Novíssima* (1923-1926), revista literária editada por Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia, e tratado sistematicamente nas colunas do *Correio Paulistano*. Com a mudança de foco do movimento literário paulista, deslocado da busca anterior pela atualização dos processos artísticos e pela ruptura com o academicismo,²⁴ já não era possível estabelecer mais do que consensos provisórios em torno de perspectivas distintas sobre a consolidação de uma estética nacional. O programa verde-amarelo foi sendo ensaiado no *Correio Paulistano* na medida em que se acirravam os ataques de seus idealizadores a outros modernistas. É o que se vê, por exemplo, na discussão que protagonizaram com Oswald de Andrade entre setembro e outubro de 1925. Em *Verde e Amarelo*, texto disparador da polêmica, o Oswald de Andrade foi acusado de submeter a Poesia Pau Brasil ao primitivismo europeu e de romper com a liberdade em relação às escolas artísticas europeias, que estaria sendo inaugurada pelo modernismo.

Já as críticas a Mário de Andrade, no início de 1926, concentraram-se no livro *Losango Cáqui* (1926). Os comentários negativos de Menotti Del Picchia a respeito do livro renderam uma resposta dura de Mário de Andrade.²⁵ Ambos os textos, que foram publicados na revista *Terra Roxa e Outras Terras* (1926) repercutiram no *Correio Paulistano*, onde Cassiano Ricardo reiterou os argumentos de Menotti Del Picchia. Para ambos, o livro de Mário de Andrade soava

Notas de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.148-149. Algumas passagens desse texto foram destacadas na “Introdução” desta tese.

²³ Cf. JARDIM, Eduardo. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Ponteiro, 2016, p.41-43, *passim*.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ O episódio foi fartamente comentado pela historiografia do modernismo. Mário de Andrade escreveu sobre as suas divergências com Menotti Del Picchia na troca epistolar com Manuel Bandeira, ver MORAES, Marco Antonio de (org.). *Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros, 2001, p.277, 290-291, 292-293.

inadequado àquele contexto do modernismo, supostamente, porque insistiria no radicalismo de princípios do movimento, ignorando a sua reorientação construtiva. Nesse episódio foram retomadas as críticas que haviam sido feitas anteriormente a Oswald de Andrade, e Mário de Andrade foi chamado de intelectualista.

O acirramento das diferenças entre os modernistas, que moldariam uma orientação verde-amarela no movimento literário paulista, são elementos dispostos, hoje, na nossa imaginação esquemática do modernismo. Inicialmente, entre 1917 e 1924 teria predominado certa coesão dos escritores paulistas no combate à literatura passadista. Depois, a partir de meados dos anos vinte, a atenção se deslocou para o tema nacional, implicando no aparecimento das divergências mais importantes entre os participantes da Semana de Arte Moderna.²⁶ O surgimento do verde-amarelismo coincide com esse segundo tempo e com um esboço de memórias e rumações de seus participantes, sobre o tempo transcorrido desde o evento de 1922. Dessa forma não seria possível apreender aquela mudança de perspectiva do movimento literário paulista, sem levar em conta a atitude reflexiva dos seus participantes diante do passado recente do modernismo. Um pouco do que se viu anteriormente a respeito do artigo de Sérgio Buarque de Holanda e, também, algo a ser destacado nas publicações verde-amarelas.

Nos mesmos começos de 1926, a expectativa sobre as conferências que Filippo Tommaso Marinetti realizaria no país reacenderia as discussões sobre a influência da vanguarda italiana. Desde os antecedentes da Semana de 1922 o nome futurista vinha sendo usado com reservas pelos escritores paulistas. A denominação serviu para caracterizar a inserção do movimento em um conjunto de transformações do cenário artístico e literário internacional. Mas houve, além disso, um interesse dos modernistas por estabelecer os traços peculiares da renovação literária em São Paulo. No discurso verde-amarelo, em meados da década de vinte, o termo futurista ganharia uma nova roupagem pejorativa, associada à continuidade da submissão às fórmulas estéticas importadas. Ao mesmo tempo, também outros vanguardistas europeus se tornariam alvos recorrentes daquele grupo. A grande questão para os verde-amarelos era a sujeição a processos artísticos europeus em um país novo, sem tradições consolidadas e que buscava se afirmar culturalmente. Vale a pena fixar essa ideia porque, a princípio, Sérgio Buarque de Holanda teria assinalado um problema semelhante em *O lado oposto e outros lados*:

Não me lembro mais como é a frase que li num texto do francês Jean Richard Bloch e em que ele lamenta não ter nascido num país novo, sem tradições,

²⁶ JARDIM, *Op. Cit.*, p. 41-43.

onde todas as experiências tivessem uma razão de ser e onde uma expressão artística livre de compromissos não fosse ousadia inqualificável. Aqui há muita gente que parece lamentar não sermos precisamente um país velho e cheio de heranças onde se pudesse criar uma arte sujeita a regras e a ideias prefixados.²⁷

A leitura desse fragmento, que reitera uma afirmação que os verde-amarelos compartilharam com outros modernistas, leva a ver esses escritores ocupando um mesmo lado. A coincidência nos chama a atenção para as adesões compartilhadas dos modernistas a determinados conceitos, apesar das diferenças geralmente mais notadas entre eles. Inclusive, a partir daquela passagem se torna intrigante a ideia de que Sérgio Buarque de Holanda pretendesse mesmo insistir sobre o impulso destrutivo do movimento literário paulista, já que a premissa de um “país novo, sem tradições” desembocaria na necessidade de construí-las. Esse exemplo seria o mais sintomático, dentre outras possibilidades de aproximação, que uma leitura do artigo de Sérgio Buarque de Holanda e de um conjunto de textos verde-amarelos nos permitiria identificar. Como se pretende enfatizar ao longo desse capítulo, esses escritores, muito embora mirassem a alvos distintos aos do crítico modernista, corroborariam grande parte das ressalvas feitas aos modernistas em *O lado oposto e outros lados*. Por isso, vem ao caso tornar mais nítidas as afinidades e diferenças entre esses autores.

O roteiro desse capítulo foi inspirado pelo artigo de Sérgio Buarque de Holanda e procura delinear alguns pontos do programa literário verde-amarelo, situando-os nos debates modernistas da época. Ao longo das seções, a intenção foi mostrar que os chamados verde-amarelos, ao investirem igualmente em revisões do modernismo e terem tido nelas opiniões aparentemente similares acerca dos equívocos cometidos por alguns dos seus participantes, se distanciariam do crítico, especialmente, na compreensão geral da relação entre o nacionalismo e a literatura modernista ou de vanguarda. Apesar da queixa comum aos “espartilhos” europeus que “escamoteavam” a liberdade brasileira – usando aqui os termos empregados por Sérgio Buarque de Holanda – suas implicações foram distintas em *O lado oposto e outros lados* e no discurso verde-amarelo.

A primeira seção se debruça sobre os paralelos entre as conquistas e os “germens de atrofia” flagrados pelos balanços do modernismo produzidos pelo crítico modernista e pelos verde-amarelos. A seção seguinte focaliza as ideologias construtivas do modernismo novamente comparando a abordagem desse tema n’*O lado oposto e outros lados* e nos textos programáticos de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado. Por fim, a terceira e

²⁷ HOLANDA, “O lado oposto e outros lados”, *Op. Cit.*, p. 227.

última seção analisa textos verde-amarelos publicados nos primeiros meses de 1926, chamando a atenção para a ênfase numa retórica anti-acadêmica e anti-futurista e para as contraposições aos dois Andrades do modernismo. A orientação dada a cada seção mantém, contudo, o foco sobre o problema da vanguarda, que será iluminado conforme os contornos estabelecidos por Sérgio Buarque de Holanda e pelos personagens desta tese.

1.1. Triunfo e atrofia do modernismo

Grande parte das publicações verde-amarelas teve um preâmbulo idêntico. Começava lembrando a Semana de Arte Moderna de 1922, seus participantes e principais expoentes, em seguida mencionava algumas obras modernistas que haviam sido publicadas desde então e, finalmente, reiterava a vitória do movimento sobre o passadismo literário. Após cumprirem essa introdução, os artigos passavam a pontuar alguns desacertos que o modernismo precisaria corrigir se pretendesse manter sua trilha original, que se entendia como sendo a libertação da literatura brasileira dos modelos estéticos europeus e a aquisição de um estilo próprio. Por fim, seus autores procuravam definir qual o melhor caminho para alcançar àquele objetivo e, correntemente, o confrontavam com perspectivas expressas por outros modernistas. Diante desses textos a impressão, muitas vezes, é a de estarmos diante de um mesmo rascunho reescrito continuamente, que a cada nova versão reforçava ideias anteriormente expressas, em alguns casos agregando a elas novos matizes.

A ideia de incompletude do movimento literário iniciado em 1922 ressalta das publicações analisadas. Não destoia dessa impressão a posição de Sérgio Buarque de Holanda no *O lado oposto e outros lados*, quando contrasta o “Brasil intelectual” de 1926 com o de dez anos atrás, recuando assim o marco de 1922, que costumava ser assinalado pelos verde-amarelos. Nas palavras do crítico, “a gente de hoje aboliu escandalosamente, graças a Deus, aquele ceticismo bocó, o idealismo impreciso e desajeitado, a poesia ‘bibelô’, a retórica vazia, todos os ídolos da nossa inteligência, e ainda não é muito o que fez”.²⁸ Nesse trecho, Sérgio Buarque de Holanda vai além da estética parnasiana e abarca questões gerais do contexto intelectual brasileiro, que paulatinamente ganhariam destaque nos textos verde-amarelos, principalmente, a partir de começos de 1927. E o seu juízo sobre as conquistas intelectuais dos últimos anos – “ainda não é muito o que se fez”²⁹ – teria correspondentes nos textos verde-

²⁸ *Ibidem*, p. 224.

²⁹ *Ibidem*.

amarelos que antecedem à publicação de *O lado oposto e outros lados*.

O mesmo se pode dizer com relação ao trecho em que Sérgio Buarque de Holanda afirma que “Limitações de todos os lados impediam e impedem uma ação desembaraçada e até mesmo dentro do movimento que suscitou esses milagres têm surgido germens de atrofia que os mais fortes já começam a combater sem tréguas”.³⁰ A partir dessa passagem é que o crítico explicitaria as suas divergências com uma série de participantes do modernismo e caracterizaria esse movimento, distinguindo direções, algumas das quais tomadas por opostas.

A ideia de atrofia expressa na citação anterior teria equivalência nos textos programáticos do verde-amarelismo. Aos poucos os verde-amarelos firmariam a impressão sobre a aproximação de alguns modernistas a uma variável do academicismo anterior a 1922, caracterizado pela sujeição a modelos estrangeiros, ainda que agora fossem processos vanguardistas. Essa ideia começa a se definir nos últimos meses de 1925, na medida em que se desenvolvia polêmica “Verde e Amarelo *versus* Pau Brasil” no *Correio Paulistano* e, ao mesmo tempo, que se conformava a contraproposta estética daqueles escritores.

Em Sérgio Buarque de Holanda, a noção de atrofia tinha o sentido do apego de alguns escritores ao velho academicismo. São os chamados “acadêmicos modernizantes” que recebem suas críticas mais duras, a ponto de serem situados um pouco fora do contexto modernista e os próprios verde-amarelos engrossariam as fileiras desse grupo, situado “positivamente do *lado oposto*”³¹ do modernismo. Em contrapartida, para os verde-amarelos, os representantes do espírito acadêmico formariam um quadro bastante diverso e, do ponto de vista do cânone modernista, também bastante inusitado. Mesmo destacados como os principais expoentes do movimento literário subsequente à Semana de 1922, Mário e Oswald de Andrade foram advertidos por conta da sua vinculação a escolas literárias, na visão desses escritores, no velho estilo academicista anterior ao modernismo.

Verde e Amarelo contra Pau Brasil

O anúncio de uma orientação “Verde e Amarela” para a literatura brasileira teria sido feito ainda na *Novíssima*, como resposta à Poesia Pau Brasil.³² A revista publicou no décimo primeiro número, de setembro de 1925, uma nota a respeito das reações que os manifestos “Pau-

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*, p. 225.

³² HÉLIOS. Crônica Social: Verde e Amarelo. *Correio Paulistano*, p. 3, 23 set. 1925.

Brasil” e “Verde-Amarelo”³³ estariam despertando no *Correio Paulistano*. Entre setembro a outubro daquele ano, o espaço da Crônica Social de Hélios [Menotti Del Picchia], no diário paulista, alternou a publicação de uma série de textos de Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia, que defendiam uma perspectiva verde-amarela para a poesia brasileira, bem como de Oswald de Andrade, que intercalou ataques ao programa estético daqueles escritores e defesa da Poesia Pau Brasil.³⁴

Em *Verde e Amarelo*, o sujeito “nós” característico dos manifestos futuristas³⁵ teve o seu sentido deslocado e submetido às assinaturas de Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia, conformando uma ideia de um grupo que procura não anular a importância da expressão individual. O termo “personalidade” foi frequentemente usado pelos verde-amarelos nesse contexto. Já o uso de uma narrativa inicial, que antecipava a validade dos argumentos apresentados posteriormente no texto, recorda a forma vanguardista e se soma a outros recursos de escrita empregues com a finalidade de trazer o público para o texto, minimizando a necessidade de reflexão do seu conteúdo:³⁶

Lemos o artigo-manifesto de Oswald de Andrade, lançando mais uma vez, a ‘Poesia Pau-Brasil’. Escrevemos a vários compadres do interior, indagando sobre a existência e a natureza desse pau; as respostas foram todas negativas. Imaginando nossos amigos que pretendíamos montar uma serraria, informaram-nos, em expressivos despachos: “Temos peroba e guarantan, jacarandá e pluva”. Pelo que, malogrados na investigação, fomos aos doutos. Então, em carunchosos compêndios de história, tivemos notícia de tal madeira. Trata-se de um espécime da flora colonial, muito aproveitável a tintureiros. Essa árvore foi objeto de contenda entre a Companhia Holandesa e o incauto reino de Portugal. Cobiça de lá, cobiça de acolá, nasceu a ideia da colonização do Brasil (que tomou o nome do pau), pelos portugueses e, depois

³³ Ver GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: estética e ideologia na década de 1920*. Op. Cit., p. 248.

³⁴ A respeito da interlocução entre Oswald de Andrade e os fundadores do movimento verde-amarelo, Ana Claudia Veiga de Castro chegou a localizar mais de duas dezenas de artigos publicados entre os anos 1925 e 1927, em CASTRO, Ana Claudia Veiga de Castro. *A São Paulo de Menotti Del Picchia. Arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 43-44. Contudo, dada a periodicidade das publicações desses autores no *Correio Paulistano*, bem como em outros periódicos da época, esse número tende a ser bem maior.

³⁵ PERLOFF, Marjorie. *O momento futurista. Avant-Garde, Avant-Guerre, e a linguagem da ruptura*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora da USP, 1993, p. 163.

³⁶ *Ibidem*. Leonardo Ayres Padilha considerou essa característica uma constante nos escritos verde-amarelos, notadamente nos de Plínio Salgado, e procurou relacioná-la a uma aproximação com a retórica clássica. Uma de suas referências são os poemas homéricos analisados por Erich Auerbach, no primeiro capítulo de *Mimeses: representação da realidade na literatura ocidental* (2002). Segundo Padilha, “assim como os textos do autor de *O estrangeiro*, os escritos marcados pela retórica clássica são caracterizados por sua pouca margem à interpretação e constante afirmação da crueza da realidade” [...] A clareza na descrição dos eventos, a explicação pormenorizada das personagens e de sua relação com a trama, a simplicidade das questões propostas pelo enredo e das respostas a elas são meios retóricos do discurso que constituem obstáculos à interpretação. Conduzem o leitor ao destino esperado sem que este possa, de alguma maneira, participar do caminho. PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o hinterland: o pensamento modernista de Plínio Salgado*. 117 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, p. 101-102.

por vários povos, inclusive o *boulevard* de Paris.³⁷

No ideário verde-amarelo, os brasileiros do interior dariam conta de apreender diretamente o conteúdo da “alma brasileira”, por isso o seu desconhecimento sobre a matéria inquirida indicava o quanto era equivocado o sentido da poesia de Oswald de Andrade. Os brasileiros “doutos” teriam sido consultados em seguida e, com os conhecimentos que detinham dos manuais históricos, souberam, finalmente, dizer algo sobre o Pau Brasil. O resultado dessa segunda tentativa e o contraste entre as duas situações sugeriria uma identificação entre a poesia de Oswald de Andrade e os segundos personagens focalizados na narrativa, ou seja, com um tipo brasileiro que fala do país a partir dos livros. Não seria assim por mero acaso que somente a partir dos “carunchosos compêndios de história” fosse possível atribuir algum sentido ao tema, tal fato seria a prova do conteúdo erudito e desconexo da realidade brasileira da poesia de Oswald de Andrade, o poeta erudito que falaria aos seus.

Para os autores da carta *Verde e Amarelo*, Oswald de Andrade, ao se aproximar do primitivismo das vanguardas, estaria transpondo para o plano literário a situação histórica de subserviência do país à Europa. O Pau Brasil, mesmo na “acepção tomada por Oswald de Andrade”, continuava a ser um “pau inoportuno, xereta, metido a sebo”, prestigiado pelos estrangeiros, “mastros absolutos na nossa festa de Divino, carregado por Oswald, Mario e Cendrars”, que sintomaticamente era francês.³⁸ Ao contrário do que teria atestado o seu autor, a concepção da poesia Pau Brasil traduzia uma continuidade do *status* de colônia mental da literatura brasileira, tratando a arte brasileira como um produto a ser ofertado ao estrangeiro. Ao mesmo tempo, o criador da poesia Pau Brasil estaria sacrificando a sua personalidade pela obediência às regras, que faziam da sua poesia muito científica e, nesse sentido, próxima do parnasianismo.³⁹ Mas, a exemplo dessas considerações feitas à Poesia Pau Brasil, a prerrogativa de uma arte que seria capaz de acessar diretamente o conteúdo da brasilidade, contornando os entraves da inteligência, também conformaria às críticas verde-amarelas à obra de Mário de Andrade.

³⁷ HÉLIOS. Crônica Social: Verde e Amarelo. *Op. Cit.*.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ Conforme o trecho do manifesto: “Oswald de Andrade está com os parnasianos. Sua atitude é uma regra. O sacrifício de sua personalidade de artista, por amor de experiência, é muito científico”. *Ibidem*.

O intelectualismo de Mário de Andrade

No artigo *Período de afirmação*, publicado em 31 de janeiro de 1926, *Losango Cáqui* foi recebido por Cassiano Ricardo como um livro inoportuno ao momento vivido pelo modernismo. Nas palavras de Cassiano Ricardo, a *Paulicéia Desvairada* (1922) teria aberto “feridas incuráveis” na “epiderme das múmias” que dirigiam o pensamento indígena. Mário de Andrade, usando naquele livro as armas da inteligência e da cultura, havia sido o grande herói e mártir do movimento literário paulista. Aquela batalha, porém, já havia sido ganha, e na atual fase do modernismo, de afirmação da literatura brasileira, as armas modernistas não poderiam ser as mesmas.⁴⁰ O texto de Cassiano Ricardo acompanha e reforça o argumento de Menotti Del Picchia na sua resenha de fevereiro de 1926. O episódio é bastante conhecido e provocou o distanciamento dos dois escritores. Menotti Del Picchia chamou a obra de Mário de Andrade de absurda, de pedante e a considerou a tal ponto alheia aos rumos do modernismo que, em sua visão, o *Losango Cáqui* só teria justificativa “três anos atrás”, quando “tudo servia”.⁴¹ Esses comentários ásperos colocariam em evidência a rivalidade entre Mário de Andrade e Menotti Del Picchia; uma disposição que àquela altura se tornava cada vez mais comum entre os modernistas, apesar da coincidência nesse período sobre o tema brasílico. De todo modo, como ressaltado anteriormente, o motivo da divergência era semelhante ao da investida contra a Poesia Pau Brasil, variando apenas o alvo. No lugar do primitivismo atribuído a Oswald de Andrade, agora, no caso de Mário de Andrade, Menotti Del Picchia atacava a sua aproximação com o surrealismo.

Mário fez, como confessa, um livro, “sem característica de universalidade”. Obra pro-domo. Mundo interior “Footing” pelo subconsciente. Visualização de absurdos, de lêmures, de ideias de monstros, informes no limbo da criação. Sugestões, música verbal, pensamentos fetos, frases-assombramento, indumentária mórbida dos subterrâneos do inconsciente. Agora me pergunto: sou obrigado a compreender isso? A aplaudir isso? A me babar por diante disso?⁴²

Para Menotti Del Picchia, a aproximação de Mário de Andrade com os vanguardismos europeus colocava em risco a liberdade que os modernistas pregavam desde 1922. O seu entendimento era o de que “a cultura, o diletantismo, as ausências nele do verdadeiro poeta”

⁴⁰ RICARDO, Cassiano. *Período de Afirmação*. *Correio Paulistano*, p.3, 31 de janeiro de 1926.

⁴¹ DEL PICCHIA, Menotti. *O Losango Cáqui*. *Terra Roxa e outras Terras*. São Paulo, 03 fev. 1926. Cópia do acervo pessoal de Mário de Andrade, consultada no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Código de referência: DRP019-0743.

⁴² *Ibidem*. Para uma discussão sobre o surrealismo no Brasil consultar SCHWARTZ, Jorge. *Surrealismo no Brasil*. In: *Idem. Fervor das vanguardas. Arte e Literatura na América Latina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 47-64. Sobre as relações entre a Antropofagia e o Surrealismo, ver NUNES, Benedito. *Antropofagismo e surrealismo. Remate de males*. Campinas, IEL-Unicamp, n. 6, 1986, p. 15-25.

havam estragado o escritor. Na mesma edição de *Terra Roxa e Outras Terras*, Mário de Andrade devolveu as acusações com críticas ainda mais ácidas.⁴³ No artigo *Feitiço contra o feiticeiro*, respondeu ponto a ponto à resenha de Menotti Del Picchia, reproduzindo muitos dos termos haviam sido empregados para atacar o *Losango Cáqui*. Na mesma resposta, afirmou que Menotti Del Picchia era “a incultura mais profunda e as consequências dela (diletantismo, ambição sentimental e vaidade)⁴⁴ e fez referência ao trecho do resenhista citado há pouco:

Menotti sabe as coisas de oitiva. Por isso imagina que o que não tem característica de universal é obra pro-domo. Não reparem! Todo inculto é assim. As citações em línguas desconhecidas, em francês, em inglês, latim, são fonte milionária de riso pra quem lê Menotti. E não viram também o traço de união impagável em “subconsciente”! Menotti me escutou falar nisso. Intuí duvidosamente o que era esse bicho e já lascou o tal no papel. Isso não é tanto por vaidade.... É religiosidade. Se sabe que o mimetismo, a repetição litúrgica, orquéstica ou simplesmente oral, do que o assombra é manifestação inspirada pelo pavor das organizações psíquicas em estado primário.⁴⁵

O retrato do autor de *Juca Mulato* feito por Mário de Andrade neste trecho foi reiterado seguidas vezes nos estudos do modernismo paulista que, em alguma medida, reproduziram as representações que seus participantes fizeram de si próprios e de seus pares. De todo modo, a intenção aqui não é avaliar a justeza das afirmações de Mário de Andrade ou retificar a pecha que não mais se descolaria de Menotti Del Picchia e de seus companheiros de verde-amarelismo, ainda que as colocações de Mário de Andrade possam realmente soar um tanto ortodoxas, a respeito da maneira pela qual Menotti Del Picchia construía seus conhecimentos, a partir do contato com referências estrangeiras. Pois, se Mário de Andrade cometera alguns exageros na sua resposta, o mais interessante é maneira como, deixando-se conduzir pela provocação, o escritor assume e converte a seu favor o rótulo de intelectualista recebido dos verde-amarelos. O escritor, ao se referir a procedimentos sistemáticos de estudo que Menotti Del Picchia, na sua visão, não teria a paciência de praticar, procura se descolar dessa postura e reitera o contraponto entre o estudioso e o intuitivo, contraponto esse que os verde-amarelos chegariam a explorar nas suas polêmicas e que, hoje, ainda se sustenta como leitura profícua sobre as diversas vertentes pelas quais o modernismo paulista se expressou nos anos vinte.⁴⁶ Mas, o mesmo episódio nos lembra, ainda, o desconforto de Mário de Andrade com relação à crítica da Poesia Pau Brasil ao lado erudito do brasileiro, nos deixando curiosos sobre as

⁴³ ANDRADE, Mário de Andrade. *Feitiço contra o feiticeiro*. *Terra Roxa e outras Terras*. São Paulo, 03 fev. 1926. Cópia consultada no acervo pessoal de Mário de Andrade, consultado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Código de referência: DRP019-0104.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ Perspectiva desenvolvida em JARDIM, *Op. Cit.*.

aproximações possíveis entre àquela sua descrição de Menotti Del Picchia e as precauções que tomou sobre a Poesia Pau Brasil.⁴⁷

Dessa discussão entre Mário de Andrade e Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo participa fazendo uma espécie de paródia do “feitiço contra o feiticeiro”, cuja inspiração pode ter sido a entrevista que Mário de Andrade havia concedido para o “mês modernista” do jornal *A Noite*, em 11 de dezembro de 1925. Além de Mário de Andrade, foram convidados a escrever no diário carioca durante aquele esse mês, Prudente de Moraes, neto, Martins de Almeida, Manuel Bandeira, Sergio Milliet e Carlos Drummond de Andrade. Na sua entrevista, Mário de Andrade afirmou que “toda tentativa de modernização implica a passadistização da coisa que a gente quer modernizar. [...]. Como primeiro trata-se de destruir, os exageros são até úteis, porém depois carece construir e aí é que são elas!”.⁴⁸ Cassiano Ricardo, em *Período de Afirmação*, desenvolveu a partir desse ponto a sua avaliação negativa sobre a obra recém lançada por Mário de Andrade. Em sua opinião, precisamente porque o modernismo se encaminhava para uma fase construtiva, livros como o *Losango Cáqui* precisavam ser combatidos.

Apesar da troca de acusações, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia pareciam estar de acordo a respeito sobre essa nova direção do movimento literário iniciado em 1922. Nos termos do artigo de Sérgio Buarque de Holanda, como visto anteriormente, esse entendimento foi compartilhado por vários lados do modernismo, a ponto de, em alguma medida, desestabilizar o próprio campo de forças divergentes que deduzimos daquela crítica. O consenso sobre o construtivismo seria, no entanto, precário, porque esbarrava em questões sobre o que construir e como construir. Enquanto Sérgio Buarque de Holanda não parecia disposto a fazer qualquer concessão àquela fórmula, outros modernistas lidariam com ela por meio de perspectivas distintas.

1.2. Construção e forma

O verde-amarelismo, segundo os seus idealizadores, propunha um modo distinto de lidar com a fixação de uma literatura brasileira. Ao invés do empréstimo de formas importadas, o melhor era que o país fizesse o seu próprio caminho, permanecendo “caipirantemente inadaptável às feições morais e intelectuais de estrangeiros” e evitando “antecipações desastrosas”.⁴⁹ Sob

⁴⁷ Sobre a avaliação de Mário de Andrade acerca da Poesia Pau Brasil. *Ibidem*, p.70-74.

⁴⁸ Mário de Andrade *apud* MONTEIRO, Pedro Meira. “Coisas Sutis, ergo profundas”: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. *Op. Cit.*, p.197.

⁴⁹ HÉLIOS. Crônica Social: Verde e Amarelo. *Op. Cit.*.

esse ponto de vista, a aquisição de uma estética brasileira dependeria de o Brasil obedecer ao seu próprio ritmo, sendo mais adequado, portanto, que os escritores se mantivessem “todos diferentes”, “sinceros”, que dispensassem os “figurinos europeus” e passassem a se vestir à vontade, “cada um de um jeito”.⁵⁰

À primeira vista o anseio por libertação expresso em *Verde e Amarelo* se assemelha ao de Sérgio Buarque de Holanda, quando no artigo de 1926 investe contra a “panaceia abominável da construção”. Na visão do crítico, os modernistas adeptos dessa fórmula se apegavam a uma ideia de ordem que não passava de “uma coisa fictícia” e “estranha a nós”.⁵¹ O combate aos estrangeirismos que se destaca em *Verde e Amarelo* pode ter tido, inclusive, alguma correspondência com a fala do crítico modernista sobre os “espartilhos” que os escritores brasileiros mandavam importar “senão do outro mundo, pelo menos do ‘Velho Mundo’”.⁵² A coincidência de ideias finalmente se completa com a afirmação de que “o erro deles está nisso de quererem escamotear a nossa liberdade que é, por enquanto pelo menos, o que temos de mais considerável, em proveito de uma detestável abstração inteiramente inoportuna e vazia de sentido”.⁵³

Mas, em que pese tenhamos a impressão de que esses textos estejam falando da mesma liberdade, o sentido diverso que esse conceito adquire em Sérgio Buarque de Holanda se desdobra claramente numa segunda leitura. O que marca essa diferença é o questionamento do afã construtivista, bem como o tema da ordem que o crítico introduz no trecho citado anteriormente. Segundo Cassiano Ricardo, Mário de Andrade e outros modernistas investiam em “atitudes falsas”, “experiências desastrosas” e “antecipações arriscadas quanto ao problema da nossa língua”. Erros por meio dos quais, segundo o Cassiano Ricardo, não tardariam a proliferar “todos os cogumelos que andavam brotando por toda parte, sob a aparência de flores espirituais”. A atual fase do modernismo não comportava mais os “abusos de inteligência”, os “individualismos exacerbados” e as “experiências anárquicas e anarquizadoras”, consideradas incompatíveis com as necessidades do país. A manutenção da vitória alcançada pelo modernismo sobre a literatura acadêmica dependia de que “as letras” e “as artes” seguissem por uma “rota de afirmações construtivas, mais duradouras e mais humanas”.⁵⁴ A partir da publicação do manifesto *Verde e Amarelo* até o aparecimento do artigo *Período de Afirmação*

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ HOLANDA, O lado oposto e outros lados. *Op. Cit.*, p. 226.

⁵² *Ibidem*.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ RICARDO, Cassiano. Período de Afirmação. *Correio Paulistano*, p. 3, 31 jan. 1926.

de Cassiano Ricardo, a percepção de que o modernismo se encaminhava para um período de “afirmações construtivas” ganharia maior importância entre os verde-amarelos. Ao mesmo tempo, a obsessão pela ordem ou por algum tipo de controle das experiências vanguardistas teria se apresentado desde o lançamento da plataforma verde-amarela. O que remete, aliás, para as resistências que atravessaram as adesões desses escritores ao modernismo, a de Menotti Del Picchia, no início dos anos vinte, a de Plínio Salgado, nos antecedentes da Semana de 1922, e a de Cassiano Ricardo, somente em 1925, no contexto de sua parceria com Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, na *Novíssima*, e no *Correio Paulistano*.⁵⁵

Em *Verde e Amarelo*, aquela leitura de Cassiano Ricardo coincide com o trecho assinado por Menotti Del Picchia.⁵⁶ O manifesto compõe-se de duas partes. A primeira é uma carta que teria sido escrita por Cassiano Ricardo e Plínio Salgado e encaminhada a Menotti Del Picchia para a publicação. A segunda é um adendo onde Menotti Del Picchia, onde reitera o contraponto do grupo com a poesia de Oswald de Andrade:

Que quer Oswald? O retorno primitivista. Que querem Cassiano e Plínio? Incorporar-se instintivamente ao seu instante mental. Sempre estive – desde a célebre noitada de Arte Moderna no Municipal – com os segundos. Individualismo anárquico. Independência ou Morte. Guerra à Regra! Personalidade livre dentro da espontânea visualização do ambiente atual. Processos? Os que o talento criar... Liberdade. Liberdade não quer dizer licença, abuso, delírio, quer dizer alforria do açaimo, insubordinação à fórmula e à diretriz preconcebidas. A única fronteira dessa liberdade será a intuição estética, ou melhor, o Talento. A seleção dos valores se processará naturalmente, porque não haverá “parecidos”, isto é, discípulos de mestres, ou melhor, decaladores...⁵⁷

Menotti Del Picchia enfatiza o contraste entre o primitivismo de Oswald de Andrade e a incorporação instintiva no “instante mental” brasileiro, proposta pelos autores do manifesto. Por sua vez, na referência à “célebre noitada de Arte Moderna no Municipal” procura dar conta

⁵⁵ Por ocasião da Semana de Arte Moderna de 1922, Cassiano Ricardo encontrava-se no Rio Grande do Sul e, mesmo assim, como aponta o próprio Cassiano Ricardo, a adesão de sua revista, a *Novíssima*, ao modernismo, esbarrou em certa reticência: “nem sempre *Novíssima* entrou na luta [...] mas a capa de Lasar Segall num dos fascículos, uma desabusada entrevista com Oswald de Andrade, em outro fascículo, certo poema verde-amarelo de minha autoria, que Fernando de Azevedo achou de um caminho avançado mas certo, marcaram a situação limite em que me coloquei”. RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço. Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970, p. 33.

⁵⁶ Coincide também com o argumento desenvolvido em “Manifesto Anti Pau-Brasil”, ainda em 13 de abril de 1924. Nesse texto, Menotti Del Picchia repreendeu a Oswald de Andrade por querer formar uma escola literária e, nesse sentido, por romper com o “principal conceito da modernidade” que seria a “alforria das escolas e a procura, em cada artista, das fontes puras e originais da sua livre maneira de ser atualizada no instante ambiental”. Na opinião de Menotti Del Picchia, o conteúdo do “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, que havia sido publicado cerca de um mês antes, indicava que o “mimetismo” começava a “apeçonhar o credo” modernista, justificando a necessidade de persistir na reforma. HÉLIOS. Crônica Social: Manifesto Anti Pau Brasil. *Correio Paulistano*, p. 4, 13 abr. 1924.

⁵⁷ HÉLIOS. Crônica Social: Verde e Amarelo. *Op. Cit.*

de uma coerência entre o projeto verde-amarelo e os propósitos da Semana de 1922. No entanto, sua informação é imprecisa e contradiz algumas de suas falas anteriores, por exemplo, sobre suas supostas pelejas com o Plínio Salgado, que relutava em aderir ao futurismo paulista.⁵⁸ Além disso, ignora a adesão posterior de Cassiano Ricardo ao modernismo, o poeta parnasiano que não residia em São Paulo na época da Semana de Arte Moderna. A intervenção cuidada de Menotti Del Picchia no passado recente do movimento literário paulista poderia ser lida, portanto, como sugestão da diferenciação ensaiada pelos verde-amarelos.

De todo modo, quando no trecho anterior Menotti Del Picchia circunscreve a liberdade de criação do artista no sentido de “insubordinação à fórmula e à diretriz preconcebidas”, sem que isso signifique fazer concessões ao “abuso” e ao “delírio”, está sendo congruente ao modo como se posicionou diante da renovação literária, desde os antecedentes da Semana de 1922.⁵⁹ A preocupação em justificar o verde-amarelismo como herdeiro do evento modernista de 1922, contudo, longe de se circunscrever a esse episódio, esteve presente em outros cuidados tomados por Menotti Del Picchia e seus companheiros de grupo. Desses, talvez o exemplo mais sintomático seja a coletânea de artigos *O Curupira e o Carão* (1927), uma espécie de síntese do programa verde-amarelo, em que o texto de abertura é o da conferência de Menotti Del Picchia realizada na segunda noite da Semana de Arte Moderna.

Capítulos de uma polêmica

Em outubro de 1925, a polêmica com Oswald de Andrade no espaço da “Crônica Social” de Hélios passaria a ser tratada, especialmente, por meio de textos enviados por “leitores” que prestavam apoio ao manifesto verde-amarelo recém-lançado. No dia 07 daquele mês, Candido Motta Filho deu o seu parecer sobre a querela, ficando do lado de Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. O crítico literário do *Correio Paulistano* participou da Semana de 1922, colaborou em diversas revistas modernistas, tais como *Klaxon* (1922) e *Terra Roxa e*

⁵⁸ Na Crônica Social de 03 de novembro de 1921, Menotti Del Picchia conta que Plínio Salgado teria resistido inicialmente a ingressar nas fileiras do futurismo e se referia àquela vanguarda como “onda de exotismo versânico, maluco, estrambótico, que tem alucinado [os] escritores”. Até que certo dia, superando à sua resistência inicial, [Plínio Salgado] “veio lhe apresentar uma poesia, escrita nos parâmetros da ‘nova escola’”. Foi assim que, nas palavras de Menotti, “mais um forte, belo e moço talento viera formar na vanguarda reacionária dos escritores paulistas, Gedeão, com espanto, contava com mais um soldado nas suas fileiras”, ver DEL PICCHIA, Menotti. Crônica Social: Mais um futurista! In: *O gedeão do modernismo: 1920-22*. Introdução, seleção e organização por Yoshie Sakiana Barrerinhas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1983, p. 282-286.

⁵⁹ Cf. HÉLIOS. Crônica Social: Futurismo. *Correio Paulistano*, p.3, 6 dez. 1920; *idem*. Crônica Social: Cartas a Chrispim IX – Mário Moraes de Andrade. *Correio Paulistano*, p.4, 14 nov. 1921; *idem*. Crônica Social: Redenção. *Correio Paulistano*, p.3, 19 jul. 1921.

Outras Terras (1926) e aderiu ao verde-amarelismo no mesmo ano. A sua carta na coluna de Menotti Del Picchia reiterava as principais críticas que os fundadores daquele movimento vinham fazendo à Poesia Pau Brasil, mas se concentraria em outra perspectiva; em sua opinião, era clara a discrepância entre o conteúdo do Manifesto Pau Brasil e a poesia realizada por Oswald de Andrade.

O Oswald publicou o manifesto e, depois, realizou a poesia. [...] Aconselha uma coisa no manifesto “Pau” e realiza outra na poesia também “Pau”. Mesmo o manifesto, em si, é contraditório, porque, guerreando a literatura, faz literatura; guerreando o artificialismo, faz artificialismo; guerreando a cultura, realiza uma obra cultural. A poesia, então, é o maior desrespeito aos dogmas do manifesto. “Pau” contra “Pau”. Oswald é assim, um jansenista fanático, que segue, na prática, os conselhos de Molina, e um Gandhi fechado na intolerância nacionalista a agir de acordo com o humanismo ocidental. Disfarça-se, guarda, esconde sua sabedoria, numa afetada simplicidade. E, depois, com que graça, com que malícia, com que audácia fala da inocência ignorante, da inocência paradisíaca esse conhecedor requintado e ardiloso de todos os pecados da inteligência!⁶⁰

Mesmo assim, com a afirmação de que Oswald de Andrade “disfarça-se, guarda, esconde sua sabedoria, numa afetada simplicidade”, Candido Motta Filho apresentava a variação de uma imagem que seria repisada pelos verde-amarelos, a de que o poeta descobrira o Brasil às margens do Sena, que se fazia de brasileiro em Montmartre ou, ainda, a de que a sua poesia sobre temas brasileiros era servida à francesa. Mas a passagem anterior além de reiterar aquela implicância com o cosmopolitismo de Oswald de Andrade, também corrobora a leitura de que a sua poesia escondia, sob um aparente frescor, uma trama artificial. Sobre as contradições entre o manifesto e a poesia, para Candido Motta Filho, apesar da proposição de um programa brasílico, a Poesia Pau Brasil encarnava os valores culturais europeus, o que vinha ao encontro daquele seu estereótipo de escritor afrancesado. Por fim, embora esteja explícita naquela citação a expectativa do autor de que o manifesto estabeleça um programa a ser cumprido pela literatura, Candido Motta Filho confere aquele tipo de escrita um valor próprio, como se pode notar por sua avaliação de que o manifesto de Oswald de Andrade era, “em si, [...] contraditório, porque, guerreando a literatura, faz literatura; guerreando o artificialismo, faz artificialismo; guerreando a cultura, realiza uma obra cultural”. Nesse caso, teria havido certa compreensão de que o manifesto deveria realizar em si mesmo aquilo propõe,⁶¹ o que deixaria

⁶⁰ Candido Motta Filho *apud* HÉLIOS. Crônica Social: Pau Nele. *Correio Paulistano*, p. 5, 07 out. 1925.

⁶¹ A respeito da forma do manifesto ver PERLOFF, Marjorie. *O momento futurista. Avant-Garde, Avant-Guerre, e a linguagem da ruptura*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora da USP, 1993. Especialmente o Capítulo 3: “Violência e Precisão. O manifesto como forma de arte”. Conforme assinala a autora, “o manifesto de 1909 reflete [...] o programa de Marinetti para o futuro mais do que a sua própria prática poética. Como poeta lírico, ele era um medíocre simbolista tardio; como pensador era quase todo derivado de outros, suas declarações

margem para uma atenção aos elementos performáticos que este tipo de escrita mobilizava e a centralidade que havia assumido no interior das polêmicas vanguardistas.

A disputa entre Oswald de Andrade e os apoiadores do manifesto *Verde e Amarelo*, teve início mais de um ano depois da publicação do primeiro texto sobre a Poesia Pau Brasil. Os ataques sistemáticos a Oswald de Andrade tomaram por referência um novo artigo sobre o tema, que o poeta havia recém-publicado n' *O Jornal*, em junho de 1925.⁶² Já os contra-ataques de Oswald de Andrade também não demorariam a preencher a Crônica Social de Hélios, que três dias após a publicação de *Verde e Amarelo*, em 26 de setembro, divulgaria uma carta onde Oswald de Andrade devolvia aos verde-amarelos a alcunha parnasiana e se defendia da acusação de estrangeirismo.⁶³ A resposta viria, em seguida, na crônica *Em plena refrega!*, que foi publicada dois dias mais tarde. Nela, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado reiteraram as acusações do texto anterior e distinguiram o sentido da poesia expresso pela poesia Pau Brasil e Verde e Amarela:

Oswald [...] submete [o Brasil] a uma teoria, a um doloroso experimentalismo científico, verdadeiro suplício de vivissecção [...]. Os fisiologistas costumam tirar certas partes do cérebro dos animais, para ver se eles andam, sentem, gritam; e como andam, como sentem e como gritam. Oswald quer fazer o mesmo com o nosso estilo ainda em ensaio, a ver se ele exprime alguma coisa. Pretende que o Pensamento se arranje com o essencial. [...]. Nós queremos apenas, fazer um baita Brasil, exuberante, cheio de cores e de sol, [...] para que possa porfiar com o Tempo e a Vida, vertiginosos e emocionais. [...] Preferimos Pau Brasil, como expressão de individualismo, dentro da ampla liberdade de que necessitamos. Não como fôrmas para sapatos, destinados aos “pés de anjo” de uma arte bandeirante e rude. [...] O que queremos é gênio. Não talento (talento é mediocridade sabida), mas faculdade criadora. Ou gênio, ou burro; não há meios termos, em arte.⁶⁴

A passagem sinaliza um pressuposto bastante caro aos verde-amarelos, que contrapõe a apreensão da brasilidade pela via da ciência e da arte. Para os verde-amarelos, a poesia oswaldiana reproduziria a perspectiva fragmentária e artificial do conhecimento científico, enquanto que a poesia verde-amarela daria conta de apreender o país em sua totalidade, com liberdade e “faculdade criadora”. Essa oposição, segundo Eduardo Jardim, seria um dos pontos de contato do verde-amarelismo com a obra de Graça Aranha, que em *A estética da vida* (1921)

extravagantes sendo facilmente rastreáveis até Nietzsche e Henri Bergson, Alfredo Jarry e Georges Sorel. Mas, como o que hoje chamamos de artista conceitual, Marinetti era incomparável, tendo a estratégia dos seus manifestos, performances, recitações e ficções sido concebida para transformar a política numa espécie de teatro lírico” (p. 157). Ainda sobre o manifesto como obra de arte vanguardista, ver também DUARTE, Pedro. *A palavra modernista. Vanguarda e Manifesto*. 1 ed.. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Editora PUC-Rio, 2014, p. 56-66.

⁶² ANDRADE, Oswald. Pau Brasil. *O Jornal*, p.1-2, 13 jun. 1925.

⁶³ Oswald de Andrade *apud* HÉLIOS. Crônica Social: O lado oposto. *Correio Paulistano*, 26 set. 1925.

⁶⁴HÉLIOS. Crônica Social: Em plena refrega! *Correio Paulistano*, p.4, 28 set. 1925.

diria que “as ciências, versões analíticas do processo cognitivo, apresentam o universo fragmentado em muitas facetas”.⁶⁵ Congruente com esse ponto de vista, os verde-amarelos reiterariam a noção de Graça Aranha, da “intuição estética do todo”, como via de acesso à brasilidade.

Nos textos seguintes, a encenação da querela ganhou destaque, deixando em segundo plano os contrapontos programáticos entre a Poesia Pau Brasil e a orientação Verde e Amarela. Em *Guerra literária*, de 02 de outubro, Hélios aproxima aquela disputa a uma luta de boxe.⁶⁶ Nas palavras do cronista: “No “ring” das polêmicas batem-se os campeões literários”. O “Pau Brasil” é “uma espécie de Caramuru, campeão luso-brasileiro, de bíceps [ilegível] e fortes, que “bate-se com ‘Verde-Amarelo’, campeão nacional preto-vermelho e branco!”. Sobre o clima ao redor da disputa, comenta:

entraram na liça, como juízes ou torcedores, na imprensa carioca, Abner Mourão, no “Paiz”; Oiticica, José Clemente, Luiz, no “Correio da Manhã”, e outros: É pau que te rache! Há gente que fica “verde” de cólera e “amarela” de puro espanto... “Swings” do bom humor; “diretos” de graça fina; “cliches” de esplêndida “blague”. E, com isso, a campanha da reforma, a todos fascina, a muitos convence, e a alguns desespera.⁶⁷

Em seguida, o mesmo texto faria uma breve apresentação dos dois adversários. De um lado, de acordo com Hélios, está “‘Verde e Amarelo’ que surgiu nas colunas do Correio Paulistano, por um milagre de espírito de Plínio Salgado e Cassiano Ricardo” e “já ganhou celebridade e popularidade”. Do outro lado, está o Oswald de Andrade “irrequieto, bom *boxeur*” e que se defende “galhardamente, neste terrível ‘round’, que porá em ‘knok-out’ um dos contenderes”. A parte final do texto é uma síntese dos últimos “assaltos” e a expectativa sobre o próximo texto de Oswald de Andrade:

Oswald rebateu o manifesto “Verde-Amarelo” por este pico de [ilegível]. Cassiano e Plínio vieram he na pegada [sic]. Oswald está sendo esperado... que dirá ainda o “pau-brasilianismo” contra os dois terríveis criadores do “liberalismo incondicional”? ... Está com a palavra o sr. pai “Pau Brasil”.⁶⁸

João Miramar⁶⁹ foi quem assinou no dia seguinte a resposta a esse texto. Dessa vez, a polêmica literária foi descrita como uma partida de futebol em que, segundo o cronista, se enfrentavam o “Sport Club Pau Brasil” e o “quadro ‘capim-banana’”. O título dessa crônica, *Team pesado*, já adiantava o conteúdo da caçoada de Oswald de Andrade. Cassiano Ricardo e

⁶⁵ JARDIM, Eduardo. *Op. Cit.*, p. 25.

⁶⁶ HÉLIOS. Crônica Social: Guerra-literária. *Correio Paulistano*, p.4, 02 out. 1925.

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ Personagem de Oswald de Andrade. Cf. *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924).

Plínio Salgado foram apresentados como “backs” que mal conseguiam conter a ofensiva do time adversário. Por isso, nas palavras de João Miramar, “o Sport Club Pau Brasil [considerava] [...] canja a sua magra tarefa de vazar quantas vezes quiser o golzinho petulante dos seus adversários”. Hélios foi retratado como o craque decadente do outro time. Conforme trecho da crônica, ele foi “o suco de diversos campeonatos” e conservava “na sua sala de visitas uma honrosa coleção de canelas inimigas”, porém, no contexto daquela partida, era “em matéria de crítica o que seria em eficácia naval um veterano do Riachuelo”.⁷⁰ De acordo com o cronista, Hélios “dribla mal e *shoota* sem convicção. Marcado por qualquer pixote ‘pau-brasil’, atrapalha de fitas os seus arrancos esfalfados e não consegue nenhuma eficiência nos tiros”.⁷¹ No *post scriptum* do texto, Guilherme de Almeida foi anunciado como reforço na “extrema direita” do time adversário.⁷²

Na mesma Crônica Social de Hélios, um Jeca muito nacionalista e, ao mesmo tempo, esbanjando expressões em francês, assinava o contraponto a Oswald de Andrade.⁷³ Já no dia seguinte, 04 de outubro de 1925, foi a vez de “Nhô Belarmino” retrucar a João Miramar com o anúncio da criação da escola literária, a *A Pau-de-virá tripa*, num texto que simula a fala coloquial do interior do país. O uso de pseudônimos polêmicos dava o tom da discussão, até que num artigo de 08 de outubro, Oswald de Andrade anunciou o fim da disputa, entregando “o jogo” ao leitor.

Em *Descobrimo o jogo*, Oswald de Andrade afirmava que tudo não passara de um combinado para chamar a atenção sobre o movimento Pau Brasil. Nesse sentido, haviam sido acordadas previamente a escolha do nome, “Verde e Amarelo”, do “recruta da nova falange”, Cassiano Ricardo, e do espaço que daria visibilidade à polêmica, o da crônica de Menotti Del Picchia. Mas, àquele tempo, continuava o autor, já estaria claro ao leitor “inteligente” que não havia nenhuma poesia “Verde e Amarela”, pois a “nova estética” havia sido “tirada em papel carbono do velho manifesto Pau Brasil”, mesmo que nas suas “simples indicações de roteiro”, aquele manifesto não tivesse “o brilho [...] do apócrifo documento ‘verde-amarelo’”.⁷⁴ O

⁷⁰ Referência ao evento militar ocorrido durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), em 11 de junho de 1865, às margens do rio Paraguai, na província argentina de Corrientes, considerado importante para a vitória da Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina).

⁷¹ Oswald de Andrade *apud* HÉLIOS. Crônica Social: Team Pesado. *Correio Paulistano*, p. 6, 03 out. 1925.

⁷² Possivelmente essa citação de Oswald de Andrade tomava por referência o artigo que Cassiano Ricardo havia publicado, dias antes, comentando as conferências que o escritor paulista faria no Rio Grande do Sul, sobre a poesia modernista. Ver RICARDO, Cassiano. A revelação do Brasil pela poesia moderna. *Correio Paulistano*, p. 3, 08 set. 1925.

⁷³ HÉLIOS. Crônica Social: Team Pesado. *Op. Cit.*

⁷⁴ Oswald de Andrade *apud* HÉLIOS. Crônica Social: Descobrimo o jogo, *Correio Paulistano*, p. 4, 8 out. 1925.

cálculo de Oswald de Andrade foi o de assumir a coautoria da polêmica lançada contra a sua poesia pelos verde-amarelos, “jogando” com o lance feito pelos verde-amarelos. Aqui, a atitude irônica e bem-humorada do poeta contrastaria com postura adotada por Sérgio Buarque de Holanda, no seu artigo de 15 de outubro de 1926, cerca de um ano depois de ter sido iniciada àquela polêmica.

Naquele texto, a disposição de Sérgio Buarque de Holanda parecia ser a de, finalmente, encerrar a discussão na qual Oswald de Andrade havia gostado de ficar, e onde ainda demoraria mais algum tempo, se temos em conta os seus confrontos com os verde-amarelos, a partir de 1928, no contexto do movimento antropofágico.⁷⁵ Nas palavras de Sergio Buarque de Holanda, que teriam o sentido de uma pá de cal naquela contenda, “houve um tempo em que esses autores foram tudo quanto havia de bom na literatura brasileira. No ponto em que estamos hoje *eles não significam mais nada para nós*” [grifo do autor]. Uma conclusão melancólica de quem anos antes, no início dos anos vinte, abria o palco para os mesmos escritores entusiasmado com os novos rumos da literatura paulista.⁷⁶

A aproximação a Tristão de Athayde

As “ideologias do construtivismo” que estiveram na mira de Sérgio Buarque de Holanda haviam se tornado um mote importante dos modernistas de São Paulo, em meados dos anos vinte. Um ano antes da publicação de *O lado oposto e os outros lados*, o tema foi centro de uma discussão entre Oswald de Andrade e Tristão de Athayde. Apesar de seu início anterior, seus desdobramentos coincidiram com a polêmica entre os movimentos Pau Brasil e Verde-Amarelo e produziria nela alguns efeitos. Entre as perspectivas defendidas por Tristão de Athayde e por Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia parecia propor um arranjo entre a nova ênfase construtiva do movimento literário paulista (endossada por Tristão de Athayde) e a sua própria postura contrária às escolas literárias.

Nos textos de Plínio Salgado e de Cassiano Ricardo, por sua vez, teria havido uma mudança sensível na interpretação da obra de Oswald de Andrade. Plínio Salgado chegara a escrever resenhas positivas sobre Oswald de Andrade na revista *Novíssima*. Nesse periódico,

⁷⁵ Para uma análise comparativa entre os movimentos verde-amarelo e antropofagia, do ponto de vista de reflexões sobre o tema nacional ver QUEIROZ, Helaine Nolasco. *Verdeamarelo/Anta e Antropofagia: narrativas da identidade nacional brasileira*. 247 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

⁷⁶ Me refiro especialmente aos artigos de Sérgio Buarque de Holanda no início dos anos vinte, que foram analisados na “Introdução” desta tese.

aliás, o número de poesias publicadas pelo autor das *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1925) só não superou a cifra do editor da revista, Cassiano Ricardo.⁷⁷ E, na primeira hora, foi Cassiano Ricardo quem defendeu a Poesia Pau Brasil das acusações de Tristão de Athayde, no artigo *Literatura Importada*, de 07 de julho de 1925. Aos poucos, porém, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo acabariam se aproximando dos pontos de vista de Tristão de Athayde sobre algumas das tendências da poesia modernista.

Em *Literatura Suicida*, Tristão de Athayde considerou a ruptura com os modelos artísticos europeus como um falso problema do modernismo.⁷⁸ O Brasil, em sua opinião, ainda estaria mergulhado “no caos e na desordem” dos processos artísticos, por isso não podia prescindir da importação europeia para completar seu processo de formalização. Com efeito, na sua visão, restava aos escritores brasileiros fazer uma escolha lúcida das formas europeias disponíveis, o que não era o caso da preferência manifestada por Oswald de Andrade, pelo dadaísmo francês e pelo expressionismo alemão, considerados pelo crítico *d’O Jornal* como expoentes do “modernismo destrutivo” dos europeus. Essas vanguardas, para Tristão de Athayde, pregavam à dissolução das fórmulas do século XIX e o retorno ao bárbaro e ao instintivo, e a Poesia Pau Brasil, equivocadamente, pretendia tomar um rumo semelhante, ignorando o contexto brasileiro que não sofria a mesma fadiga mental que desencadeara aqueles movimentos na Europa. Em vista deste cenário, na visão do crítico *d’O Jornal*, somente a absorção profunda do espírito clássico faria o país passar “da informalidade para a conformação estética”.⁷⁹

No artigo que publicou a favor de Oswald de Andrade em julho de 1925, Cassiano Ricardo se ateve ao tema da importação e se perguntando sobre a possibilidade ou não de caracterizar da poesia Pau Brasil como literatura importada, considerou que o poeta a estaria praticando em benefício da liberdade de criação. A partir dessa perspectiva, atualizaria o argumento muito comum desde a Semana de 1922 e bastante empregado em relação ao futurismo, que via na aproximação com as vanguardas europeias uma estratégia inicial de combate ao passadismo. Assim, muito embora o artigo *Literatura Importada*, de Cassiano Ricardo, tenha sido publicado num contexto em que a ideia de construção ganhava cada mais ênfase entre os modernistas, ainda validava a tendência destrutiva do modernismo paulista ou

⁷⁷ Cf. GUELFY, *Op. Cit.*.

⁷⁸ Tristão de Athayde. *Literatura Suicida I. Lucidez. O Jornal*, p. 4, 28 jun. 1925 e *idem. Literatura Suicida II. Atenção!! O Jornal*, p. 4, 5 jul. 1925.

⁷⁹ *Ibidem.*

de confronto à literatura acadêmica.

Na série de artigos *O individualismo dos novos*, que foi publicada em agosto do mesmo ano, Cassiano Ricardo se referiu aos comentários de Tristão de Athayde sobre a poesia modernista como sintomas do desespero da crítica tradicional, que estaria ansiosa pela uniformização dos processos e pela manutenção da sua interferência sobre o trabalho do escritor. Por outro lado, Cassiano Ricardo reiterou a ideia de que o modernismo passara para uma fase construtiva, ressaltando que esse processo precisava se efetivar por meio da contribuição individual de cada escritor. Conforme a assertiva repetida em diversas ocasiões pelos participantes do movimento verde-amarelo, o único acordo que poderia existir entre os modernistas era o de estarem todos em desacordo.⁸⁰ Depois de libertos dos processos adquiridos a partir da influência europeia, os brasileiros precisariam integrar-se ao seu próprio tempo e espaço.⁸¹

Cassiano Ricardo daria mais atenção a esse último tema no estudo *O espírito do momento e da pátria na poesia brasileira*, publicado entre 15 e 29 de setembro de 1925, onde parece propor um caminho alternativo ao de Tristão de Athayde, para o desenvolvimento de uma forma brasileira. De acordo com Cassiano Ricardo, o assunto abordado pelo escritor encontrava naturalmente o seu próprio ritmo e mesmo um tema universal precisava ser tratado a partir de um sentido brasileiro. Daí a necessidade de buscar inserir a literatura e a arte no seu próprio tempo e espaço. A aproximação entre a “alma do tempo” e a “alma do espaço”, era tida como desejável porque o tempo poderia levar ao inautêntico. Como se o espaço fosse, na opinião de Cassiano Ricardo, o responsável por conferir o peso necessário às coisas. Cassiano Ricardo sugere, ainda, uma quebra de temporalidade entre o Brasil e a Europa, percebida no estágio distinto de desenvolvimento da literatura. Assim, muito embora associado à ubiquidade e à universalidade, o tempo brasileiro seria, na sua opinião, distinto do europeu.

Os mesmos artigos de Cassiano Ricardo se referiram ao programa verde-amarelo e interpretaram a Poesia Pau Brasil como um retorno primitivista. Na visão do escritor, a modernidade exigiu o desenvolvimento de novos meios de expressão e o ritmo contemporâneo determinou que a comunicação fosse simplificada, o que culminou no aparecimento da síntese. A linguagem sintética dava conta do anseio contemporâneo por retomar a uma comunicação

⁸⁰ Ver dentre outros textos, SALGADO, Plínio. Carta Verdamelela. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão. Op. Cit.*, p. 75 e MOTTA FILHO, Candido. Brasileiros na América. *Correio Paulistano*, p. 4, 20 jan. 1927.

⁸¹ RICARDO, Cassiano. O individualismo dos novos II. *Correio Paulistano*, p. 3, 04 ago. 1925.

inicial e da busca por um tempo em que nem a vida, nem a poesia, tinham sido afetadas pelos prejuízos da inteligência. Quando, nas palavras de Cassiano Ricardo, “o homem falava uma linguagem direta, pictórica, grandemente intencional” e “não conhecia as complicações da análise lógica, nem os torneios carrancudos de Camões. Era interjectiva, rica de imagens”.⁸² Apesar disso, para Cassiano Ricardo, a linguagem sintética do primitivismo, na Europa, continuaria mediada pela inteligência. Já no Brasil, a síntese primitivista estaria em descompasso com momento brasileiro, porque aqui a poesia ainda estaria em condições de refletir “o caráter direto que une o homem à terra ou à vida na sua primeira emoção”.⁸³ Assim, temos que enquanto Tristão de Athayde questionava o primitivismo por seu ataque à inteligência, Cassiano Ricardo discordava da mesma vanguarda por não conseguir efetivamente dispensar a mediação da inteligência.

Os artigos de Tristão de Athayde, que permaneceriam por algum tempo no horizonte de publicações dos verde-amarelos, haviam situado os dois caminhos entre os quais os modernistas teriam se dividido, logo após a vitória sobre o passado. Na ala “jacobina” do modernismo, segundo Tristão de Athayde, estava Oswald de Andrade com a sua poesia inspirada nos modelos estéticos do expressionismo e do dadaísmo, justamente as formas europeias que, seja no continente europeu, seja no Brasil, conduziriam a um suicídio literário.⁸⁴ A outra ala era a dos “girondinos”, entre os quais figurava Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida, entre outros. Diferente de Oswald de Andrade, esses modernistas ainda não teriam encontrado formas que substituíssem o parnasianismo e, por isso, ainda se expressavam de um jeito informe. A simpatia do crítico estava com os últimos, aos quais procurou aconselhar sobre a necessidade de optarem pela importação de fórmulas do modernismo europeu que prezassem pela manutenção necessária da inteligência.⁸⁵

Plínio Salgado, em que pese a divergência com Tristão de Athayde quanto ao imperativo da importação de formas europeias, no texto *Arte Brasileira* se consideraria como integrante da ala girondina do modernismo.⁸⁶ Quanto à sua avaliação da obra de Oswald de Andrade, aos poucos, os seus pontos de vista foram coincidindo com os do crítico d’*O Jornal*. Se em 1925, pouco antes da publicação de *Verde e Amarelo*, Oswald de Andrade era principalmente

⁸² RICARDO, Cassiano. O espírito do momento e da pátria na poesia brasileira III. *Correio Paulistano*, p.5, 29 set. 1925.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ ATHAYDE, Tristão. *Literatura Suicida II. Op. Cit.*

⁸⁵ *Idem*. Um girondino do modernismo II. *O Jornal*, p. 4, 19 jul. 1925 e *idem*. Um girondino do modernismo I. *O Jornal*, p. 4, 12 jul. 1925.

⁸⁶ SALGADO, Plínio. *Arte Brasileira. Correio Paulistano*, p. 3, 13 set. 1925.

nomeado como um dos principais expoentes do modernismo, no final do mesmo ano era principalmente a impressão de artificialismo que pairava sobre a sua obra. Para os verde-amarcelos, no fim das contas, a Poesia Pau Brasil havia se aproximado tanto das vanguardas europeias, que se tornara incapaz de refletir à realidade brasileira. A apreciação sobre a obra de Mário de Andrade, conforme assinalada anteriormente, passaria pelo mesmo exame.

Em *Literatura Cínica*, publicado por Cassiano Ricardo em 18 de fevereiro de 1926, a rispidez dos ataques que, naquele momento, se concentravam especialmente sobre o autor do *Losango Cáqui*, já alcançariam na mesma medida a Oswald de Andrade. Sobre Tristão de Athayde, Cassiano Ricardo voltaria atrás no que havia escrito, em *Literatura Importada*. Nas palavras de Cassiano Ricardo, “hoje, seria impossível desconhecer o acerto das justas palavras com as quais o ilustre crítico d’*O Jornal* demonstrou que a literatura *dos tais futuristas* [grifo meu] era copiada; que nada tinha de original, nem de brasileiro. Apenas, em vez de literatura suicida eu proporia que as chamasse literatura cínica”.⁸⁷

1.3. Os fantasmas do modernismo

O título dessa seção remete à frase de Sérgio Buarque de Holanda: “mesmo em literatura os fantasmas já não pregam mais medo em ninguém”. No artigo de 1926, ela complementa uma passagem já citada neste capítulo: “Não se trata de combater o que já se extinguiu, e é absurdo que muitos cometem”.⁸⁸ Essa repreensão do crítico pode ter sido dirigida à retórica verde-amarela que, em 1926, depois de se desenvolver numa sequência de ataques a Oswald e Mário de Andrade, atualizaria antigas polêmicas modernistas, em torno do futurismo e da literatura acadêmica. De todo modo, nem sempre os fantasmas dos verde-amarcelos coincidiram com os de Sérgio Buarque de Holanda.

O rótulo futurista há muito era a pedra no sapato de Mário de Andrade, que chamado o “meu poeta futurista”, por Oswald de Andrade, teve de se explicar e de rejeitar muitas vezes o apelido. Mas, se Mário de Andrade teve os seus desgostos com o futurismo que lhe atribuíam, esse apelido por certo tempo fez sucesso entre os “novos de São Paulo”, até mesmo entre aqueles que no começo se mostraram reticentes à nomenclatura. Menotti Del Picchia, por exemplo, depois de admitir suas implicações com a vanguarda de Marinetti, em artigo de 1921, se mostraria à vontade com os seus conceitos, na sua conferência proferida na Semana de Arte

⁸⁷ RICARDO, Cassiano. *Literatura Cínica*. *Correio Paulistano*, p. 3, 18 fev. 1926.

⁸⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”. *Op. Cit.*, p. 225.

Moderna de 1922.⁸⁹ Por sua vez, a literatura acadêmica esteve desde o início na mira dos escritores paulistas, e esse contraponto teve momentos de ápice como os da ruptura de Graça Aranha com a Academia Brasileira de Letras, em 1924, que foi destaque no sexto número da revista *Novíssima*.⁹⁰

Cerca de dois anos depois desse episódio, a expectativa com a vinda de Filippo Tommaso Marinetti ao Brasil incrementaria a antiga polêmica a respeito das influências recebidas do futurismo italiano pelos renovadores de São Paulo. Entre os verde-amarelos, a opinião era a de que esse movimento, embora tivesse servido de inspiração em 1922, não deveria constituir uma escola entre os brasileiros. Muitos textos desse período reproduziram a imagem do Brasil como um país novo (e, portanto, sem um passado como o europeu, a ser confrontado), com o objetivo de justificar o quão absurdo seria uma adesão dogmática aos preceitos estéticos de Marinetti, uma vez que o contexto local, pelo contrário, requeria não a destruição, mas o fortalecimento das tradições.

Em 20 de janeiro de 1926, Menotti Del Picchia anunciou o “rumo definitivo” que tomaria com Plínio Salgado, Cassiano Ricardo “e outros”, partindo de um balanço sobre os avanços do modernismo nos últimos anos. Sua narrativa prévia dos antecedentes modernistas colocava a bandeira verde-amarela como herdeira da renovação literária paulista. A primeira estação dessa verdadeira via sacra que, naquele ano, se repetiu em um conjunto razoável de publicações verde-amarelas, contemplava os antecedentes da Semana de 22. Nas palavras de Menotti Del Picchia, “nós estávamos entediados do pieguismo lírico [...] e do parnasianismo [...], de todas as fórmulas lambidas e deslambidas da poesia nossa poesia arcaica [...]. Tudo visto. Nada original”.⁹¹ Já a estação seguinte remeteria aos embates dos modernistas com a literatura passadista:

[...] vieram os ultraístas do “futurismo” – cuja colaboração aceitamos, a princípio [...] e deles utilizamos o erostratismo e a violência. Atiramos essas hordas contra as muralhas helênicas da arte velha. Pura tática bélica. [...]. Foi um motim dos diabos. O povo estatelado contemplou fransido de medo o tremendo embate. Quando das fogueiras ateadas os acampamentos passadistas, somente ficaram rolos de fumaça e o alarido esparso e estridulo

⁸⁹ A aceitação do futurismo por Menotti Del Picchia pode ser acompanhada a partir de suas publicações no *Correio Paulistano* em começos da década de vinte. Esses textos foram compilados em DEL PICCHIA, Menotti. *O gedeão do modernismo: 1920-22*. Introdução, seleção e organização por Yoshie Sakiana Barrerinhas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1983. Sobre a aproximação dos modernistas com o futurismo ver FABRIS, Anateresa. *O futurismo paulista: hipótese para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil*. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

⁹⁰ SEM AUTOR. Uma sessão memorável. *Novíssima: revista de arte, literatura, sociedade e política*, jul./ago. de 1924, p. 1-4.

⁹¹ DEL PICCHIA, Menotti. Nossa Orientação. *Correio Paulistano*, p. 3, 20 jan. 1926.

de alguns ultra futuristas, imaginou-se que tudo tinha perecido. Estava de luto a cultura nacional”.⁹²

Na visão de Menotti Del Picchia, passados alguns anos desde a Semana de Arte Moderna, na estação em que os modernistas estavam era indispensável reavivar o sentido do combate do movimento, pois não pretendiam “fazer tanto ruído para acabarem acaudilhados por Cendrars, Apollinaire e Max Jacob”. Alguns dos vitoriosos teriam “objetivos certos e seguros” e, dos “escombros” da batalha contra os passadistas, vinham erguendo “uma arte genuinamente nacionalista”. Segundo Menotti Del Picchia, era o caso do livro *Epigramas Irônicos Sentimentais* (1922) de Ronald de Carvalho, do *Raça* (1925), de Guilherme de Almeida, “da obra de Schmidt, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira”, do *Borrões de Verde-Amarelo* (1925), de Cassiano Ricardo, e do *O Estrangeiro* (1926), de Plínio Salgado. Tais escritores teriam optado “pelo único e legítimo rumo” para a literatura brasileira e empenhavam-se na busca por processos de expressão capazes de traduzir, sinceramente, os temas nacionais. Menotti Del Picchia foi menos específico referir-se aos chamados de “ultra futuristas”, que ainda estariam lutando contra o passadismo com armas importadas da França e permanecendo “presidiários de um pensamento forasteiro”.⁹³ Obviamente, dado o contexto em que foi publicado esse artigo, contemporâneo à polêmica com Mário de Andrade e posterior ao debate do ano anterior, com Oswald de Andrade, está claro que Menotti Del Picchia se referia, especialmente, a esses escritores.

O artigo publicado por Cassiano Ricardo em 24 de janeiro, quatro dias depois de veiculado aquele texto de Menotti De Picchia, reforça a impressão de que uma nova contenda se agitava em torno de um suposto apego às fórmulas futuristas que, na opinião dos verde-amarelos, fariam parte do passado recente do modernismo. Em *Rumo ao Brasil*, Cassiano Ricardo considerou “retardatária e importuna” a vinda de Marinetti ao país, os mesmos adjetivos com os quais qualificaria o *Losango Caqui* de Mário de Andrade. A sua reflexão sobre o futurismo nesse texto retoma, além disso, o argumento da especificidade brasileira frente ao contexto europeu, que Cassiano Ricardo vinha elaborando desde publicações como *O espírito do momento e da pátria na poesia brasileira*. Segundo Cassiano Ricardo,

[...] o marinetismo teve um momento de glória, ninguém o nega. Cumpriu a sua missão, e passou. Isto, na Itália. Entre nós, o marinetismo não exerceu a menor influência. Nem poderia caber, dentro da nossa literatura, sem problemas culturais insolúveis, essa batalha do espírito novo contra todas as

⁹² *Ibidem*.

⁹³ *Ibidem*.

fórmulas da beleza estratificada”.⁹⁴

Esse comentário de Cassiano Ricardo, que se soma ao esforço de Menotti Del Picchia para descolar a imagem do movimento literário paulista do futurismo, enfatizava a inadequação dos vanguardismos europeus ao contexto brasileiro, considerando o contraste entre o Brasil, como um país novo, e a “velha Europa” que, segundo a metáfora que costumavam empregar, se curvava ante o peso do seu passado. Na comparação de Cassiano Ricardo, a importação de fórmulas europeias seria “uma coisa tão aberrante como a hipótese de alguém que, no limiar da formação intelectual e moral de um povo, quisesse antecipar questões de cultura, travando uma enorme batalha, puramente teatral, contra um passado que não existe”.⁹⁵ Para o poeta paulista, a Europa e o Brasil viviam temporalidades distintas. Enquanto o segundo ainda se acercava da infância e vivia sob um contexto de “alvorada esplêndida”, de uma curva ascendente repleta de possibilidades, o continente europeu sofria as consequências do acúmulo cultural e do engessamento às “fórmulas exauridas”.⁹⁶ Por isso, os movimentos futurista, dadaísta e expressionista estariam tentando um retorno, que não teria sentido em um país que havia iniciado há pouco a sua marcha própria. A premissa aqui é a de um movimento cíclico que alternava a potência de todo começo e a esterilidade do esteticismo final. Enquanto a Europa se confrontava com o seu passado, a tendência brasileira era inversa, a de mirar o futuro. O ciclo brasileiro era o de abertura e de expansão, enquanto o da Europa se fechava e intentava um recomeço. E mesmo que não fosse possível subtrair do espírito brasileiro a inquietação renovadora que se agitava na Europa, aqui ela serviria exclusivamente para desfazer os elos com a “cartilha do Velho Mundo”.⁹⁷

Ainda em *Rumo ao Brasil*, Cassiano Ricardo transcreveu um longo período de *O artista hodierno do Brasil*, artigo que Ronald de Carvalho havia publicado dois dias antes n’*O Jornal*. Entre os pontos daquele artigo que corroborariam o argumento de Cassiano Ricardo, Ronald de Carvalho reiteraria a ideia de que os sentidos de moderno e de modernismo, aplicados ao caso brasileiro, não poderiam ser delimitados pela aproximação com tendências com o cubismo, o dadaísmo e o futurismo. Para Ronald de Carvalho, aqueles termos significavam a ausência de um credo dogmático ou, recordando os argumentos que Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo empregavam para rejeitar o rótulo futurista, sugeririam a insubmissão às escolas estéticas.⁹⁸ Já

⁹⁴ RICARDO, Cassiano. Rumo ao Brasil. *Correio Paulistano*, p. 3, 24 jan. 1926.

⁹⁵ *Ibidem*.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ CARVALHO, Ronald de. O artista hodierno do Brasil. *O Jornal*, p. 1; 4, 22 jan. 1926. O entendimento de que o modernismo abarcava uma multiplicidade de projetos estéticos-políticos recorda a própria acepção que o termo

o pressuposto de que o campo de abrangência do modernismo se estenderia para além dos limites do artístico, alcançando os temas ético e político, também estaria mais bem-acabado naquele texto de Ronald de Carvalho. Sua justificativa, curiosamente, como se nota na passagem a seguir, se baseou numa longa digressão sobre o contexto italiano de Giovanni Papini.

o futurismo representou uma volta à matéria, à realidade cotidiana, ao senso bruto das coisas, que se perdera na meia tinta dos continuadores de Monet, Verlaine ou Wagner. [...] foi também um movimento político, [...] que preparou o equilíbrio da arte contemporânea, trazendo-lhe forças incontestáveis. A Itália adormecida de Carducci, [...] congelada da Academia dela Crusca, das nevroses d'annuzianas, continuadas por Benelli, da crítica empalhada de Ojetti e Dellundo, a Itália imitadora de Baudelaire e dos naturalistas; [...] dos revezes na África, [...] forçada a entrar num pacto de aliança com seus inimigos tradicionais; [...] entregue aos conservadores intolerantes e seriamente ameaçada por sucessivas crises econômicas, [...] sem carvão e sem ferro [...], estava diante desse dilema; ou reformar os processos caducos ou desaparecer tutelada pela Áustria, pela França ou pela Inglaterra. Foi nessa ocasião, isto é, nos últimos anos do século XIX, que Papini, rodeado de sua falange latina, rompeu com um apodrecido tradicionalismo, que pretendia encarnar a tradição de independência de Dante, dos Júlio II e dos Machiavel”.⁹⁹

Para Ronald de Carvalho, num sentido semelhante, os modernistas brasileiros teriam iniciado uma “reação muito complexa”, que significava a libertação das “formas estreitas” e “dos preconceitos [...] de um falso espírito inferior formado e alimentado por um diletantismo livresco, da pior espécie”.¹⁰⁰ Desse texto de Ronald de Carvalho, o trecho destacado por Cassiano Ricardo condensa a sua opinião sobre o programa modernista como tentativa de conformar o espírito brasileiro à realidade de sua época, de romper com as “artinhas poéticas”, destinadas a “uma sociedade polida pelo prazer desinteressado e pelo gozo das horas desocupadas”, com isso, disciplinando a “inteligência brasileira” pelo “estudo direto do Brasil”, do seu “material informe e desmesurado”.¹⁰¹

No mesmo texto, Ronald de Carvalho criticou o esteticismo e a imitação europeia e defendeu uma reaproximação do artista com a realidade nacional e, a exemplo de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, considerou necessário adequar a expressão artística ao ritmo da

ganharia nos países hispano-americanos. Sobre o modernismo hispano-americano ver ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. *Ensayos argentinos. De Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016 [1997]; RAMA, Angel. *Las máscaras democráticas del modernismo*. Montevideo: Fundación Angel Rama, 1985; GRAMUGLIO, María Teresa. Estudio preliminar. In: GÁLVEZ, Manuel. *El Diario de Gabriel Quiroga*, Buenos Aires, Taurus, 2001.

⁹⁹ CARVALHO, Ronald de. O artista hodierno do Brasil. *Op. Cit.*.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

¹⁰¹ *Ibidem*.

vida contemporânea, numa perspectiva ao gosto d'*A estética da vida* (1921), de Graça Aranha. Tais apropriações ficam evidentes em afirmações como a de que o “espírito (passadista) que para, fraciona artificialmente essa realidade e não cria, mas repete fórmulas sem significação”.¹⁰² Mas, também, em trechos do artigo que evocam diretamente a “metafísica brasileira” de Graça Aranha, quando Ronald de Carvalho ressalta que o brasileiro já não era o mesmo do período romântico e começava “a libertar-se do sentimento confuso que o aterrorizava e humilhava em face da Natureza”. De acordo com Ronald de Carvalho, “toda essa concepção idílica e primitiva das coisas entrou com alta percentagem para o nosso pensamento”. “Através do índio totemista, do africano fatalista e do português nostálgico”, toda a “alma brasileira” “vivia povoada de fantasmas”. Porém, segundo Ronald de Carvalho, naquele contexto, o brasileiro já não era o “filho de fazendeiro”, “habitado aos longos silêncios do sertão, testemunha dos sofrimentos de uma raça escrava, em cujo leite mamou as primeiras dúvidas”. Também não era “o produto exclusivo de caldeamentos limitados a três grupos étnicos: o índio, o luso e o africano”, pois “o italiano, o alemão, o polaco, o espanhol, o russo o levantino trouxeram outras reservas para a nossa economia”. O país havia se industrializado, principalmente, em estados como o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul e a vida brasileira se tornou “mais ativa, mais vertiginosa, mais cosmopolita, menos conservadora, em suma”.¹⁰³

O seu retrato do Brasil carregava os matizes do cosmopolitismo de algumas regiões brasileiras e estabelecia uma relação direta entre o cenário urbano e o modernismo. Cabe analisá-lo, a partir do dado de que, muitos dos escritores que se interrogavam sobre esse cenário, o faziam a partir da experiência do choque diante desse espaço, que foi muitas vezes confrontado ao interior do país. Entre os modernistas, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado eram recém-chegados do interior paulista. Para Plínio Salgado, São Paulo era a cidade brasileira que experimentava, em primeira mão, as transformações que atingiriam posteriormente as demais cidades brasileiras. Observar São Paulo era como mirar a um laboratório de onde estava emergindo a raça definitiva brasileira a partir da incorporação dos diversos elementos imigrantes.¹⁰⁴ Com efeito, a urgência desses escritores de interrogarem essa realidade, de compreendê-la e de representá-la, ainda que paralela a essa atração pelo cenário urbano, conectado a um ritmo cosmopolita, estivesse a preocupação de não perder de vista a

¹⁰² *Ibidem.*

¹⁰³ *Ibidem.*

¹⁰⁴ SALGADO, Plínio. *Arte Brasileira. Op. Cit.*

marca particular ou local.

Parece claro até aqui, que em 1926, a atração pela vanguarda italiana convivía ambigualmente com o sentido de pecha do futurismo, atribuída aos modernistas, que supostamente teriam permanecido apegados às formas europeias ou afeitos ao impulso destrutivo dos vanguardismos europeus. Essa interpretação seria bem ilustrada pelos significados que os verde-amarelos conferiram a termos como “evolução”, no sentido de formação ou crescimento, e “revolução”. O último, na maior parte das vezes, aparece com um sentido pejorativo, associado ao contexto revolucionário russo e, em *Novíssima*, “bolchevique” e “vermelho” costumavam nomear os rivais literários dos fundadores do verde-amarelismo¹⁰⁵. Já no *Correio Paulistano*, a exemplo do que acontecia com o rótulo futurista, o vício revolucionário foi frequentemente utilizado na expressão de diferenças literárias. Mas, o exemplo mais sintomático da rejeição desse sentido de revolução teria sido sintetizado por Menotti Del Picchia, num conjunto de artigos que publicou sobre o fascismo italiano, entre setembro e outubro de 1925.¹⁰⁶

Nesses textos, Menotti Del Picchia estabeleceu um paralelo entre a situação política na Itália antes e após Mussolini. O cenário político anterior foi descrito como marcado “por “guerrilhas partidárias” e uma “política teorética e verbosa”, onde se manifestavam um “anti militarismo precoce” e um “igualitarismo utópico”¹⁰⁷. Diante desse cenário, do qual se acercava a ameaça bolchevique, para Menotti Del Picchia, a ascensão de Mussolini ao poder representava a vitória do instinto coletivo conservador da ordem, da hierarquia e dos valores nacionais. Na sua opinião, o mesmo instinto que predominou na Itália, afastando a ameaça da revolução comunista, também se manifestava em outros países. Naquele país, recebeu o nome de fascismo, no Brasil, se afirmou sob o termo legalidade. Apesar dos nomes distintos que recebera, agiria sempre como uma força integradora e conservadora da obediência às leis, não se fixando em nomes ou à política partidária.¹⁰⁸ De um lado, segundo Menotti Del Picchia, estaria o fascismo como tendência apolítica e integradora e, de outro lado, o bolchevismo como tendência política e desagregadora. A comparação entre ambos, a partir da qual Menotti Del Picchia concluía pela superioridade do fascismo, se estabelecia também quanto ao ritmo que buscavam imprimir às reformas, o que remete para os sentidos de evolução e revolução. Como

¹⁰⁵ GUELFY, *Op. Cit.*, p. 58-59.

¹⁰⁶ DEL PICCHIA, Menotti. Pelo Brasil maior. *Correio Paulistano*, p.3, 27 set. 1925; *idem*. O espírito do fascismo. *Correio Paulistano*, p. 5, 30 set. 1925; *idem*. O Fascismo. *Correio Paulistano*, p.3, 07 out. 1925.

¹⁰⁷ DEL PICCHIA, Menotti. Pelo Brasil maior. *Op. Cit.*.

¹⁰⁸ *Idem*. O espírito do fascismo. *Op. Cit.*.

afirma Menotti Del Picchia,

é [o “espírito fascista”] o insone espírito de disciplina social, do respeito à lei e às autoridades, da processada seleção de valores, enfim, da consciência jurídica e moral do povo, que se manifesta em encarnações proteiformes, com rótulos diferentes, mas sempre providencial e salvadora. Contra ela nada podem as tendências confusas e irrequietas das forças excessivamente reformadoras, porque a evolução de um povo não se processa, abruptamente, nos saltos cruentos das rebeldias, mas dentro do tempo, através das vicissitudes de uma longa elaboração histórica.¹⁰⁹

Assim como o liberalismo, o comunismo foi considerado pelos verde-amarelos um dos sintomas da crise associada ao racionalismo contemporâneo, a qual o fascismo se opunha, segundo Menotti Del Picchia, estabelecendo a vitória do “instinto coletivo”. Numa analogia com a discussão sobre a arte feita pelos verde-amarelos, a legitimidade conferida a política nesse caso, da mesma maneira, pode ter dependido da sua tradução por vias distintas às da razão. Como assinala, Federico Finchelstein (2015), é essa a operação que configura o mito fascista, que se converte em fundamento principal da política. Segundo o autor, no discurso fascista, o mito se contrapõe a uma razão democrática e decadente, “todo aquello que es politicamente legítimo y soberanamente popular viene del inconsciente colectivo y no está mediado por la razón”.¹¹⁰

Todavia, o sentido ambivalente da atração pelos movimentos culturais e políticos que aconteciam paralelamente no contexto italiano se pode notar na “Crônica de Domingo”, publicada por Plínio Salgado, em 04 de dezembro de 1927. O artigo noticia o retorno do pintor paulista Hugo Adami à capital paulista, depois de uma temporada na Itália e agradece a sua mediação cultural entre os movimentos da Anta, denominação que o grupo verde-amarelo assumiria a partir de inícios de 1927, e o movimento italiano “Il Selvaggio” de Ardengo Sofici e Mino Macari. Nesse artigo, Plínio Salgado ressalta os intercâmbios entre o futurismo e o fascismo italiano e relaciona o primeiro a emergência de uma “nova consciência” e o segundo a uma “ação nova”. Ambos os movimentos teriam expressado defeitos como o sentido imperialista, o d’annuzianismo e ascendência do pensamento alemão, dos quais o recém

¹⁰⁹ DEL PICCHIA, Menotti. O espírito do fascismo. *Op. Cit.*.

¹¹⁰ FINCHELSTEIN, Federico. *El mito del fascismo: de Freud a Borges*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2015, p.15. Para o autor, esta é uma das principais diferenças entre o fascismo e a psicanálise, “la razón no juega dentro de la teoría fascista ningún rol de mediación entre el inconsciente y su exteriorización. En el psicoanálisis, el inconsciente no puede ser directamente exteriorizado, mientras que en el fascismo esta exteriorización es concebida en términos míticos. [...] Para Freud, el lenguaje, no las imágenes, ni los sentimientos, representaba la única forma posible de elaboración. El discurso proporcionaba la única aproximación racional a las profundidades del inconsciente. [...] Los procesos racionalmente conscientes, las referencias normativas e, incluso, las simples evaluaciones de posibilidades concretas constituían un problema para ellos [para os fascistas] en la medida que establecían mediaciones entre el yo interior y las concepciones políticas ultra violentas que el fascismo engendraba. *Ibidem*, p. 15-16.

fundado “Il Selvaggio” se distanciava com um sentido “mais orgânico” e uma visão mais perfeita em relação à realidade social do país”. Ainda segundo Plínio Salgado, com “uma grande intuição das verdades profundas da Pátria” e um milagre de consciência, que também seriam “os pontos de vista adotados em S. Paulo pelo chamado ‘grupo verde-amarelo’” aquele movimento italiano se irmanava com o brasileiro “pelo espírito de afirmação nacional”.¹¹¹

Esse artigo de Plínio Salgado evocava à *A anta na Itália*, uma matéria do *Correio Paulistano*, de 29 de junho de 1927, sobre uma publicação do escritor italiano Verano Magni, na revista “Il Nuovo Giornale”. O artigo daria conta da repercussão que o movimento lançado pelo grupo de Plínio Salgado teria tido na Itália, afirmando que “pela primeira vez um movimento de ideias, debatidas entre os escritores brasileiros, [era] julgado oportuno também aos velhos países da Europa”.¹¹² Segundo foi divulgado pelo *Correio Paulistano*, os escritores e artistas italianos teriam tomado “como síntese e como símbolo de todo um corpo de doutrina social e estética, o rude totem tapir, totem das raças primitivas do país”.¹¹³ O texto de Verano Magni elogiou a “intelectualidade de São Paulo”, com destaque para Plínio Salgado, e transcreveu alguns trechos do seu discurso *A Anta e o Curupira* (1926), lido durante a homenagem que recebera do *Correio Paulistano* pela publicação do romance *O Estrangeiro* (1926). Ao fim, o artigo destacou a concordância que Verano Magni emprestava ao ponto de vista de Plínio Salgado e a relação que estabelecia com o movimento cultural que acontecia concomitantemente na Itália.

A apocalíptica noite que ele [Plínio Salgado] vê ameaçar o mundo, e a arte especialmente, não é porventura o resultado do cosmopolitismo e da crítica negativista, de que resultou e resulta a escassa esperança em si mesmos, que imperou em todos nós, até aqui, e triunfava mesmo na Itália, até o advento do fascismo regenerador? De fato, o fascismo, ressurreição excelsa da nossa consciência nacional, recolocou toda a nossa energia na virtude mais íntima, primitiva, da estirpe. E não é, porventura, o movimento de “Il selvaggio” [...] que, por ora, pelo menos em teoria, representa o corolário, em arte, do teorema-fascismo, axiomáticamente já resolvido na economia? [...] Aplaudimos os brasileiros, cavalheiros da Anta, de Plínio Salgado, e os italianos marchadores “del Selvaggio”, animados por Ardengo Soffici e Mino Maccari. Eu os considero irmãos. A voz do Oeste e a voz do Sul: dois gritos distintos, mas endereçados ao mesmo eco, que responde, sonoro, de uma profunda grotta de uma selva selvagem, que é a nossa própria imutável natureza, áspera e forte, tal qual é, com todos os seus excessos e defeitos, vícios, falhas e virtudes, mas natural, nossa, profundamente, indissolúvelmente, irremediavelmente nossa, ou bela, ou rude, que a

¹¹¹ SALGADO, Plínio. Crônica de Domingo. *Correio Paulistano*, p. 2, 4 dez. 1927.

¹¹² MAGNI, Verano. *A anta na Itália*. *Correio Paulistano*, p. 2, 29 jun. 1927.

¹¹³ *Ibidem*.

reveste.¹¹⁴

Mas, retomando a citação anterior de Menotti Del Picchia e transpondo sua discussão para o âmbito da literatura, seria possível afirmar que, para os verde-amarelos, a conformação de uma estética brasileira não se beneficiaria de rebeldias ou de excessos literários, inspirados pelos vanguardismos europeus, em pé de guerra com a tradição. Por outro lado, também não deveria acontecer por meio da importação de formas europeias clássicas, como havia sugerido Tristão de Athayde. O movimento verde-amarelo apontaria uma terceira via que chegaria a ter alguns pontos de contato com ideias expressas no artigo de Sérgio Buarque de Holanda. Nas suas palavras, a afirmação de que “uma arte de expressão nacional” “não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença”.¹¹⁵ Conforme o programa do grupo, a literatura brasileira encontraria naturalmente a sua forma essencial, bastando que os escritores nacionais fossem sinceros, compreendessem e sentissem o Brasil sinceramente.¹¹⁶

As críticas que Sérgio Buarque de Holanda fez tanto aos acadêmicos modernizantes, quanto à tendência, ou ao lado do modernismo, representado por Tristão de Athayde, corroboraria essa aproximação entre o artigo de 1926 e os textos programáticos verde-amarelos. No entanto, a solução que o crítico dá ao impasse entre ordem e desordem distendeu, em grande medida, o sentido de liberdade do verde-amarelismo. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, alguns escritores acreditavam possuir a “expressão nacional”, “no cérebro tal e qual deve ser”, “dizem conhecer de cor todas as suas regiões, as suas riquezas incalculáveis e até mesmo os seus limites e nos querem oferecer essa sombra em vez da liberdade que poderíamos esperar deles”.¹¹⁷ Para a ideia de “amputação” vislumbrada aqui, pelo crítico, não faria diferença a ordem proposta por Tristão de Athayde, baseada na importação de formas europeias, e a verde-amarela, que, malgrado as indicações reiteradas em favor de um individualismo estético, acabariam confundindo o sujeito com o nacional, já previamente circunscrito na imaginação daqueles escritores.

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ HOLANDA, “O lado oposto e outros lados”. *Op. Cit.*, p. 226.

¹¹⁶ *Idem*. Arte Brasileira. In: DEL PICHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão*. *Op. Cit.*, p. 41.

¹¹⁷ HOLANDA, “O lado oposto e outros lados”. *Op. Cit.*, p. 226.

1.4. Uma vanguarda verde-amarela?

O aparecimento da chamada anti Academia Verde-Amarela foi anunciado em 25 de julho de 1926, na Crônica Social de Hélios: “fundamos, com grande pompa, discursos, numa das salas do ‘Correio Paulistano’, a ‘Academia Verde e Amarelo’. Três membros e seis cadeiras descadeiradas. Os fundadores: Plínio, Cassiano e eu”.¹¹⁸ Segundo Menotti Del Picchia, tudo teria transcorrido sem a necessidade de um rito formal: “Não houve assistência, nem vestimos fardão-rabo-de papagaio. Em compensação Plínio fumou, durante a sessão solene de instalação, doze cigarros e eu trinta. Cassiano bebeu três xícaras de café”. Contrastando com a espontaneidade do evento, a escolha do local não teria sido fortuita. A redação do *Correio Paulistano*, nas palavras do cronista, irradiava o “Pensamento Novo no país”, acolhendo inclusive “alguns ingratos-futuristas-terra-roxa”. O alvo da indireta era Oswald de Andrade.

A crítica mais explícita do texto de Hélios foi dirigida à Academia Brasileira de Letras, especificamente, para dois de seus membros recém-empossados, o filólogo Laudelino Freire, que recebeu o apelido de “mecânico da gramática” e o médico Fernando Magalhães, chamado de “cirurgião parteiro”. Em referência a ambos, Hélios afirmava que a “Academia Verde-Amarelo” dispensava “parafusos pronominais”, “‘fórceps’ e cesarianas para a sua literatura”. Seus membros eram “três bárbaros, nacionalistas, [...] integrados ao Brasil novo e numa grande ojeriza à literatura velha”. O que eles pretendiam era plantar “cafezais líricos e algodão épico para a glória do Brasil e varas de marmelo para a corja infeccionada de “sonetococus”.¹¹⁹

Termos do vocabulário médico foram empregados com sarcasmo pelo escritor. O cronista comenta, por exemplo, que após saber da entrada de um “parteiro” no “grêmio apolínio”, onde já se encontrava um “especialista em moléculas nervosas”, Amadeu Amaral teria consultado a “vários clínicos para saber como poderá ‘desimortalizar-se’. E que a Academia “do Rio”, para se adaptar aos seus novos tempos, substituiria Minerva “por um pote de unguento mercurial”. A partir de então, da sua “austera farmácia literária”, saíam, no lugar dos poemas, “receitas”, “purgantes e Cataplasmas”. Dando a dimensão do contraste entre as duas agremiações literárias, Menotti Del Picchia assinala que enquanto “os magnatas oficiais do Silogeu carioca se [chamavam] de gênios em discursos relatórios sobre o prolapso do queixo

¹¹⁸ HÉLIOS. Crônica Social: Ahi que’ras! *Correio Paulistano*, p.4, 25 jul. 1926.

¹¹⁹ *Ibidem*. O trecho recorda a abertura do manifesto futurista de 1909: “Ficamos a noite inteira, meus amigos e eu, sob lâmpadas de mesquita com domos de bronze filigranado, domos cintilantes como eles brilhando como eles com radiância aprisionada de corações elétricos. Durante horas estragamos o nosso tédio atávico em ricos tapetes orientais, discutindo até os últimos confins da lógica e enegrecendo muitas resmas de papel com frenéticas escrevinhações” *apud* PERLOFF, Marjorie. *O momento futurista. Avant-Garde, Avant-Guerre, e a linguagem da ruptura*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora da USP, 1993, p.161.

e da septicemia” [sic], os membros da “Academia Verde-Amarelo” se ocupavam do Brasil, de “suas plantas, seus animais, seus caboclos e seus heróis, com a língua nativa”.¹²⁰

A implicância com os acadêmicos e, em especial, com os médicos e cientistas que participavam dos pleitos e ingressavam na Academia Brasileira de Letras, se tratava de mais capítulo de uma velha polêmica na qual Menotti Del Picchia, em particular, se envolvera em mais de uma ocasião. Para Dominichi Miranda de Sá (2006), a perplexidade com que a imprensa costumava noticiar essas escolhas do grêmio literário, tanto refletia os primórdios da especialização entre literatura e ciência, quanto contribuiu para reforçar os critérios de sua separação.¹²¹ Na escrita verde-amarela, conforme foi destacado anteriormente, as metáforas científicas foram frequentemente empregadas contra uma literatura que entediava estar engessada por arcaísmos ou por rígidos processos formais. Parte das críticas que os verde-amarelos destinaram a Oswald de Andrade, investiram nessa fórmula. Em tais casos, o artificialismo foi a régua de comparação entre literatura e ciência. Mas as referências a esta última também corresponderam a uma tentativa de preservação das prerrogativas da arte frente à concorrência dos cientistas no campo intelectual.

Dias depois, em 27 de julho de 1926, foi publicada no *Correio Paulistano* a carta aberta onde Plínio Salgado apoiava a iniciativa de Menotti Del Picchia de criar uma nova agremiação literária. Na carta, Plínio Salgado reiterava os seus ataques à Academia Brasileira de Letras e incluía entre os seus alvos a Mário de Andrade e os colaboradores da revista *Terra Roxa...*: “Terra Roxa: – projetozinho de academia, com discussões e experiências. Um Mario Guassu emperebado de Mários-Mirins. Academia: - ênclise, próclise, mesóclise”.¹²² A liberdade do artista frente às escolas estéticas, a ruptura com as vanguardas estrangeiras e o interesse pelo Brasil foram endossados no texto de Plínio Salgado. Corroborando a perspectiva apresentada na crônica anterior de Hélios, o escritor comenta ainda que a Academia Verde e Amarelo, muito embora fosse uma iniciativa séria, era, ao mesmo tempo, muito simples e não surgia “barriguda de importância”. A exemplo do que historicamente se passava na fundação das cidades brasileira, o seu aparecimento ocorreu sem a necessidade de discussões, o lema de sua literatura era “fazer, fazendo”, sem a necessidade de experimentar os “processos de Soffici”, as “regras

¹²⁰ HÉLIOS. Crônica Social: Ahi que’ras! *Op. Cit.*

¹²¹ SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p.145.

¹²² SALGADO, Plínio. Academia Verde e Amarelo. *Correio Paulistano*, p. 3, 27 jul. 1926. Naquele contexto, posterior à divulgação da resenha de Menotti Del Picchia, na revista *Terra Roxa e outras Terras* (1926), o mesmo periódico estampou uma série de críticas a participantes do verde-amarelismo.

de Marinetti”, o “sistema de Max Jacob”, as “sugestões de Cendras”.¹²³

Já Cassiano Ricardo tornaria pública a sua adesão à Academia Verde-Amarelo, em 31 de julho de 1926. Nas suas palavras: “a fundação da ‘Academia Verde e Amarelo’ é obra genial de Menotti Del Picchia, a que Plínio Salgado e eu emprestamos, sem a menor discrepância, a nossa solidariedade intelectual”.¹²⁴ Em relação aos textos anteriores, o de Cassiano Ricardo era mais programático e buscava localizar o grupo recém-criado frente aos debates da época. Segundo o escritor, de um lado estavam “os meninos da Terra Roxa, bem instalados na vida, falando corretamente o francês e que descobriram o nosso país na Europa”. De outro lado, estava “o peso morto do passadismo retranca, de que o órgão dos democráticos e da defunta ortografia fonética se fez o maior vacalhouto”. O credo verde-amarelista, por sua vez, consistiria numa terceira via comprometida com a “renovação brasileira”:

nossa flâmula [...] é a fundação de uma literatura nossa, com laivos de gleba diretamente observada e sentida. O homem moderno, que rasga estradas em todas as direções. Manchas de sol e de vida [sic] Borrões de azul e de terra. Língua nativa, cheia de orvalho e de argila amorosa. Uma paisagem nova, de muitas cores, enxadrezada de ruas e de viadutos, como uma cidade babélica e iluminada. Homens de todos os países, falando um idioma vivo, cheio de sangue e de cor. Uma cruzada panorâmica.¹²⁵

Além de Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia, outros escritores paulistas fariam parte da vertente literária verde-amarela como, por exemplo, o poeta gaúcho Raul Bopp, que posteriormente integraria o movimento antropofágico lançado por Oswald de Andrade. Sua “eleição” para a Academia Verde-Amarela foi anunciada por Menotti Del Picchia, em 26 de agosto de 1926.¹²⁶ Já a aproximação de Candido Motta Filho com os fundadores do verde-amarelismo vinha de longa data e foi mais duradoura. Antes da criação do grupo verde-amarelo, Candido Motta Filho foi colaborador na *Novíssima* e seu primeiro livro, *Introdução ao Estudo do Pensamento Nacional* (1926), integrou o catálogo da editora

¹²³ *Ibidem*. Sobre o tema das cidades, Plínio Salgado chegou a publicar o livro *Como nasceram as cidades do Brasil* (1939).

¹²⁴ RICARDO, Cassiano. Verdamearelismo. *Correio Paulistano*, p. 3, 31 jul. 1926.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ Na *Crônica Social* de 26 de agosto de 1926, Hélios comunicou o ingresso de Raul Bopp na Academia Verde-Amarelo: “Quatro membros tem hoje a Academia ‘Verde e Amarelo’. Foi ontem recebido e sagrado seu membro Raul Bopp. [...] Plínio não estava. O cerimonial foi vertiginoso como uma boda ou uma encomendação. Num tris eu e Cassiano verdeamarelamos Raul Bopp, artista de nome forasteiro, de raça teutônica, mas brasileiro dos pés à cabeça, até no caboclisto das suas formas expressionais. Raros sentem, como ele, a alma da terra nossa e o espírito da nossa gente. Raul Bopp, acadêmico, é livre como uma flecha disparada de um arco. Pode nunca mais voltar a Academia, nunca se referir a ela. Está definitivamente verdeamarelado. O patrono da sua cadeira é o Boitatá. O do Cassiano o Caapora, porque sua musa é silvestre e se alimenta de papagaios e jaboticabas. Plínio tem por patrono a mula sem cabeça e eu o Sacy...”. Ver HÉLIOS. Sessão Solene e Histórica. *Correio Paulistano*, p. 4, 26 ago. 1926.

administrada por Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo.¹²⁷ Apesar da sua participação naquele movimento não ter sido oficializada da mesma maneira como foi a de Raul Bopp, o crítico literário do *Correio Paulistano* foi assíduo nos debates literários do grupo literário até fins da década de vinte. Por fim, completam a lista dos escritores que orbitaram as discussões do verde-amarelismo, os nomes de Genolino Amado, de Alarico da Silveira e do historiador Alfredo Ellis Junior, que assinaria o último manifesto do grupo literário paulista, em 1929.

O inventário dos temas verde-amarelos feito até aqui contempla às críticas de Sérgio Buarque de Holanda, aos que continuavam combatendo um passadismo que havia se extinguido. Ao mesmo tempo, o mesmo repertório poderia ser interpretado a partir das reflexões de Matei Calinescu (1999) sobre o *kitsch*. Como ressalta esse autor, “o artista *kitsch* mima a vanguarda apenas na medida em que as inconveniências desta provaram ter sucesso e foram largamente aceites ou mesmo transformadas em estereótipos”, “usa os métodos da vanguarda para finalidades do que poderíamos designar por ‘publicidade estética’” e confere maior ênfase numa “mensagem puramente ideológica”.¹²⁸ Todavia, no caso de se apostar numa aproximação do verde-amarelismo com o fenômeno *kitsch*, caberia ainda ressaltar os possíveis usos do *kitsch* pelos vanguardistas e dos modelos da vanguarda pelo *kitsch*, como sugere Matei Calinescu.¹²⁹

A aproximação anterior parece interessante pela alusão aos desdobramentos políticos do verde-amarelismo, cujas pistas estariam tanto nas leituras do fascismo italiano, feitas por Menotti Del Picchia, quanto na rivalidade entre os verde-amarelos e os membros do Partido Democrático Paulista, que se acirraria a partir de 1926. Mas, sobretudo, também pela impressão que paira das discussões modernistas, interpretadas a partir desse foco sobre o movimento verde-amarelo, que, na expressão de Marshall Berman (2007), poderia ser traduzida pela ideia de um achatamento do “caminho largo e aberto” que o movimento literário paulista teria trilhado anteriormente.¹³⁰ A respeito disso, a diferença entre o autoritarismo de Saint-Simon e o libertarianismo de Shelley, conforme assinalada por Matei Calinescu, confirmaria a impressão de Marshall Berman, sobre as rígidas polarizações das vanguardas no século XX. Segundo

¹²⁷ A chamada “Biblioteca Verdamarela” publicou poemas dos fundadores do movimento verde-amarelo, *Borrões de Verde e Amarelo* (1925) e *Vamos caçar papagaios* (1926), de Cassiano Ricardo, *Chuva de Pedra* (1925), de Menotti Del Picchia, *Discurso às estrelas* (1925), de Plínio Salgado, alguns discursos políticos de Menotti Del Picchia denominados *Por amor do Brasil* (1927), o livro de Candido Motta Filho mencionado anteriormente e *Raça de Gigantes* (1926), do historiador Alfredo Ellis Junior.

¹²⁸ CALINESCU, *Op. Cit.*, p. 206.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 206.

¹³⁰ BERMAN, Marshal. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 12.

Matei Calinescu, Shelley e Saint-Simon compartilharam da crença numa missão do artista, enquanto arauto do futuro. Porém, em Saint-Simon, aquela prerrogativa do artista estaria condicionada à prescrição de um programa a ser cumprido pela imaginação, ou seja, a imaginação ganharia impulso a partir de uma ideia geral. Em Shelley, a ideia era a de que o artista poderia cumprir aquela missão “mais naturalmente, até inconscientemente, através do poder imaginativo não governado pela razão, mas, por inspiração espontânea”.¹³¹

Voltando ao modernismo paulista, a partir de meados da década de 1920, as adesões às “ideologias construtivas” teriam sido de tão larga margem, que poderiam confirmar o pressuposto de que essa tendência, tanto quanto a destrutiva, teria feito parte da dinâmica das vanguardas.¹³² Nesse sentido, o artigo de Sérgio Buarque de Holanda estaria remando na contramão, se considerou o construtivismo um sintoma da atrofia do movimento literário paulista, apesar de a sua percepção corroborar à narrativa clássica sobre os movimentos de vanguarda, como impulsos negativos, de destruição e de enfrentamento das instituições tradicionais da arte. A partir desse ângulo, o aparecimento do movimento verde-amarelo coincidiria com o desaparecimento do ímpeto vanguardista do modernismo de São Paulo e os verde-amarelos estariam no lugar onde Sérgio Buarque de Holanda situa os “acadêmicos modernizantes”: “positivamente *do lado oposto*”, ainda que fizessem todo o possível para sentirem um pouco da “inquietação da gente de vanguarda”.¹³³

Mas os textos verde-amarelos e *O lado oposto e outros lados* ainda poderiam ser lidos como retratos distintos de uma suposta decadência do modernismo. No artigo de Sérgio Buarque de Holanda, o que traduz essa sensação é a liberdade que os escritores modernistas haviam deixado para trás, ao ingressarem nessa fase mais sisuda do movimento, que exigiria algumas responsabilidades antes dispensáveis e até mesmo prejudiciais. E esse peso foi expresso por Mário de Andrade, na sua entrevista concedida para o mês futurista, na mesma época em que os verde-amarelos passariam a cobrar dele e de Oswald de Andrade uma “afirmação nacional”. Já a premissa verde-amarela, era a de que os modernistas precisavam abandonar os artifícios com os quais haviam superado o passadismo, se afastarem dos preceitos vanguardistas europeus e mergulharem na realidade brasileira. Liberdade, para esses escritores, não poderia ser confundida com anarquia e implicava em construir a partir de um plano, nacionalista.

¹³¹ CALINESCU, *Op. Cit.*, p. 99.

¹³² O que reitera a indicação de Adrián Gorelik no livro *Das vanguardas à Brasília. Op. Cit.*.

¹³³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”. *Op. Cit.*, p. 225.

Sérgio Buarque de Holanda parece ter estado um passo adiante, quando aponta a ameaça de que esse plano, a reboque de toda construção, colocasse limites ao “nosso estouvamento de povo moço e sem juízo”.¹³⁴ Melhor mesmo era deixar que a “expressão nacional” se conformasse, naturalmente, menos pela interferência da “nossa vontade” do que pela “nossa indiferença”. Esse argumento do crítico, a princípio, desacredita tal preocupação com a forma, tanto quanto os verde-amarelos, mas essa impressão se desfaz nos elogios que Sérgio Buarque de Holanda fez a Oswald de Andrade, mencionado como “um dos sujeitos mais extraordinários do modernismo brasileiro”. Além de redundante, lembrar aqui que o crítico o colocaria junto de outros escritores, Prudente de Moraes Neto, Couto de Barros e Antônio Alcântara Machado que, nas suas palavras, representariam “o ponto de resistência necessário, indispensável, contra as ideologias do construtivismo”,¹³⁵ apenas desviaria a nossa atenção da opção do crítico modernista pela continuidade do impulso vanguardista do modernismo como o inverso daquelas ideologias.

A ideia de que trabalhar conforme esquemas “premeditados” prejudicava a marcha natural de um “país novo”, foi expressa de diversas maneiras e em distintos contextos, também pelos verde-amarelos. No entanto, as implicações disso previstas por Sérgio Buarque de Holanda dificilmente seriam assumidas por aqueles escritores, preocupados com os excessos de rebeldias dos modernistas. No programa verde-amarelo essa liberdade não resistiria ao idealismo e às censuras que foram distribuídas aos demais modernistas, que não se cansavam de experimentar e resistiam em coordenar forças em torno da construção. Já o crítico modernista, no seu artigo de 1926, insistiria que num país sem tradições como o Brasil, “todas as experiências [teriam] uma razão de ser” e “uma expressão artística livre de compromissos não [seria] uma ousadia inqualificável”.¹³⁶

Apesar de a mesma imagem de um país novo e sem tradições também ter sido recorrente nas publicações verde-amarelas, aqueles escritores trabalhariam com a ideia de uma estética que correspondesse à nacionalidade. Ao basearem seus discursos nessa premissa, se afastariam daquela concessão libertadora de Sérgio Buarque de Holanda e, como será abordado nos capítulos seguintes, defenderiam uma arte nacional sincera. A demanda pela sinceridade daria um tom particular à intenção de aproximação entre arte e vida, reiterada por aqueles escritores, e ao sentido político assumindo pelo verde-amarelismo, que tomaria a estética como ordenadora

¹³⁴ *Ibidem*, p. 226.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 227.

¹³⁶ *Ibidem*.

das arestas e dos elementos dispersos e contraditórios da cultura. Além disso, a partir do mesmo anseio por uma expressão sincera da nacionalidade, seria possível fazer uma leitura acerca das tensões do verde-amarelismo com os discursos científicos, que estiveram permeadas por contrapontos e aproximações.

Capítulo 2

Arte, literatura e ciência

Num estudo que é hoje uma das referências mais importantes sobre o modernismo brasileiro, publicado pela primeira vez em 1978 e reeditado em 2016, Eduardo Jardim caracterizou duas vertentes do movimento literário paulista dos anos vinte. Uma das vertentes teve em Mário de Andrade o seu principal representante e procurava acercar-se da brasilidade a partir do inventário e estudo das tradições culturais do país. A outra englobaria os projetos literários de Oswald de Andrade e do verde-amarelismo. Para esse segundo grupo de escritores, a intuição consistia no caminho mais imediato para a apreensão da realidade brasileira e dispensaria “as vias mais abstratas dos saberes analíticos”,¹ o que denotava certo antagonismo aos métodos da ciência.

Dizem respeito a esta perspectiva, algumas coincidências entre os textos de Oswald de Andrade e dos participantes do movimento verde-amarelo, conforme notadas no capítulo anterior, que se circunscrevem em torno da oposição ao “lado doutor” do brasileiro. Apesar das polémicas que protagonizaram, sobressai dos seus discursos um entendimento comum de que a erudição se colocava como entrave à tradução da brasilidade, impedia de trazer à tona o subconsciente nacional ou ainda, para usar outra expressão usual no vocabulário desses modernistas, dificultava à apreensão da “alma brasileira”. Eduardo Jardim aproxima esse ponto de vista a duas noções presentes n’*A estética da vida* (1921), do escritor Graça Aranha, a de “integração do eu ao cosmos” e a da “intuição estética do todo” como forma de apreensão da realidade, compreendidas numa filosofia monista. Conforme destaca Eduardo Jardim, ambas as categorias teriam sido importantes para o modernismo, principalmente a partir de 1924, quando o nacionalismo se tornou a tônica dos debates literários, ao passo que o escritor maranhense assumiria uma posição cada vez mais marginal ao grupo dos organizadores da Semana de

¹ JARDIM, Eduardo. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Ponteio, 2016, p. 92.

1922.²

De toda maneira, os discursos de Oswald de Andrade e dos verde-amarelos, ainda que afinados no privilégio da intuição como via de conhecimento da nacionalidade e de integração à realidade brasileira, foram recebidos distintamente por seus pares. Para Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), assim como para os verde-amarelos, o autor da poesia Pau Brasil encarnava a imagem do poeta erudito e cosmopolita. Toda a sua revolta contra a sabença foi considerada um blefe. Mário de Andrade pode ter destacado coisa semelhante ao notar a inconsistência do primitivismo pregado por Oswald de Andrade.³ A aproximação com os movimentos literários europeus não raro foi compreendida pelos modernistas como o estabelecimento de um programa ou com a prescrição de uma fórmula asfixiante para a literatura brasileira. Num texto sobre o *Falação*, espécie de resumo do manifesto Pau Brasil que abre o livro de poemas de Oswald de Andrade, com título homônimo, Mário de Andrade deu seu aceite àquele nome, mas com a seguinte ponderação: “não obriga ninguém a responder à chamada matutina. Pode-se manobrar longe do quartel”.⁴ A opinião de Mário de Andrade era a de que o manifesto de Pau Brasil não oferecia nenhum prejuízo à liberdade da pesquisa estética.

Em contrapartida, quando foi associada aos verde-amarelos a marca intuitiva teria sido motivo de controvérsias ainda maiores. Mirando de certo modo esse assunto, Mário de Andrade foi coerente às suas repreensões anteriores ao manifesto da Poesia Pau Brasil, mas subiria o tom ao notar os limites daquela perspectiva, na resposta que deu à resenha de Menotti Del Picchia ao *Losango Cáqui*. Já Sérgio Buarque de Holanda canalizou a sua implicância contra o intelectualismo de Mário de Andrade e contra as suas supostas coincidências com Tristão de Athayde. No fim das contas ficou do lado de Oswald de Andrade, e sobre os verde-amarelos preferiu o “silêncio” entrecortado por indiretas. Esses juízos demonstram que os escritores não foram considerados no mesmo plano e tanto a Mário de Andrade como a Sergio Buarque de Holanda a poesia de Oswald de Andrade sugeriu um caminho mais aberto.

Essas são nuances importantes porque, como assinala Eduardo Jardim, a intuição “foi identificada a uma forma de ‘senso divinatório’ atribuído a personalidades especiais”. Isso denotaria um “componente político autoritário”, porque “aqueles que fossem dotados dessa faculdade, sendo capazes de adivinhar o destino do país, também poderiam reivindicar para si

² *Ibidem*, p. 64.

³ *Ibidem*, p. 72.

⁴ Trecho de Mário de Andrade citado por Eduardo Jardim. *Ibidem*, p. 71.

o papel de chefe ou de enviado”.⁵ N’*O lado oposto e outros lados*, ao se referir aos chamados acadêmicos modernizantes e a Tristão de Athayde, Sérgio Buarque de Holanda teria prevenido sobre esse caminho perigoso. Como destacaria o crítico modernista: “o que idealizam, em suma, é a criação de uma elite de homens inteligentes e sábios [...] que esteja de qualquer modo à altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem, uma experiência que estrangulem de vez o nosso maldito estouvamento de povo moço e sem juízo”.⁶

Mas, como não se pode deixar de observar, o texto de Sergio Buarque de Holanda dá a entender que a tentação autoritária não era exclusiva de uma vertente do movimento literário paulista, uma vez que Sergio Buarque de Holanda se refere de modo explícito ao crítico do modernismo, Alceu Amoroso Lima, e também aproxima Mário de Andrade a esse autor, filiando-os a categoria do construtivismo. Esse é um ponto em relação ao qual a historiografia do modernismo parece ter se distanciado da interpretação de Sérgio Buarque de Holanda, diferentemente da acolhida que possa ter dado à relação por ele apontada o construtivismo e o arrefecimento da rebeldia vanguardista do modernismo. Com efeito, atualmente, como nota Daniel Barbosa Andrade de Faria (2004), a existência de uma única opção autoritária no modernismo, a vertente verde-amarela, constituiria uma tese assentada em estudos sobre o movimento literário paulista dos anos 1920 desenvolvidos na década de 1980 como, por exemplo, nos de Antonio Arnoni Prado (1983) e Monica Pimenta Velloso (1983).⁷

Outro ingrediente da comparação entre os grupos de Oswald de Andrade e de Plínio Salgado está relacionado aos seus discursos, que se estabeleceram em bases conceituais semelhantes, porém conceberam a integração de forma diferente e, por essa razão, foram comumente interpretados como vertentes opostas, segundo Eduardo Jardim.⁸ Para esse autor, do ponto de vista da antropofagia, “a integração é violenta e exige o ataque ao colonizador”, já

⁵ *Ibidem*, p. 92-93. Como lembra Eduardo Jardim, o termo “enviado” recorda o título de um dos livros de Plínio Salgado. O autor se refere possivelmente ao *O esperado* (1931).

⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”. In. *O Espírito e a Letra. Estudos de Crítica Literária I. 1902-1947*. Organização, Introdução e Notas de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 226.

⁷ Segundo o Daniel Barbosa Andrade de Faria, “os efeitos dessa ideia aparecem com nitidez em obras como as de Antonio Arnoni Prado e Monica Pimenta Velloso”. Prado “explicita seus pressupostos ao nomear os ‘modernistas’ desviantes como falsa vanguarda, conservadores infiltrados naquilo que corresponderia a uma verdadeira vanguarda, concedendo assim uma diferença de estatuto ontológico inaceitável do ponto de vista teórico (o que seria um acontecimento ‘falso’?) a uma tentativa de delimitação do campo político”. Velloso, por sua vez, “lança sobre os verde-amarelos o epíteto de ‘regionalistas’ [...], após demonstrar que no ‘modernismo’, busca da autenticidade nacional, era incompatível com o regionalismo” [e] “peca por não atentar para os laços políticos estabelecidos entre ‘modernistas’ verdadeiros e falsos, e setores da elite política paulista”. FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. *O mito modernista*. 297 f. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004, p. 15-16.

⁸ JARDIM, *Op. Cit.*, p. 106.

para o grupo verde-amarelo, “ela é sempre pacífica”.⁹ A primeira perspectiva considera que “o índio devorou o colonizador e aproveitou os elementos úteis da civilização invasora”, a segunda que “o índio foi destruído pelo colonizador, mas se mantém vivo na alma brasileira”.¹⁰ De fato, as primeiras versões dessa concepção apareceriam no debate verde-amarelo, desenvolvido no *Correio Paulistano*, em começos de 1927, sobre a escolha da Anta como totem brasileiro. Mas, a sua versão mais acabada encontramos no artigo *O atual momento literário*, publicado no mesmo jornal, em 17 de maio de 1929. Trata-se do mesmo texto que ficou conhecido como o *Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo*, talvez o mais célebre dentre os que foram publicados pelo grupo de Plínio Salgado. Dele destacamos o trecho a seguir:

os tupis desceram para serem absorvidos. Para se diluírem no sangue da gente nova. Para viverem subjetivamente e transformarem numa prodigiosa força a bondade do brasileiro e o seu grande senso de humanidade. Seu totem não é carnívoro: Anta. É este animal que abre caminhos [...]. O português julgou que o tupi deixaria de existir [...] [mas] o tupi venceu dentro da alma e do sangue português.¹¹

A partir das ideias expressas nesse trecho o manifesto estabelece as bases da nacionalidade, assinalando a ausência de preconceitos e a bondade como traços do caráter brasileiro. O mesmo texto anteciparia posturas políticas de alguns dos nomes que o subscreveram,¹² além de conceitos que seriam aperfeiçoados em publicações posteriores, como

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*, p. 125. Para um contraponto a essa perspectiva são interessantes as observações de Randal Johnson (1988): “Plínio may well have been the first modernist to propose antropofagia when, in February 1927, he countered Oswald’s criticism of Anta”. O mesmo autor afirma também que “references to canibalismo are fairly common in Verde-Amarelo’s discourse in 1927. Seu argumento está baseado em duas passagens, respectivamente, da “Carta Antropófaga” que Plínio Salgado publicou na Crônica Social de Hélios, em 18 de fevereiro de 1927 e do texto “Caapora” publicado por Menotti Picchia, no mesmo espaço do *Correio Paulistano*, em 12 fevereiro. Para o autor, “these two passages clearly anticipate the rhetoric of Oswald’s Revista de Antropofagia, which appeared in May 1928”. JOHNSON, Randal. Notes On A Conservative Vanguard: The Case of Verde-Amarelo/Anta. *Hispanic Studies Series*, v. 4, 1988, p. 33-34. Segundo o texto da “Carta Antropófaga” mencionada por Randal Johnson: “João Miramar, martim-pescador do peixe-bacarats de fauna transatlântica, nunca poderá compreender a ação da Anta. Toma-a como símbolo, como base de uma estética nova, como figura mitológica, quando se trata apenas de uma senha, pela qual recebemos, nós os selvagens, a ordem de furar a pança e fazer churrasco das figurinhas ridículas do “boulevard”, que hão de terminar no nosso espeto, reviradas no brasido e papadas com paçoca e cauim, segundo os métodos sapientes da velha culinária – agora mais do que nunca novíssima – dos devoradores do bispo Sardinha. [...] Ora, o que eu prego é justamente a antropofagia, a comilança de tudo o que estiver ridículo diante da nossa bárbara natureza. Tenho fome de franceses! Queremos assar todos os filósofos e fazer pirão de todos esses sujeitos que nos vêm cá aborrecer com o seu “n’est pas moderne”. [...] V. meu caro Hélios, que é um batuta nesta pajelança mortífera, pregue a Anta em cima desses cidadãos, mate os Drebreys e os Jean de Lery, que já locupletamos com o serviço deles e, como bons selvagens americanos, devemos pagar-lhes com uma boa tacapaga, ou roendo-lhes nas canelas, que devem ser gostosas”. SALGADO, Plínio *apud* HÉLIOS. Crônica Social: Carta Antropófaga. *Correio Paulistano*, p. 7, 18 fev. 1927.

¹¹ DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio; MOTTA FILHO, Candido; ELLIS, Alfredo. O atual momento literário. *Correio Paulistano*, p. 4, 17 mai. 1929. O texto foi reunido em SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 181-185.

¹² Na década seguinte, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo atuaram em órgãos estatais durante o Estado Novo.

é o caso de *Marcha para Oeste* (1940), de Cassiano Ricardo. O escritor desenvolveria nessa obra, especialmente em capítulos que trataram da constituição racial, da estrutura hierárquica e do funcionamento das bandeiras paulistas, uma noção de democracia orgânica que procurou contrapor ao conceito liberal de democracia, tomado por um modelo artificial e, portanto, inadequado ao país.

Por outro lado, de trechos como o da citação anterior também derivaram apontamentos sobre o quão pouco sofisticado era o discurso do grupo literário relacionado ao tema nacional. Assim, é ponto fechado que produziram uma literatura simplória, organizada em torno da nota essencialista, que não teria problematizado o nacionalismo, com olhos para as tensões e as diversas variáveis e camadas do tema, ao contrário do que teria feito outras versões modernistas, como as de Oswald de Andrade e de Mário de Andrade. Tais assertivas terminaram fixando alguns parâmetros de abordagem do repertório verde-amarelo. Por isso, ainda é o caso de considerar até que ponto as narrativas sobre o movimento não circundaram de muito perto a perspectiva antropofágica a respeito do grupo de Plínio Salgado que, como destaca Eduardo Jardim, caracterizou o seu indianismo como de fachada, anedótico e importado.¹³ O problema não estaria em confirmar essa interpretação, mas nas perdas que a exclusiva reiteração dessa imagem, agravada pelo constrangimento que advém de suas posturas ideológicas, conforme notado por Antonio Candido (2001),¹⁴ implica nos estudos sobre a vertente verde-amarela ou na carência deles, com consequências ao próprio entendimento do modernismo.

Passados quase quarenta anos da sua publicação, *A brasilidade modernista...* ainda chama a atenção por sua abordagem do modernismo, que revisita a aspectos centrais da obra de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, se acerca dos participantes da chamada vertente verde-amarela e recupera a importância de Graça Aranha, sem tomar esses últimos como escritores à

Menotti Del Picchia foi chefe no Departamento de Imprensa e Propaganda, em São Paulo. Cassiano Ricardo do Departamento Nacional de Propaganda, no Rio de Janeiro. Candido Motta Filho sucedeu a Cassiano Ricardo nesse órgão. Plínio Salgado fundou a Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1932. E, numa trilha distinta, Alfredo Ellis Junior, após sua participação na Revolução de 1932, teria se dedicado especialmente à docência, como titular da cadeira de História da Civilização Brasileira, da Universidade de São Paulo, a partir de 1938. A atuação de Cassiano Ricardo como ideólogo do Estado-Novo foi estudada por VELLOSO (1983). *Op. Cit.*. Sobre as trajetórias de Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia CAMPOS, Maria José. *Versões modernistas da democracia racial em movimento. Estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945*. 368f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Sobre a trajetória de Alfredo Ellis Junior ROIZ, Diogo da Silva. *A dialética entre o intelectual-letrado e o "letrado-intelectual": projetos e debates na escrita da história de Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959)*. 342f. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

¹³ JARDIM, *Op. Cit.*, p. 122.

¹⁴ Antonio Candido. Prefácio. In: MOREIRA, Luiza Franco. *Meninos, Poetas e Heróis. Aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 16.

margem da renovação literária paulista dos anos vinte. Mas o livro também constitui uma referência fundamental, pelos caminhos que sugere para o estudo do modernismo brasileiro, dentre os quais os diálogos do modernismo com uma tradição literária brasileira e a relação entre a literatura e as ciências sociais, que seria na sequência privilegiada pelo próprio Eduardo Jardim, na pesquisa que resultou em sua tese de doutorado, *A constituição da ideia de modernidade no modernismo brasileiro*, defendida em 1983.¹⁵

Este capítulo dialoga com a perspectiva sugerida por Eduardo Jardim, ao focalizar a aproximação do verde-amarelismo com as ciências, problematizando o seu distanciamento do ponto de vista analítico. Mas procura também ressaltar a atração que a pesquisa sistemática pode ter chegado a exercer sobre os verde-amarelos.¹⁶ Com efeito, analisa o discurso daqueles escritores tendo em conta o seu diálogo com uma tradição intelectual de fins do século XIX, que consideraria excessivo o valor conferido à inteligência, em detrimento da participação do sentimento e da intuição nos processos do conhecimento. Como destacariam os verde-amarelos, o primitivismo e a linguagem sintética das vanguardas europeias, teriam buscado enfrentar a primazia do intelectualismo, o aprisionamento da literatura às fórmulas estéticas e fazer um “retorno” a processos anteriores de conhecimento. Naturalmente, nessa interpretação houve certa audiência dos debates que se difundiram desde a Europa, no Pós-Primeira Guerra Mundial, episódio que conforme destacaria o modernista Rubens Borba de Moraes, na revista *Klaxon*, seria o verdadeiro marco do término do século anterior, nomeado por ele como “o século da inteligência”.¹⁷

Nessa chave, a oposição verde-amarela à teoria do conhecimento identificada às ciências e a valorização do acesso à brasilidade pela via intuitiva tomaria por referência uma

¹⁵ MORAES, Eduardo Jardim. *A constituição da ideia de modernidade no modernismo brasileiro*. 233 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983. O tema foi desenvolvido especialmente no capítulo 2. Ainda sobre essa perspectiva, em relação à obra de Mário de Andrade, consultar também VALENTINI, Luiza. *Um laboratório de antropologia: o encontro de Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. 242 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011 e MONTEIRO, Luciano. *Para uma ciência da brasilidade: a institucionalização da pesquisa folclórica e etnográfica no departamento de cultura de São Paulo (1935-1938)*. 294 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

¹⁶ Um caminho que em certo sentido foi desenvolvido anteriormente por Leonardo Ayres Padilha (2005), ao estudar o debate intelectual mais amplo a partir do qual se deu a constituição de uma perspectiva intuitiva de acesso à brasilidade no verde-amarelismo e, especialmente, nos textos de Plínio Salgado, conforme retomaremos adiante. PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o hinterland: o pensamento modernista de Plínio Salgado*. 117 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

¹⁷ MORAES, Rubens Borba de. Balanço de fim de século. *Klaxon: mensário de arte moderna*, p.12-13, 15 ago. 1922.

tradição que, numa perspectiva transnacional, foi acrescida de sucessivas atualizações desde finais do século XIX. No contexto brasileiro, a leitura verde-amarela desse tema também assumiria elementos constitutivos do processo de especialização dos saberes científicos, nas primeiras décadas do século XX, diante do qual os escritores paulistas defenderiam a prerrogativa do artista na tradução do sentido nacional. Todavia considerando outras matrizes para a recepção do discurso científico pelos verde-amarelos, aquela relação poderia ganhar alguma inteligibilidade se pensada a partir de aproximações com a valorização da cultura local e a sensibilidade antipositivista do modernismo hispano-americano, que Octávio Paz (2013), por sua vez, tomaria por equivalentes ao nacionalismo e a oposição ao cosmopolitismo expresso pelos romantismos alemão e inglês.¹⁸

Na virada para os anos vinte, o discurso sobre a decadência da civilização europeia circulou o mundo e contribuiu para a tônica nacionalista de uma série de movimentos literários e políticos na América Latina. O mesmo tema embalou também a toada romântica das críticas aos padrões culturais europeus e o anseio pela preservação dos supostos caracteres autênticos da cultura local, continuando assim temáticas desenvolvidas anteriormente, no âmbito do modernismo hispano-americano, em fins do século XIX. Dentre elas, a imagem das duas Américas, a anglo-saxã, de sentido materialista, e a latina, espiritualizada, que teve grande audiência nos países latino-americanos, em grande medida, pela ampla circulação que teve o *Ariel* (1900), de José Enrique Rodó.¹⁹ Pela mesma razão, numa tentativa de focalizar os

¹⁸ PAZ, Octávio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naif, 2013. Não é demais lembrar que a crítica ao cientificismo atravessaria debates intelectuais importantes no começo do século XX, por exemplo, no interior do reformismo universitário iniciado em 1918, em Córdoba, na Argentina, com rápida repercussão em outros países da América Latina, e que seria um elemento destacável na obra de José Vasconcelos, um referencial importante do verde-amarelismo. A leitura de José Vasconcelos pelos verde-amarelos será analisada no Capítulo 3. Sobre o reformismo universitário ver os artigos reunidos em *Espacios de crítica y producción*. 80 años de Reforma Universitaria. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, n.24, 1999; SADER, Emir; GENTILI, Pablo; ABOITES, Hugo (comp.). *La reforma universitaria: desafíos y perspectivas noventa años después*. 1ª. ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2008. Para uma aproximação ao tema da reforma universitária, de uma perspectiva das práticas de sociabilidade tais como os intercâmbios epistolares, a publicação em revistas e as viagens continentais ver BERGEL, Martín; MAZZOLA, Ricardo Martínez. América Latina como práctica: modos de sociabilidad intelectual de los reformistas universitarios (1918-1930). ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (coord.) In: *Historia de los intelectuales en América Latina I: La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*, II. *Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010, p.119-145.

¹⁹ Nos estudos sobre o movimento verde-amarelo ainda não foram consideradas suas referências a uma produção ensaística com larga circulação na América Latina, entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX. Num levantamento inicial, essa análise incluiria citações a autores como os espanhóis Miguel de Unamuno e José Ortega y Gasset, o uruguaio José Enrique Rodó, o norte americano Waldo D. Frank, os peruanos Francisco Garcia Calderón e José Carlos Mariátegui e os argentinos Domingo F. Sarmiento e José Ingenieros. Nesse sentido, vale ressaltar o estudo em relação à obra de Gilberto Freyre de BASTOS, Élide Rugai. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico. Entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Bauru, SP: EDUSC, 2003 e o de Maria Helena Rolim Capelato, que, num estudo comparativo das obras do argentino Eduardo Mallea, do mexicano Samuel Ramos e do português Antônio S. Pedreira, ao lidar com o conceito de “caráter nacional” chamou a atenção para o diálogo

diálogos do chamado modernismo brasileiro com uma tradição literária situada além dos limites nacionais, ainda seria o caso de interrogarmos sobre a persistência daquela reação ao “desencantamento do mundo moderno” que, como sugere Pedro Meira Monteiro (2015), ocupa no modernismo hispano-americano o lugar do “corte profundamente nacionalista” que caracterizou o modernismo brasileiro.²⁰

Mas, como a segunda seção procura mostrar, os verde-amarelos não tiveram uma postura antitética ao conhecimento produzido pelos cientistas. A base do contraponto do grupo de Plínio Salgado com o discurso científico era o entendimento de que apesar de sua aspiração universalista, a perspectiva da ciência era demasiado fragmentária quando comparada com o conhecimento mais substancial que a arte poderia oferecer, pela sua capacidade de estabelecer uma relação mais imediata com os seus objetos. Mesmo assim, o ponto de vista verde-amarelo teria sido, em certo sentido, fiel a uma concepção de verdade, na qual esses escritores afirmaram a necessidade de o artista expressar sinceramente a nacionalidade.

Essa aproximação poderia ser traduzida pela relação semântica entre as noções de verdade e de sinceridade que, segundo Meyers Howard Abrams (2010), teria sido sugerida pelos críticos românticos, quando trataram da relação entre arte e ciência. Conforme a concepção de Walter Pater, citada pelo autor, “na ciência o objetivo total é a ‘transcrição do fato’”, a verdade como exatidão, enquanto a arte literária “é a representação de tal fato conforme ele se conecta à alma, de uma personalidade específica em suas preferências, volição e poder”,²¹ trazendo à tona a verdade como expressão. Neste segundo caso, a “verdade” aproxima-se da “sinceridade”. A ideia de uma expressão sincera da nacionalidade, que foi cara aos verde-amarelos, faria referência a uma identidade nacional definida, a uma essência a qual seria

desses autores com correntes de ideias espanholas, especialmente da chamada geração de 1889, de Miguel Unamuno e de Angel Ganivet, e da geração de 1914, de Ortega y Gasset. Em CAPELATO, Maria Helena Rolim. Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão. *Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n.28, p.59-79, jul. 2009. Sobre Mário de Andrade, ver ANTELO, Raúl. *Na Ilha de Marapatá. Mário de Andrade lê os Hispanoamericanos*. São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1986.

²⁰ MONTEIRO, Pedro Meira. El hombre cordial e a poética especular: os impasses do liberalismo. In: *Signo e Desterro. Sergio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015, p. 129. Vale ressaltar, no entanto, que no caso brasileiro, o modernismo se refere especialmente ao movimento literário e artístico que se desenvolveu em torno à Semana de Arte Moderna de 1922. No caso dos países hispano-americanos, o marco temporal do chamado modernismo retrocede à virada do século XIX para o XX e compreenderia uma multiplicidade de correntes, do simbolismo ao parnaso. Por isso, como Pedro Meira Monteiro afirma, o paralelo cronológico e temático do modernismo brasileiro será geralmente as “vanguardas” hispano-americanas. *Ibidem*.

²¹ Walter Pater *apud* ABRAMS, Meyer Howard. *O espelho e a lâmpada. Teoria romântica e tradição crítica*. Tradução de Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora UNESP, 2010 [1953], p. 421.

desejável que o artista se mantivesse fiel e que estivesse disposto a servir e a revelar.²² Essa questão, interpretada ainda à luz do monismo filosófico com o qual os verde-amarelos teriam entrado em contato, especialmente, por intermédio da “metafísica brasileira” de Graça Aranha, compreenderia a reunião entre o sujeito e o mundo exterior ou, para usar alguns dos termos utilizados pelo escritor maranhense, do homem como o “Todo Infinito” ou “cósmico”, feitos da mesma substância. A partir desse pressuposto os verde-amarelos teriam considerado que o artista, ao expressar sinceramente os seus sentimentos, traduziria a brasilidade.

Considerando essa convergência entre verdade e sinceridade seria possível compreender o interesse verde-amarelo por um conjunto de análises sociais das primeiras décadas do século XX e que eles próprios tenham se arriscado em interpretações do Brasil, dialogando com uma tradição de estudos que incluiu nomes como Tavares Bastos, Euclides da Cunha, Faria Brito, Alberto Torres e Oliveira Vianna, expoentes do ensaísmo brasileiro. Ao mesmo tempo, aquela relação permitiria compreender a aproximação do grupo de Plínio Salgado com os estudos sanitaristas e eugênicos, campos de estudo que ensaiavam a aplicação das pesquisas nos campos biologia, da antropologia e da genética numa perspectiva nacional. Esse interesse estaria expresso no conjunto das suas publicações verde-amarelas que deram destaque às pesquisas empreendidas por Edgard Roquette-Pinto, Francisco José de Oliveira Vianna e Alfredo Ellis Junior sobre o tema. Esses diálogos e a importância deles na construção de um repertório daquele grupo literário, nos anos finais da década de vinte, serão comentados nas últimas duas seções deste capítulo.

2.1. Arte, literatura *versus* ciência

No verde-amarelismo, a premissa da intuição como via de acesso privilegiada à brasilidade, além de uma referência direta às concepções estéticas de Graça Aranha, está inserida no contexto de um debate espiritualista e do contraponto à cultura cientificista, que ganhariam destaque a partir das últimas décadas do século XIX. Além disso, guardaria relação com uma crítica à modernidade e ao desencantamento da vida contemporânea que, dentre os participantes do movimento verde-amarelo, seriam tematizados especialmente nos textos Plínio Salgado. *Valores em Contraste*, por exemplo, de 23 de maio de 1927, contém uma apreciação negativa do cotidiano nas grandes cidades e chama a atenção para a importância sem

²² Nos termos de Declan Kiberd em Introdução. Declan Kiberd. In: JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Caetano W. Galindo. Coordenação editorial de Paulo Henrique Brito. 1 ed.. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, p. 79-80.

precedentes que o materialismo e a distância “entre o Homem e a Natureza” teria alcançado nas primeiras décadas do século XX.

Na fumaça do ar cinza o panorama cinza ensurdina-se no mormaço trêmulo picado de apitos. A cidade parece tão quieta como uma grande lagoa parda, sem margens, onde se advinham trepidações ignoradas, angústias, palpitações, movimentos.... Lá no fundo, o edifício bojudo de uma fábrica esmaga um quarteirão violentado de sombras e dores sombrias, na pulverização da distância, que esmaece a promiscuidade predial dos acotovelamentos urbanos. Mais longe, uma torre e seu relógio: dois ponteiros capitães do mato, com a palavras nas pontas, que apontam destinos iguais, movimentos iguais, a palavra de comando: trabalha, trabalha, trabalha... A cidade produz, age, na agitação sem tréguas, maquinismo complicado de roldanas e polias de giros uivantes, e músculos de guindastes pelo ritmo do coração dos motores, e puas, e limas, e martelos, e teares, em tempestade, rumores de maçarocadeiras, clamor das usinas! No entanto, no panorama cinza, enquaersma-se a alma cidadina na aparente estagnação das perspectivas, no tom monótono de uma uniformização de chumbo [...].²³

Outras publicações de Plínio Salgado traduziram a polêmica contra a literatura acadêmica, como contraponto a uma acepção burguesa da arte. Em uma delas, o escritor afirma que o passadismo “morreu esturricado de materialismo” e que “a Velha Literatura caiu na gramática e na crítica científica”, depois que se afastou das “grandes forças espirituais”. Ainda segundo Plínio Salgado, a “arte nova” teria o mesmo destino se adotasse a mesma “execrável sistematização processual”.²⁴ Com consequências mais amplas, para Plínio Salgado, o avanço do materialismo no século XX confirmava a perspectiva do pensador russo Nicolas Berdiaeff sobre o início de uma nova idade média, pelo que evocaria de uma perda do sentido espiritual e de “uma fé raciocinada que tentava subir a Deus pelos três degraus do silogismo”.²⁵ Diagnósticos desse tipo contextualizaram os elogios que o escritor fez ao poeta paulista Benedito Luís Rodrigues de Abreu, em março de 1927:

nossa sede de Deus, nossa saudade de outros dias em que o céu existia na fé do romantismo [...]; a alegria pura da natureza, o apaziguamento do homem com a vida; o infinito maior porque tinha mistério; os astros mais prestigiosos porque guardavam enigmas; e as forças da natureza, que eram grandes na poesia condoreira, por não caberem nas metáforas; tudo isso como se renova num sentido imprevisto em contato com a poesia de Rodrigues de Abreu!²⁶

Na interpretação de Plínio Salgado, os versos de *Casa Destelhada* (1927) contrastavam com a “pequenez da arte burguesa enclausurada nas academias formalistas e nos cenáculos dos

²³ SALGADO, Plínio. Valores em Contraste (o caso Rodrigues de Abreu em face da nossa civilização). *Correio Paulistano*, p.3, 23 mar. 1927.

²⁴ *Idem*. Arte e Literatura. *Correio Paulistano*, p. 3, 3 abr. 1927.

²⁵ *Idem*. O Brasil e o Romantismo. *Correio Paulistano*, p. 3, 8 fev. 1927.

²⁶ *Idem*. Valores em Contraste. *Op. Cit.*. Benedito Luís Rodrigues de Abreu (1897-1927), poeta paulista, publicou *Noturno* (1919), *Sala dos Passos Perdidos* (1924) e *Casa Destelhada* (1927).

inovadores superficiais”.²⁷ O escritor acrescentou um sentido romântico à aproximação que os verde-amarelos estabeleciam desde 1925 entre os literários acadêmicos, ou passadistas, e alguns inovadores do modernismo chamados de “superficiais”.²⁸ Num artigo sobre o livro *Introdução ao Estudo do Pensamento Nacional (o romantismo)* (1926), de Candido Motta Filho, Plínio Salgado se referiu ao modernismo paulista como um “novo romantismo”, destinado a fixar um sentido mais profundo da nacionalidade,²⁹ e lamentou que o modernismo houvesse perdido a sua potência inicial e que os escritores paulistas tivessem sido novamente capturados por modelos estéticos importados. Da leitura de Plínio Salgado do romantismo, ressalta, no entanto, um sentido ambivalente que, por um lado valorizava a sua atenção do movimento ao tema nacional e, por outro lado condenava as suas “expressões personalíssimas”, as “emoções artificiais” e o “desregramento, ironia e ceticismo”.³⁰

Entre os modernistas, em geral, o romantismo foi bastante criticado num primeiro momento, de embates mais acirrados com a literatura denominada passadista, mas seria recuperado, na fase mais nacionalista do modernismo, a partir de 1924. Na visão de Plínio Salgado, esse seria o contexto de um “novo romantismo”, que continuaria a obra de unificação da consciência nacional, se interpondo ao avanço do “senso materialista” e do “mecanicismo social” no século XX,³¹ males que foram associados pelos verde-amarelos ao cosmopolitismo.

Segundo Candido Motta Filho, a formação nacional brasileira coincidiu com o estabelecimento de uma tradição romântica no país. Em vez da marca individualista que o

²⁷ *Ibidem.*

²⁸ Segundo Eliana Regina de Freitas Dutra, “a dimensão romântica da obra de Plínio Salgado” “pode ser compreendida dentro que Michel Löwy chama de o novo surto do romantismo que ocorre entre o final do século XIX e o começo dos anos trinta”, referindo-se aos livros LÖWY, Michel. *Redenção e Utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 e *Romantismo e Messianismo*. São Paulo: EDUSP/Perspectiva, 1990. DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, n. 37, p. 217-244, set. 1999.

²⁹ SALGADO, Plínio. O Brasil e o Romantismo. *Op. Cit.*

³⁰ *Ibidem.*

³¹ SALGADO, Plínio. O Brasil e o Romantismo. *Op. Cit.*. A valorização da poesia no repertório verde-amarelo, em suas motivações, pode ter sido análoga à distinção alemã entre a poesia e a literatura, e à vinculação da literatura à influência cultural francesa. Segundo Wolf Lepenies (1996), esse contraponto denota uma particularidade do processo de legitimação das ciências sociais na Alemanha, em fins do século XIX e início do século XX, quando alguns dos fundadores da sociologia pretenderam fixar o verdadeiro sentido da disciplina no país, desvinculando-a da cultura francesa e aproximando-a do romantismo alemão. A crescente desconfiança com relação à ciência, alarmada pelo êxito das ciências naturais e pela transposição dos métodos científicos para outras esferas do conhecimento, como assinala Wolf Lepenies, teria alimentado a polêmica entre a arte e a ciência naquele país. E o rechaço ao cientificismo, considerado uma ameaça a essência cultural alemã, teria mobilizado uma série de projetos de reforma das ciências humanas e sociais, que defenderiam a mediação entre o conhecimento racional e a intuição poética. Cf. LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. Especialmente as seções “Hostilidade à ciência e fé na poesia como ideologia alemã” e “Uma particularidade alemã: a oposição entre poesia e literatura”.

movimento expressou no contexto europeu, segundo o crítico modernista do *Correio Paulistano*, o romantismo tornou-se aqui sinônimo de nacionalismo. Ao intensificar o culto do “eu” nacional, a atitude romântica “timbrou em desobedecer a todos os conselhos e as regras oriundas de Portugal”.³² No lugar “da revolta contra as convenções e tiranias de passado longínquo e tirano”, se apresentou como “rebeldia juvenil de um povo novo”. Como desdobramento disso, na visão de Candido Motta Filho, a constituição do pensamento nacional teve início com o romantismo e se desenvolveu a partir de então no interior dessa tradição.³³

Ao considerar que o movimento literário paulista ainda deveria buscar no romantismo a inspiração necessária para efetivar uma ruptura definitiva com os modelos estrangeiros, Plínio Salgado pareceu endossar o argumento de Candido Motta Filho. Ambos os escritores parecem ter compartilhado uma perspectiva alargada da tradição romântica, desprendida da ideia de um fenômeno histórico localizado. Mas também teriam coincidido nos contrapontos e relações que estabelecerem entre tendências românticas e clássicas. De acordo com Candido Motta Filho, foi tentando corrigir os excessos do individualismo romântico que o século XIX terminou o aproximando do estilo clássico, mas em uma forma decadente, afeita ao cultivo da sabedoria “por pedantismo e capricho ineficaz e estéril”.³⁴ Já Plínio Salgado poria ênfase numa perspectiva de alternância entre períodos clássicos e românticos:

[...] no Romantismo, o sentimento da humanidade foi tão grande, que ele se manifestou mesmo nas expressões mais intransigentes e aparentemente restritas de personalidade. [...]. Mas, como sempre, o senso da geometria sobreveio, fatal, coordenando formas, até a cristalização inútil do preconceito literário. [...] a geometria foi a causa inicial do desencantamento, a morte do mistério, a origem mais remota das simplificações falsas da filosofia e da arte. A cada movimento de rebeldia do espírito humano, de ampla e rumorosa orquestra sem regente, de gestos e impulsões, de batalhas de instintos, de adivinhações, de profecias, de toques de graça, - sucede a esterilização das forças germinais [...]. Esse fenômeno se surpreendeu desde as épocas mais remotas, com os qualificativos petulantes de exegese, de sistematização filosófica, de academia, de humanismo, de classicismos, de neoclassicismos (todos os classicismos são neos...) e, finalmente, de literatura....³⁵

No mesmo texto, a imagem de uma sucessão de ciclos românticos e clássicos se estabeleceu como parâmetro para uma distinção entre “Arte” e “Literatura”. Para Plínio Salgado, a primeira estaria para as fases românticas, enquanto que a segunda para as fases

³² MOTTA FILHO, Candido. *Introdução ao estudo do pensamento nacional (o romantismo)*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1926, p. 125.

³³ *Ibidem*, p. 303.

³⁴ *Ibidem*, p. 223.

³⁵ SALGADO, Plínio. *Arte e Literatura. Op. Cit.*

clássicas:

a essas expressões intercaladas a tumultos bravios, a marchas inéditas e aspirações inaugurais, expressões de cansaços acoitados nos gabinetes, com barricadas de livros, - terrores blindados de preconceitos diante da vertigem dos contatos violentos das forças misteriosas do Universo, a elas é que eu chamo Literatura, abrangendo nesta denominação todos os processos, todas as regras, estalões e diapasões, unilateralidades do raio visual, em conclusão: o processo de divórcio entre o Homem e o Universo.³⁶

No artigo de Plínio Salgado sobre o livro de Motta Filho, o romantismo apareceu conceituado como uma “força” trans-histórica, com influência sobre os diversos movimentos políticos e as diferentes tendências literárias do século anterior.

o Romantismo veio até a Grande Guerra. Começou no século XVIII, avançou sol alto pelo século XX. Precedeu a Revolução Francesa, como uma alvorada; cai como um crepúsculo de luz sobre a Revolução Russa. Todas as modalidades literárias, surgindo contra o romantismo, integram-se, sem o perceber, na onda romântica. Inventam-se escolas literárias, mas todas são aspectos efêmeros, circunstâncias ocasionais. Só o Romantismo é grande força que dirige o século. Não é uma escola: é um estado de consciência universal. [...]. E, talvez, um sexto sentido que o Homem adquire: - o tato da personalidade no meio cósmico.³⁷

Nesse final, a citação de Plínio Salgado evoca aquele anseio pela integração do “Homem ao Todo Infinito”, anteriormente expresso na obra de Graça Aranha. N’A *estética da vida* (1921), o escritor maranhense considerou o vínculo com a terra e entre os brasileiros uma condição fundamental para a elaboração de uma arte nacional.³⁸ Na leitura de Plínio Salgado, os versos de Rodrigues de Abreu estabeleciam aquela relação, uma vez que o poeta sentiria a vida e falava dela de forma espontânea, confessando “a angústia da nossa espiritualidade de artistas em face do materialismo avassalador da civilização do século XX”.³⁹

Muitos textos de Plínio Salgado fizeram alusão à concepção romântica do “gênio”, dotado de um poder divinatório e da capacidade de adivinhar o destino nacional. Essa imagem estivera presente em Graça Aranha,⁴⁰ mas também foi expressa pelos verde-amarelos. Em 1925, constou no artigo *Crise Estética*, onde Candido Motta Filho afirmava que os brasileiros “[estavam] à procura de um gênio coordenador e sintetizador de nossas tendências esparsas”, “de um espírito milagroso que explique o que nós ambicionamos e o que nós sentimos, – o

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Idem*. O Brasil e o Romantismo. *Correio Paulistano*, p. 3, 8 fev. 1927.

³⁸ ARANHA, Graça. *A estética da vida*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1921.

³⁹ SALGADO, Plínio. *Valores em Contraste. Op. Cit.*

⁴⁰ Cf. FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. O Romantismo de Graça Aranha: literatura, política e brasilidade. *Revista do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia*, v. 8, n. 12, 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1411>. Acesso em 19 set. 2017.

gênio integral da raça”.⁴¹ Ainda em 1922, o mesmo sentido apareceu no texto escrito por Candido Motta Filho para homenagear a Graça Aranha, no número especial da revista *Klaxon*, que foi dedicado ao escritor maranhense.⁴²

Cassiano Ricardo empregou a mesma imagem em inúmeras ocasiões nas quais se referiu à poesia. Numa delas em especial, uma conferência realizada em janeiro de 1927,⁴³ os argumentos de Cassiano Ricardo seguiram de perto a passagens d’*A estética da vida*, ao concluírem que os poetas “adivinham” “por mera intuição, o mistério das coisas” e que “se misturavam, mais do que outros, ao drama da realidade”, mas também ao contraporem as linguagens da poesia e da ciência:

Alguma voz há de exprimir essa realidade. Que voz será essa? A dos políticos? De certo que não. A dos cientistas? É claro que não. Porque essa voz não será doutrinária, nem especulativa. Não virá explicar: virá dizer. Não será um grito de raciocínio: será uma interjeição. [...]. Fala o político; são palavras bonitas, com mentirosas promessas de liberdade. Fala filósofos; são palavras amargas, a ensanguentar o horizonte do raciocínio. Fala o cientista, são palavras unilaterais, a examinar a vida analiticamente, sem a representar nem sentir. Há uma linguagem para os artistas: é a do sentimento. A eles, portanto, incumbe a revelação do Brasil.⁴⁴

Para os verde-amarelos, a linguagem abstrata dificultava a apreensão direta da vida nacional, porque a necessidade que o cientista tinha de inquirir, fragmentar e contrapor teorias, acabaria deformando o seu objeto de análise. Já o artista desenvolveria uma perspectiva mais apurada da realidade brasileira, por ser capaz de apreendê-la de forma sintética e imediata.⁴⁵ Ainda na perspectiva verde-amarela, a poesia era capaz de superar a distância entre “o homem e a natureza”, ao passo que a ciência, na sua percepção da separação entre o sujeito e o objetivo, tendia a preservá-la. Por tais características, na visão dos escritores paulistas, a arte poderia

⁴¹ MOTTA FILHO, Candido. Crise Estética. *Correio Paulistano*, p. 4, 9 fev. 1925.

⁴² *Idem*. O psicólogo da raça. *Klaxon: mensário de arte moderna*, São Paulo, n.8/9, p.5-7 dez.1922- jan.1923. Como aponta Matei Calinescu, “o mito do poeta como um profeta tinha sido revivido e desenvolvido desde os primeiros dias do Romantismo”. Em Shelley, [...] pode-se encontrar “a imagem do poeta (ou do artista criativo de um modo geral) como basicamente um homem de imaginação. Depois, a concepção do poeta como arauto do futuro”. CALINESCU, Matei. *As 5 faces da modernidade. Modernismo. Vanguarda. Decadência. Kitsch. Pós-Modernismo*. 1 ed.. Tradução de Jorge Teles de Menezes. Editora Vega, 1999, p. 99.

⁴³ RICARDO, Cassiano. Minha Terra tem palmeiras. Conferência que o dr. Cassiano Ricardo realizou, a 5 do corrente, a convite de um grupo de intelectuais, na cidade de São José do Rio Pardo. *Correio Paulistano*, p. 4, 11 jan. 1927.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ Essa distinção foi notada por VASCONCELLOS, Gilberto. *A Ideologia Curupira. A Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979, p. 64; 117, passim; VELLOSO, Monica Pimenta. *O Mito da Originalidade Brasileira: A trajetória Intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 1920 ao Estado Novo)*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1983, p. 33-42; MORAES, Eduardo Jardim. *A Brasilidade Modernista. Sua Dimensão Filosófica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, p. 123-124.

iluminar tanto o presente, como o futuro nacional.

Segundo Monica Pimenta Velloso, no discurso verde-amarelo, o artista se distanciaria da pátria se a tomasse por seu objeto de estudos. Mas a subjetividade do artista projetada sobre o mundo exterior seria um reflexo da realidade nacional. Nessa perspectiva, não existiria um limite entre o ser e o objeto de expressão, ou seja, a pátria era parte constitutiva do ser. A mediação dos processos científicos se tornava dispensável, na medida em que o artista seria capaz de penetrar por si só a essência na nacionalidade, uma vez que o processo de criação realizava uma fusão harmoniosa entre o artista e a pátria. Por isso, Cassiano Ricardo chegaria a afirmar que ao brasileiro não bastaria contemplar as coisas nacionais, era preciso que ele se reconhecesse nelas.⁴⁶ Conforme o trecho do escritor destacado pela autora:

ser brasileiro é sentir, cada um de nós, que não poderia viver sem elas [identificações nacionais] porque elas entraram na substância de nossas ações, determinaram o curso da nossa existência vegetativa ou intelectual. Detiveram os nossos passos, perfumaram as nossas aspirações, fizeram florir o tesouro de nossa personalidade própria.⁴⁷

Esses pressupostos evocaram à “reação espiritualista” contra o positivismo, na virada do século XIX para o XX. Nesse contexto, segundo Leonardo Ayres Padilha, a proposição de um método intuitivo de conhecimento questionava a dimensão que o método sistemático ou analítico havia tomado em todos os processos do conhecimento, mas sem a pretensão de fazer uma oposição frontal à ciência. Para o autor, essa perspectiva se assentou no ideário do movimento verde-amarelo a partir do diálogo com o escritor Graça Aranha, com o filósofo Raimundo de Farias Brito e com os conceitos filosóficos do francês Henri Bergson. Como aponta Leonardo Ayres Padilha, Farias Brito e Graça Aranha partilharam do diagnóstico bergsoniano da “unidade do homem com o mundo” e do seu pressuposto da extensão da consciência com relação ao mundo.⁴⁸

A filosofia de Farias Brito teria sido tributária do filósofo francês, no considerar que a consciência permitiria uma apreensão direta da realidade, uma vez que não se distinguiriam quanto a natureza, mas estariam numa relação entre parte e todo.⁴⁹ A mesma perspectiva foi desenvolvida por Graça Aranha n’*A estética da vida* (1921), que teria sido uma forte referência para Plínio Salgado e para o discurso verde-amarelo. Assim, os estudos do filósofo francês

⁴⁶ VELLOSO, *Op. Cit.* p. 48.

⁴⁷ RICARDO, Cassiano. O estrangeiro. *Correio Paulistano*, p. 3, 25 mai. 1926. A citação deste trecho feita pela autora encontra-se na página 49 de sua dissertação.

⁴⁸ PADILHA, *Op. Cit.*

⁴⁹ *Ibidem*, p.71.

teriam se estabelecido como o alicerce teórico dos debates intelectuais do início do século XX, inclusive no âmbito do modernismo, em torno da “crítica ao labor intelectual exclusivamente através dos sistemas de pensamento”.⁵⁰ Henri Bergson teria considerado que a filosofia, na sua competição com a ciência por erudição ou por conta da sua incorporação do método analítico, havia ganhado em complexidade, mas perdido o seu contato com o real. Dessa forma, na elaboração do seu método intuitivo, o filósofo francês esteve preocupado em recuperar a precisão filosófica e em sugerir uma opção para aqueles que notavam a superficialidade do saber científico.⁵¹

Essas convergências podem dar conta de esclarecer o questionamento à racionalidade científica por aquela vertente modernista e o entendimento de que a poesia produzia um conhecimento mais substantivo acerca da nacionalidade. Mas também permitiriam explicar a importância que a noção de “sinceridade” teve na perspectiva estética do grupo verde-amarelo. Os desdobramentos daqueles princípios filosóficos para o conceito de obra de arte formulado por Plínio Salgado aparecem com clareza em “Arte Brasileira”, de 13 de setembro de 1925. Em torno à ideia de “fatalidade”, Plínio Salgado afirma que “em Arte, não se impõe, verifica-se. Aceita-se o fenômeno como existente”. A assertiva se trata de uma advertência aos modernistas que “caíram no puro intelectualismo” e “tentaram legislar para a terra bárbara”.⁵² Em outra passagem do mesmo texto, o escritor aproxima a obra de arte dos sentidos de “eucaristia” e de “confissão” e deposita sobre aquela, a expectativa de que apreendesse “o instante da Vida Universal” ou “o espírito do Tempo”, num prisma nacional. De acordo com Plínio Salgado, um japonês que escrevesse como francês ou inglês não interessaria a ninguém, porque a sua arte não seria “a expressão fiel do fenômeno sentimental, a soma dos elementos emotivos do tipo determinado, de que resulta a universalização do Pensamento”. E, como concluiria no mesmo texto, “arte é sinceridade. Nesta sinceridade vão os tons fortes do sangue e da terra. Portanto, toda obra de arte é nacionalista”.⁵³

A noção de sinceridade no discurso verde-amarelo está articulada a crença numa “natureza física” e numa “natureza humana” que configurariam “apenas formas diferentes do grande Todo”.⁵⁴ A reunião entre o homem e o cosmos por meio da arte, entretanto, teria a

⁵⁰ *Ibidem*, p. 58.

⁵¹ *Ibidem*, p. 61.

⁵² SALGADO, Plínio. Arte brasileira. *Correio Paulistano*, p. 3, 13 set. 1925. Texto incluído em *O Curupira e o Carão*.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ RICARDO, Cassiano. Nem Ruy Barbosa, Nem Jeca. *Correio Paulistano*, p. 3, 08 jan. 1927. Texto incluído *O Curupira e o Carão*.

nacionalidade como “rede colhedora”, como “o retângulo de janela em que se enquadra um trecho do panorama da humanidade”.⁵⁵ O que Plínio Salgado entende por sinceridade diz respeito à congruência com a essência nacional e nesse sentido, na sua concepção, a obra de arte evocará os traços da brasilidade. Tendo em conta a aproximação com a filosofia de Henri Bergson e suas apropriações nas obras de Farias Brito e Graça Aranha, sugerida por Leonardo Ayres Padilha, citado há pouco, a identidade do artista passa a se confundir com a do mundo exterior. A inteligência e conseqüentemente a adesão a procedimentos e teorias são considerados como mediações à fala sincera do artista e entrariam como ingredientes da valorização da arte sobre a ciência e da representação do poeta dotado de um poder divinatório.

Num estudo sobre Graça Aranha, Daniel Barbosa Andrade de Faria (2006) chamou a atenção para as implicações dessa fórmula segundo a qual “a nacionalidade, em seus aspectos mais profundos, só seria captada pela intuição estética”. Para o autor, nessa configuração que foi tributária do romantismo, a política deveria se submeter à estética, uma vez que “os destinos da nação estariam sob a vigência privilegiada da intuição dos artistas modernos”.⁵⁶ Nessa perspectiva, a estética assumiria uma função redentora, sendo considerada como a solução para os problemas políticos,⁵⁷ num entendimento que remete para o tema da estetização da política e da politização da arte, desenvolvido por Walter Benjamin, enquanto contraponto desenvolvidos à fórmula esteticista da “arte pela arte”.⁵⁸

As razões da intuição no discurso verde-amarelo tiveram a ver com a resposta que o grupo procurou dar à distância que o artista brasileiro, ao aderir a modelos culturais exógenos, havia tomado da vida nacional. Aquele qualificativo “nacional”, aliás, acrescentaria um ingrediente particular ao vanguardismo verde-amarelo, a semelhança do que anteriormente teria ocorrido com modernismo hispano-americano e com o próprio romantismo na Alemanha.⁵⁹ Segundo Octávio Paz (2013), o modernismo hispano-americano constituiu-se como um “outro romantismo”, configurando uma “resposta contraditória ao vazio espiritual criado pela crítica positivista à religião e à metafísica”, que atraiu os poetas para uma “nova linguagem” e uma

⁵⁵ SALGADO, Plínio. *Arte brasileira. Op. Cit.*

⁵⁶ FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. *O Romantismo de Graça Aranha: literatura, política e brasilidade. Op. Cit.*

⁵⁷ *Ibidem.*

⁵⁸ Ver BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. BENJAMIN, Walter [et. al.]. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Organização Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 9-40. A aproximação indicada no texto também foi destacada por FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. *O modernismo que se tornou romântico: literatura, política e brasilidade*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2000, p. 47.

⁵⁹ PAZ, *Op. Cit.*

“sensibilidade estética”, “impregnadas pela visão analógica da tradição romântica”.⁶⁰ Para aquele autor, existiram correspondências entre a oposição do Romantismo à Ilustração francesa e a do modernismo hispano-americano ao cientificismo e, do mesmo modo, entre a ambivalência romântica em relação à sociedade burguesa e a dos modernistas em relação ao imperialismo e ao cosmopolitismo.⁶¹

Como lembram Eduardo Jardim (2016) e Pedro Duarte (2014), o romantismo brasileiro deu ênfase ao tema da identidade nacional. Mas, segundo Eduardo Jardim, seu tratamento ficou circunscrito à esfera literária. No modernismo do século XX, essa situação teria se modificado a partir da fusão entre as experiências literária e política.⁶² Dito de outro modo, no romantismo brasileiro a brasilidade teria prevalecido como problema estético, enquanto que no modernismo deixou de existir a separação anterior entre a estética e a política, ou a vida. Pedro Duarte, além de corroborar essa interpretação, reforça o paralelo entre o romantismo, o modernismo e as vanguardas sugerido por Octavio Paz (1974). Para Pedro Duarte, o modernismo brasileiro atualizou o discurso nacionalista do romantismo num sentido vanguardista, podendo assim ser interpretado a partir da premissa expressa por Friedrich Schlegel, no fim do século XVIII, segundo a qual era necessário “tornar viva e sociável a poesia, e poéticas a vida e a sociedade”.⁶³

Em *Literatura e Política* (1927), Plínio Salgado convidou os intelectuais brasileiros a romper o “divórcio” “com a vida vivida no seu país”.⁶⁴ Cassiano Ricardo, num sentido semelhante, comemoraria a chegada de uma nova geração de poetas brasileiros integrados no ritmo da vida e zelosos da função social da arte e da sua missão de artistas.⁶⁵ Já Candido Motta Filho, expressou a opinião de que no contexto brasileiro a arte estaria “de tal modo ainda presa ao espírito de construção política do país”, que seria impossível conceber a separação entre essas esferas. Segundo o crítico do *Correio Paulistano*, nem Machado de Assis que ambicionara

⁶⁰ *Ibidem*, p. 95-96. Sobre a continuidade de sentidos entre o romantismo e os movimentos artísticos de fins do século XIX e começo dos anos vinte ver também CALINESCU, Matei. *Op. Cit.* Sobre a presença de um substrato romântico no modernismo brasileiro ver DUARTE, Pedro. *A palavra modernista. Vanguarda e Manifesto*. 1 ed.. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Editora PUC-Rio, 2014, FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. *Op. Cit.*, DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *Op. Cit.* e BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Dimensões de Macunaíma: filosofia, gênero e época*. 201f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1987.

⁶¹ PAZ, *Op. Cit.*, p. 94-95; 97-98. Nessa perspectiva, apesar das diferenças entre os modernismos hispano-americano e o brasileiro, as analogias desenvolvidas pelo crítico mexicano inspiram uma aproximação possível entre aqueles movimentos.

⁶² JARDIM, (2016), *Op. Cit.*, p. 127-128.

⁶³ DUARTE, Pedro. *A palavra modernista... Op. Cit.*, p. 16-18.

⁶⁴ SALGADO, Plínio. *Literatura e Política. Op. Cit.*, p. V- XIV.

⁶⁵ RICARDO, Cassiano. *Minha terra tem palmeiras. Op. Cit.*

a “torre de marfim”, teria escapado a esta realidade, porque no país o isolamento era “puro artificialismo” e a arte ainda se confundia com as “entranhas da nacionalidade”. Para Candido Motta Filho, o cenário brasileiro ainda era o das “construções” básicas, situação que impedia a “especialização metodológica das funções”.⁶⁶ Seu ponto de vista resulta numa inversão do problema da literatura no contexto europeu, entendendo que no Brasil a aproximação entre arte e política ao invés de configurar uma consequência da autonomia alcançada pelo campo, refletiria o estágio inicial de especialização dessas esferas.

Comumente a crítica verde-amarela ao esteticismo realizou comparações entre os procedimentos ou regras a que se submetiam artistas e cientistas. Algumas vezes, a “torre de marfim” construída pelos escritores nacionais foi colocada na conta da controversa aproximação que a literatura e a ciência teriam ensaiado no século anterior. Cabe lembrar que a discussão sobre o avanço das ciências e suas consequências para as artes se assentara antes na crítica romântica e desde então havia ganhado sucessivas formulações,⁶⁷ de modo que a preocupação com a transposição dos modelos científicos para as artes esteve longe de ser uma nota particular dos debates literários do início do século XX.

Antes, porém, que o tema aparecesse nas publicações verde-amarelas, foi desenvolvido no artigo *Balanço de fim de século*, publicado por Rubens Borba de Moraes na *Klaxon* de julho de 1922.⁶⁸ Segundo o escritor, “nunca se escreveram tantos dicionários, tantos Larousses, tantas históricas universais” como no século XIX que foi o “século da inteligência”. Mesmo os literatos teriam se rendido “à mania de tudo explicar, metodizar, organizar, definir”, incorrendo nos maiores erros do século anterior. Dentre as suas vítimas estava a literatura parnasiana:

o poeta era obrigado a esmagar os seus sentimentos sublimes, a deformar suas ideias, cortar, diminuir, fazer o que não queria porque à porta vigiavam carcereiros terríveis com pencas de chave de ouro à cintura. [...]. Era preciso medir as ideias como se fazendas nas lojas de turco. [...]. Não podiam correr, pular, dançar, caminhar livres porque seus sapatos “estavam apertando”.⁶⁹

Anos mais tarde, os verde-amarelos faziam uso de comparações como essas em referência aos parnasianos e também aos pares no modernismo, ocasiões nas quais a aproximação da arte com os procedimentos científicos foi mencionada com frequência. Em artigo de 02 de setembro de 1926, Plínio Salgado fez os seguintes comentários a respeito da

⁶⁶ MOTTA FILHO, Candido. A arte e a política, *Correio Paulistano*, p. 2, 11 out. 1928.

⁶⁷ ABRAMS, Meyer Howard. *Op. Cit.*. Ver especialmente o capítulo “Ciência e poesia na crítica romântica”.

⁶⁸ O texto adianta algumas reflexões que Rubens Borba de Moraes faria, mais tarde, no *Domingo dos Séculos* (1924).

⁶⁹ MORAES, Rubens Borba de. Balanço de fim de século. *Klaxon: mensário de arte moderna*, p. 12, 15 ago. 1922.

poesia de Oswald de Andrade:

é muito gostosa, mas é servida à francesa. Pega daqui um elemento, pega outro, e vai fazendo pratinhos de estilo com ingredientes da terra. É fragmentária como experiências. É mais registro de nativismos, material que vai juntando. Há um grande mérito no Oswald. A sua pesquisa é paciente como a dos dicionários de regionalismos, de idiotismos. Essa sua preocupação deveria levá-lo para a Academia.⁷⁰

Como visto no capítulo anterior, referências pouco prestigiosas à Academia Brasileira de Letras foram recorrentes em publicações do grupo ligado a Plínio Salgado. Parte das críticas que foram dirigidas àquela instituição incidiram, do mesmo modo, sobre a corrosão das fronteiras entre a arte e a ciência. Sobre os procedimentos que o criador da Poesia Pau Brasil teria incorporado à sua poesia, Plínio Salgado afirmara que “isso de andar colecionando materiais é muito útil, mas não é Arte”.⁷¹ Com relação à ABL, Cassiano Ricardo criticou a recorrência com que a agremiação vinha substituindo os “homens de letras” pelos “homens de ciência” ou “de poucas letras”.⁷²

Para Menotti Del Picchia, essa era uma situação “injuriosa” para o “clã dos verdadeiros artistas”. Depois de obterem sucesso na sua profissão, os médicos se metiam em departamentos culturais alheios à sua especialidade e rebaixando o valor superior da arte passavam a se dedicar em suas horas vagas, ou seja, entre “uma cesariana e uma trepanação”, a uma artificiosa “manufatura de sonetos”, com os quais apresentavam suas candidaturas à “fácil glória das palmas acadêmicas”. Por infelicidade, segundo Menotti Del Picchia, “esses esculápios poetas curam todas as doenças menos a infecção de ‘sonetococcus’, de que andam afetados, com perigo de a inocularem na ingenuidade dos moços inexperientes, menos amigos de uma alta consciência de valor que da imortalidade efêmera do fardão”.⁷³

Retornando a Rubens Borba de Moraes e seu *Balanço de fim de século*, o autor escreve que a “monotonia do verso alexandrino” (como se refere à poesia parnasiana) teria sido quebrada pelos românticos e pelos poetas simbolistas. Rubens Borba de Moraes os reconheceria como precursores da literatura contemporânea, ou modernista, estabelecendo, com isso, uma aproximação que causa estranhamento diante da imagem de corte radical que costumou estar

⁷⁰ SALGADO, Plínio. Carta Verdamarela. *Correio Paulistano*, p. 3, 02 set. 1926. O artigo foi reunido em *O Curupira e o Carão* (1927).

⁷¹ *Idem*. Carta Verdamarela. *Op. Cit.*

⁷² RICARDO, Cassiano. A história dos angorás. *Correio Paulistano*, p. 3, 25 out. 1926. Esse tema foi desenvolvido por SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, especialmente no capítulo “Academias e Sociabilidades”, e será retomado mais adiante.

⁷³ DEL PICCHIA, Menotti. O fenômeno Couto-Porchat. *Correio Paulistano*, p. 3, 07 abr. 1927.

associada ao modernismo de 1922. No mesmo texto, o filósofo francês Henri Bergson foi apresentado como “um dos autores da nova estética”. Segundo Rubens Borba de Moraes, a sua obra inspirava os artistas que buscavam se desprender da influência do discurso científico, porque separava filosofia e ciência e sugeria a intuição e o instinto como caminhos para o conhecimento.⁷⁴ Não só por seu olhar sobre a literatura do século XIX, mas também por sua referência às concepções do filósofo francês, o programa apresentado por Rubens Borba de Moraes, naquele artigo, teria muitas coincidências com o discurso verde-amarelo:

a arte deve abandonar a ideia das coisas formadas pela Inteligência, existentes somente no nosso cérebro, para confundir-se com a essência das coisas pela intuição, penetrar no princípio da vida e confundir-se com ele. [...] O artista moderno quer uma emoção, uma sensação, uma percepção direta, “um dado imediato”, para empregar a linguagem de Bergson. [...] A inteligência, já vimos, deforma a sensação, a intuição nunca. Hoje só há uma escola: a personalidade.⁷⁵

A respeito das implicações da adoção de um sentido intuitivo sobre a forma moderna, o mesmo autor afirmou:

Ninguém tem tempo a perder escrevendo 500 páginas como Zola ou Eça. Contentamo-nos com um traço, uma particularidade que exprime o objeto na sua particularidade e na sua totalidade. [...]. Se a poesia contemporânea parece às vezes incompreensível, se o poeta emprega símbolos obscuros, imagens imprevistas, é porque ele é sincero, diz o que pensa e o que sente com o seu vocabulário.⁷⁶

Os verde-amarelos retomaram essas ideias em diversas oportunidades. A adequação com o tempo que exigia velocidade e síntese embasou as considerações de Candido Motta Filho de que o ensaio, na sua tradição inglesa, era “a mais perfeita expressão cultural” da “síntese dinâmica”. Como afirma o crítico, o ensaio adequava-se às “exigências da época”, porque era “rápido, completo, [fugia] da retórica e dos excessos literários” e agradava ao “homem moderno” a quem “não mais interessa o exibicionista da cultura senão o que sabe com brevidade, clareza e gosto, semear o que aprendeu ou o que descobriu”.⁷⁷ Já Menotti Del Picchia, reforçando o contraponto entre a poesia e a abordagem sociológica, afirmou que Murilo Mendes “capsulou [...] o drama psicológico da proclamação da república brasileira”, de um modo tal que “nem um erudito como Oliveira Vianna teria em tão poucas linhas”, conseguido sintetizar “o fenômeno da transmutação do regime como o poeta fez”.⁷⁸ Finalmente, o mesmo

⁷⁴ MORAES, Rubens Borba de. Balanço de fim de século. *Op. Cit.*.

⁷⁵ *Ibidem.*

⁷⁶ *Ibidem.*

⁷⁷ MOTTA FILHO, Candido. Ensaio. *Correio Paulistano*, p. 2. 25 out. 1928.

⁷⁸ HÉLIOS. Crônica Social: Progresso? *Correio Paulistano*, p. 4, 1 dez. 1928.

tema também norteara as escusas Plínio Salgado ao mesmo sociólogo fluminense, que lhe teria sugerido desenvolver as questões levantadas n’*O Estrangeiro* (1926) a partir de uma perspectiva sociológica:

a mim, falta-me a sua cultura, a sua capacidade de estudo e realização, sobretudo, tempo. Sou um homem sem tempo, e o meu estilo reflete a minha vida: tive de recorrer à síntese, que às vezes resvala pela obscuridade para despejar a onda de impressões e sentimentos, de intuições, de audições secretas de marchas obscuras, que tumultuam dentro de mim. Além do mais, sofro a doença da poesia que me exalta, diante dos fenômenos e me impossibilita, por excesso lírico o desenvolvimento científico dos temas.⁷⁹

Em que pese o escritor se refira à poesia como doença, a relação não expressa nesse caso um sentido pejorativo. A partir dela o escritor procura afirmar sua identidade de artista, constringida pelos imperativos da vida material, envolta a um sentido de excepcionalidade e cujo trabalho extrapolava e divergia do trabalho paciente do cientista. Os efeitos e os sentidos dessa sua autoimagem, novamente, poderiam ser aprendidos pelo trecho final do artigo de Rubens de Moraes, sobre os desdobramentos diversos da arte contemporânea:

[as obras modernas] são apenas precursoras de uma nova arte, de uma nova organização política, de uma nova ciência, talvez de uma nova religião. Nós somos como o caboclo “tacamos fogo na mataria” porque não se planta sem derrubar. [...] Só ficam os jequitibás, jacarandás, cabreúvas, timburis. [...]. Felizes os que vierem depois de nós para colher o que plantamos!⁸⁰

No prefácio que escreveu para a segunda edição d’ *O Estrangeiro*, em janeiro de 1926 (a primeira tiragem do livro havia se esgotado oito meses após o seu lançamento), Plínio Salgado atualizaria a mesma impressão de inacabamento, vinculando-a ao seu romance de estreia. O escritor, procurando justificar porque não aproveitara a ocasião para realizar uma revisão mais aprofundada do texto, dando a ele uma forma definitiva, afirma que “seria um agouro, diante da procura que continua a ter nosso romance paulista, refundi-lo, modelá-lo, dar-lhe uma última roupa, como quem o despede da vida para a inutilidade e o ostracismo de uma consagração convencional. Quando ele quer viver ainda!”⁸¹ Nessas considerações, Plínio Salgado se colocava como precursor de uma arte nova, que abria novos caminhos, no sentido de “bandeirante” (nome que os verde-amarelos passariam a empregar com frequência) das rupturas românticas contra as fórmulas clássicas. Por isso, de acordo com Plínio Salgado, “os livros que pretendem tornar-se clássicos, nascem mortos. Ao contrário, os que surgem com a

⁷⁹ Carta de Plínio Salgado a Oliveira Vianna (10 de outubro de 1926) *apud* CAMPOS, Maria José. *Op. Cit.* p. 128.

⁸⁰ MORAES, Rubens Borba de. *Balço de fim de século. Op. Cit.*

⁸¹ Prefácio da segunda edição. In: SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972, p. XI.

certeza da morte, logram a única vida possível às obras de arte, que é uma hora de humanidade em ação”.⁸² *O estrangeiro*, exatamente por se tratar de uma obra transitória, na visão de seu autor, ainda teria um destino a cumprir, que seria a conformação de uma “nova arte, de uma nova organização política, de uma nova ciência, talvez de uma nova religião”, de que falara Rubens de Moraes.

2.2. Arte, literatura e ciência

No entanto, a crítica verde-amarela aos métodos de trabalho dos cientistas não resultou num contraponto irremediável. No sentido destacado anteriormente, a valorização da poesia foi uma das respostas oferecidas pelo grupo de Plínio Salgado ao crescente prestígio alcançado pelas ciências e à perigosa apropriação de seus procedimentos pelas artes. Ao mesmo tempo em que esse tema evocaria tons da crítica ao cientificismo, que no contexto europeu se apresentava desde as últimas décadas do século XIX, respondia, também, ao próprio processo de especialização dos saberes, no contexto brasileiro. Nos mesmos anos vinte, e mesmo na década anterior,⁸³ o Brasil seria tema de experimentação dos cientistas que, sob as perspectivas dos estudos médico-higienistas e eugênicos, por exemplo, traçariam os seus diagnósticos sobre o país.

O exemplo mais sintomático e também o mais conhecido da recepção que a literatura daria à época aos discursos científicos sobre os problemas nacionais, está relacionado com a personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato. A personagem apareceu pela primeira vez na crônica *Velha Praga*, publicada numa seção de leitores do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1914. *Velha Praga* condenava a prática recorrente das queimadas no interior paulista, mas se popularizou especialmente por conta do seu retrato do brasileiro rural, que Monteiro Lobato associou a práticas agrícolas arcaicas, à inadequação ao trabalho sistemático e às consequências negativas da miscigenação inter-racial. Depois da enorme repercussão de *Velha Praga*, que chegaria a ser citada por políticos como Rui Barbosa, uma versão dessa crônica foi incluída na coletânea *Urupês* (1918), o primeiro de muitos sucessos editoriais de Monteiro Lobato.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ Grande parte delas foi elaborada nos relatórios de expedições científicas ao interior do país realizadas à época pelo Instituto Oswaldo Cruz. A respeito ver SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.15-50, dez. 2007. Já sobre as atividades científicas no âmbito da comissão Rondon consultar SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.779-810, jul.-set. 2008.

No entanto, ainda na virada para os anos vinte, um Monteiro Lobato impressionado com as visões sobre o país que vinham sendo divulgadas pelos relatórios de médicos e de cientistas envolvidos em projetos de saneamento das periferias urbanas e sertões brasileiros, criaria outras versões para a sua personagem, e um Jeca redimido pela ciência passaria a ser utilizado em prol das próprias campanhas sanitaristas. A mudança no olhar do escritor sobre a personagem significou a substituição dos prognósticos pessimistas relacionados à mestiçagem, pela denúncia do abandono das regiões rurais pelas elites políticas brasileiras. Ao concluir que “O Jeca não é assim: está assim”, Monteiro Lobato emprestava reconhecimento a uma interpretação do país estabelecida sob o prisma do discurso científico, que considerando a doença como o principal problema brasileiro e obstáculo à civilização, defenderia a implementação de políticas de saúde e saneamento.⁸⁴

Mas, embora esse exemplo expresse a autoridade que na época os escritores chegariam a conferir aos cientistas, segundo Dominichi Miranda de Sá, as mudanças “nos estilos de produção cultural” e nos “critérios de reconhecimento intelectual” que marcaram a virada e as primeiras décadas do século XX, no Brasil, não ocorreram longe de “resistências, mútuas acusações, inúmeros debates, posicionamentos incongruentes e grandes hesitações”.⁸⁵ Nesse contexto, ao mesmo tempo em que os cientistas se projetavam como atores intelectuais no cenário brasileiro, entrava em declínio o antigo modelo intelectual do “homem de letras”. Desse modo, segundo a autora, “nos discursos científicos, os literatos seriam todos ‘diletantes’ e ‘polivalentes’, ocupados com a beleza da forma e com o agrado aos mais variados gostos literários”. No fim das contas, não fariam mais do que “cultivar a instrução”, ou ocupavam-se tão somente em “burilar com a expressão oral e escrita”.⁸⁶ Noutro sentido, porém, a crescente profissionalização também teve implicações sobre a literatura, que passaria da identificação com um conhecimento geral para um sentido estritamente ligado à poesia e à prosa de ficção.⁸⁷

Os verde-amarelos chegaram a polemizar tanto com os cientistas, novos atores do

⁸⁴ A respeito dessa interpretação ver LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da primeira república. In: SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor (Org.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, p. 23. Para uma reflexão sobre a obra de Monteiro Lobato sob a perspectiva de sua aproximação com os discursos do movimento sanitaristas e eugênicos ver LAJOLO, Marisa. “Jeca tatu em três Tempos”. In: SCHWARCZ, R. (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983 e HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. *Eis o Mundo Encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação*. 175 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

⁸⁵ SÁ, *Op. Cit.*, p. 16.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ *Ibidem*. Ver especialmente o Capítulo 3, “Entreato: os expoentes da cultura literária”.

cenário intelectual brasileiro, quanto com os literatos. Aos cientistas acusaram de produzir um conhecimento fragmentário e estéril e aos literatos de imitarem os modelos artísticos estrangeiros e de se orientarem por regras correspondentes às da pesquisa científica. Como visto anteriormente, para Cassiano Ricardo, a “revelação do Brasil” era uma prerrogativa dos poetas que se expressavam pela linguagem do sentimento, “mais concreta e mais pura” que a dos cientistas.⁸⁸ O poeta encarnaria a figura do gênio que traduziria a originalidade brasileira, interpretaria a marcha histórica do país e o guiaria em seu destino singular. O aparecimento desse intérprete nacional dependeria da reaproximação entre arte e vida e da rejeição de quaisquer artifícios que inviabilizassem uma expressão “sincera” do instante brasileiro.⁸⁹

Na visão de Plínio Salgado, a obediência estrita aos processos estéticos implicava no distanciamento entre arte e vida e dificultava a apreensão desta de forma direta pelo artista, por isso,

para derrubar a velha literatura de literatos, inventamos [os modernistas] uma nova literatura de desordem, de discussão permanente, de multiplicidade de aspectos. Essa literatura de emergência prestou os seus serviços e abriu os nossos ouvidos para a conversação direta com a vida.⁹⁰

Nessa passagem, Plínio Salgado expressaria a sensação de aprisionamento e a tentativa de escapar às convenções e de encontrar novos caminhos que colocassem a arte novamente em contato com outras esferas da vida, anseio que, como nota Pedro Duarte, foi típico da sensibilidade das vanguardas.⁹¹ Paradoxalmente, a insistência sobre esse argumento, como visto no capítulo anterior, esteve implicada na desconfiança dos verde-amarelos com relação à pesquisa estética de Mário e Oswald de Andrade. Aqui, contudo, cabe lembrar a tensão entre a busca pela autonomia da arte e a diluição das suas fronteiras com a vida, segundo Peter Bürger (2012). Pois se a autonomia da arte era a condição para um conhecimento crítico da realidade, ao mesmo tempo, uma arte inteiramente absorvida pela “práxis vital” perderia a capacidade de criticá-la.⁹²

⁸⁸ RICARDO, Cassiano. *Minha terra tem palmeiras*. *Op. Cit.*

⁸⁹ O termo “sinceridade” aparece repetidas vezes nos artigos de Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, reunidos no *O curupira e o Carão* (1926), em geral, como qualitativo de uma arte desobediente aos modelos estéticos europeus. A discussão sobre sinceridade é ampla e pode ter matrizes diversas. A esse respeito ver TRILLING, Lionel. *Sinceridade & Autenticidade. A vida em sociedade e a afirmação do eu*. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: É Realizações Editora, 2014 [1971] e MILNES, Timothy; SINANAN, Kerry (ed.). *Romanticism, Sincerity and Authenticity*. Palgrave Macmillan, 2010.

⁹⁰ SALGADO, Plínio. *Arte e Literatura*. *Op. Cit.*

⁹¹ PAZ, *Op. Cit.*, p. 133 e DUARTE, Pedro. *Estio do Tempo. Romantismo e estética moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 114.

⁹² BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Tradução de José Pedro Antunes. 1 ed.. São Paulo: Cosac Naif, 2012. [1974], p. 98.

Contudo, parece complicado pensar os verde-amarelos como autores de manifestos, se compreendermos esses textos como uma escrita que reflete sobre o estatuto próprio da obra de arte e que constitui a própria obra de vanguarda.⁹³ Uma vez que os verde-amarelos se voltariam especialmente contra a crítica e a experimentação, notada nas obras de companheiros de modernismo, e que os seus textos programáticos consideraram que a aquisição de uma estética nacional como um processo orgânico, que aconteceria naturalmente se o artista fosse sincero e evitasse processos importados. Foi nesse sentido que os verde-amarelos propuseram uma dissolução das fronteiras entre arte e vida e consideraram que a arte brotaria da vida espontaneamente.

A defesa verde-amarela de uma aproximação dos artistas à realidade nacional chegaria a ter muitos pontos de vista coincidentes com o dos cientistas, na exigência de se estabelecer um conhecimento mais pragmático e menos idealista da realidade brasileira. O que esses escritores considerariam como excessos cometidos por alguns modernistas teve a ver, em grande parte, com a imagem pejorativa do excessivo da inteligência ou da erudição. Na verdade, seus discursos, por diversas ocasiões, fizeram coro aos dos cientistas,⁹⁴ no alarde sobre a falência do antigo modelo do intelectual polígrafo, detentor de uma cultura geral ou humanística. Mas, mesmo que os verde-amarelos tenham se colocado como porta-vozes desse discurso a partir de 1925, vale lembrar que a sua projeção entre os modernistas se deu especialmente a partir da publicação do Manifesto da Poesia Pau Brasil, em 1924.

A necessidade de combater certa vestimenta doutoral do brasileiro e de estabelecer uma aproximação intuitiva com a brasilidade, foram pontos de vista sobre os quais Oswald de Andrade e os verde-amarelos estiveram de acordo, como mostrou Eduardo Jardim (2016). Contudo, se essas coincidências permitem problematizar nossa impressão inicial de estarmos diante de vertentes radicalmente opostas do modernismo paulista (um efeito que foi, inclusive, simulado pelos próprios escritores, na série de polêmicas que alimentaram na imprensa e nos periódicos modernistas da época) também tiram a nossa atenção das divergências que esses

⁹³ PERLOFF, Marjorie. *O momento futurista. Avant-Garde, Avant-Guerre, e a linguagem da ruptura*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora da USP, 1993, p. 160; DUARTE, Pedro. *A palavra modernista*. Op. Cit., p. 56; 60, *passim*.

⁹⁴ A confluência entre os discursos dos cientistas e da literatura em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, como nota Nísia Trindade Lima, traduz a ainda incipiente delimitação das identidades profissionais, nesse contexto. LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ/UCAM, 1999, p. 52. O discurso verde-amarelo se inseriu nesse debate tanto no que tem sido correntemente chamado a atenção, isto é, a representação do sertão como espaço onde se manifestava a autêntica cultura nacional, quanto numa reflexão sobre as identidades de literato e de cientista.

movimentos tiveram entre si. A esse respeito, a importância e o sentido que os verde-amarelos conferiram à sinceridade parece dar conta de explicar a oposição que esses escritores seguiriam fazendo a Oswald de Andrade, apesar das afinidades mencionadas anteriormente.

Nesse caso, parecem adequadas as considerações sobre o tema nacional que faz Declan Kiberd a partir de sua leitura do *Ulisses* (1922) de James Joyce. Dialogando com a discussão sobre os conceitos de sinceridade e de autenticidade em Lionel Trilling (1971), Declan Kiberd estabelece uma diferença entre o nacionalismo romântico e o moderno. Na sua visão, o escritor romântico admite a existência de uma essência nacional a que deve servir e descrever, enquanto que o escritor modernista colocaria em questão a própria existência de uma identidade definida, reconhecendo em seu lugar “um campo de forças sujeito a renegociações constantes”. Nesse âmbito, a sinceridade seria deslocada pela autenticidade e a ideia de uma congruência entre confissão e sentimento passaria a ser questionada, em função da descoberta de que uma pessoa, ou uma nação, possa ter uma pluralidade de identidades que se renovam continuamente.⁹⁵

A partir do mesmo tema da sinceridade, seria possível estabelecer, ainda, alguma compreensão sobre as ambiguidades que o discurso verde-amarelo nutriu com relação aos processos do conhecimento científico, considerando aqui a possibilidade de admitir certa analogia entre a preocupação verde-amarela com a sinceridade do artista e a premissa da objetividade no discurso científico. A base para essa comparação seria o efeito esperado do discurso artístico sobre o nacional, ou seja, a sua suposta capacidade de estabelecer uma relação menos mediada com aquele tema. A hipótese de que essa expectativa tenha sido tomada como congruente aos resultados que o cientista esperava obter a partir de uma análise distanciada do seu objeto. Nesse caso, todo o problema daqueles escritores com a ciência circundaria a transposição de seus métodos para o campo das artes, o que os tornava um obstáculo à comunicação direta do artista com a nacionalidade. Em vez da oposição entre arte e ciência, ou de uma valoração da primeira em relação à segunda, teríamos que do ponto de vista verde-amarelo, os dois campos poderiam atuar como colaboradores na produção de um conhecimento sobre o país, numa perspectiva “construtiva e prática”, nos termos de Cassiano Ricardo.⁹⁶

Não por acaso, a preocupação com estabelecer uma “percepção exata”, com opor uma “verdade concreta” a um Brasil inventado pelos livros,⁹⁷ seria recorrente nas publicações mais

⁹⁵ KIBERD, Declan. *Op. Cit.*, p. 79-80.

⁹⁶ RICARDO, Cassiano. Nem Rui Barbosa, Nem Jeca Tatu. *Correio Paulistano*, p. 3, 08 jan. 1927. O texto foi reunido na coletânea *O Curupira e o Carão* (1927).

⁹⁷ *Ibidem*.

importantes do grupo literário paulista, como *O Curupira e o Carão* (1927), com artigos dos três fundadores do movimento verde-amarelo, *Literatura e Política* (1927), de Plínio Salgado, e *Por amor do Brasil* (1928), de Menotti Del Picchia. Para esses escritores, a maioria dos discursos que até então haviam sido produzidos sobre o país estariam carregados de distorções, oscilavam entre um ufanismo que remetia ao *Por que me ufano do meu país* (1900), de Afonso Celso, e o pessimismo amparado em perspectivas forasteiras, associado ao jurista e político Rui Barbosa. Em grande medida, esse diagnóstico foi embasado pela leitura da obra de Alberto Torres, que foi objeto de estudos de uma série de artigos de Candido Motta Filho no *Correio Paulistano*, entre 1927 e 1928.

A partir da divisa “nem Rui, nem Jeca”, Cassiano Ricardo atacou a ambos os polos de interpretações sobre o Brasil, o que estaria assentado sobre uma visão providencialista e focado na narrativa sobre a abundância das riquezas naturais brasileiras, e o que indicava o domínio surpreendente de uma cultura geral, mas, ao mesmo tempo, a ignorância dos aspectos nacionais. No primeiro caso, tão recorrentes quanto as referências pejorativas a uma perspectiva muito “lírica” do Brasil, que poderia ser encontrada na obra de Afonso Celso, são as citações contrárias à personagem criada por Monteiro Lobato. Cassiano Ricardo a tomou como referência de um tipo brasileiro caracterizado tanto pela incultura, quanto pela resistência ao trabalho, mas, incongruente com a história brasileira que estaria repleta de exemplos de grandes iniciativas, desde as expedições bandeirantes que demarcaram o território nacional até a contemporânea disseminação da cafeicultura pelo interior paulista. No segundo caso, Rui Barbosa foi apresentado como figura simbólica do brasileiro que reuniria “as falhas peculiares às inteligências teóricas”, “as perdas que a cultura sistemática determina” e “os erros de observação que resultam dos juízos a priori, todos os males do raciocínio faulhante mas improdutivo”.⁹⁸

Essa crítica de Cassiano Ricardo incidiria, no entanto, sobre todos os discursos, sejam da arte ou da ciência, quando “estagnados” pelo acúmulo de conhecimentos, regras e convenções de todo o tipo. A própria fórmula do *Curupira e o Carão*, que dá nome ao livro onde o texto de Cassiano Ricardo foi incluído, daria conta desse questionamento mais geral que foi desenvolvido no programa verde-amarelo, o qual se estende sobre os “repetidores de todas as castas: os carões da ciência, os carões da filosofia, os carões que não mudam de ideias”.⁹⁹ No discurso verde-amarelo, “Curupira” e “Carão” são metáforas que representam o “Espírito

⁹⁸ RICARDO, Cassiano. Nem Rui Barbosa, Nem Jeca Tatu. *Op. Cit.*.

⁹⁹ *Idem*. O Curupira e o Carão. *Correio Paulistano*, p. 3, 17 mar. 1927.

Novo” e o “Espírito Velho”, “duas caras da mesma personagem”, a primeira em trânsito para o futuro, a segunda sob a sombra do seu Passado.¹⁰⁰ Nos textos de Plínio Salgado citados há pouco, os sentidos atribuídos a esses termos se aproximam respectivamente ao que o escritor caracterizou como ciclos romântico e clássico. O verde-amarelismo seria “o alfa do novo ciclo”, o primeiro, sinalizando a emergência de uma nova arte e de uma nova ciência.¹⁰¹

O envolvimento estrito desses escritores com a política se deu ainda nos anos vinte. Menotti Del Picchia, Plínio Salgado e Alfredo Ellis Junior se elegeram para cargos de deputado estadual, pelo Partido Republicano Paulista (PRP) e participaram ativamente da campanha de Júlio Prestes ao governo de São Paulo. Plínio Salgado costumava se referir a Júlio Prestes como integrante de uma “nova geração”, que sabia compreender a realidade brasileira, enquanto que atacava os políticos do Partido Democrático (PD). Em *A margem de uma entrevista de Júlio Prestes*, de 10 de junho de 1927, Plínio Salgado afirma que a atenção dos políticos deveria se voltar para a solução dos problemas econômicos. A sua estratégia de desqualificação dos membros PD foi congruente ao modo como o seu movimento literário se posicionou diante dos debates modernistas. Os dissidentes do PRP foram acusados de sustentarem projetos políticos arcaicos, de manterem o seu foco sobre discussões abstratas, num século em que os temas da política deveriam focar na administração.¹⁰² Segundo o escritor, naquela conjuntura os “sistemas eleitorais, processos de escolha, voto descoberto ou voto secreto, organização de partidos, constituição de assembleias políticas, presidencialismo ou parlamentarismo”, haviam passado para “o rol das coisas inoportunas”.¹⁰³ Mas, enquanto o PD ainda se perdia nesse emaranhado de questões, Júlio Prestes, “patriota, prático e sincero”, possuía uma plataforma de governo “concisa, simples e acertadíssima”, focada no investimento à agricultura e na promoção da higiene e da instrução das populações rurais.¹⁰⁴

O receituário de Menotti Del Picchia para a crise política brasileira dos anos vinte teve por base a mesma leitura de Plínio Salgado. Nos discursos parlamentares que reuniu em *Por amor do Brasil* (1927), o escritor propôs a substituição do idealismo utópico por um idealismo

¹⁰⁰ DEL PICCHIA, Menotti. *O Curupira e o Carão*. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; Plínio, SALGADO. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios, 1927, p. 11-12.

¹⁰¹ A expressão entre aspas é Menotti Del Picchia, ver DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; Plínio, SALGADO. *Op. Cit.*, p. 17-29.

¹⁰² SALGADO, Plínio. À margem de uma entrevista de Júlio Prestes. *Correio Paulistano*, p. 3, 10 jun. 1927. O texto foi reunido em *Literatura e Política*, com o título “A cidade e o ‘Hinterland’ paulista”.

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

orgânico. Segundo o então deputado estadual pelo PRP, o “idealismo orgânico”¹⁰⁵ levaria em conta os múltiplos aspectos da realidade brasileira e saberia solucionar os impasses entre o litoral e o sertão do país, uma vez que os principais problemas nacionais seriam decorrentes da vigência de um saber retórico, completamente alheio dos problemas práticos. Nos mesmos discursos, o escritor fez uso de expressões que evocavam a procedimentos e prerrogativas do trabalho científico tais como, “posse direta”, “inspeção” e “análise da verdade objetiva”, como posturas desejáveis ao conhecimento do país.¹⁰⁶

Principalmente nos textos que publicaram a partir de 1927, o grupo de Plínio Salgado costumava denominar a si próprio como parte de uma geração que deveria renunciar à posteridade, em prol da elaboração de uma estética brasileira e de uma compreensão mais “exata” sobre o Brasil. O movimento verde-amarelo que há alguns meses vinha questionando o esteticismo da própria geração modernista, buscava um sentido mais alargado. No livro de Plínio Salgado, *Literatura e Política* (1927), a revisão da proposta verde-amarela estabeleceu a aproximação do movimento com uma tradição de estudos sobre o país que remontava a desde os finais do século XIX.

[...] sentir-se-á nestas páginas a impressão que me tem ficado da obra de Alberto Torres, das ponderações de Tavares Bastos, do nosso pensamento nacional que, com feições contrastantes, espelha-se na literatura social e política de Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Licínio Cardoso, Roquette-Pinto, Tristão de Athayde, Jackson de Figueiredo [...]. Também será observada a influência dos depoimentos e comentários de Euclides da Cunha, visionador alcantilado dos problemas brasileiros.¹⁰⁷

No ano anterior, a editora administrada por Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia havia iniciado a publicação de uma biblioteca verde-amarela sobre temas brasileiros, que incluiria manifestos do verde-amarelismo, poesias de Cassiano Ricardo, o romance de estreia de Plínio Salgado, o ensaio de Candido Motta Filho sobre o romantismo, e uma pesquisa histórica sobre São Paulo, *Raça de Gigantes* (1926), de Alfredo Ellis Junior.¹⁰⁸ A propaganda

¹⁰⁵ O autor segue aqui a oposição entre “idealismo orgânico” e “idealismo utópico” proposta por Oliveira Vianna em *O Idealismo da Constituição* (Rio de Janeiro: Terra de Sol, 1927), onde foi reeditado o ensaio “O idealismo na evolução política do Império e da República”, lançado originalmente em 1922.

¹⁰⁶ DEL PICCHIA, Menotti. *Por amor do Brasil. (Discursos Parlamentares)*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1928, p. 22.

¹⁰⁷ SALGADO, Plínio. Aos intelectuais do meu país. In: *Idem. Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., p. XI-XII.

¹⁰⁸ Ao que parece a Editorial Hélios Ltda. teria funcionado entre os anos de 1926 e 1928 e seu catálogo foi além de títulos dos participantes do verde-amarelismo, incluindo *Os romances do exílio* (1927), de Oswald de Andrade, *Pathé-Baby* (1926), *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927) e *Laranja da China* (1928), de Antônio de Alcântara Machado, *Casa Destelhada* (1926), de Rodrigues de Abreu (1927), *Sem rei nem roque* (1926), de Armando Prado, *Sonatas Românticas* (1927), de Américo Morato, *Primeiras Labaredas* (1927), de Jonny Doin, *De mãos postas*

veiculada pela Editorial Hélios Ltda. descreveu essa obra como “uma reconstituição antropológica do paulista, desde os primeiros séculos do povoamento, com focalizações *sintéticas e analíticas* [grifos meus] dos fenômenos psicológicos e sociais do planalto paulista, desde o bandeirismo até a plantação de lavouras de café”.¹⁰⁹ A relação destacada do texto da editora previa a colaboração entre os processos de conhecimento da arte e da ciência. Os cientistas que se especializavam naquele contexto apareceriam como aliados no combate a uma velha mentalidade, que tratava o país de forma imaginosa, e se acercavam em torno do diagnóstico de que o brasileiro precisava rumar à terra, premissa que encontraria suporte tanto n’*A estética da vida* de Graça Aranha, quanto na leitura que os verde-amarelos fariam da obra de Alberto Torres.¹¹⁰ Num sentido semelhante, na mesma carta a Oliveira Vianna, citada anteriormente, Plínio Salgado além de ter procurado se afirmar como artista, terminaria enfatizando uma complementaridade entre a obra de ficção e abordagem sociológica:

[...] a obra de ficção é um complemento indispensável à obra sociológica. O sociólogo [...] estuda, expõe, explica a existência do fazendeiro. Mas ele não pode estampar ao vivo, a dor do fazendeiro, a ferra do fazendeiro, a alegria do fazendeiro. A ficção concretiza o episódio no fenômeno psicossocial, é uma espécie de ilustração à obra de bases científicas. Tornam-se necessários romances como o meu, numa época em que há trabalhos gigantescos como o seu.¹¹¹

2.3. Alfredo Ellis Junior, modernista

Assim, mesmo considerando a intuição como via privilegiada para o conhecimento da brasilidade, os verde-amarelos dialogaram com outros discursos mais acercados da perspectiva científica. Se ignorarmos esse dado, a participação de Alfredo Ellis Junior no movimento verde-amarelo se torna um ponto cego ou um evento ocasional na trajetória do historiador paulista e daquele movimento literário.¹¹² No entanto, se temos em conta a aproximação do modernismo com as ciências sociais, no contexto do estabelecimento dessas disciplinas nas primeiras décadas do século XX, a presença de Alfredo Ellis Junior entre os verde-amarelos ganha um

(1926), de Cleómenes Campos, *Bonecos de Pano* (1926), de Brandão Wellington, *À margem dos cariris: ensaio econômico-social sobre o nordeste brasileiro* (1926), de Zenon Fleury Monteiro.

¹⁰⁹ Cf. o exemplar consultado no arquivo de Edgard Roquette-Pinto da Academia Brasileira de Letras. Série Antropologia. Subsérie Raça. Dossiê Estudos de Populações.

¹¹⁰ Sobre as leituras de Plínio Salgado das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito ver BATISTA, Alexandre Blankl. *“Mentores da Nacionalidade”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado*. 170 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

¹¹¹ Carta de Plínio Salgado a Oliveira Vianna (10 de outubro de 1926) *apud* CAMPOS, Maria José. *Op. Cit.*. p. 128.

¹¹² Sobre a trajetória de Alfredo Ellis Junior como historiador, ver ROIZ, *Op. Cit.*

novo tom. Apesar de este não ser um ângulo novo sobre o tema modernista,¹¹³ parece um pouco inusitado no caso dos personagens desta tese, se o tomarmos exclusivamente por rivais dos processos sistemáticos de conhecimento.

Mesmo que certa afinidade de horizontes políticos possa ter sido um fator importante no ingresso de Alfredo Ellis Junior no verde-amarelismo, o mais provável é que ela tenha tido que ver com certa disposição para o enfrentamento da crise política dos anos vinte, a partir de um entendimento comum de que a solução dos problemas nacionais passava pelo conhecimento da realidade brasileira, para usar uma expressão ao gosto desses escritores. Nesse sentido, o historiador paulista tanto participaria das experiências vanguardistas do grupo de Plínio Salgado, elaborando projetos políticos ou que se dispunham a intervir noutras esferas da vida nacional, quanto contribuiria com uma sustentação científica para o discurso nacional/regional verde-amarelo, notadamente, no que diz respeito à formação racial do brasileiro. Nas palavras de Menotti Del Picchia, como “erudito do grupo revolucionário”, Alfredo Ellis Junior contribuiu para equacionar “problemas políticos, históricos, sociais e filosóficos sugeridos pelo movimento”, assumindo o “trabalho de disciplinar, através de ensaios expositivos, os intuítos da cruzada renovadora do pensamento nacional”. As suas “investigações de caráter histórico das mais variadas”, segundo Menotti Del Picchia, teriam oferecido um material variado “para os estudos do grupo combativo”.¹¹⁴

Muito antes de figurar entre os autores do manifesto verde-amarelo de 1929, o historiador paulista trabalhou no *Correio Paulistano*, onde publicou os seus primeiros estudos históricos, reunidos em *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano* (1924) e *Raça de Gigantes* (1926). Além de patrocinador da revista *Novíssima*, fundada por Cassiano Ricardo,¹¹⁵ Alfredo Ellis Junior também colaborou com o periódico em duas ocasiões: na sua edição comemorativa de um ano, de novembro/dezembro de 1924, com um texto intitulado *A antropologia do índio*, e no décimo primeiro volume da revista, de agosto de 1925, com uma

¹¹³ Ver, por exemplo, BIRKEMAIER, Anke. *Alejo Carpentier y la cultura del surrealismo en América Latina*. Madrid: Iberoamericana, 2006; CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. No Brasil, ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz. Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930*. São Paulo: Editora 34, 2005 [1994].

¹¹⁴ Menotti Del Picchia *apud* ELLIS, Myriam. *Alfredo Ellis Junior (1896-1974)*. São Paulo: Bentivegna Editora, 1997, p. 24. Segunda a autora, a citação de Menotti Del Picchia consta na crônica *Alfredo Ellis Junior e a revolução cultural*, publicada n^o A *Gazeta* de 05 de novembro de 1959.

¹¹⁵ O escritório de advocacia de Alfredo Ellis Junior era um dos anunciantes da revista.

resenha de *Cradock*, do escritor francês Claude Farrère.¹¹⁶ A partir de meados dos anos 1920, Alfredo Ellis Junior publicaria romances históricos como *O Tesouro de Cavendish, Romance Histórico Brasileiro* (1928), em parceria com Menotti Del Picchia,¹¹⁷ *A madrugada paulista, lendas de Piratininga* (1934); *O tigre ruivo* (1934); *Jaraguá, romance de penetração bandeirante* (1935) e *Amador Bueno, rei de São Paulo* (1937).

Na abertura de *Populações Paulistas* (1934), Alfredo Ellis Junior afirmou que a sua dedicação às “obras de ficção” tinha o objetivo de “divulgar [...] conhecimentos colhidos em árdua labuta”. Sobre *Populações Paulistas*, lamentou a demora com que vinha construindo “o esboço sociológico do povo paulista da década de 1920 a 1930”, por conta das asperezas da “struggle for life” que o impediam de dedicar-se “inteiramente a esse único objetivo científico”. Sobre o conteúdo apresentado na obra, afirmava estar baseado “na verdade, em toda a verdade e só na verdade”.¹¹⁸

No prefácio que escreveu para *O Tesouro de Cavendish*, Menotti Del Picchia assinalou a “função didática” e a “erudição notável” do primeiro romance histórico de Alfredo Ellis Junior. Segundo o escritor,

a documentação que enriquece as páginas do livro representa um esforço de culta investigação e uma apreciável contribuição de materiais históricos para a reconstrução da vida dos formadores da nossa nacionalidade. A evocação do ambiente espiritual, da geografia, da topografia, e, ainda mais, a inquieta peregrinação de etnólogo penetrando na complexidade étnica dos personagens, para destacar-lhes as tendências ancestrais nos típicos casos de ousadas mestiçagens que representam – somam novos valores à sua obra. Como se vê, levando-se em conta todos esses fatores, o romance, que pode viver apenas pelo seu interesse popular e episódico, torna-se um elemento de nobre e instintiva função didática.¹¹⁹

Entre os anos de 1925 a 1930, Alfredo Ellis Junior ocupou ainda, ao lado de Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, o cargo de deputado estadual pelo Partido Republicano Paulista

¹¹⁶ ELLIS JUNIOR, Alfredo. Antropologia do índio. *Novíssima. Modernismo. Nacionalismo. Iberoamericanismo*, São Paulo/Rio de Janeiro, n. 8, nov.- dez. 1924, p.27-28. Sobre a resenha ver GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: estética e ideologia na década de vinte*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros, 1987, p. 249. Claude Farrère era pseudônimo de Frédéric-Charles Bargone.

¹¹⁷ A obra saiu assinada por Menotti Del Picchia e Alfredo Ellis Junior, embora Menotti Del Picchia tenha escrito no prefácio: “ela [a obra] é toda do historiador ilustre e do etnólogo notável que, com “Raça de Gigantes” se afirmou um dos mais honestos e cultos investigadores do nosso passado. Nada há de meu nesse livro, que evoca, com verdade, a história dos paulistas. A aliança do meu nome ao do seu criador, além de resultar da minha grande simpatia pelo erudito sociólogo patricio, advém da missão de que me investiu, destinada a limitar, na estreia do romancista, os entusiasmos do narrador. Nem essa tarefa eu quis cumprir, larguei o romance nas suas projeções, sem lhe tosar as seivas rebarbas, uma vez que, por espontâneas e pitorescas, eram elas a própria essência da obra”. DEL PICCHIA, Menotti. Antes do livro. In: ELLIS JUNIOR, Alfredo; DEL PICCHIA, Menotti. *O Tesouro de Cavendish. Romance histórico brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928, p. 7-8.

¹¹⁸ ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Populações Paulistas*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1934, p. 8.

¹¹⁹ DEL PICCHIA, Menotti. Antes do livro. *Op. Cit.*, p. 8-9.

(PRP). Naquele período, a dedicação a temas históricos paulistas e a problemas mais contemporâneos, tais como a questão imigratória sob o prisma das discussões raciais e da eugenia, marcaram a atuação pública de Alfredo Ellis Junior. Em agosto de 1926, o então deputado estadual aprovaria um projeto de lei prevendo a criação de um “aparelhamento científico” para o estudo dos imigrantes que se estabeleciam em São Paulo, com o objetivo de orientar o estabelecimento de uma política imigratória.¹²⁰ No debate sobre o projeto, realizado na Câmara Estadual, o historiador argumentara que apesar da máxima relevância do tema, sua discussão no país ainda acontecia de forma amadora. O que ficara demonstrado na polêmica em torno à imigração japonesa que, na sua visão, teria sido levada a partir de argumentos que careciam de uma mínima sustentação científica.¹²¹

Pelo menos desde a escrita de *Raça de Gigantes*, a formação racial da população paulista constituía objeto central das pesquisas realizadas por Alfredo Ellis Junior. A principal tese desenvolvida naquele livro era a de que a população de São Paulo formara uma sub-raça, por meio do cruzamento dos primeiros povoadores, selecionados entre os indivíduos de maior índice eugênico da península ibérica, com o indígena. O isolamento geográfico e a leve consanguinidade praticada pelos primeiros habitantes do território paulista, na visão do historiador, teriam contribuído para fixar os traços eugênicos supostamente avalizados por excelentes índices de natalidade, pela longevidade e pela varonilidade da população de São Paulo, nos séculos XVI a XIX. O pesquisador estabeleceu esses dados realizando investigações genealógicas em inventários, testamentos antigos e consultando estudos como os de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, escritos no século de XVIII, e *Genealogia Paulistana* (1903), de Luiz Gonzaga da Silva Leme. A compreensão do autor acerca dos fatores que concorreram para uma mestiçagem benéfica em São Paulo ainda levaria em conta aspectos da mesologia paulista, tais como o relevo e o clima predominante em São Paulo e a nutrição dos primeiros núcleos populacionais do estado. Alfredo Ellis Junior também procurou traçar um perfil da psicologia paulista, considerando o bandeirismo, a agricultura de subsistência praticada nos primeiros séculos de povoamento do território paulista e o funcionamento das Câmaras Municipais.

Como se pode notar a partir desse apanhado, Alfredo Ellis Junior lidou com referências de campos disciplinares diversos, tais como a antropologia física, a geografia, psicologia social

¹²⁰ EL-DINE, Lorenna Ribeiro Zem. Eugenia e seleção imigratória: notas sobre o debate entre Alfredo Ellis Junior, Oliveira Vianna e Menotti Del Picchia, 1926. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, suplemento, dez. 2016, p. 244.

¹²¹ *Ibidem*.

e a sociologia da época. Mas especialmente no caso da aproximação com a antropologia, o historiador se valeu de um ecletismo teórico, tomando em conjunto a contribuição de correntes de pensamento hoje entendidas como um tanto diversas e até mesmo opostas. Seu estudo sobre a formação racial da população paulista levou em conta a influência do meio sobre os caracteres hereditários (lamarckismo), passando pelos diferentes tipos de seleções naturais e sociais (darwinismo), até o esquema de transmissão das características genéticas, com base nas relações de dominância e recessividade (mendelismo).¹²² Ainda sobre a amplitude dos referenciais teóricos adotados por Alfredo Ellis Junior, chama a atenção que citações a teóricos raciais do século XIX críticos da miscigenação, como os franceses Pierre Paul Broca e George Vacher de Lapouge, tenham dividido espaço em seu texto com os pontos de vistas de antropólogos contemporâneos, como o brasileiro Edgard Roquette-Pinto, cujas pesquisas não consideravam a mestiçagem como um fator de degeneração racial.¹²³

Essas características do texto de Alfredo Ellis Junior, ao invés de sinalizarem uma inconsistência teórica do autor, seriam indicativas das teorias em torno do tema racial, que permaneciam ou que entravam em voga nos anos vinte. Enquanto estudioso da eugenia, Alfredo Ellis Junior, em seu diálogo com os preceitos lamarckistas, poderia ser tomado como representante típico de uma eugenia latina, que, segundo Nancy Stepan (2004 e 2005), de cunho mais otimista, tendia a rechaçar políticas eugênicas mais duras tais como a esterilizações compulsórias e as restrições imigratórias com base em critérios raciais.¹²⁴ No âmbito da teoria lamarckiana, as preocupações sobre o melhoramento das populações se voltaram especialmente para a melhoria das condições ambientais ou para a promoção da saúde pública, costumando incluir o combate a epidemias e endemias, campanhas contra o alcoolismo e relacionadas à saúde feminina e aos primeiros cuidados na infância. De todo modo, o caso de Alfredo Ellis Junior seria singular por conta do contato travado com o mendelismo, que nos anos vinte ainda era uma corrente teórica menos difundida entre os brasileiros, e por sua proposta de lei relacionada à imigração, tema que em geral era legislado do ponto de vista da eugenia mendeliana. A esse respeito, é bastante provável que os primeiros contatos de Alfredo Ellis

¹²² ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Os Primeiros Troncos Paulistas*. São Paulo/Brasília: Editora Nacional, INL, 1976 [1936], p. 38-40. O livro é a segunda reedição de *Raça de Gigantes*. Ambas as edições foram consultadas.

¹²³ Ver SOUZA, Vanderlei Sebastião. *Em busca do Brasil. Edgar Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. 382 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2011, p. 286, 298, 321.

¹²⁴ STEPAN, Nancy Leys. “A hora da eugenia”. *Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005 e “Eugenia no Brasil”, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego. *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

Junior com o mendelismo tenham ocorrido partir do diálogo com a obra de Edgard Roquette-Pinto, de quem o historiador se dizia grande admirador, sentimento que, aliás, foi compartilhado com Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado.¹²⁵

O cuidado com a análise documental e a adoção de uma perspectiva interdisciplinar especialmente atenta aos debates eugênicos, denotam a preocupação que Alfredo Ellis Junior teve com fundamentar cientificamente as suas pesquisas e, ao mesmo tempo, dão conta da inclinação ensaística da sua obra. Tais características teriam sido uma chancela importante à perspectiva positiva da mestiçagem, que os verde-amarelos procuravam comunicar. O historiador paulista, ao mencionar em seu texto as grandes iniciativas históricas da chamada “raça de gigantes”, o bandeirismo e a expansão da cafeicultura no século XIX, contrapôs a imagem negativa do brasileiro que anos antes se associara à personagem de Monteiro Lobato. Menotti Del Picchia se referiria a ela como fruto da “ilusão literária pelo humorismo cético e destrutivo” do escritor paulista.¹²⁶

Mas se a interpretação em chave negativa da mestiçagem ocorrida no Brasil foi, por um lado, tratada como equívoco literário por Menotti Del Picchia, foi, por outro lado, considerada como reflexo das “fantasias e falsidades” de uma “pseudocultura científica” por Candido Motta Filho. Segundo Candido Motta Filho, desde o século XIX esse discurso vinha fazendo uma forte campanha contra o mestiço, desacreditando-o “com todos estigmas da degeneração, desarticulado, indolente, torturado por doenças e pela constante fadiga intelectual”.¹²⁷ Diante dessa chave de leitura, as pesquisas de Alfredo Ellis Junior, ao lado das de Edgard Roquette-Pinto, configurariam exemplos do modo “caprichoso” como a ciência mais recente, aos poucos, vinha pondo de lado e esquecendo o conceito de degeneração, parafraseando a própria fala mais geral de Candido Motta Filho. Como afirmaria esse autor, tal virada interpretativa dos discursos científicos confirmava as prevenções que há tempos já teriam sido assinaladas por Alberto

¹²⁵ Menções ao antropólogo podem ser encontradas, por exemplo, em RICARDO, Cassiano. O “segredo das uíaras”. *Correio Paulistano*, p. 3, 14 set. 1927 e, do mesmo autor, O Homem e a Paisagem. *Correio Paulistano*, p. 3, 1 mar. 1928. Do próprio Alfredo Ellis Junior, vale mencionar a resenha que escreveu sobre *Seixos Rolados* (1927), reunida em ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Pedras Lascadas*. São Paulo: Tipografia Hennes Irmãos & Cia, 1928, p. 41-50. Em *Literatura e Política*, Plínio Salgado tomara um trecho de *Seixos Rolados* para reiterar, na sua visão, a aproximação do litoral com o interior do país: “o nosso distinto patrício dr. Roquette-Pinto [...] que ‘se as correntes do nosso destino não forem desviadas, as regiões centrais hão de sofrer cada vez mais a influência da costa’ e ‘o que Brasil ainda tem de individual irá cedendo e morrendo’”. SALGADO, Plínio. *Literatura e Política*. *Op. Cit.*, p. 50. Sobre os contatos de Edgar Roquette-Pinto com a genética mendeliana ver SOUZA, *Em busca do Brasil*. *Op. Cit.*. Especialmente o Capítulo 4 “Diálogos e controvérsias acerca da miscigenação”.

¹²⁶ DEL PICCHIA, Menotti. O problema racial. *Correio Paulistano*, p.3, 26 ago. 1926.

¹²⁷ MOTTA FILHO, Candido. *Alberto Torres e o tema de nossa geração*. Rio de Janeiro: Schmidt-Editor-Rio, p. 10; 85.

Torres, contra as conclusões apressadas e apriorísticas que se faziam sobre o tema racial, no Brasil.¹²⁸

No caminho sugerido pela obra de Alberto Torres, que Candido Motta Filho estudou nos anos vinte, a obra de Alfredo Ellis Junior se adequava às expectativas dos verde-amarelos por pesquisas sensíveis às particularidades da realidade brasileira e que redimissem a população nacional mestiça. Talvez por essa razão, esses escritores acabariam fazendo vista grossa ao fato de a tese defendida em *Raça de Gigantes* ignorar a participação do negro na formação racial do paulista, ou mesmo endossando o preconceito racial do autor que, embora apareça mal disfarçado em *Raça de Gigantes* (no argumento de que a pobreza dos primeiros núcleos de povoamento do território paulista teria inviabilizado a compra de escravos africanos), ficaria explícito nos estudos que Alfredo Ellis Junior reuniu em *Pedras Lascadas* (1928) e, posteriormente, em *Populações Paulistas* (1934).¹²⁹

Esse tema chegaria a ser motivo de uma divergência com Edgard-Roquette-Pinto, a quem Alfredo Ellis Junior atribuiu um “excessivo espírito democrático”.¹³⁰ Alfredo Ellis Junior considerou elevado o número de mortes provocadas por doenças respiratórias entre a população negra de São Paulo e a partir desse dado atestou a inferioridade fisiológica dessa população, em condições ambientais como as que se apresentavam na capital paulista, com importantes variações de temperatura. Por essa razão, na opinião do historiador, a diminuição do número de negros no estado de São Paulo não poderia ser atribuída tão somente a “causas sociais, como por exemplo, a deficiência de educação”, apontadas por Roquette-Pinto, mas à ocorrência de uma seleção climática.¹³¹

Argumentos como esse dão caldo à interpretação de que Alfredo Ellis Junior pensasse o mestiço paulista, a partir do cruzamento euro-americano, como uma exceção que confirmava a necessária prevenção em questões de mestiçagem. Para caracterizar o cruzamento inter-racial ocorrido em São Paulo, Alfredo Ellis Junior se baseou num antigo esquema de classificação dos tipos de mestiçagem elaborado pelo cientista francês Paul Broca, em fins do século XIX, e definiu o paulista como um mestiço do tipo “homogênico eugenésico”. Um tipo de

¹²⁸ *Ibidem*, p. 69; 85-86.

¹²⁹ ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Os Primeiros Troncos Paulistas... Op. Cit.*, p. 54-55 e do mesmo autor. *Populações Paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p. 98. Mesmo no livro anterior, o historiador consideraria que o aumento do número de negros no planalto paulista já no século XVIII e, conseqüentemente o incremento da sua mestiçagem com o paulista, foi um dos fatores que contribuíram para o decréscimo do índice eugenésico do núcleo inicial bandeirante. *Ibidem*, p. 119.

¹³⁰ ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Pedras Lascadas. Op. Cit.*, p. 44.

¹³¹ *Ibidem*.

cruzamento ocorrido entre duas raças diversas com uma descendência fecunda que, cruzando novamente entre si, teria dado origem a um novo tipo mestiço. Nas palavras de Alfredo Ellis Junior, essa mistura apresentaria os caracteres de ambas as “raças mães” “escalonados em seriações, de acordo com as dominâncias e as recessividades recíprocas e relativas umas a outras das duas raças”.¹³² Ainda segundo o historiador, a conformação racial do mestiço paulista teria permanecido inalterada até a chegada das correntes imigratórias em fins do século XIX, cuja influência sobre o paulista estaria por ser avaliada por meio de estudos científicos que medissem o impacto da imigração no estado de São Paulo. Ou seja, das pesquisas que chegaria a propor, em seu projeto de lei de 1926, sugerindo que fossem coordenadas por Edgard Roquette-Pinto.¹³³

Nos seus estudos sobre os tipos antropológicos brasileiros, Edgard Roquette-Pinto levou em conta aspectos sociais que, como visto há pouco, foram minimizados por Alfredo Ellis Junior, e afastou a hipótese de que a mestiçagem configurasse um problema de ordem racial.¹³⁴ Nesse sentido, a perspectiva de Edgard Roquette-Pinto, mais que a de Alfredo Ellis Junior, iria ao encontro do discurso verde-amarelo de valorização das regiões rurais do país e do brasileiro do interior. Na segunda metade dos anos vinte, as poesias publicadas por Cassiano Ricardo retomariam a imagem de um povo formado a partir da miscigenação entre o branco, o índio e o negro, que teria ficado assentada pela historiografia brasileira do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no século XIX. Os estudos de Edgard Roquette-Pinto também foram lembrados pelos verde-amarelos em textos nos quais defenderam a interiorização do país ou a aproximação entre o litoral e o sertão como forma de reencontro do brasileiro com a sua essência nacional. Em muitas dessas publicações, os mesmos escritores chegariam a assumir uma identidade caipira, marcando um contraponto aos pares no modernismo, identificados à cultura artificial e cosmopolita.¹³⁵

Apesar da discordância que teve com Edgard Roquette-Pinto sobre o negro, Alfredo

¹³² *Ibidem*, p.39-40.

¹³³ CÂMARA DOS DEPUTADOS. 22ª Sessão Ordinária em 17 de agosto. *Correio Paulistano*, p.5, 18 ago. 1926.

¹³⁴ Cf. SOUZA, Vanderlei Sebastião. *Em busca do Brasil. Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Op. Cit..

¹³⁵ Por exemplo, em SALGADO, Plínio. Reflexões. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.3. 10 fev. 1926; RICARDO, Cassiano. Literatura Cínica. *Correio Paulistano*, p. 3, 18 fev. 1926. A identidade caipira também foi conferida a alguns, Plínio Salgado, por exemplo, comentando a emergência de uma “nova mentalidade” brasileira diria: só agora podemos compreender o caboclinho formidável que foi Euclides da Cunha, entendemos melhor a voz brasileira que foi a de Tavares Bastos, sentimos a realidade das palavras nacionalíssimas de Alberto Torres. SALGADO, Plínio. *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios, 1927, p. 118. Os termos “caboclo”, “caipira” e “sertanejo” seriam tomados em muitos casos como sinônimos. Sobre o “intelectual que se auto identifica como caipira” ver LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. Op. Cit., p. 150-154.

Ellis Junior coincidiu com o antropólogo na sua defesa da imigração japonesa. Numa entrevista publicada no jornal *Correio da Manhã* no dia 02 de maio de 1924, Roquette-Pinto ironizou os argumentos de “ordem estética” disfarçados de interpretações científicas que, na sua visão, sustentavam as opiniões contrárias à imigração nipônica.¹³⁶ Num sentido semelhante, em *Pedras Lascadas* (1928), Alfredo Ellis Junior criticou os que queriam “à força resumir a Eugenia ao conceito europeu de beleza física” ou “à antítese da fealdade”, numa referência ao médico e eugenista Renato Kehl.¹³⁷ Na visão do historiador, essa leitura da eugenia ignorava que para o cálculo eugênico contribuía não só os fatores de ordem física, moral e fisiológica, mas, sobretudo, o fator intelectual. Acerca desse índice, afirmava que os testes de inteligência norte-americanos haviam comprovado a superioridade do japonês.¹³⁸ O exemplo dos Estados Unidos também foi lembrado por Alfredo Ellis Junior em 1926, quando apresentou sua proposta de lei sobre a imigração à Câmara Legislativa de São Paulo. Naquela ocasião, o historiador considerou que para encerrar a polêmica em torno dos japoneses, o Brasil também deveria realizar seus estudos sobre as correntes imigratórias que se dirigiam ao país, antes de legislar sobre o tema.¹³⁹ Ao apontar como essencial a reunião de dados que dessem conta das condições específicas de aclimatação dos japoneses ao Brasil, Alfredo Ellis Junior estabeleceria, portanto, um limite entre o que poderia ou não ser aproveitado por São Paulo das experiências de outros países.

Como se pode notar pelo conteúdo de *Populações Paulistas* (1934), o próprio historiador acabaria se envolvendo pessoalmente com o levantamento de dados relativos à adaptação dos grupos de imigrantes de distintas nacionalidades ao estado de São Paulo. Caso a caso, sua análise apresentou uma série de informações sobre as características antropológicas dos tipos raciais predominantes em cada corrente migratória e sobre as condições de vida que cada grupo de imigrantes levava em seus países de origem. O historiador também levantou dados sobre os casamentos que os imigrantes contraíam com pessoas da mesma nacionalidade (uniões por amixia), com pessoas de outras nacionalidades e com os próprios paulistas. Além disso, estabeleceu a média de filhos por casal, uma metodologia que havia empregado,

¹³⁶ ROQUETTE-PINTO, Edgar. Imigração Japonesa. Opinião do professor Roquette-Pinto. *Correio da Manhã*, p. 2, 02 mai. 1924.

¹³⁷ ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Pedras Lascadas*. *Op. Cit.* p. 48. Sobre Renato Kehl ver SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. 220 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

¹³⁸ ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Pedras Lascadas*. *Op. Cit.* , p. 70-71; 74.

¹³⁹ CÂMARA DOS DEPUTADOS. 22ª Sessão Ordinária em 17 de agosto. *Op. Cit.*.

anteriormente, para o estudo dos núcleos coloniais de São Paulo, em *Raça de Gigantes* (1926). Finalmente, a exemplo de seus estudos que foram mencionados há pouco, sobre a população negra em São Paulo, *Populações Paulistas* apresenta informações sobre as principais causas de morte em cada uma dessas populações.

Menotti Del Picchia foi interlocutor direto de Alfredo Ellis Junior na época da submissão do seu projeto de lei de 1926. Em artigo publicado no *Correio Paulistano*, o escritor e então deputado estadual assinalou as dificuldades que a exigência de estudos prévios sobre o tema imigratório colocava à resolução imediata da necessidade do povoamento do território brasileiro e da carência de mão de obra no país. Na sua visão, Alfredo Ellis Junior e Oliveira Vianna, que anteriormente havia publicado no mesmo jornal um texto apoiando a iniciativa de um projeto visando à seleção imigratória, tratavam esse tema de forma “límpica”, um adjetivo que à época os cientistas costumavam empregar em referência aos literatos, como mostrou Dominichi Miranda de Sá.¹⁴⁰

Esse comentário de Menotti Del Picchia dá conta das divergências que continuariam a existir com os pontos de vista desses autores, apesar de os seus discursos, em outras ocasiões, terem sido mobilizados para dar sustentação ao programa verde-amarelo. Durante o debate sobre a Anta, Plínio Salgado, por exemplo, citou *Raças Nacionais e Raças Históricas*, publicado no *Correio Paulistano* em 15 de fevereiro de 1927.¹⁴¹ O artigo de Oliveira Vianna, que chamava a atenção para a multiplicidade de tipos raciais que conformavam as populações de cada nacionalidade, pareceu importante ao escritor para desmentir a interpretação de seus companheiros de verde-amarelismo, de que com a sugestão daquele símbolo indígena estaria fechando os olhos para a participação de outros tipos raciais na formação da população brasileira. Já na ocasião do projeto de lei de Alfredo Ellis Junior, Menotti Del Picchia, evitando aderir às opiniões de Oliveira Vianna, apresentaria argumentos mais acerdados aos dos estudos antropológicos de Edgard Roquette-Pinto, para endossar o seu ponto de vista sobre a seleção imigratória.

Em *O problema racial*, de agosto de 1926, Menotti Del Picchia reiterou a oposição de Edgard Roquette-Pinto ao estabelecimento de critérios raciais para a seleção dos imigrantes e afirmou que os critérios dessa escolha deveriam se restringir apenas aos que dificultassem a

¹⁴⁰ Cf. SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. Quanto ao texto de Menotti Del Picchia citado nessa passagem, sua referência é DEL PICCHIA, Menotti. O problema racial. *Correio Paulistano*, p. 3, 26 ago. 1926.

¹⁴¹ OLIVEIRA VIANNA. Raças Nacionais e Raças Históricas. *Correio Paulistano*, p. 3, 14 jan. 1927 e SALGADO, Plínio. Em defesa da Anta. *Correio Paulistano*, p. 3, 17 jan. 1927.

chegada de indivíduos “defeituosos, pouco sadios, rebeldes à disciplina social, perigosos à ordem”. Na visão do escritor, a melhor forma de tratar com “espírito prático” uma questão tão urgente quanto a do povoamento do território e da necessidade de mão de obra na agricultura nacional era reconhecer como bem-vindos todos os imigrantes “sadios moral e fisicamente” e “habitados ao trato da terra”. Na sua opinião, a “previdência política” deveria se restringir tão somente a evitar a formações de quistos étnicos ou núcleos de povoamento que se mantivessem isolados da cultura nacional.¹⁴² Mas, mesmo assim, Menotti Del Picchia acenaria para a solução do problema imigratório apresentada pelo colega de legislatura na Câmara dos Deputados de São Paulo, e apoiada por Oliveira Vianna:

[...] seria o ideal se – como a seleção que se faz nas mudas de cafeeiros, para que o cafezal já surja da terra pródigo de frutos – possuíssemos a milagrosa faculdade da escolha do tipo racial mais adaptável às nossas condições de trabalho e de clima, plástico ao amálgama, sinérgico quanto à matriz racial, não oferecendo o perigo do quisto étnico, harmonizado intelectualmente com os hábitos mentais da gente brasileira.¹⁴³

Esse trecho demonstra a familiaridade de Menotti Del Picchia com o discurso eugênico, em que pese não esclareça sobre a concordância do escritor com a transposição do mesmo sistema de manipulação genética das “mudas de cafeeiros” aos seres humanos. Ao mesmo tempo, a sua percepção de que a eugenia poderia facultar a escolha de imigrantes mais adaptados ao ambiente e a mentalidade brasileira, deve ser contextualizada pela afirmação de Menotti Del Picchia, de que o Brasil se encontrava numa “situação excepcional” “em face do seu problema etnológico”, “conseguindo cruzar três raças diametralmente opostas na sua textura e na sua organização mental: o luso, o preto e o índio”. Segundo Menotti Del Picchia, o que havia resultado “dessa bizarra mistura”, era “um tipo tão prodigioso de energia física e de iniciativas, que conseguiu desbravar, fixar-lhe as fronteiras, possuir e defender uma das pátrias geograficamente maiores do mundo”. Com base nessa ideia, Menotti Del Picchia concluía que “o poligenitismo – e entre nós levado à formula de xadrez, porque temos um grande acampamento de povos de todos os climas – não representou nenhum mal para a raça”.¹⁴⁴

¹⁴² DEL PICCHIA, Menotti. O problema racial. *Op. Cit.*. Como o antropólogo afirmou em artigo citado há pouco: “por princípio julgo muito vantajosa toda imigração espontânea que nos traga gente sadia, trabalhadora, ordeira, de apreciável nível cultural, seja qual for a sua origem. [...]. Que nos importa que conservem aqui a sua religião, o seu idioma, como aliás fazem os sírios, alemães e polacos, se é gente disposta a obedecer às nossas leis e às nossas autoridades, se é gente que vai trabalhar na lavoura, levando para os nossos campos uma educação social e higiênica [...]”? ROQUETTE-PINTO, Edgar. Imigração Japonesa. Opinião do professor Roquette-Pinto. *Op. Cit.*.

¹⁴³ DEL PICCHIA, Menotti. O problema racial. *Op. Cit.*

¹⁴⁴ *Ibidem.*

De todo modo, no discurso verde-amarelo, uma interpretação otimista sobre a miscigenação pode ser percebida ao mesmo tempo que a ênfase numa hierarquia entre as raças que, como notou Nancy Stepan (2004), sugere certas similaridades com o movimento eugênico conservador.¹⁴⁵ Aquela perspectiva, tendo sido desenvolvida, posteriormente, no *Marcha para Oeste* (1940), de Cassiano Ricardo, como um discurso de sustentação do corporativismo estado-novista,¹⁴⁶ teria tido as suas primeiras formulações no poema do mesmo autor, *Martim Cererê* (1928), como notou Luiza Franco Moreira (2001):

no relato do nascimento da nova raça brasileira, apenas o europeu desempenha um papel ativo. O marinheiro português dá início à ação ao se apaixonar por uma “índia” a atravessar o mar em busca de escravos africanos. Em contraste, o papel do indígena é passivo. Este aparece como uma mulher que desempenha os papéis tradicionais de esposa e mãe. Finalmente, o africano é uma prenda – um bem móvel e nem mesmo participa do casamento mítico. O homem europeu é apresentado como o arquiteto da harmonia racial; esta, por sua vez, se afirma justamente na medida em que o indígena, o africano – e de passagem a mulher – se mantém em papel passivo.¹⁴⁷

Retomando as precauções de Menotti Del Picchia contra as proposições de Alfredo Ellis Junior e Oliveira Vianna, elas se dão em torno da expectativa da produção de um conhecimento sobre a realidade nacional que não se orientasse por concepções apriorísticas. Tal anseio fez com que mesmo os verde-amarelos que demonstraram certa resistência aos processos científicos, sucumbissem ao “charme da ciência” e à “sedução da objetividade”.¹⁴⁸ Nesse sentido, a exemplo do conselho de Cassiano Ricardo, em 08 de janeiro de 1927, sobre “a necessidade de olhar o Brasil como ele se nos apresenta”, Oliveira Vianna, no prefácio que escreveu para *Evolução do Povo Brasileiro* (1923), apresentaria uma descrição do seu método de trabalho bem ao gosto de determinadas passagens verde-amarelas,

o que me inspira é o mais absoluto sentimento de objetividade: somente os fatos me preocupam e somente trabalhando sobre ele é que infiro e deduzo. Nenhuma ideia preconcebida. Nenhuma preocupação de escola. Nenhuma limitação de doutrina. Nenhum outro desejo senão o de ver as coisas como as

¹⁴⁵ STEPAN, Nancy. Eugenia no Brasil. *Op. Cit.*, p. 367.

¹⁴⁶ Naquele livro, a bandeira histórica foi representada como um ensaio da estrutura social brasileira, onde o português atuaria como o chefe da tropa, o índio como o responsável pela movimentação da bandeira no sertão e o negro pelo trabalho seja na agricultura que garantia a subsistência da bandeira, que abastecia a bandeira para uma nova investida pelo sertão, seja na mineração. Ver RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste. Op. Cit.*

¹⁴⁷ MOREIRA, Luiza Franco. *Meninos, Poetas e Heróis. Op. Cit.*, p. 44-45. Para Nancy Stepan (2004), a ênfase numa hierarquia natural, na família e no papel do Estado na estruturação das relações sociais sugere certas similaridades entre um movimento eugênico conservador e a ideologia corporativista. STEPAN, Nancy. Eugenia no Brasil. *Op. Cit.*, p. 367.

¹⁴⁸ Retomo aqui as expressões que dão título a BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna entre interpretes do Brasil*. 2. ed. revista. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

coisas são, e dizê-las como realmente as vi.¹⁴⁹

¹⁴⁹ OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. *Evolução do Povo Brasileiro*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co, 1923, p. 40.

Capítulo 3

A raça cósmica verde-amarela

“O preconceito da superioridade das raças, lembra José de Vasconcelos, é um argumento de combate. Ora, nós, brasileiros, preocupados com as conclusões dos europeus, assentamos que o maior vexame a que nos poderão expor é o dizerem que não somos uma raça absolutamente latina. [...] além de nos horrorizarmos ante as informações de viajantes que nos dizem negros; além de nos indignarmos se um *globe-trotter* se referir a nossa origem tupi, ou simplesmente contar que ainda há índios no Brasil, – vamos mais longe: lamentamos que o nosso país não tivesse sido colonizado pelos holandeses, que aqui não houvessem triunfado as armas do Nassau, ou mesmo de Villegaignon, ou Cavendish! Repudiamos as nossas origens! Mais longe ainda: quando os outros povos começam a entrar aqui com o seu contingente, tratamos logo de os deprimir, ao mesmo tempo que nos submetemos a eles.... Assim é o nosso esnobismo. Ora, basta de tamanha indignidade! Orgulhem-nos da nossa origem e nisso não vá um desprezo pelas outras raças, mas amor próprio e dignidade nacional. ”

Plínio Salgado (1926)

“Não será demais insistir um pouco: não bondade em sentido de cordialidade. Não apenas bondade do homem *aimable* mas a do homem representativo de um modo de ser especificamente brasileiro; ou de um tipo de cultura original e plástico. [...] considerando o coração como a soma total dos impulsos benévolos. Homem cordial, sim, como sinônimo de homem síntese – o ‘homem síntese’ de José Vasconcelos. ”

Cassiano Ricardo (1959)

“Hoje a mistura de sangue poligenéticos já nos dá o tipo ideal da “raça cósmica”, que é o “brasileiro”, cujas origens étnicas não mais nos interessam pois S. Paulo tornou-se uma esquina do mundo onde acamparam, se fixaram e fundiram todas as raças. Para a nossa felicidade predominou, em todas as enxertias, o vigoroso tronco português que os venceu com sua marca e os envolveu numa atmosfera de tradição instilando nos “neobrasileiros”, com a imposição da língua e da religião, o orgulho da nossa história. ”

Menotti Del Picchia (1972)

A referência a José Vasconcelos não passou despercebida dos estudos que se dedicaram àquela vertente do modernismo e/ou às trajetórias intelectuais de alguns de seus integrantes. A receptividade de Plínio Salgado ao intelectual mexicano foi mencionada, por exemplo, por Randal Johnson (1988) e por Jorge Schwartz (2008) e, mais recentemente, por Helaine Nolasco Queiroz (2010), os quais mesmo não tendo se ocupado especialmente desse diálogo, apontaram José Vasconcelos como interlocutor do grupo literário paulista.¹ Uma leitura dos escritos verde-amarcelos entre 1926 e 1929,² sugere, porém, que o autor foi mais do que uma referência circunstancial daqueles escritores e, se ampliarmos a perspectiva temporal, a exemplo dos trechos destacados no começo deste capítulo, constatamos que as ideias desenvolvidas em *La Raza Cósmica* ecoaram ainda, por muito tempo, pelo menos nos escritos de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo.

Os três fragmentos transcritos na página anterior exemplificam alguns dos usos, bem como o alcance temporal das referências à obra mais conhecida de José Vasconcelos, feitas pelos escritores que se reuniram, nos anos vinte, em torno do verde-amarelismo. Dispostos, assim, em ordem cronológica, compõem a imagem de país que, aos poucos, é posto como cenário de realização da teoria de José Vasconcelos, e que a partir dessa aproximação adquire identidade e forma. Dos fragmentos apresentados, o temporalmente mais distante, de Plínio Salgado, é parte de um discurso realizado durante a homenagem que recebeu no *Correio Paulistano*, pela publicação do romance *O Estrangeiro* (1926). A fala que Plínio Salgado preparou para a ocasião saiu posteriormente, pela Editorial Hélios Ltda., com o título de *A Anta e o Curupira* (1926) e, como se nota pela leitura do fragmento na página anterior, ultrapassa o tema estrito d'*O Estrangeiro* para abarcar questões mais políticas do que estéticas ou formais. Essa característica está em sintonia, aliás, com outras publicações do movimento verde-amarelo que, nesse contexto, davam ênfase ao papel do intelectual na condução do país, e que estiveram

¹ JOHNSON, Randal. Notes On A Conservative Vanguard: The Case of Verde-Amarelo/Anta. *Hispanic Studies Series*, v. 4, 1988, p. 36, SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas. Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 [1995], p. 603, e QUEIROZ, Helaine Nolasco. *Verdeamarelo/Anta e Antropofagia: narrativas da identidade nacional brasileira*. 247 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, p. 80; 91; 124 e 128.

² Como visto anteriormente, no Capítulo 1, a bandeira verde-amarela do modernismo paulista surgiu em torno de meados de 1925 e cerca de um ano de depois, em julho de 1926, recebeu o nome oficial de “Academia Verde-Amarela”. Em começos do ano seguinte assumiu a denominação de grupo da Anta. Em 08 de dezembro 1927, Plínio Salgado sugeriu o fim do movimento, no artigo *Matemos o verde-amarelismo*. A publicação dos integrantes no *Correio Paulistano* seguiu, no entanto, até 1929, ano em que Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Alfredo Ellis Junior e Candido Motta Filho assinam o chamado Manifesto *Nhengaçu Verde-Amarelo*. Esse texto foi reunido em SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas. Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. No *Correio Paulistano*, saiu com o título de *O atual momento literário brasileiro*, em 17 de maio 1929.

implicadas na concepção do livro, como Plínio Salgado faria questão de frisar.

Tanto no prefácio da segunda edição de *O Estrangeiro*, como no preâmbulo de *A Anta e o Curupira*, Plínio Salgado assinalou a efemeridade do livro recém-publicado, apresentado como sintoma de um momento específico da história nacional. A ideia de uma obra literária concebida para cumprir uma missão específica e, em seguida, cair no esquecimento, é a mesma que o escritor aproximava à sua geração que, na sua opinião, estava destinada a não produzir nada de definitivo. No entanto, para si e para seus pares, a aquisição de uma literatura própria compensaria o sacrifício e inviabilidade da consagração intelectual. O escritor lança mão aqui de um modo de apresentação típico dos escritores e artistas que buscavam se colocar como vanguarda, em que o anseio por reconhecimento é deslocado do presente para um futuro. Nesse sentido, Plínio Salgado procurou distinguir o seu primeiro romance dos livros que almejavam o clássico, assinalando nele um “dinamismo vital” e um desejo de “ação”. Na realidade, apenas um modo de compreender a aproximação com uma “hipotética imortalidade”, que rejeitava o apreço pela perfeição dentro de modelos estéticos estabelecidos.³

No trecho destacado anteriormente, Plínio Salgado defende o fortalecimento do sentimento nacional, como arma de combate diante das leituras estrangeiras sobre o país, feitas numa chave negativa, e que eram tradicionalmente reproduzidas pelos próprios brasileiros. Há uma referência direta a uma passagem do livro de José Vasconcelos, que Plínio Salgado transcreveria, mais tarde, no artigo *A Anta contra a Loba*, contemporâneo ao debate que mobilizou os escritores verde-amarelos, em 1927, para a eleição de um símbolo nacional brasileiro.⁴ Nos dois textos, a ideia colhida do texto de José Vasconcelos era a de que a teoria sobre o aparecimento de uma raça mestiça superior na América, que foi denominada como a “raça cósmica”, teria o sentido da busca por uma filosofia própria capaz de contrapor-se à filosofia dos “nossos inimigos”, na qual os povos do continente americano haviam sido educados, e que assentada em falsas premissas científicas faria previsões negativas a respeito da mescla inter-racial.⁵

³ Prefácio escrito para a segunda edição de *O Estrangeiro* (1926).

⁴ SALGADO, Plínio. *A Anta contra a Loba*. *Correio Paulistano*, p. 3, 11 jan. 1927.

⁵ O trecho de José Vasconcelos parafraseado por Plínio Salgado é: “cada raza que se levante necesita constituir su propia filosofía, *el deus ex machina* de su éxito. Nosotros nos hemos educado bajo la influencia humillante de una filosofía ideada por nuestros enemigos, si se quiere de una sincera, pero con el propósito de exaltar sus propios fines y anular los nuestro. De esta suerte nosotros mismos hemos llegado a creer en la inferioridad del mestizo, en la irredención del indio, en la condenación del negro, en la decadencia irreparable del oriental. [...] Comencemos entonces haciendo vida propia y ciencia propia. Si no se liberta primero el espíritu, jamás lograremos redimir la materia”. [...] “A medida que se descubre la falsedad de la premisa científica en que descansa la dominación de las potencias contemporáneas, se vislumbran también, en la ciencia experimental misma, orientaciones que señalan

O comportamento do brasileiro, na visão de Plínio Salgado, oscilava entre depreciar o imigrante e a submeter-se a ele, refletindo uma busca equivocada por afirmação, que não rompia com a própria tradição imitativa da cultura estrangeira. Porém, sob essa aparência superficial e imprópria, onde se abrigava o sentimento de inferioridade do brasileiro e o empobrecimento das suas relações com os outros povos, encontrava-se uma cultura devedora da herança indígena, vocacionada ao universal, que historicamente favoreceu a mistura entre os diversos tipos raciais, e continuava atuando no contexto paulista dos anos vinte, sob intenso afluxo de imigrantes. Plínio Salgado ensaia, em *A Anta e o Curupira*, a ideia do tupi como denominador comum da nacionalidade brasileira, ao mesmo tempo elemento desestabilizador do cosmopolitismo e supostamente atenuante de um nacionalismo estreito, calcado em rivalidades e preconceitos raciais, a mesma fórmula que seria mais tarde atualizada no chamado *Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo*, de 1929.

Na sequência, o fragmento de Cassiano Ricardo pertence ao ensaio *O homem cordial* (1959), que ficou célebre por conta da polêmica com Sérgio Buarque de Holanda, sobre o sentido da cordialidade brasileira.⁶ Naquele texto, Cassiano Ricardo reage às explicações que Sérgio Buarque de Holanda incorporou à segunda edição de *Raízes do Brasil* (1948), com o intuito de sanar as incompreensões que a expressão “homem cordial” suscitara desde a aparição do seu livro (algumas delas sugeridas por comentários do próprio Cassiano Ricardo).⁷ Como se nota no trecho em destaque, Cassiano Ricardo apresenta o seu próprio entendimento da cordialidade brasileira, associando a expressão à ideia de bondade e ao conceito de “‘homem síntese’ de José Vasconcelos”.⁸ Todavia, ainda que não houvesse essa citação direta ao intelectual mexicano, não seria possível deixar de reconhecer a proximidade entre determinadas passagens de *O homem cordial* e concepções desenvolvidas em *La Raza Cósmica* (1925).

José Vasconcelos sinaliza naquele livro que o advento de uma raça síntese, a partir da

un camino ya no para el triunfo de una raza sola, sino para la redención de todos los hombres. Sucede como si la palingenesia anunciada por el cristianismo con una anticipación de millares de años, se viera confirmada actualmente en las distintas ramas del conocimiento científico. VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica. Misión de la raza iberoamericana. Argentina e Brasil*. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S. A., 1948 [1925], p. 47; 49.

⁶ A respeito do debate entre Sérgio Buarque de Holanda e Cassiano Ricardo consultar CARVALHO, Raphael Guilherme de. Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986). 328f. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017, p.53-64.

⁷ O conceito de cordialidade foi objeto de vários estudos. Consultar, por exemplo, ROCHA, João Cezar de Castro. *O exílio do homem cordial. Ensaios e Revisões*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2004, p. 51-67 e MONTEIRO, Pedro Meira. El hombre cordial e a poética especular: os impasses do liberalismo. In: *Signo e Desterro. Sergio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015, p. 117-140.

⁸ RICARDO, Cassiano. O homem cordial. In: *O homem cordial e outros pequenos estudos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1959 [1948], p. 34.

mestiçagem entre todos os tipos raciais existentes, coincidiria com a entrada da humanidade em seu último estágio de desenvolvimento. Nesse estágio, denominado estético, as relações sociais não mais seriam regidas pelos impulsos da força, tais como no primeiro estágio, denominado material, ou mesmo estritamente pela razão, como no segundo estágio, denominado intelectual, mas finalmente por leis superiores, inspiradas pelo sentimento e pela beleza.⁹ Os povos de origem ibérica são caracterizados pelo autor como predestinados à realização desse futuro, porque diferentemente dos de origem anglo-saxã teriam maior facilidade para se relacionar com os estranhos.¹⁰ Estariam mais propensos ao tipo de relação social e inter-racial harmoniosa, que se desenvolveria efetivamente quando a humanidade alcançasse o estágio estético. Numa das passagens da obra, José Vasconcelos chegaria a afirmar que a “abundancia de amor” permitiu aos espanhóis, “crear una raza nueva con el índio y con el negro”, enquanto os norte-americanos eliminavam o primeiro e isolavam o segundo.¹¹ Nesse e em outros trechos de *La Raza Cósmica*, o escritor mexicano, buscando uma aproximação com o cristianismo, anunciaria o amor como a lei e o *pathos* da nova civilização mestiça.¹²

A definição do caráter brasileiro sugerida por Cassiano Ricardo em *O homem cordial* se aproxima, em grande medida, dessa descrição de José Vasconcelos acerca da estirpe ibérica e do mestiço cósmico, quando caracteriza o brasileiro como homem bondoso¹³, traço do qual a história do país, segundo o poeta paulista, estaria repleta de exemplos, tais como o da hospitalidade do brasileiro, que teria sido herdada do indígena e documentada pelos viajantes estrangeiros e o do bandeirante agindo como “mediador” ou “apartador de briga entre tribos rivais” e “pacificador do gentio”.¹⁴ Segundo Cassiano Ricardo, para evitar conflitos com os indígenas, por exemplo, os bandeirantes utilizavam sempre uma “técnica amorosa”, fazendo “um dos da sua tropa casar com a filha do cacique”.¹⁵ Ao associar a cordialidade brasileira, entendida como sinônimo de bondade, a uma herança não só ibérica, como também indígena, Cassiano Ricardo confirma, no entanto, certo deslocamento em relação às ideias de José

⁹ O primeiro esboço dessa ideia teria aparecido em VASCONCELOS, José. Nueva Ley de los Tres Estados. *El Maestro: Revista de cultura nacional*, México, D.F, tomo II, n. 2, nov. 1921, p. 150-158. Disponível em: <https://icaadocs.mfah.org/icaadocs/ELARCHIVO/RegistroCompleto/tabid/99/doc/755378/language/es-MX/Default.aspx>. Acesso em: 10 jul. 2017.

¹⁰ *Idem*. *La Raza Cósmica. Misión de la raza ibero-americana. Argentina y Brasil*. Buenos Aires/México: Espasa-Calpe Argentina, S. A., 1948 [1925], p. 27.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*, p. 42; 45; 48-49.

¹³ RICARDO, Cassiano. *O homem cordial*. *Op. Cit.*, p. 30.

¹⁴ *Ibidem*, p. 27.

¹⁵ *Ibidem*, p. 28.

Vasconcelos, que foi notado anteriormente em Plínio Salgado. Nas palavras de Cassiano Ricardo, o “idealismo sentimental do português talvez explique, ao lado da bondade natural do índio, o que é hoje a bondade do brasileiro”.¹⁶

Porém, seja em torno da descrição do ibérico e do mestiço cósmico de José Vasconcelos, seja em torno do brasileiro de Cassiano Ricardo, destaca-se um mesmo sentido fraterno e conciliador que permearia suas relações entre os indivíduos de origens raciais ou de nacionalidades distintas. “O homem cordial” de Cassiano Ricardo pode assim, ser tomado enquanto exemplo de aproximação da tese da raça cósmica a um ideal de uma democracia racial e social, que foi corrente nos escritos dos verde-amarelos dos anos vinte,¹⁷ e talvez tenha alcançado a sua fórmula mais acabada no *Marcha para Oeste* (1940). Dessa obra de Cassiano Ricardo sobressai uma noção de democracia orgânica, que remete a experiência das bandeiras históricas, entendidas como ensaios de uma organização social, para a qual concorreram diferentes tipos raciais, numa convivência hierárquica e, ao mesmo tempo, harmoniosa.¹⁸

Por fim, o fragmento onde Menotti Del Picchia define o brasileiro como o tipo racial mestiço anunciado por José Vasconcelos, pertence ao livro de memórias *A Longa Viagem* (1972). Encontramos nele uma perspectiva de mestiçagem próxima à do intelectual mexicano, no que se refere a uma projeção universalista, uma vez que, nas palavras de Menotti Del Picchia Del Picchia, “S. Paulo tornou-se uma esquina do mundo onde acamparam, se fixaram e fundiram todas as raças”.¹⁹ Ao mesmo tempo, o trecho destaca um sentido civilizatório que também havia estado presente no livro de José Vasconcelos, quando esse escritor projeta que a cultura superior do branco possivelmente viria a predominar na constituição da nova raça mestiça.²⁰ Nas palavras de Menotti Del Picchia, “para nossa felicidade predominou, em todas as enxertias, o vigoroso tronco português que os venceu com a sua marca e os envolveu numa

¹⁶ *Ibidem*, p. 30.

¹⁷ A respeito da constituição de um discurso em torno do ideário de democracia racial, nas obras de Menotti Del Picchia e de Cassiano Ricardo, consultar CAMPOS, Maria José. *Versões modernistas da democracia racial em movimento. Estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945*. 368f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

¹⁸ Em linhas gerais, a ideia desenvolvida por Cassiano Ricardo é a de que a bandeira paulista soube aproveitar-se da capacidade de liderança do branco, do impulso desbravador do índio e da dedicação a atividades sedentárias, tais como a agricultura e a mineração, do negro. A respeito dessa formulação consultar especialmente o Capítulo IV: “O grupo em movimento e a hierarquização das cores”. RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste. A influência da “bandeira” na formação social e política do Brasil*. Coleção Documentos Brasileiros, volume 25. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1940, p. 276-186.

¹⁹ DEL PICCHIA, Menotti. *A longa viagem. Da revolução modernista a revolução de 1930*. São Paulo: Martins, 1972, p.73.

²⁰ VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica... Op. Cit.*, p. 36-37.

atmosfera de tradição instilando nos “neobrasileiros”, com a imposição da língua e da religião, o orgulho da nossa raça”.²¹

Aqui, a valorização do elemento europeu, português, por Menotti Del Picchia, reitera o seu posicionamento ainda nos anos vinte, quando discordou da sugestão de Plínio Salgado (corroborada por Cassiano Ricardo) de tomar o indígena como expressão nacional e americana. Na polêmica da *Anta contra a Loba*, como seria alardeada por seus participantes no *Correio Paulistano*, Menotti Del Picchia, junto com Candido Motta Filho, tomou o partido da Loba, como símbolo da importância da tradição europeia sobre a cultura nacional brasileira. No argumento de ambos encontramos um indígena praticamente confundido com a natureza, que não teve outra opção senão deixar-se assimilar à civilização e que pouco teria influído na formação cultural brasileira. Um ponto de vista que pode ser tido, aliás, como muito próximo ao do próprio José Vasconcelos, quando destacou a mestiçagem com o europeu como a única porta de entrada do indígena na civilização futura.²²

A reflexão sobre as matrizes que influenciaram a cultura brasileira adquiriu, no debate em torno da Anta, gradações que ora matizam a herança europeia, ora a herança local, terreno no qual entra a simbologia do indígena. Para essa trama convergem aproximações singulares com a obra de José Vasconcelos nas quais, a partir do apanhado dos trechos citados anteriormente, no caso de Menotti Del Picchia, se cristalizariam a valorização da herança portuguesa, ibérica, e no caso de Plínio Salgado e de Cassiano Ricardo, estariam em ênfase a predisposição do indígena para a bondade e a convivência harmoniosa com os diversos tipos raciais. Ainda no que diz respeito a esses contrastes, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia, em seus textos publicados, respectivamente, nas décadas de cinquenta e setenta, parecem deslocar para o presente brasileiro, o futuro projetado por José Vasconcelos. A raça cósmica perde nesse sentido a sua dimensão utópica e se reconfigura como expressão de um *ethos* brasileiro.

Mas as convergências entre *La Raza Cósmica* e os escritos verde-amarelos ainda articulariam, no entorno a uma busca epistemológica, de um caminho para a apreensão da cultura nacional, tema que, como visto nos capítulos anteriores, teria sido central no discurso do grupo modernista. O intercurso entre sugestões artísticas e científicas pode ser observado na escrita dos verde-amarelos, na maneira como participaram do debate sobre a brasilidade, a partir

²¹ DEL PICCHIA. *A longa viagem. Op. Cit.*, p. 73.

²² VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica. Op. Cit.*, p. 25.

da proposição de arranjos variados para a participação da ciência e da arte. Atento a essas questões, este capítulo trata dos sentidos que as ideias desenvolvidas em *La Raza Cósmica* assumiram na escrita verde-amarela e aponta caminhos para compreender a atração que o livro exerceu entre os participantes do grupo, que passam pelo tema da mestiçagem e pela centralidade que o Brasil assume na teoria da raça cósmica, mas também pela afinidade com a apreensão de José Vasconcelos sobre a ciência, a arte e o problema do conhecimento.

3.1. José Vasconcelos e a América Latina

José Vasconcelos, nascido em Oaxaca, México, em 1882, foi, em 1909, um dos fundadores do chamado Ateneo de la Juventud, junto de outras personagens importantes do campo intelectual e artístico mexicano, nas primeiras décadas do século XX, tais como os escritores Pedro Henríquez Ureña e Alfonso Reyes, o filósofo Antonio Caso e o pintor muralista Diego Rivera.²³ Além de ter sido uma das instituições mais importantes do campo intelectual daquele país, aos poucos a repercussão de suas sessões de conferências projetariam o nome da agremiação e de vários de seus membros a outros países do continente, que a partir de então costurariam vínculos com diversas figuras intelectuais na América Latina.²⁴

A fundação do Ateneo mexicano esteve associada ao marco da difusão de uma corrente de pensamento espiritualista, que fazia frente ao positivismo então predominante nos círculos intelectuais e políticos latino-americanos, desde as décadas finais do século XIX. O contraponto ao ideário positivista ganharia impulso no contexto da Primeira Guerra Mundial, favorecido pela percepção de que a decadência europeia oferecia aos países da América Latina, uma oportunidade de se afirmar culturalmente. A preocupação com o estabelecimento das tradições

²³ Sobre José Vasconcelos ver BLANCO, Joaquín José. *Se llamaba Vasconcelos: una evocación crítica*. México: FCE, 1977; FELL, Claude. *José Vasconcelos: los años de águila (1920-1925)*. Educación, cultura iberoamericanismo en el México posrevolucionario. UNAM, 2009; CRESPO, Regina Aída. *Itinerarios intelectuales: Vasconcelos, Lobato e sus proyectos para la nación*. México: UNAM, 2004; MOTTA, Romilda Costa. *José Vasconcelos: as Memórias de um “profeta rejeitado”*. São Paulo: Alameda, 2016. Em específico sobre o Ateneo de la Juventud, consultar: QUINTANILLA, Suzana. *Nosotros. La Juventud del Ateneo de México. De Pedro Henríquez Ureña Y Alfonso Reyes a José Vasconcelos y Martín Luis Guzmán*. México: Tiempo de Memoria Tusquets, 2008.

²⁴ Segundo Jorge Myers, os ateneístas José Vasconcelos, Pedro Henriquez Ureña e Alfonso Reyes tiveram um papel central na constituição de redes culturais, na circulação de saberes e de experiências que possibilitariam, mais tarde, na década de quarenta, a emergência de uma perspectiva histórico-cultural compartilhada nos principais centros intelectuais latino-americanos. A perspectiva de uma cultura compartilhada pelos países da América Latina teria estado na base de projetos editoriais como os da coleção “Terra Firme”, que publicaria obras de diversos intelectuais latino-americanos. Dentre os brasileiros, obras de Gilberto Freyre e de Sergio Buarque de Holanda integrariam a coleção. Ver MYERS, Jorge. A gênese “ateneísta” da história cultural latino-americana. Tradução de Paulo Neves. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 1, jun. 2005, p. 9-54.

locais, a partir desse enfoque espiritualista, convergiu para o estabelecimento de diferenças identitárias, não só com relação à Europa, como também, com os Estados Unidos. Nesse contexto, a distinção entre um ideário utilitarista, que seria predominante nos países de origem anglo-saxã, e o espiritualismo apresentado como traço distintivo dos países de origem hispânica, teria grande repercussão no continente, em grande medida, impulsionada pela ampla circulação do ensaio de José Enrique Rodó, *Ariel* (1900).

No começo dos anos vinte, a partir do governo revolucionário de Francisco I. Madero, José Vasconcelos ocupou diversos cargos públicos na área educacional. Em 1920, foi nomeado reitor da Universidade Nacional e, entre 1921 e 1924, durante a presidência de Álvaro Obregón, esteve à frente da Secretaria de Educação Pública (SEP), ocasião em que tocara projetos que incluíam uma ampla reforma educacional, uma campanha maciça de alfabetização, a edição e distribuição de obras de literatura clássica e o fomento das artes nacionais, com destaque para o muralismo, em que se destacariam Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros.²⁵ No mesmo período, José Vasconcelos já havia se tornando um nome conhecido em diversos países latino-americanos, em grande parte, por conta do apoio que, à frente da SEP, prestara à causa do movimento reformista universitário iniciado, em 1918, na Universidad de Córdoba, na Argentina, e que em pouco tempo repercutiria em outras universidades latino-americanas.²⁶

No Brasil, no lugar do “El Maestro de la Juventud”, como seria chamado em outros países do continente, o nome de José Vasconcelos ficaria associado especialmente à sua obra mais conhecida, *La Raza Cósmica*.²⁷ Ainda assim, o intelectual mexicano não chegaria a ter no país fama equivalente a que alcançara em outros países sul-americanos. Os primeiros contatos mais significativos, dos brasileiros com José Vasconcelos, teriam ocorrido a partir de 1922, durante a sua estadia no Brasil, como chefe da comitiva diplomática mexicana enviada para os

²⁵ Para um estudo detalhado a respeito dos projetos educativos e culturais desenvolvidos por José Vasconcelos, consultar: FELL, *Op. Cit.*.

²⁶ Sobre o reformismo universitário, ver: SADER, Emir; GENTILI, Pablo; ABOITES, Hugo (comp.). *La reforma universitaria: desafíos y perspectivas noventa años después*. 1ª. ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2008. Para uma aproximação ao tema da reforma universitária e a veiculação de um ideal latino-americano, a partir de práticas de sociabilidade como os intercâmbios epistolares, a publicação em revistas e as viagens continentais ver BERGEL, Martín; MAZZOLA, Ricardo Martínez. América Latina como práctica: modos de sociabilidad intelectual de los reformistas universitarios (1918-1930). Carlos Altamirano (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX*. Buenos Aires, Katz, 2010, p. 119-145.

²⁷ Agradeço a Adrián Gorelik por me atentar sobre a recepção distinta de José Vasconcelos na Hispano América, especialmente ligada à causa do reformismo universitário, e no Brasil, ao que tudo indica à repercussão de *La Raza Cósmica*.

festejos do Centenário da independência brasileira. Nessa ocasião, porém, a visita de José Vasconcelos teria repercutido estritamente nos círculos oficiais.

O próprio contraste entre o relato que José Vasconcelos fez, em *La Raza Cósmica*, sobre a sua passagem pelo Brasil e pela Argentina, expõe essa diferença. Enquanto na parte dedicada ao Brasil temos a imagem de viajante praticamente anônimo e ciceroneado por funcionários do governo brasileiro, na parte dedicada à Argentina, a viagem, apesar de igualmente pautada por compromissos oficiais torna-se, por vezes, ocasião de encontro com antigos conhecidos e de estreitamento de vínculos intelectuais. No Brasil, diferentemente, o próprio José Vasconcelos, cômico dos laços incipientes que o ligavam aos brasileiros, se surpreendeu ao ouvir o discurso de um estudante numa universidade paulista, que citava de trechos livros seus, os quais, segundo o mexicano, jamais teria se encarregado pessoalmente de divulgar no país.²⁸

Enquanto membros de um círculo restrito de intelectuais e políticos, em 1922, parece possível que os fundadores do verde-amarelismo tenham feito os seus primeiros contatos com a obra de José Vasconcelos na ocasião dessa visita, mas também poderíamos considerar a hipótese de que tenham se encontrado pessoalmente com o visitante mexicano durante a sua passagem por São Paulo. No entanto, é plausível também terem sabido de *La Raza Cósmica*, por Alarico Silveira, então Ministro do Interior paulista, que foi cicerone de José Vasconcelos durante a sua agenda oficial pelo estado paulista, e com quem José Vasconcelos passaria a se corresponder após seu retorno ao México.²⁹ Na companhia de Alarico da Silveira, José Vasconcelos conheceu instituições de ensino, ouviu discursos e, como ressalta Regina Crespo, se admirou em saber que “nas escolas paulistanas, a exemplo das mexicanas, também se ensinavam danças e músicas populares, num movimento de recuperação cultural continental”.³⁰

De todo modo, a passagem de José Vasconcelos pelo Brasil foi divulgada nos jornais brasileiros, dentre os quais, pelo próprio *Correio Paulistano*, onde Menotti Del Picchia, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo mantinham uma publicação regular. Alarico da Silveira, que se tornaria próximo de José Vasconcelos, foi colaborador da revista editada por Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia, a *Novíssima* (1923-1926). E, em 1927, seria nomeado “correspondente espiritual” do grupo verde-amarelo, e “um dos mais notáveis amigos do totem tupi”, segundo

²⁸ VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica. Op. Cit.*, p. 96.

²⁹ *Ibidem*, p.114.

³⁰ CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922- 1938). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.25, n.45, 2003 p. 193.

Plínio Salgado.³¹ No contexto desse debate, junto com *La Raza Cósmica*, o artigo *O sonho da raça* que Alarico da Silveira publicou na *Novíssima*, em dezembro de 1924, teve grande ascendência sobre o discurso verde-amarelo.

O texto se referia a uma fábula sobre a descida dos tupis desde o interior do continente, dos territórios da Bolívia e do Peru, até o litoral brasileiro. Para Alarico da Silveira, essa migração daria conta da nostalgia do bandeirantismo histórico, pelo Oeste, e do anseio contemporâneo pela interiorização do território brasileiro. A história, tal como foi narrada por Alarico da Silveira e lida pelos verde-amarelos, concluiria sobre os laços culturais mais fortes que do que as artificiais divisões territoriais entre os países sul-americanos. Se tratava, portanto, de um discurso que, muito embora tenha assumido uma série de variações no mesmo período, e sido enunciando por outras vozes no continente, alcançaria importante repercussão a partir da obra de José Vasconcelos.³²

A acolhida dos verde-amarelos ao artigo de Alarico da Silveira chama a atenção sobre a presença de um referencial americano, a partir do qual esses escritores estariam elaborando suas perspectivas acerca da brasilidade. Entretanto, a própria revista *Novíssima* poderia ser tida enquanto cenário da construção de uma série de mediações entre os pontos de vista nacional e ibero-americano. A esse respeito, inclusive, vale ressaltar que o artigo *Sentimento de Pátria*, publicado por Altino Arantes, em janeiro de 1924, replicaria o apelo de José Vasconcelos à solidariedade latino-americana,³³ já no segundo número do periódico. Essa menção talvez possa localizar a primeira aproximação dos escritores paulistas às concepções do intelectual mexicano. A partir do oitavo número, que comemora um ano da revista, as expressões “nacionalismo” e “ibero-americanismo” e “modernismo” passaram a constar como subtítulos da publicação. No entanto, antes mesmo de fazer esse anúncio oficial, seus editores já haviam tomado algumas iniciativas a fim consolidar a marca de uma aproximação intelectual com os países vizinhos. Dentre as quais, a nomeação do argentino Benjamin de Garay como representante do periódico nos países sul-americanos e a conformação de um grupo eclético colaboradores estrangeiros, que incluiu os argentinos Alfonsina Storni, Lorenzo Stanchina,

³¹ Ver SALGADO, Plínio. A questão da Anta. *Correio Paulistano*, p.3, 23 jan. 1927 e RICARDO, Cassiano. Nhengaçu verdamarelista. *Correio Paulistano*, p.2, 21 jan. 1927.

³² Sobre o ibero-americanismo em José Vasconcelos ver: FELL, *Op. Cit.*. Especialmente o Capítulo IV e, desde uma perspectiva filosófica, LUQUÍN GUERRA, Roberto. José Vasconcelos: mito ibero-americanista o filosofia estética ibero-americana. *Theoría. Revista del Colegio de Filosofía*, n. 24, dez. 2011, p.37-54. Disponível em: http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/3824/03_Theoria_24_2011_Luquin_37-54.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 jul. 2017.

³³ ARANTES, Altino. Sentimento de Pátria. *Novíssima*, n. 2, jan. 1924, p. 4.

Nicolás Olivari e Manuel Gálvez, os uruguaios Juana de Ibarbourou e Vítor Perez Petit e o mexicano Frederico Gamboa.³⁴ Essa inclinação da revista seria, todavia, coroada pela publicação de um número especial sobre o tema iberoamericano, que contou com a participação dos brasileiros Monteiro Lobato, Alarico da Silveira e Alfredo Ellis Junior. Esses elementos sugerem, aliás, que o esforço de internacionalização da revista seguiria parâmetros bem diferentes dos que teriam sido adotados pela revista modernista *Klaxon* (1922) que, no mesmo contexto, teria voltado às suas atenções, especialmente, para as diversas variantes da vanguarda europeia.³⁵

Mas, enquanto a *Novíssima* configurou uma experiência particular de aproximação intelectual com os países vizinhos, a partir de uma confraternização literária, a propósito uma perspectiva sugerida na colaboração do escritor Monteiro Lobato, *A Argentina... e eu*, de dezembro de 1924,³⁶ José Vasconcelos teve a oportunidade de viver a sua como viajante pelo continente americano, em 1922. Além do Brasil, onde deu conferências na capital paulista e no distrito federal, e visitou cidades nos estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, José Vasconcelos foi, em seguida, à Argentina, onde assistiu à cerimônia de transmissão de poderes do presidente Hipólito Yrigoyen a seu sucessor Marcelo de Alvear, ao Uruguai e ao Chile. Antes de retornar ao México, passou ainda por Washington, nos Estados Unidos, onde ministrou uma conferência na qual, além de um balanço da sua viagem, apresentou a obra educativa que estava desenvolvendo em seu país, à frente da Secretaria de Educação Pública.

Diversos estudos ressaltaram o sentido estratégico do périplo sul-americano da comitiva mexicana, chefiada por José Vasconcelos, em 1922.³⁷ O governo do México teria apostado

³⁴ GUELF, *Op. Cit.*, p. 43. Benjamin de Garay e Menotti Del Picchia havia participado anteriormente do grupo “A Colmeia” e, entre 1922 e 1925, e diversas crônicas do escritor paulista deram visibilidade à produção cultural de Benjamin de Garay no Brasil e na Argentina. De todo modo, Monteiro Lobato pode ter atuado como mediador entre os editores da *Novíssima* e os argentinos Benjamin de Garay, Manuel Gálvez, Lorenzo Stanchina e Nicolás Olivari. Em carta de fevereiro de 1924, por exemplo, Manuel Gálvez recomendaria Lorenzo Stanchina e Nicolás Olivari, que estavam com viagem marcada para São Paulo, a Monteiro Lobato. O início da colaboração de Benjamin de Garay e de Manuel Gálvez foi anunciado no quarto número da *Novíssima* (mar./abr.), a colaboração de Lorenzo Stanchina no sexto (jul./ago.), e a de Nicolás Olivari no oitavo (nov./dez.), de 1924. Sobre as relações entre Monteiro Lobato e escritores argentinos ver ALBIERI, Thaís de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese (Doutorado em Letras). 328f. Departamento de Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

³⁵ Cf. LARA, Cecília de. A Colaboração Estrangeira na Revista *Klaxon*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 19, 1977, p. 37-46. A *Novíssima*, entretanto, também se abriu a outros colaboradores estrangeiros, tais como Blaise Cendrars (França), Antônio Ferro (Portugal), Lasar Segall (Rússia) e Salvador Rueda Santos (Espanha), ver GUELF, *Op. Cit.*, p. 40.

³⁶ LOBATO, Monteiro. *A Argentina... e eu*. *Novíssima: Modernismo. Nacionalismo. Ibero-Americanismo*. São Paulo, Ano 1, n. 8, nov. /dez. 1924, p. 13-15.

³⁷ Segundo Regina Crespo, José Vasconcelos desempenhou a tarefa de difundir as conquistas culturais do governo do presidente Álvaro Obregón, num momento em que o México necessitava de reconhecimento internacional. No Brasil, “cativou as elites intelectuais brasileiras, ocupando as primeiras páginas dos jornais mais importantes da

todas suas fichas nessa viagem, de custos bastante elevados, com o intuito de difundir uma imagem positiva do país, que desde o início do período revolucionário se associara à do caos político e econômico, e estreitar os laços culturais com Argentina, Brasil e Chile. Com isso, a expectativa do governo mexicano era a de acelerar o reconhecimento do governo de Álvaro Obregón pelos Estados Unidos, o que só aconteceria em 1924. Mas, além desse objetivo oficial, para o qual a divulgação da obra educativa de José Vasconcelos à frente da SEP foi de grande importância, a viagem à América do Sul contribuiu para o fortalecimento de sua imagem pública entre as elites culturais e políticas da região, e para que o escritor produzisse um conjunto de impressões sobre os países visitados, que posteriormente serviram à elaboração da sua teoria sobre a raça cósmica.³⁸

O centenário da Independência brasileira foi comemorado, no Rio de Janeiro, com um grande evento nos moldes das exposições universais do século XIX. Para ocasião, o México, além de ter enviado uma das maiores comitivas oficiais, composta por cerca de quatrocentos integrantes, entre militares, políticos, escritores e artistas, foi um dos países que, como a Argentina, a França e os Estados Unidos, ergueram edifícios próprios, para abrigar a exposição dos seus produtos nacionais. O pavilhão especial mexicano, construído no estilo do barroco colonial, que foi idealizado pelos arquitetos Carlos Obregón Santacilia e Carlos Tarditti, teria sido um dos de maior destaque da exposição. O governo mexicano financiou, ainda, a produção de medalhas comemorativas e presenteou o Brasil com um Cuauhtémoc de bronze. O monumento foi inaugurado por José Vasconcelos, com a presença da comitiva mexicana e de autoridades brasileiras, no dia 16 de setembro, de frente para a baía da Guanabara, próximo à praia do Flamengo, no Rio de Janeiro.³⁹

Assim como a participação nos festejos da independência brasileira teve significado estratégico para o México, os preparativos para os festejos de 1922 estiveram imbuídos do desejo de projetar o Brasil como um país moderno. A festa brasileira seria a culminância de uma série de obras públicas que tiveram lugar nas principais cidades brasileiras, desde as primeiras décadas do século XX. Dentre elas, a reforma urbana conduzida pelo prefeito Pereira Passos, na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1900, dava conta do impulso modernizador

capital do país, com seus discursos integracionistas, ibero-americanistas e de elogio ao novo México que se tentava criar. Num momento em que urgia consolidar o novo Estado mexicano, que havia surgido da Revolução, nada melhor que um bom propagandista de suas conquistas políticas, culturais e sociais”. CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922- 1938). *Op. Cit.*, p. 189.

³⁸ *Ibidem*, p. 196.

³⁹ Ver TENÓRIO, Maurício. Um Cuauhtémoc carioca: comemorando o centenário da independência do Brasil e a raça cósmica. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 14, p.123-148, 1994.

por que passava o país. Ironicamente, o desejo das elites políticas brasileiras de apresentar ao mundo a imagem de uma nação que trilhava a passos seguros o caminho do progresso, esbarrava no próprio ambiente de instabilidade política. Basta lembrar uma série de acontecimentos que antecederam data comemorativa, que em diferentes frentes colocaram em xeque a política oligárquica, tais como as grandes greves operárias de 1917, as ameaças sucessivas de golpes, uma delas no mesmo ano de 1922, durante a Revolta do Forte de Copacabana, e os sucessivos decretos de estado de sítio, nos governos de Artur Bernardes e no do próprio Epitáfio Pessoa, que ocupava a presidência em 1922. Além disso, também os setores intelectuais exerceriam certa pressão sobre os governos brasileiros da época, por meio de uma série de críticas ao regime republicano brasileiro, que considerariam excessivamente descentralizado.

Foi, portanto, a todo esse contexto político conturbado que os festejos da independência buscaram oferecer uma imagem distinta de harmonia social e modernidade.⁴⁰ E se tomamos como exemplo a boa impressão que José Vasconcelos levou do país, a propaganda brasileira parece ter sido exitosa, ainda que nesse caso o contraste com a sua experiência anterior no México revolucionário, tenha tido um peso importante na sua apreciação positiva sobre a conjuntura política brasileira. No relato de viagem de José Vasconcelos sobraram elogios à competência dos políticos e funcionários dos governos brasileiros, todos eles descritos como homens cultos e zelosos da sua função pública. Além disso, teria impressionado ao chefe da comitiva mexicana o fato de as secretarias e ministérios brasileiros, encarregados dos setores militares, fossem ocupados por civis.⁴¹

Os primeiros desdobramentos da aproximação entre o Brasil e o México, no ensejo da viagem diplomática de José Vasconcelos ao país, ocorreram já no ano seguinte, com a viagem de educadores, artistas e escritores brasileiros àquele país. Conforme noticiou o *Correio Paulistano*, em junho de 1923, um grupo de professores paulistas respondeu ao convite do governo mexicano para atuar, temporariamente, nas instituições educacionais que estavam sendo criadas durante a gestão de José Vasconcelos à frente da SEP. De acordo com um dos integrantes da comitiva paulista, o professor Murilo Mendes, a intenção governo mexicano era inaugurar um curso de estudos brasileiros “sob a forma de conferências de história e geografia”.⁴² No mesmo artigo, Murilo Mendes também se dizia admirado com tudo o que a

⁴⁰ *Ibidem*, p. 125.

⁴¹ *Ibidem*, p. 128, *passim*.

⁴² Sem autor. Os professores paulistas no México. Uma carta do Sr. Murilo Mendes. *Correio Paulistano*, p. 4, 30 jun. 1923. Conforme as informações que foram obtidas no mesmo diário paulista, o Murilo Mendes que viajava

Secretaria de Educação Pública do México havia conseguido fazer nos dois anos da administração de José Vasconcelos e narrava a sua visita a uma série de instituições educacionais e os reencontros calorosos com artistas e intelectuais que haviam integrado, no ano anterior, a comitiva mexicana em visita ao Brasil.

O escritor Ronald de Carvalho foi outro brasileiro que viajou ao México nessa mesma época, igualmente a convite do então Secretário de Educação Pública. A exemplo dos professores paulistas, o modernista foi recebido por políticos, dentre os quais pelo próprio presidente Álvaro Obregón, e por intelectuais como Antonio Caso e Manuel Gómez Morín, além do próprio José Vasconcelos. No México, o escritor brasileiro proferiu as conferências na Universidade Nacional reunidas em *Estudos Brasileiros* (1924), obra que dedicaria a José Vasconcelos. Nos anos seguintes, publicaria ainda outros livros com temas que evocariam à sua estadia mexicana, tais como *Toda América* (1926), *Imagens do México* (1930) e *Itinerários: Antilhas, Estados Unidos e México* (1935).⁴³

3.2. O Brasil na obra de José Vasconcelos

Se a recepção de José Vasconcelos no Brasil se realiza de um modo um tanto atípico, quando comparada à que teve em outros países da América Latina, também o Brasil se descortina no horizonte do intelectual mexicano de uma maneira peculiar. Até o aparecimento de *La Raza Cósmica*, a presença do país na obra de José Vasconcelos teria sido apenas circunstancial. Apenas alusões ao Brasil podem ser encontradas em *Leyendo a Díaz Rodríguez* (1919), onde, segundo Claude Fell, alguns exemplos da alienação ibero-americana foram retirados de *Canaã* (1902), de Graça Aranha.⁴⁴ No artigo *Nueva ley de los tres estados* (1921),

para uma temporada no México foi acompanhado de sua esposa Maria Mendes Campos e, poucos meses depois, teve seu primeiro filho naquele país. Esses dados afastam a hipótese de se tratar do poeta Murilo Mendes.

⁴³ Para estudo sobre a trajetória de Ronald de Carvalho ver BOTELHO, André. *Um ceticismo interessado: Ronald de Carvalho e sua obra nos anos 20*. Tese (Doutorado em Sociologia). 349 f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002. O papel de Ronald de Carvalho como mediador cultural entre o Brasil e outros países do continente foi estudado por BAGGIO, Kátia Gerab. Ronald de Carvalho e Toda a América: diplomacia, ensaísmo e impressões de viagem na sociabilidade intelectual entre o Brasil e a Hispano-América. In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia Coelho (org.) *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações/ São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH-USP, 2010, p. 143-190.

⁴⁴ FELL, *Op. Cit.*, p.595. Para uma aproximação entre as obras de Graça Aranha e José Vasconcelos, consultar HOOPER, Silvana Seabra & ROCHA, Gilmar. Utopias americanas. Terror e amor en la estética modernista de Graça Aranha e José Vasconcelos. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v.39, n.1, p.41-53, Jan.-Mar., 2017. Jorge Schwartz destaca a receptividade que as ideias de José Vasconcelos encontraram no pensamento de Plínio Salgado e de Graça Aranha, ver SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 [1995], p. 603.

José Vasconcelos lançaria a suspeita de que o Brasil teria planos de expandir suas fronteiras sobre os territórios dos países vizinhos, mas minimiza as próprias desconfianças, ao relatar como a intuição da fraternidade ibero-americana lhe foi sugerida pelo canto de uma bailarina,⁴⁵ ouvido numa apresentação artística, em 1916, durante sua estadia no Peru. E, finalmente, dessa mesma época, há um conto de José Vasconcelos que tem como cenário a floresta amazônica.⁴⁶ Esses dois últimos textos foram mencionados em *La Raza Cósmica*, no princípio de seu relato da viagem ao Brasil, como prova de que o país lhe havia tocado anteriormente.⁴⁷ De todo modo, foi a partir da viagem de 1922 que José Vasconcelos teve a oportunidade de estreitar suas relações culturais com o Brasil e que o país passaria a figurar efetivamente entre os seus objetos de reflexão.

A primeira edição de *La Raza Cósmica* foi impressa nas cidades de Barcelona e Paris, e coincide com período do exílio europeu de José Vasconcelos, que se deu após a sua saída da SEP e o seu desligamento do governo de Álvaro Obregón. A obra costuma ser lida como a culminação utópica da reflexão ibero-americanista de José Vasconcelos, que havia pautado à sua trajetória até então. Apesar da mensagem otimista sobre o futuro da América Latina, *La Raza Cósmica* foi publicada num dos diversos momentos atribulados da trajetória de José Vasconcelos, quando assimilava a interrupção de suas atividades à frente da SEP, e a sua derrota controversa nas eleições para o governo do estado de Oaxaca. Toda a teoria sobre a formação de um mestiço cósmico, na América, foi desenvolvida na introdução de *La Raza Cósmica*, e o restante da obra concentram as impressões recolhidas por José Vasconcelos, durante a viagem à América do Sul. O maior número de páginas foi destinado ao Brasil, seguido da Argentina, e das menções a outros países que aparentemente figuraram na primeira edição do livro, mas teriam sido suprimidas das impressões subsequentes.⁴⁸ Ainda na introdução, José Vasconcelos inclui todo o território brasileiro, “más Colombia, Venezuela, Ecuador, parte de Perú, parte de Bolivia y la región superior de la Argentina” “en la zona” onde a futura raça mestiça inauguraria uma nova civilização nos trópicos.⁴⁹ Ao mesmo tempo, assinala que pelos panoramas do Rio

⁴⁵ VASCONCELOS, José. *La Nueva Ley de los Tres Estados. Op. Cit.*, p. 157.

⁴⁶ FELL, *Op. Cit.*, p.595.

⁴⁷ Segundo o relato de José Vasconcelos: “El Brasil también me había atraído por su propia cuenta, desde que estuve en Perú, sin dinero para hacer viajes; pero seguro de que alguna vez contemplaría Rio de Janeiro pensé que los diarios de allí se ocuparían de aquella tesis escrita primeramente en Lima, sobre la unión de los pueblos por la manera particular de comprender la belleza. Me sugirió la idea una bailarina portuguesa en el teatro Municipal. Otra vez, también en Lima, escribiendo un cuento de caza, bordado sobre una noticia de la prensa local, pasé como en la selva que se prolonga hacía el mar; el Brasil era, pues, conocido”. VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica... Op. Cit.*, p. 61.

⁴⁸ Na edição consultada, figuram apenas as impressões sobre o Brasil e a Argentina.

⁴⁹ VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica... Op. Cit.*, p. 35.

de Janeiro e da cidade paulista de Santos podia-se ter uma ideia do que seria “emporio futuro de la raza cabal” e que na região do Amazonas seria erguida a sua capital que, por seu sentido cosmopolita, seria chamada Universópolis.⁵⁰

Enquanto essa primeira parte de *La Raza Cósmica* desenvolve a tese sobre o aparecimento de uma raça mestiça e de uma civilização última, na América, a parte seguinte contém o relato de viagem de José Vasconcelos, e pode ser lida como um compilado de exemplos que atestariam a validade da sua teoria. O próprio autor não se preocupou em esconder essa intenção quando, por exemplo, no começo da sua narrativa, fala de suas conversas com um antropólogo norte-americano que viajava no mesmo navio da comitiva oficial mexicana. José Vasconcelos o descreve como um daqueles tipos que, arrogando a autoridade da ciência evolutiva, consideravam o norte-americano como a expressão racial mais adiantada no processo evolutivo, ao mesmo tempo em que apontavam a cidade de Nova Iorque como o modelo para o qual tenderiam todas as cidades futuras. A tais ideias, José Vasconcelos teria retrucado argumentando que “toda civilización verdadera” se empenharia em não imitar a Nova Iorque e que “el arquetipo del futuro” estaria nas cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, e que o próprio antropólogo teria a chance de comprovar o deslocamento da civilização para o Sul, “cuando regrese a Nueva York, después de conocer Sudamérica”.⁵¹

Por outro lado, no mesmo trecho inicial do relato da viagem ao Brasil, nos deparamos com um José Vasconcelos aparentemente atento às situações que depunham contra a sua hipótese de uma fraternidade iberoamericana e a ausência de preconceito racial nessa parte do continente. É o caso, por exemplo, de sua passagem pela Bahia, quando teria manifestado ao seu acompanhante o desejo de percorrer um pouco mais o mercado da cidade, “para ver a las negras con sus trajes pintorescos, para examinar los frutos del trópico, tan gratos a los sentidos”, mas se deu conta do desagrado que a ideia causou no funcionário do governo. Para José Vasconcelos, ele “no deseaba que adviertesse la existencia de los negros; tal espectáculo está suprimido del turismo oficial; probablemente hasta se avergonzaba de las naranjas [...]; talvez hubiera deseado que su tierra jugosa produjese duraznos ácidos, para parecerse al Norte.”⁵²

Ainda outras das experiências que José Vasconcelos viveu na sua rápida passagem pela Bahia desaguararam, igualmente, no contraponto entre Sul e Norte ou entre Estados Unidos e Iberoamérica. A impressão que o mexicano formara dos periodistas que o receberam no

⁵⁰ *Ibidem*, p. 36.

⁵¹ *Ibidem*, p. 62.

⁵² *Ibidem*, p. 64.

porto baiano, por exemplo, era de todo oposta à dos agentes portuários e funcionários do governo local. Os primeiros “se mostraban inteligentes, adivinaban nuestras emociones, tenían orgullo de su Brasil y abrián los ojos con curiosidade afectuosa por nuestro México”,⁵³ enquanto os segundos teriam se mostrado completamente alheios ao México e adutores de um grupo de norte-americanos que desembarcaram no porto baiano junto com a comitiva mexicana. Tais situações o teriam feito sentir, desde logo, “la diferencia de los dos brasiles, el Brasil de Rio Branco y Penha ilustre pero europeizado y *hermano menor del Coloso* y el Brasil de Pessoa y de Bernardes, nacionalista, iberoamericanista, autônomo y consciente ya de su porvenir”.⁵⁴ De todo modo, após esses incidentes baianos temos a impressão de que o autor se concilia definitivamente com o Brasil, ou pelo menos o seu relato de viagem procura de modo mais enfático ressaltar uma marca ibero-americana que procurava enxergar no país.

Assim como no famoso prefácio, na parte de *La Raza Cósmica* correspondente ao relato de sua viagem, José Vasconcelos faria um uso recorrente do termo “cordial” e de seus derivativos, como “cordialidade”. Esse uso abundante da palavra “cordial” por José Vasconcelos, quanto a sua referência ao Brasil foram notados por Pedro Meira Monteiro (2015), ao interrogar sobre genealogia da expressão “o homem cordial”, que daria origem a um dos temas mais famosos da obra de Sérgio Buarque de Holanda. A pergunta levaria o autor a *El triunfo de Caliban* (1898), de Rubén Darío, antes de mencionar a aparição do termo, em português, na carta de 1931, enviada pelo escritor brasileiro Ribeiro Couto ao mexicano Alfonso Reyes. Essa carta viria a público sob o título *El hombre cordial, producto americano* (1932), em *Monterrey*, revista que Alfonso Reyes publicou no Rio de Janeiro, enquanto esteve como embaixador do Brasil, entre 1930 e 1936.⁵⁵ A autoria de Ribeiro Couto seria mencionada por Sérgio Buarque de Holanda, em trecho do capítulo “O homem cordial”, já na primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936).⁵⁶ Mesmo assim, como lembra Elvia Bezerra (2005), Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda deram à expressão sentidos bastante distintos, como se poderia notar no trecho a seguir, da carta enviada pelo primeiro a Alfonso Reyes:

É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o ‘sentido americano’ (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – O Homem Cordial. Nossa América, a meu ver, está

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵ MONTEIRO, Pedro Meira. *El hombre cordial e a poética especular: os impasses do liberalismo*. *Op. Cit.*, p. 127-128.

⁵⁶ Consultar HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição Crítica. Organização de Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz. Estabelecimento de texto e notas de Maurício Acuña e Marcelo Diego. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 254.

dando isto: o Homem Cordial. O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas e em toda a vastidão generosa daquela terra, a Família dos Homens Cordiais, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. Numa palavra, o Homem Cordial. (Atitude oposta do europeu: a suspicácia e o egoísmo do lar fechado a quem passa). (Como é bom, nos pueblos e aldeias da nossa América, no seu México como no meu Brasil, mandar entrar o caixeiro-viajante francês que vende peças de linho, ou o engenheiro alemão que está estudando a geologia local, e convidá-lo para almoçar! A gente grita logo lá para dentro: - Ó fulana, manda matar uma galinha!) [...]. Somos povos que gostam de conversar, de fumar parados, de ouvir viola, de cantar modinhas, de amar com pudor, de convidar estrangeiro a entrar para tomar café, de exclamar para o luar em noites claras, à janela: Mas que luar magnífico! Essa atitude de disponibilidade sentimental é toda nossa, é ibero-americana... Observável nos nadas, nas pequenas insignificâncias da vida e todos os dias, ela toma vulto aos olhos do crítico, pois são índices dessa Civilização Cordial que eu considero a contribuição da América Latina ao mundo”.⁵⁷

Tendo em conta essa citação e a polêmica entre Cassiano Ricardo e Sérgio Buarque de Holanda mencionada no começo deste capítulo, é possível notar que a divergência do poeta com os termos a partir dos quais a expressão o “homem cordial” foi traduzida pelo historiador, se assenta, em grande parte, na distância tomada por Sérgio Buarque de Holanda em relação àquela interpretação dada por Ribeiro Couto. Mesmo sem mencioná-lo, Cassiano Ricardo caracterizou a cordialidade brasileira como bondade e, nessa aproximação, chamaria a atenção sobre aspectos tais como o espírito hospitaleiro, a credulidade e a disposição sentimental, que haviam sido enunciados por Ribeiro Couto. Mesmo a sua descrição, segundo a qual o “Homem Cordial” seria produto da “fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas” não ficaria de fora do esquema de Cassiano Ricardo. Como aponta Elzia Bezerra, o sentido de cordialidade expresso por Sérgio Buarque de Holanda, segundo o qual a “inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, visto que uma e outra nascem do coração, procedem da esfera do íntimo, do familiar, do privado” desloca aquele anterior, contido na carta de Ribeiro Couto, restrita ao do “homem sempre bom” e, não custa reforçar que essa também é a perspectiva a partir da qual Cassiano Ricardo se posicionou.⁵⁸ De fato, o significado que Ribeiro Couto atribuiu à expressão “o homem cordial” está mais acercado ao que encontramos nas publicações verde-amarelas, que ao sentido que foi desenvolvido, posteriormente, por Sérgio Buarque de Holanda.

⁵⁷ Ribeiro Couto *apud* BEZERRA, Elvia. Ribeiro Couto e o homem cordial. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 44, p. 123-130, jul./set. 2005, p. 125-126.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 127. A passagem entre aspas foi transcrita pela autora das páginas 146-147, da reedição de *Raízes do Brasil*, publicada em 1995, e a expressão “homem sempre bom” é de Elzia Bezerra.

Dos trechos de *La Raza Cósmica*, nos quais José Vasconcelos se detém sobre a ideia de cordialidade, associando-a a outros traços que, na sua opinião, caracterizariam o convívio entre as gentes nessa parte do continente americano, um deles transcorre em torno da sua visita a uma penitenciária paulista. Apesar dos elogios que faz a su “perfecta administración” o viajante procura advertir o leitor sobre a desumanidade inerente ao próprio sistema que, na sua opinião, se destacava ainda mais por conta da sua flagrante incompatibilidade com o ambiente brasileiro. Na sua visão, seria difícil pensar um sistema cruel como esse “en el Brasil, el país más generoso de la tierra; en la Argentina, que es buena; en Perú, que es tierno; en Colombia, que es dulce”.⁵⁹ Tais afirmações também colocam o sentido de cordialidade desenvolvido por José Vasconcelos mais alinhado ao que foi expresso por Ribeiro Couto e pelos verde-amarelos, e distante do que apareceria, posteriormente, na obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Ainda fariam parte do relato otimista que José Vasconcelos levava do país, percepções como as de que os políticos brasileiros seriam todos homens cultos e bons administradores, de que não existiam conflitos sérios entre autoridades civis e militares, todas elas homens sempre muito bem-educados e que conviviam respeitosamente.⁶⁰ Em determinada passagem do texto, José Vasconcelos chegaria, inclusive, se surpreender com a informação que tivera sobre os alarmantes índices de analfabetismo no país,⁶¹ e a respeito dos bairros fabris que vira em São Paulo ressaltaria não ter se deparado com nenhuma “sordidez”, apenas com uma “pobreza decorosa”.⁶² Se essas características por si só lhe pareciam promissoras, a perspectiva de que estaria se formando, em São Paulo, um dos sítios industriais mais importantes da América Latina, confirmavam a sua expectativa sobre o futuro brasileiro.⁶³ E de certo modo fazendo coro ao imaginário sobre as riquezas naturais do país, José Vasconcelos faria a alusão, em dada passagem do texto, a um porvir em que “el hierro, el carbón, la máquina, irán del Brasil hacia el mundo” e o país finalmente suplantaría a Inglaterra, com a diferença de que o que ela “ha hecho pequeño, el Brasil lo hará grande”, porque “no siendo la brasileña una cultura isleña, sino continental, abarcará mejor el planeta, y tendrá la base para un imperio más grande que todo los que han sido”.⁶⁴

⁵⁹ VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica... Op. Cit.*, p. 80.

⁶⁰ *Ibidem*, 101, *passim*.

⁶¹ *Ibidem*, p. 102.

⁶² *Ibidem*, p. 81.

⁶³ *Ibidem*, p. 73.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 89.

3.3. Os limites da ciência

Nas primeiras páginas do prólogo de *La Raza Cósmica*, as críticas que José Vasconcelos fez à ciência colocariam em questão a prevenção dos cientistas sobre a mestiçagem, e apontariam a suposta incapacidade do discurso científico, em especial da pesquisa histórica, de pensar um sentido “transcendental”. Segundo o autor, “la historia empírica, enferma de miopía, se pierde en el detalle” e “cae en la puerilidad de la descripción de los utensilios y de los índices cefálicos y tantos otros pormenores, meramente externos que carecen de importancia si se les desliga de una teoría vasta y comprensiva”.⁶⁵ Partindo desse diagnóstico, a sugestão de José Vasconcelos era ampliar o prisma da ciência tradicional:

solo un salto de espíritu, nutrido de datos, podrá darnos una visión que nos levante por encima de la micro ideología del especialista. Sondeamos entonces en el conjunto de los sucesos para descubrir en ellos una dirección, un ritmo y un propósito. Y justamente allí donde nada descubre el analista, el sintetizador y el creador se iluminan. Ensayemos, pues, explicaciones, no con fantasía de novelista, pero sí con una intuición que se apoya en los datos de la historia y de la ciencia.⁶⁶

A sua proposta era aliar as sugestões da intuição às contribuições da ciência, o que remete a escritos anteriores do autor, marcados pela crítica ao cientificismo. No artigo *La Nueva Ley de los Tres Estados*, de 1921, “la lección de la bailarina”, sugerida por José Vasconcelos, apresenta outros termos a mesma ideia. Trata-se de uma anedota da sua estadia no Peru, quando assistindo a uma apresentação de canto e dança, o refrão que dizia “No hay lugar como el Sertao...[sic]”,⁶⁷ teria lhe soado surpreendentemente familiar, e sugerido a ideia da fraternidade entre os povos do continente. A partir da historieta, José Vasconcelos assinalou a experiência estética como um modo de conhecer que poderia superar o discurso sociológico.⁶⁸

⁶⁵ *Ibidem*, p. 15.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 15-16.

⁶⁷ Segundo José Vasconcelos, “El caso ocurrió en un teatro limeño; el anuncio de bailes y canciones del Brasil había llenado la sala; el lujo de aquellas mujeres finas y vivaces, de dulces ojos sentimentales, entretenía la espera. Salió por fin la pareja brasileña y comenzaron las machichas y los fados, alterando con canciones en portugués; era ella mórbida y delicada, de ojos negros inmensos y una suavidad fascinadora. Con voz clara y un dejo de gracia inolvidable cantaba y repetía una copla: “No hay lugar como el Sertao”, y se movía con la soltura melodiosa de la bailarina ibérica. [...] era un canto oído por la primera vez, y sin embargo, sonaba amable y familiar como la voz de una amante conocida en sueños y cuya queja descubría los bosques lozanos, los confines idílicos del pródigo Brasil, donde una raza hermana nos acoge y nos invita a quedarnos. Por eso el estribillo de la canción despertaba músicas interiores: “No hay lugar como el Sertao”, y el enigmático Sertao subía en la imaginación como un símbolo de toda la dulce América del Sur. Ver VASCONCELOS, José. *La Nueva Ley de los Tres Estados*. *Op. Cit.*, p.157.

⁶⁸ Como explica José Vasconcelos: “Todo eso que se intenta expresar en forma oscura y difusa, se me apareció muy claro una vez, y no fue por obra de la razón racional, de por sí tan vacía de sentido, sino por aquel otro supremo juicio que Kant llamó “juicio estético”, del cual es fácil deducir una ley de afinidades y fusiones no alógicas, ni lógicas, sino estéticas y sintéticas. [...] Muchas gentes dirán que esta es una manera trivial de discutir problemas graves. Pero a mí la lección de la bailarina me parece más profunda que muchas sociologías”. *Ibidem*.

Mas o autor também apresentaria nesse texto uma das primeiras versões da tese sobre a supressão, no futuro, de todas as diferenças entre tipos raciais, nacionalidades e culturas, a qual ganharia contornos definitivos alguns anos depois, em *La Raza Cósmica*. De acordo com José Vasconcelos,

la lección de la bailarina [...] enseña así que se junten, por el crecimiento y la proximidad, las razas afines, la brasileña y la nuestra, no van a quedar como estamos con otras, pegados, pero no confundidos; sino que allí sí la simpatía unirá las consciencias, y la pasión amorosa romperá las barreras políticas. Allí la común sensibilidad estética desarrollará una cultura homogénea, el ideal colectivo prevalecerá sobre las rivalidades del interés, y siendo como uno en el alma, seremos uno en historia y en bienes – los hispanos y los lusitanos – hasta el día en que pueda decirse igual cosa de todos los pueblos de la tierra, en esta civilización indo española que ya hace tiempo adoptó la divisa de: América para la Humanidad.⁶⁹

Em *La Raça Cósmica*, as premissas científicas sobre a mestiçagem são consideradas falsas ou incompletas, tanto por rejeitarem outras possibilidades de conhecimento, quanto, por seu ponto de vista fragmentário, que ignoravam o destino vislumbrado por José Vasconcelos. Assim, não é contraditório que o autor mexicano admita que, no presente, a mestiçagem fosse um fator de instabilidade no continente americano. O problema da ciência era que enquanto ela focava nas contingências, permanecia alheia a um sentido futuro. No entanto, na visão do intelectual mexicano, na medida em que a humanidade progredisse, a própria ciência alcançaria um desenvolvimento superior, o que já era indicado pelas descobertas recentes em diversas disciplinas:

la matemática vacila y reforma sus conclusiones para darnos el concepto de un mundo movable, cuyo misterio cambia, de acuerdo con nuestra posición relativa, y la naturaleza de nuestros conceptos; [...] la física y la química no se atreven ya a declarar que en los procesos del átomo no hay otra cosa que acción de masas y fuerzas.⁷⁰

Já no caso da biologia, segundo o autor, as novas descobertas apontavam para a superação do darwinismo pelo mendelismo, o que na percepção de José Vasconcelos fazia ruir a base do argumento da superioridade de uma só raça:

[Jakob von] Uexkull [afirma] que en el curso de la vida “las células se mueven como si obrasen dentro de un organismo acabado cuyos órganos armonizan conforme un plan de función, [...] lo que contraría el darwinismo por lo menos, en la interpretación de los darwinistas que niegan que la Naturaleza obedezca a un plan; [...] también el mendelismo demuestra, conforme las palabras de Uexkull, que el protoplasma es una mezcla de substancias de las cuales puede ser hecho todo, [...] delante todos estos cambios de conceptos de la ciencia, es preciso reconocer que se ha derrumbado también el edificio

⁶⁹ *Ibidem*, p. 157-158.

⁷⁰ VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica... Op. Cit.*, p. 49-50.

teórico de la dominación de una sola raza.⁷¹

José Vasconcelos não deixa, portanto, de recorrer à própria ciência para embasar seu ponto de vista sobre a mestiçagem, recolocada em seu livro numa chave positiva. Com base nesse argumento, afirma que o seu discurso não se tratava simplesmente de uma contra-ideologia ou contraponto a uma filosofia estrangeira, que ditava a inferioridade dos povos originados da mescla racial. Alguns argumentos que apresenta para sustentar uma perspectiva otimista sobre a mescla racial aludem, por exemplo, à ideia de que o apogeu das principais civilizações históricas, sempre coincidiu com o período de maior incremento da mestiçagem, biológica e cultural.⁷² Noutro trecho, José Vasconcelos afirma que os descendentes de escandinavos, holandeses e ingleses das universidades norte-americanas, onde prevalecia o ideal de pureza racial, seriam muito mais lentos, e quase torpes, quando comparados com os meninos e jovens mestiços do Sul.⁷³

De todo modo, não se pode compreender a inversão na apreensão da mestiçagem, sugerida por José Vasconcelos, sem considerar a sua filosofia da história. Para José Vasconcelos, a história da humanidade se expressa pela sucessão de distintas civilizações que florescem e decaem no rumo da constituição de uma civilização definitiva. Nas suas palavras, “en la Historia no hay retornos, porque toda ella es transformación y novedad”.⁷⁴ Anteriormente, teriam se desenvolvido quatro grandes civilizações, a antiga Atlântida, que segundo José Vasconcelos teria se localizado na América, a Egípcia, a Índica e a Grega. Em cada uma delas, houve a predominância de um tipo racial, respectivamente, índio, o negro, o mongol e, finalmente, o branco, cujo predomínio, apesar da decadência da civilização grega se estendia até contemporaneamente, havendo passado pelos impérios formados pela estirpe ibérica e anglo-saxã no continente americano. Essa perspectiva de um sentido histórico como sucessão de civilizações, que repetem períodos de ascensão, apogeu e declínio, cabe ressaltar, se tornou bastante conhecida nos países latino-americanos com a circulação de *A decadência do Ocidente* (1918), de Oswald Spengler; leitura que, aliás, os verde-amarelos tiveram em comum com José Vasconcelos.

Retomando, porém, o argumento desenvolvido pelo autor mexicano, cada um daqueles quatro tipos raciais, após cumprirem a missão a que estavam predestinadas, estariam fadados

⁷¹ *Ibidem*, p. 50.

⁷² *Ibidem*, p. 10-11.

⁷³ *Ibidem*, p. 45.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 25.

ao desaparecimento. A missão reservada ao branco era a de criar condições técnicas para a reunião de todas aquelas raças existentes, que então se mesclariam até formar uma raça mestiça no continente americano. Com isso, a civilização retornaria aos trópicos, isto é, à mesma região onde todas as grandes civilizações anteriores haviam se fixado, expressando-se, dessa vez, como o último estágio de desenvolvimento da humanidade, que José Vasconcelos chamou de estágio estético.⁷⁵

É nesse quadro que José Vasconcelos valoriza a experiência ibérica na América. Na visão do escritor, em que pese a contribuição dos anglo-saxões para o desenvolvimento científico, os povos americanos de origem ibérica teriam a vantagem da maior propensão à mescla inter-racial. Nos Estados Unidos, segundo o autor, os herdeiros dos anglo-saxões desenvolveram um ideal de pureza racial que resultou na eliminação do índio e na separação do negro.⁷⁶ O preconceito desses povos com relação à mestiçagem foi traduzido em falsas premissas científicas, a partir das quais justificavam a sua ascendência sobre os países americanos de origem ibérica. Contra a filosofia e a ciência desses povos, demasiado restritivas, José Vasconcelos sugeriria uma teoria abrangente, tanto do ponto de vista de uma concepção sobre o conhecimento, como do ponto de vista da proposição de uma ruptura com o ideal de pureza racial. A ruptura com um nacionalismo estreito seria a condição para que a valorização da cultura local se efetivasse com um sentido mais complexo que o de uma mera inversão do discurso de dominação. Portanto, na sua visão, não se tratava simplesmente de sobrepor à tradição anglo-saxã, a tradição ibérica, mas de propor que da aproximação entre ambas se conformaria, por fim, uma cultura universal.

Mas essa inversão no discurso sobre a mestiçagem, de uma perspectiva negativa para uma perspectiva otimista, ocorre em *La Raza Cósmica* apesar dos trechos em que José Vasconcelos deixa em evidência seus próprios preconceitos, por exemplo, quando sugere a restrição da entrada de chineses no México, sob o argumento de que “no es justo que pueblos como el chino [...] que se multiplican como los ratones, vengán a degradar la condición humana, justamente en los instantes em que comenzamos a comprender que la inteligencia sirve para refrenar y regular bajos instintos zoológicos, contrarios a un concepto religioso de la vida”.⁷⁷ O mesmo se pode dizer com relação à persistência de determinismos à moda do século XIX, que podem ser encontrados em passagens como as em que o escritor aponta que “el clima cálido es

⁷⁵ *Ibidem*, p. 33.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 26-27; 29, *passim*.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 30.

propicio al trato y reunión de todas las gentes”.⁷⁸

Essa contradição do texto de José Vasconcelos, onde dividem espaço rupturas e permanências com o racismo científico,⁷⁹ converge ao seu próprio entendimento eclético do termo raça, que ora pende para uma acepção biológica, ora para a cultural. Nesse sentido, muito embora o autor considere o mendelismo como ciência superior ao darwinismo, a sua apropriação da ciência mendeliana é imprecisa, e não se afasta de uma acepção lamarckista. Segundo José Vasconcelos, “la ley de Mendel, particularmente, cuando confirma la intervención de factores vitales en la rueda motriz ‘físico-química’, debe formar parte de nuestro nuevo patriotismo. Pues de su texto puede derivarse la conclusión de que las distintas facultades del espíritu toman parte en los procesos del destino”.⁸⁰ Nota-se, a partir desse trecho que, para o autor, o mendelismo admitiria a interferência de fatores externos na herança genética, enquanto que a vertente mendeliana dos estudos sobre a hereditariedade procurava, nesse contexto, provar justamente o contrário desse pressuposto, que era o conceito da corrente neolamarckiana. Nesse sentido, cabe lembrar que a adesão não exclusiva a uma dessas teorias, neolamarckista e mendeliana, como notado no capítulo anterior, foi uma característica do texto de Alfredo Ellis Junior. O que parece dar conta de que, em muitos casos, não foram compreendidas como teorias excludentes, nas primeiras décadas do século XX.⁸¹

Ao que tudo indica, ao aproximar-se de um entendimento lamarckista da herança genética, José Vasconcelos se distanciava, ainda, da opção colocada por algumas correntes do pensamento racial, entre as perspectivas monogenista, segundo a qual a humanidade possuía um tronco racial comum, e a poligenista, que pregava a existência de diversos centros de criação ou troncos raciais distintos. Falando de raça no plural, o autor não entende essa pluralidade como um empecilho à miscigenação, como acreditavam os adeptos do poligenismo e, ao mesmo

⁷⁸ *Ibidem*, p. 38.

⁷⁹ Alguns autores têm chamado a atenção sobre essas permanências. Alexandra Stern (2000), por exemplo, endossa a análise de Alan Knight (1990), para quem muitas das reações contra o racismo porfiriano, dentre as quais se pode ressaltar a “mestizofilia” baseada na veneração ao índio, de Manuel Gamio, ou comprometida com o “criollo” ou o hispânico, de José Vasconcelos, seguiu operando dentro do paradigma racista. Ver STERN, Alexandra. *Mestizofilia, Biotipología Y Eugenesia en el México posrevolucionario: hacia una historia da la ciencia y el Estado, 1920-1960. Relaciones*, El Colegio de Michoacán Zamora, México, v. 21, n. 81, p. 62.

⁸⁰ VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica... Op. Cit.*, p. 50.

⁸¹ De acordo com Nancy Leys Stepan (2004), “a conciliação da genética ao estilo lamarckiano com a linguagem do moderno mendelismo não é atípica [...]. Com frequência os lamarckistas aceitavam as leis de hereditariedade de Mendel, deixando, no entanto, um espaço para a noção de que de alguma forma a influência do meio poderia alterar permanentemente o plasma germinativo”. STEPAN, Nancy Leys. “A hora da eugenia”. *Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005 e “Eugenia no Brasil”, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto e ARMUS, Diego. *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p. 347.

tempo, numa inversão do monogenismo, sua perspectiva da mestiçagem situa no porvir a constituição de um único tipo racial único, mestiço.⁸² Finalmente, ao incluir a variável das condições ambientais, a concepção neolamarckiana permitiria a José Vasconcelos relativizar a determinação de heranças ou características raciais consideradas inferiores, a mestiçagem deixaria de ser vista um problema insolúvel, um estigma do passado, e seria reconfigurada como passagem para a formação de um tipo mestiço superior e aceno ao desenvolvimento uma nova civilização.⁸³

3.4. Uma eugenia estética

Nesse sentido, na obra de José Vasconcelos, a apreensão da ideia de raça teria estado próxima ao que Ricardo Benzaquen de Araújo (2005) chamou de definição “neolamarckiana”.⁸⁴ Tendo em vista essa definição, o escritor mexicano admitiria que a melhoria das condições de vida dos indivíduos interferiria beneficentemente sobre a herança genética transmitida aos seus descendentes. Na sua visão, em condições ideais a escolha dos pares e a opção pela procriação se orientaria por um desígnio superior, a miscigenação deixaria de ser uma preocupação, pois significaria a mescla dos caracteres superiores de cada estirpe, ao que parece, segundo os princípios mendelianos. O que o mexicano denomina como “eugenesia estética” consiste, portanto, numa projeção utópica em que indivíduos bem-educados, que comungariam de um sentido de beleza, ou de ideal estético, contribuiriam “livremente” para o aperfeiçoamento humano. Nesse cenário ideal, não haveria a necessidade da institucionalização de políticas que orientassem a procriação, ou de qualquer tipo de coerção externa sobre os indivíduos, que seriam capazes por si só de elegerem os seus pares, buscando o aperfeiçoamento da sua descendência. Inspirados por um sentido estético, esses indivíduos optariam por matrimônios que propagassem características superiores, ou se privariam da reprodução quando houvesse o risco da transmissão características inferiores aos seus descendentes, como se pode notar na

⁸² Sobre a mudança semântica no conceito de raça, em José Vasconcelos ver ASCENSO, João Gabriel da Silva. A redenção cósmica do mestiço: inversão semântica do conceito de raça na *Raça Cósmica* de José Vasconcelos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 26, n.52, p. 294-315, julho-dezembro de 2013.

⁸³ Um sentido que não escapou ao biólogo lamarckista austríaco Paul Kammerer (1880-1926), ao afirmar que “o mendelismo nos torna escravos do passado, enquanto o lamarckismo nos faz capitães do futuro”, citado em COHEN, Peter. *Homo sapiens 1900*. Mais Filmes. Duração: 88 min, 1998.

⁸⁴ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz. Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 2005 [1994], p. 37. Segundo Nancy Leys Stepan, “como a eugenia lamarckiana não traçava uma dicotomia simples entre ‘natureza’ e ‘cultura’ (nature e nurture) poder-se-ia presumir que melhorias na formação implicariam melhor adequação hereditária ao longo do tempo”. STEPAN, Nancy Leys. “A hora da eugenia”. *Op. Cit.*, p. 348.

seguinte passagem:

los ‘vástagos recesivos’ ya no se unirían entre sí, sino a su vez irían en busca de mejoramiento rápido, o extinguirían voluntariamente todo deseo de reproducción física. La consciencia misma de la especie irá desarrollando un mendelismo astuto, así que se vea libre del apremio físico, de la ignorancia, de la miseria, y de esa suerte, en muy pocas generaciones desaparecerán las monstruosidades; lo que hoy es normal llegará a parecer abominable. Los tipos bajos de la especie serán absorbidos por el tipo superior”.⁸⁵

Paradoxalmente, essa “eugenesia estética” que segundo José Vasconcelos deveria ocupar o lugar da eugenia científica, parte de premissas que se enquadram perfeitamente no que os estudos eugênicos chamam por “eugenia positiva”, ou seja, o incentivo à reprodução de indivíduos considerados eugenicamente superiores, como também por “eugenia negativa”, que incluiria um conjunto de ações para evitar a reprodução de indivíduos considerados defeituosos ou inferiores. A diferença é que, para o intelectual mexicano, com a entrada da humanidade no terceiro estágio de evolução, o exercício da força, o argumento da razão, de que lançavam mão as políticas eugenistas da época, ambos seriam substituídos pelo sentimento e pelo senso estético. Em tais condições, segundo o autor, “el matrimonio dejará de ser consuelo de desventuras, que no hay por qué perpetuar, y se convertirá en una obra de arte”.⁸⁶

A partir dessa concepção da eugenia, José Vasconcelos concilia uma interpretação positiva da mestiçagem, convertida em caminho de aprimoramento racial, com os pressupostos eugênicos de sua época, operando uma verdadeira estetização do discurso eugenista. Os conflitos e questões morais que permeavam a eugenia científica, na sua teoria, seriam suplantados pela harmonização de um ideal superior, predominante no terceiro estágio social da humanidade. Nesse estágio, segundo o autor,

todo cuanto nace del sentimiento es un acierto. En vez de reglas, inspiración constante. Y no se buscará el mérito de una acción en su resultado inmediato y palpable, como ocurre en el primer período; ni tampoco se atenderá a que se adapte a determinadas reglas de la razón pura; el mismo imperativo ético será sobrepujado y más allá del bien y del mal, en el mundo del pathos estético solo importará que el acto, por ser bello, produzca dicha.⁸⁷

A teoria da raça cósmica, analisada a partir dessa perspectiva, pode ser lida como uma variante das diversas incursões de médicos, cientistas e intelectuais latino-americanos pelo campo dos debates raciais, que buscaram inverter o prognóstico da mestiçagem no continente. Nesse sentido, o discurso de José Vasconcelos era atrativo aos brasileiros, que desde fins do século XIX ensaiavam narrativas de redenção da população brasileira, pela mesma via da

⁸⁵ VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica... Op. Cit.*, p. 44.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 42.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 40.

mestiçagem. A perspectiva de branqueamento da população brasileira, por exemplo, assentou muitas das políticas do país de incentivo à imigração europeia, que sobreviveriam à própria mudança do império para a república.⁸⁸ Em meados da década de vinte, esse projeto ainda ecoaria por meio dos artigos publicados por Oliveira Vianna em defesa de uma seleção imigratória que privilegiasse estirpes europeias arianas,⁸⁹ mas também esteve refletido na perspectiva de que a população negra de São Paulo seguia uma tendência de queda, segundo Alfredo Ellis Junior.⁹⁰

O sentido da mestiçagem em José Vasconcelos configura, no entanto, um rompimento com relação a essa tradição ao sugerir o aparecimento de um mestiço, que não seria o resultado de uma depuração racial a partir do incremento da mestiçagem com o imigrante europeu, mas a síntese de todas as raças existentes. Além disso, o próprio lamarckismo preconizado por José Vasconcelos vinha ao encontro do eugenismo latino-americano, no que parece ter sido seu ideário predominante, segundo Nancy Stepan (2004) e (2005). Nessa tradição da eugenia latina, em que pese a crescente difusão dos preceitos mendelianos, que desacreditavam a interferência do meio ambiente nos caracteres herdáveis pelos descendentes, a ideia preconizada pelo ideário lamarckista, da transmissão dos caracteres adquiridos aos descendentes, se manteria popular nas primeiras décadas do século XX.⁹¹

3.5. A raça cósmica verde-amarela

“Diante da tua cruz, feita de estrelas/vejo passar sob meus olhos as quatro raças/que depois da tragédia de todos os ódios/e de todas as lutas humanas/irão fundir-se pelo amor numa só raça/Quatro raças em cruz/quatro pingos de sangue/ feitos de luz/ E uma estrela menos/ quase no centro da cruz/ que quer dizer: depois de nós/a última

⁸⁸ Sobre o tema ver RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

⁸⁹ Como se pode notar, por exemplo, em OLIVEIRA VIANNA, José Pereira de. Seleção das Matrizes Étnicas. *Correio Paulistano*, p. 3. 25 ago. 1926.

⁹⁰ De acordo com Alfredo Ellis Junior, “o negro S. Paulo passa sem deixar resíduos. Os poucos que foram absorvidos no turbilhão das mestiçagens, logo na quarta ou quinta geração perderam os signos somatológicos do mulato. São claros de olhos azuis, de traços finos; é quase impossível distingui-los da gente exótica [referência aos imigrantes europeus]. [...]. Rapidamente eliminados, pela maior mortalidade, em razão das várias insuficiências dos seus aparelhos fisiológicos, desaparecerão logo das nossas massas. ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Populações Paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p.98-99. Sobre a perspectiva do branqueamento no pensamento brasileiro ver SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco. Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. Especialmente o Capítulo 6: “O ideal de ‘branqueamento’ depois do racismo científico”.

⁹¹ Em STEPAN, Nancy Leys. “A hora da eugenia”. *Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, ver especialmente o Capítulo 3: “Venenos Raciais e Política da Hereditariedade na América Latina na década de 1920”.

As ideias desenvolvidas em *La Raza Cósmica* (1925) serviram como influxo no qual se estruturou um ponto de vista verde-amarelo, a respeito da miscigenação inter-racial.⁹³ Em comum permaneceriam as contradições em torno as quais esses intelectuais sustentaram uma perspectiva otimista sobre a mestiçagem. A imagem do sertanejo opilado, que se tornou popular com o personagem de Monteiro Lobato, Jeca Tatu, foi arduamente combatida pelos verde-amarelos e contraposta à figura de um mestiço que realizou o bandeirismo nos séculos XVI e XVII, delimitando as fronteiras do país, e que mais tarde, no século XIX, levou a empresa cafeeira para o interior paulista. Essa inversão seria reiterada tanto nos textos programáticos do grupo, quanto nas poesias de Cassiano Ricardo reunidas em *Borrões de Verde-Amarelo* (1926) e *Martim Cererê* (1928), além disso na própria história da “raça de gigantes” de Alfredo Ellis Junior. O otimismo em relação à mestiçagem brasileira, como visto no capítulo anterior, era a imagem forte do texto de Menotti Del Picchia contra a implementação de políticas imigratórias no Brasil, baseadas nos pressupostos do discurso eugenista.⁹⁴ A exemplo desse texto, o repertório verde-amarelo, em que pese a sua valorização da intuição como caminho para a apreensão da brasilidade, não só faria uso de um vocabulário científico, como entraria em diálogo com estudos como os de Edgard Roquette Pinto, Francisco José de Oliveira Vianna⁹⁵ e Alfredo Ellis Junior, que identificaram com o ponto de vista das ciências, quando seus discursos tratavam de afastar o receio sobre os cruzamentos inter-raciais.

Já a leitura verde-amarela do livro de José Vasconcelos ocorreria, principalmente, no contexto da sugestão de Plínio Salgado de eleger o símbolo indígena da Anta como totem

⁹² Versos de “Marcha Final”, incluído em RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê ou o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1928, p. 111. O poema não consta na décima sexta edição dessa obra, que sofreu sucessivas alterações desde sua primeira aparição, mas ao que parece Cassiano Ricardo homenageia a José Vasconcelos dando o título “Raça Cósmica” a um dos poemas reunidos no livro.

⁹³ Referências ao livro de José Vasconcelos aparecem em MOTTA FILHO, Candido. Brasileiros na América. *Correio Paulistano*, p. 4, 20 jan. 1927. RICARDO, Cassiano. A poesia dos cafezais. *Correio Paulistano*, p. 3, 3 jul. 1928; *Idem*. O Curupira e o Carão. *Correio Paulistano*, p.3, 17 mar. 1927. *Idem*. Nhengaçu Verdamarelista. *Correio Paulistano*, p. 3, 21 jan. 1927; RICARDO, Cassiano. Minha Terra tem palmeiras. Conferência que o dr. Cassiano Ricardo realizou, a 5 do corrente, a convite de um grupo de intelectuais, na cidade de São José do Rio Pardo. *Correio Paulistano*, p. 4, 11 jan. 1927. SALGADO, Plínio. A revolução da Anta. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1927, p. 93; 95; SALGADO, Plínio. Matemos o verde-amarelistismo. *Correio Paulistano*, p.3-4, 08 dez. 1927; *Idem*. Crônicas Verdamarelas: Visões da Gente Nova. *Correio Paulistano*, p. 3, 12 ago. 1927; *Idem*. A questão da Anta. *Correio Paulistano*, p. 3, 23 jan. 1927; *Idem*. A anta contra a loba. *Correio Paulistano*, p.3, 11 jan. 1927, *Idem*. A raça harmoniosa. *Correio Paulistano*, p.3, 10 out. 1926; *Idem*. A anta e o curupira. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1926.

⁹⁴ DEL PICCHIA, Menotti. O problema racial. *Correio Paulistano*, p.3, 26 ago. 1926.

⁹⁵ No caso desse autor, seriam importantes ao discurso verde-amarelo os argumentos desenvolvidos em artigos como OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. Eugénismo Paulista. *Correio Paulistano*, p.3, 15 fev. 1927 e *idem*. Raças nacionais e raças históricas. *Correio Paulistano*, p.3, 14 jan. 1927.

brasileiro. Conforme o escritor procurara esclarecer alguns meses antes, na conferência *A Anta e o Curupira* (1926), “nosso modernismo brasileiro, [...] não é mais que a reposição do indígena dentro do seu tempo e do seu espaço”.⁹⁶ Uma afirmação que parece confirmar a interpretação de Eduardo Jardim (2016), de que o debate sobre a Anta teria tido menos que ver com a definição de um símbolo nacional, do que com um uso estratégico da figura do índio para o propósito de integração dos modernistas à realidade brasileira.⁹⁷ Além de Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia, Candido Motta Filho, Raul Bopp e Genolino Amado também participariam da discussão sobre Anta, que sugere uma aproximação dos verde-amarelos com o tema primitivista.

O caso da “Revolução da Anta” pregada pelos verde-amarelos, a princípio, parece ter sido semelhante ao da Antropofagia, a partir de 1928. Em ambos os manifestos a crítica do presente se dá pela evocação de um passado mítico, isto é, a descida dos tupis para o litoral no caso dos verde-amarelos, e a antropofagia dos caraíbas no caso do grupo de Oswald de Andrade. Desse modo, seriam pertinentes ao verde-amarelismo os comentários de Pedro Duarte (2014) sobre o Manifesto Antropófago, segundo o qual, o texto de Oswald de Andrade fantasia uma revolução caraíba. Essa expressão paradoxal associa o termo revolução, que “aponta para o futuro”, ao nome indígena, ou a uma cultura que o “europeu tentara deixar para trás”. O futuro da revolução, ou da utopia imaginada por Oswald de Andrade, buscava trazer “o passado que a colonização moderna tentou apagar”. Porém, como lembra Pedro Duarte, esse passado é um “mundo sem datas”, na expressão de Oswald de Andrade. Trata-se de uma crítica à própria modernidade, uma vez que “esse índio situa-se aquém do tempo, no começo antes do começo: uma pré-história civilizacional, não por ser inferior ou preparatória, e sim por escapar da história da civilização moderna, podendo, por isso servir, para fazer a crítica desta”.⁹⁸

No discurso verde-amarelo, a infância e a imaginação também seriam valorizadas, sugerindo uma outra tradição e uma saída para a “crise de sensibilidade europeia”, na expressão de Plínio Salgado.⁹⁹ No entanto, o mesmo autor, em 1926, sugeriria ainda um deslocamento

⁹⁶ SALGADO, Plínio. *A Anta e o Curupira*. In: *Despertemos a Nação*. São Paulo: Editora das Américas, 1955 [1926], p. 35.

⁹⁷ JARDIM, Eduardo. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Ponteio, 2016, p. 98.

⁹⁸ DUARTE, Pedro. *A palavra modernista. Vanguarda e Manifesto*. 1 ed.. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Editora PUC-Rio, 2014, p. 148-151. Nessa interpretação, o autor dialoga com PAZ, Octávio. *Os filhos do barro. Do romantismo à vanguarda*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naif, 2013. Ver os capítulos “A revolta do futuro” e especialmente “Os filhos do barro”.

⁹⁹ SALGADO, Plínio. *A Anta e o Curupira*. *Op. Cit.*, p. 36.

com relação ao primitivismo europeu:

o primitivismo buscado pelas novas correntes literárias europeias, o regresso aos materiais preconizado por vários grupos, em nações velhas, é uma coisa puramente artificial, ao passo que, entre nós, é apenas a aceitação de um fenômeno já existente. O Brasil é uma criança; e seria humorístico ouvirmos uma criança gritar: quero rejuvenescer-me! ¹⁰⁰

Nesse texto de Plínio Salgado a crítica à vanguarda europeia não diz respeito propriamente ao seu gesto de ruptura com a tradição, mas ao primitivismo enquanto pesquisa. Os verde-amarelos veem na aproximação dos artistas brasileiros com a vanguarda europeia um obstáculo à apreensão direta da cultura brasileira pelo artista pois, apropriando-se do primitivismo na sua configuração europeia, a brasilidade seria tomada tão somente como um objeto de estudos, no que a arte perderia a função do discurso construtor de sentido. De todo modo, como sugere Plínio Salgado, no Brasil, o primitivismo seria também um dar-se conta, um integrar-se à realidade nacional, uma vez que o passado evocado ainda seria uma presença viva no *hinterland* brasileiro. O significado dessa afirmação, talvez possa ser apreendido a partir da leitura de Florencia Garramuño (2007) sobre as “vanguardas primitivas” latino-americanas que, segundo a autora, na sua configuração particular deslocaria o sentido do primitivismo europeu. As vanguardas latino-americanas teriam assim, um sentido ambivalente, ao mesmo tempo, moderno e primitivo, nacional e cosmopolita. Nelas, “o primitivo será o nacional”, compreendendo tanto o gesto de ruptura com a tradição europeia, quanto o da aproximação com um passado nacional. ¹⁰¹

Retornando ao tema inicial, o debate sobre a Anta teve espaço no *Correio Paulistano*, a partir de janeiro de 1927, com a resposta de Plínio Salgado ao comentário de Menotti Del Picchia de que a tradição brasileira era predominantemente latina. ¹⁰² No artigo *A anta contra a Loba*, Plínio Salgado defenderia que o índio seria o nosso “ponto de partida”, a “chave das grandes revelações”. Nas palavras do escritor, a sua influência abarcava “desde a obra de integração territorial do país, até as expressões políticas e artísticas”, que adquiriam “uma fisionomia própria e continental, mesmo sob a onda efêmera do nosso urbanismo cosmopolita”. ¹⁰³ Essa oposição ao ponto de vista de Menotti Del Picchia, de acordo com Plínio Salgado, teria a chancela do poeta rio-grandense Raul Bopp. Nas palavras de Plínio, “eu e o

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 45

¹⁰¹ GARRAMUÑO, Florencia. *Modernidades primitivas. Tango, samba y nación*. 1 ed.. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007, p. 108.

¹⁰² HÉLIOS. Crônica Social: Matemos Pery. *Correio Paulistano*, p. 4, 05 jan. 1927 e SALGADO, Plínio. A Anta contra a Loba. *Correio Paulistano*, p. 3, 11 jan. 1927.

¹⁰³ *Ibidem*.

Raul Bopp estamos a pique e abrimos dissidência, se o grupo verde-amarelista, em vez de se inspirar numa orientação humana, seguir o roteiro de um preconceito de civismo. E mais aberta será a cisão se Anta não for aceita”.¹⁰⁴ No texto *Revolução da Anta* reunido n’ *O Curupira e o Carão* (1927), Plínio Salgado sintetizaria a história:

a anta é o totem da raça tupi. Os tupis, muito antes de chegarem aqui os portugueses, desceram das Ibiturunas (Cordilheira dos Andes), e marcharam pelas florestas, rumo do oceano. [...]. Foi quando apontaram as caravelas luisitanas. Esses tupis diziam-se descendentes da Anta. Como é sabido, todas as clãs primitivas tiveram seus totems, quer dizer, animais de que se diziam filhos. [...]. O “totem” com o tempo, ia tomando amplitudes maiores: da clã para a tribo, da tribo para a Nação, para todo um grupo étnico ou organização política. Daí, a “lobo” dos romanos; o “galo”, da França; o “boi”, o “crocodilo” do antigo Egito, etc. A anta é o “totem” dos brasileiros, pois foi o índio a base da formação nacional, como está sendo a base da Raça Futura, que sairá do casamento de todas as raças imigrantes.¹⁰⁵

O próprio escritor destacaria o “estilo quase didático” de *Revolução da Anta*. Ao parece o texto não teria sido publicado no *Correio Paulistano* antes de constar naquela coletânea verde-amarela. Na passagem destacada acima, além da lenda sobre a descida dos tupis que havia sido narrada por Alarico da Silveira, no artigo *O sonho da raça*, mencionado anteriormente, consta uma referência a José Vasconcelos, como se pode notar pelo uso da expressão “Raça Futura”. De toda maneira, noutra passagem do mesmo texto, a citação ao escritor mexicano é direta e esclarece sobre o deslocamento que Plínio Salgado sugere, quando destaca a importância do indígena na formação da chamada “quinta raça” ou “raça cósmica”, à tese desenvolvida em *La Raza Cósmica*:

a influência indígena, - agora que ela se acha dissimulada, mas presente, na feição geral do brasileiro, - atua, dentro dos próprios centros urbanos, como agente modificador do caráter estrangeiro. [...] a Anta será o “denominador comum” das expressões fracionárias do conjunto étnico brasileiro. Nestas condições, pondo de lado os preconceitos de cultura e civilização próprias que cada raça traz para aqui; relegados para o plano das inutilidades os ideais de predomínio dos grupos co-imigrantes, ideais que são patentes na política “jussanguinis” dos países de imigração; desaparecidas no Novo Mundo incompatibilidades nacionais do Velho Continente, - tudo se reduzirá a um caminhar uniforme para a realização de um tipo futuro americano, a “quinta raça”, como a denomina José de Vasconcelos [sic].¹⁰⁶

Plínio Salgado incorporou nesse texto os temas que foram trazidos à baila pelos companheiros de verde-amarelismo. Após seu contraponto à Menotti Del Picchia, no artigo *A*

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ SALGADO, Plínio. A revolução da Anta. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão*. Op. Cit., p. 92-93.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 94-95.

Anta contra a Loba, o grupo verde-amarelo se dividiria em opiniões diversas. Cassiano Ricardo se aproximaria mais da perspectiva de Plínio Salgado, enquanto a visão de Candido Motta Filho coincidiria mais com o ponto de vista de Menotti Del Picchia, e Genolino Amado questionaria a pertinência da escolha entre um símbolo e outro.¹⁰⁷ De toda maneira, os diversos artigos que foram publicados na ocasião destacariam a complexa mistura inter-racial ocorrida no Brasil que, para a maioria dos opinantes na polêmica, com a exceção de Candido Motta Filho,¹⁰⁸ parecia mesmo apontar para a formação de uma raça síntese projetada por José Vasconcelos.

Para Plínio Salgado o totem indígena conferia ao nacionalismo brasileiro a sensação de abertura ou de amplitude. Por sua própria incultura e insubmissão a qualquer paternidade cultural, o indígena era, na opinião de Plínio Salgado, o ponto de partida da universalização da cultura brasileira. Essa perspectiva seria o seu principal ponto de contato com o livro de José Vasconcelos, que fizera críticas a um nacionalismo estreito a exemplo dos que se manifestaram nos países europeus. Partindo dessa mesma premissa, Plínio Salgado viu na *Loba* uma escolha equivocada, porque tomava por modelo uma civilização antiga e dava razão ao seu orgulho de raça. Já o tupi, em sua opinião, representava o ponto de vista mais virginal possível e a ausência de qualquer preconceito de civilização. Nas palavras do escritor, “partimos do índio para o universo abrangendo todos os elementos étnicos, morais, geográficos e políticos que entraram na formação da nossa alma de povo, sem a exclusão dos fatores negro e ariano que estão em nós tão vivo como o índio”.¹⁰⁹

Nos diversos artigos onde sustenta essa ideia, ou seja, a de que o indígena servia de inspiração para um nacionalismo diferente do europeu, sem preconceitos exclusivistas, Plínio Salgado tratou o totem da *Anta* como uma forma brasileira e americana, no que pode ter se aproximado da perspectiva de uma fraternidade entre os países do continente, que havia sido expressa por José Vasconcelos. Todavia, a primazia que o índio assume nos textos de Plínio Salgado constitui um deslocamento importante com relação ao que foi desenvolvido em *La Raza Cósmica*. Nesse livro não é o indígena, mas o ibérico, o principal agente da mestiçagem inter-racial. É ele quem, segundo José Vasconcelos, diferentemente do anglo-saxão, tem maior propensão a se confraternizar com todas as raças, entre as quais a indígena.¹¹⁰

Por outro lado, enquanto José Vasconcelos estaria preocupado com a afirmação de uma

¹⁰⁷ GENOLINO AMADO. Discutindo o evidente. *Correio Paulistano*, p. 3, 16 jan. 1927.

¹⁰⁸ Ver MOTTA FILHO, Candido. Brasileiros na América. *Correio Paulistano*, p.4, 20 jan. 1927.

¹⁰⁹ SALGADO, Plínio. *A Anta contra a Loba*. *Correio Paulistano*, p.3, 11 jan. 1927.

¹¹⁰ VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica*. *Op. Cit.*, p. 29, *passim*.

cultura ibérica frente aos Estados Unidos, esse contraponto não teria o mesmo destaque nos textos de Plínio Salgado e dos demais integrantes do movimento verde-amarelo. A leitura de José Vasconcelos passaria pelo crivo das questões que o próprio verde-amarelismo colocou ao modernismo paulista, e a oposição desses escritores mirou especialmente a Europa. Nesse sentido, mesmo que Plínio Salgado tenha assinalado a incapacidade europeia, decorrente dos prejuízos da civilização, de sondar os “desígnios da Espécie”, chegando com isso a uma formulação muito próxima à de José Vasconcelos, nas correções à perspectiva científica e sua dificuldade para projetar um sentido para a humanidade, o escritor paulista não excluiria o ibérico desse diagnóstico. Na sua interpretação, ao contrário dos portugueses que por acaso teriam descoberto o Brasil, os tupis migraram para o litoral porque tiveram a “profunda intuição” do “segredo político do futuro e do destino do continente sul-americano”.¹¹¹

Tendo a revelação da missão que lhes competia num plano maior, os tupis desceram os planaltos bolivianos em direção ao litoral brasileiro, para serem absorvidos pelo branco. E porque lhes era estranho o orgulho racial, tão logo cumpriram essa sua missão, souberam “desaparecer”; o que parecia totalmente inconcebível ao branco que se acreditava superior. Assim, além de decretar o fim do exclusivismo racial, Plínio Salgado acena também para a ideia de que no futuro a cultura europeia perderia a sua primazia. O Brasil, no cenário americano, tendo como o seu ponto de partida o elemento indígena, estava propenso a criar uma mentalidade nova, “não desenvolvida exclusivamente sob o influxo da cultura universal”, mas com tendência a universalizar-se. De acordo com Plínio Salgado, caberiam aos gênios do futuro definirem como seria essa cultura, que se desenvolveria sob a fatalidade da terra brasileira.¹¹²

Ainda segundo o escritor paulista, além do “meio cósmico”, existiria no Brasil um “meio étnico” que influiria na formação da grande raça futura, profetizada por José Vasconcelos.¹¹³ A exemplo do indígena que teria sido absorvido pela mestiçagem, as raças imigrantes que se dirigiam ao país também não subsistiriam puras, porque “tudo aqui entra para o imenso laboratório de onde sairá a última flor da espécie”.¹¹⁴ De todo modo, dentre todas as raças que concorriam para a formação do brasileiro, mesmo após o seu desaparecimento, o indígena continuaria agindo como força uniformizadora da raça, num sentido que teria sido correspondente a uma presença espiritual, ou o que escritor paulista denominou mais

¹¹¹ SALGADO, Plínio. *A Anta e o Curupira. Op. Cit.*, p. 42.

¹¹² *Idem.* A questão da Anta. *Correio Paulistano*, p.3, 23 jan. 1927.

¹¹³ A imagem de José Vasconcelos como “profeta” da “raça cósmica” aparece em SALGADO, Plínio. *Matemos o verde-amarelismo. Correio Paulistano*, p.3-4, 08 dez. 1927.

¹¹⁴ *Idem.* A anta contra a loba. *Correio Paulistano*, p.3, 11 jan. 1927.

precisamente como “meio étnico”:

nas capitais, cujo aspecto cosmopolita não difere das grandes cidades de outros países, crescem, entretanto, radicalmente brasileiros. Como explicar esse fato, se [...] sobre eles influi esse meio cósmico, apenas por uma de suas expressões que é a variação termométrica? É que existe o “meio étnico” e, nesse não poderemos negar a cooperação do fator indígena.¹¹⁵

Sobre essas afirmações, Menotti Del Picchia, no artigo *Anta, Loba ou Manitôs*, de 12 de janeiro de 1927, assinalaria que o intuito do verde-amarelismo era procurar a “exata verdade brasileira”. Para o escritor, o significado dessa expressão, era a integração da consciência brasileira à terra, ou a “comunhão mais íntima” do pensamento com o meio físico, para o que era necessário buscar “materiais virgens” no meio de uma “selva hirta de fórmulas arribadas, postiças”.¹¹⁶ Por sua vez, lembrando do seu artigo, *Matemos Peri*, que iniciara a polêmica da Anta, Menotti Del Picchia reiteraria que o verdadeiro alvo de seu ataque era “índio lírico”, “pintado com a terra de Siena, dando ao mundo a impressão de um Brasil selvagem”, “romântico” e em conflito com a “alta civilização” brasileira. Partindo dessas ideias, consideraria um erro a sugestão de Plínio Salgado de que a “raça exterminada” interferisse na americanização das correntes imigratórias que se estabeleciam no país. Pesaria nessa interpretação de Menotti Del Picchia a ausência de um correspondente científico na teoria de Plínio Salgado.

De toda maneira, na visão de Menotti Del Picchia, ambos haviam encontrado formas distintas para exprimir esteticamente a interferência do meio, ou dos “imperativos mesológicos”, como fator de uniformização da raça. Conforme o trecho do escritor, “eu a faço expluir do ambiente mágico da terra americana. Tu [Plínio Salgado] das ruínas das ocas derruídas e das múmias dos pajés mortos, tenebrosas vozes proféticas da terra, feitas de silêncio e mistério nas suas urnas de barro”.¹¹⁷ Nesse sentido, o escritor considerava que a Anta seria menos um motivo para dissidência, do que de encontrar a melhor forma de expressarem o tema, ao que parece, numa perspectiva que encontrasse alguma base no discurso da ciência.

Já o crítico Candido Motta Filho, ao enfatizar que o Brasil era resultado da obra civilizadora do português, endossaria um dos argumentos de Menotti Del Picchia para a rejeição da Anta como símbolo brasileiro. No entanto, radicalizando a associação do indígena à paisagem natural, afirmaria, por sua conta, que o bugre “tombava com as árvores das florestas”

¹¹⁵ SALGADO, Plínio. A revolução da Anta. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão. Op. Cit.*, p. 94.

¹¹⁶ DEL PICCHIA, Menotti. *Anta, Loba ou Manitôs. Correio Paulistano*, p. 3, 12 jan. 1927.

¹¹⁷ *Ibidem*.

diante do português.¹¹⁸ A sua influência sobre a cultura brasileira teria sido uma “influência vegetal”; na sua concepção, o índio teria influenciado [sobre a cultura brasileira] “como a paisagem, como hoje influi em nossa mentalidade a produção agrícola do café!”.¹¹⁹ E diante disso, na perspectiva do crítico modernista, o Brasil encontrava-se numa situação privilegiada em relação a outros países do continente, porque considerava o indígena a “origem” da “zabumba de misérias que vivem certas republiquetas americanas”.¹²⁰

Apesar dessa afirmação, Candido Motta Filho se dizia, tanto quanto Plínio Salgado, afeito da ideia de um “nacionalismo integral”, que exatamente por isso questionava a escolha da Anta por Plínio Salgado. Dada à multiplicidade das mestiçagens ocorridas no Brasil, na visão de Candido Motta Filho, era ainda impossível definir o tipo racial brasileiro. Além da mistura entre o branco, o negro e o indígena ter originado diferentes tipos de mestiços, o crítico modernista ressaltou a própria condição mestiça do português, que poderia ser “latino, celta, lígure, germano, árabe etc”.¹²¹ Por isso, em sua opinião, o mais certo seria nem optar pela Anta, nem pela Loba, mas considerar finalmente que o brasileiro mamou “numa deusa maravilhosa de mil tetas como a deusa expressiva dos egípcios”.¹²² Outra causa de sua discordância com o tema sugerido por Plínio Salgado, era a sua opinião de que um símbolo indígena “não será uma expressão dos nossos gestos, de nossos pensamentos, de nosso idealismo. Não será nacional. Será americano. Usá-lo-á o argentino, o mexicano, o chileno, o peruano”.¹²³ Por isso, segundo Candido Motta Filho, em vez da raça cósmica, que nos levaria a uma “desintegração desoladora”, o ideal era criar “uma expressão simbólica de brasileiros na América” ou “um símbolo que signifique a nossa personalidade nacional, o nosso cunho genuíno e próprio de um povo que sabe onde tem suas fronteiras”.¹²⁴

Cassiano Ricardo se posicionou sobre a mesma polêmica, no artigo *Nhengaçu verde-amarelista*, de 21 de janeiro de 1927, quando completavam dez dias da publicação do primeiro artigo de Plínio Salgado sobre o tema. Diferente de Menotti Del Picchia e Candido Motta Filho, Cassiano Ricardo admitiria a sugestão de Plínio Salgado, ainda que paradoxalmente a sua defesa do símbolo indígena não trouxesse à discussão contribuições muito distintas daquelas

¹¹⁸ MOTTA FILHO *apud* HÉLIOS. Soluções para a crise... *Correio Paulistano*, p. 4, 14 jan. 1927.

¹¹⁹ *Ibidem*.

¹²⁰ *Idem*. Brasileiros na América. *Correio Paulistano*, p.4, 20 jan. 1927.

¹²¹ MOTTA FILHO *apud* HÉLIOS. Crônica Social: Soluções para a crise... *Op. Cit*.

¹²² *Ibidem*.

¹²³ *Idem*. Brasileiros na América. *Op. Cit*.

¹²⁴ *Ibidem*.

que os interlocutores anteriores de Plínio Salgado já haviam apresentado para rejeitar a proposta da Anta como totem nacional. Na visão de Cassiano Ricardo, o indígena teria influído sobre a nacionalidade brasileira exatamente por sua incultura que, nas palavras do escritor paulista, “o fez pacífico e acolhedor, desconhecendo ódios de raça e preconceitos de inteligência, coisas que tanto separam os homens”.¹²⁵ Ao mesmo tempo, o escritor questionaria a premissa de que fatores raciais justificassem a primazia do europeu sobre o indígena, argumentando que a “astúcia de uma cultura milenária tinha que prevalecer contra a sua inocência selvagem e supersticiosa”.¹²⁶ Nesses termos, de acordo com o escritor, a vitória sobre o índio não era propriamente a vitória do homem branco, mas da sua cultura superior. Já noutra passagem, o escritor mencionaria vagamente a existência de conhecidos dados estatísticos que estabeleceriam como maior a participação do indígena na formação racial das populações dos estados do norte do país, como Maranhão e Ceará.¹²⁷ E, por fim, sobre o argumento de Plínio Salgado, de que o indígena atuasse como elemento unificador da raça, a sua opinião coincidiria com a de Menotti Del Picchia.

A preocupação com a uniformização do tipo racial brasileiro aproxima todos os textos analisados até aqui. Plínio Salgado chancela essa ideia caracterizando a influência absorvente do indígena, junto com o meio cósmico brasileiro, enquanto Menotti Del Picchia falaria estritamente de “imperativos mesológicos”. Cassiano Ricardo se limita a fazer referência à raça síntese de José Vasconcelos, vislumbrando-a num futuro brasileiro ainda distante, e Candido Motta Filho discordaria do aproveitamento da imagem criada pelo intelectual mexicano. Mais de uma vez, Oliveira Vianna apareceu como interlocutor desse debate. Seu artigo *Raças nacionais e raças históricas*, por exemplo, contemporâneo da polêmica verde-amarela, seria lembrado em textos de Plínio Salgado e de Cassiano Ricardo. Para ambos, Oliveira Vianna, ao ressaltar a multiplicidade dos tipos raciais e acenar para o equívoco de expressões tais como raça francesa, ou raça alemã, punha em xeque a validade de um nacionalismo exclusivista. Candido Motta Filho, por sua vez, realçaria uma passagem de *Populações Meridionais do Brasil* (1920), que sugeriria a estratificação dos tipos raciais na história brasileira. Nas palavras de Motta Filho, que fariam alusão ao livro do sociólogo fluminense, historicamente, “entre os escravos, [esteve] o negro. Entre os foreiros, o mestiço. Entre os senhores, o branco”. O índio, por sua vez, “erradio e rebelde, escravizado pelas forças da natureza, [revelaria] [...] uma

¹²⁵ RICARDO, Cassiano. Nhengaçu Verdamarelista. Correio Paulistano, p. 2, 21 jan. 1927.

¹²⁶ *Ibidem*.

¹²⁷ *Ibidem*.

sensível incapacidade para se fazerem proprietários de terras [sic]”.¹²⁸

A simbologia da Anta proposta por Plínio Salgado representava, ao mesmo tempo, a evocação de passado mítico e um aceno na direção do futuro. Mais do que se ater à realidade antropológica do brasileiro, o escritor pretendia intervir na elaboração de um discurso nacional condizente com um país que seria o berço do “homem síntese” idealizado por José Vasconcelos. Por isso, lhe parecia fundamental defender a Anta, como totem de uma raça que, na sua concepção, soube deixar-se assimilar pela mestiçagem e, com isso, dar a sua contribuição ao transcendente sugerido pelo intelectual mexicano. Todavia, mesmo os participantes que reforçaram a contribuição da mestiçagem brasileira na elaboração do mestiço cósmico, buscaram embasar suas críticas a Plínio Salgado em supostos dados e motivos históricos da participação do indígena na composição racial da população brasileira, bem como em considerações sobre uma complexa soma de tipos raciais que participariam da sua composição. A partir dessa argumentação esses escritores tomariam por equivocada, do ponto vista científico, como diria Menotti Del Picchia, a intenção de Plínio Salgado de conferir maior importância ao indígena dentre os tipos raciais constitutivos do brasileiro. A distância entre a sua perspectiva e dos seus companheiros de grupo, seria expressa numa resposta do escritor à Candido Motta Filho:

nunca [...] chegaremos a um acordo, pois do ponto de vista da observação, [...] é como se estudássemos um corpo, ele do ponto de vista da física, eu do ponto de vista da química. Ele, segundo leis, propriedades, aspectos mais gerais; eu, guiado por investigações mais íntimas de circunstanciais especialíssimas. Ele, atendo-se ao mecanismo e expressão objetiva da fenomenologia social brasileira; eu, a verificação de causas obscuras e marchas ignoradas de impulsos iniciais misteriosos. [Ele] aferrando-se a uma história de caráter expositivo; ao passo que eu faço da história apenas o corpo dos acontecimentos coordenados veladores de verdades humanas essenciais. Ele fala de verdades históricas, com as quais estou de pleníssimo acordo, eu sugiro verdades étnicas, que, quando estejam totalmente erradas, servem-me, ao menos, como gritos de convite para que os povos da América não falem eternamente como papagaios. Entretanto uma voz secreta me garante que estou certo e, por isso, sustento a Anta, contra todos os preceitos raciais, políticos ou artísticos estrangeiros.¹²⁹

Na própria configuração da polêmica sobre a eleição de um totem brasileiro, os participantes do grupo verde-amarelo, ao expressarem distintas opiniões sobre o tema, reproduziriam um campo de forças entre perspectivas intuitivas e científicas. Na concepção de Plínio Salgado que, nesse caso, parece ter se imposto no programa do verde-amarelismo, o

¹²⁸ MOTTA FILHO, Candido. *Brasileiros na América. Op. Cit.*

¹²⁹ SALGADO, Plínio. A questão da Anta. *Correio Paulistano*, p.3, 23 jan. 1927.

brasileiro teria herdado do indígena a predisposição para o contato harmonioso com todos os povos.¹³⁰ O escritor justificaria o tema da Anta reproduzindo a crítica que José Vasconcelos havia feito à ciência nas páginas iniciais de *La Raza Cósmica*. Vale lembrar que, apesar das ênfases distintas que cada participante do movimento verde-amarelo daria a esse questionamento, teria existido certo consenso na escrita verde-amarela de que o conhecimento fragmentário do cientista contrastava com a apreensão mais direta da nacionalidade pelo artista. E a intuição, nesse sentido, conforme foi ressaltado no capítulo anterior, seria destacada como via de acesso privilegiada à brasilidade, em detrimento da inteligência e da pesquisa sistemática.¹³¹ Com efeito, o programa modernista, a exemplo dos comentários feitos no Prólogo de José Vasconcelos, se expressou a partir de uma disputa pelo direito ao discurso do conhecimento, rodeada de ambivalências; por fim, nem o mexicano, nem os paulistas conseguiriam se desvencilhar amplamente do mesmo repertório científico ao qual apresentaram uma série de ressalvas.

Ainda que os escritos verde-amarelos não tenham refletido sistematicamente sobre o tema da eugenia,¹³² também neles podemos identificar uma estetização da mestiçagem, da qual sobressai uma percepção apaziguadora dos conflitos e da violência desse processo. O que estaria subjacente à visão redentora da mestiçagem, na obra de José Vasconcelos e nos textos verde-amarelos, seria uma concepção análoga, de um papel preeminente da arte na apreensão e na sugestão de um sentido histórico.

No manifesto verde-amarelo publicado em 1929, e assinado por Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Candido Motta Filho e Alfredo Ellis Junior, a mestiçagem é tida como evento fundador da história brasileira. Conforme o texto do manifesto, “a descida dos tupis do planalto continental no rumo do Atlântico foi uma fatalidade histórica pré-cabralina [...]. Os tupis desceram para serem absorvidos. Para se diluírem no sangue da gente nova”, “[...]”

¹³⁰ Ver DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio; MOTTA FILHO, Candido; ELLIS, Alfredo. O atual momento literário brasileiro. *Correio Paulistano*, p. 4, 17 mai. 1929. Esse texto, que ficou conhecido como Manifesto “Nhengaçu Verde-Amarelo”, foi reunido por Jorge Schwartz na coletânea de documentos sobre as vanguardas latino-americanas, ver SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Illuminuras/FAPESP, 2008 [1995], p. 181-185.

¹³¹ JARDIM, Eduardo. *A brasilidade modernista... Op. Cit.*

¹³² Para uma análise do livro *A República 3000*, de Menotti Del Picchia, sob o ponto de vista da sua aproximação com o discurso eugênico e do diálogo com José Vasconcelos ver: QUELUZ, Gilson Leandro. Eugénias Modernistas: *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato e *A República 3000* de Menotti Del Picchia. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 2, n. 2, primeiro semestre de 2006, p. 241-258.

viver subjetivamente e transformar numa prodigiosa força a bondade do brasileiro”.¹³³ Na passagem seguinte nota-se a marca do ponto de vista defendido anos antes, por Plínio Salgado, no debate acerca da Anta:

toda a história desta raça corresponde (desde o reinol Martim Afonso, ao nacionalista “verdamarelo” José Bonifácio) a um lento desaparecer de formas objetivas e a um crescente aparecimento de forças subjetivas nacionais. O tupi significa a ausência de preconceitos. O jesuíta pensou que havia conquistado o tupi, e o tupi é que havia conquistado para si a religião do jesuíta. O português julgou que o tupi deixaria de existir; e o português transformou-se, e ergueu-se com a fisionomia de nação nova contra metrópole: porque o tupi venceu dentro da alma e do sangue português. [...] O mameluco voltou-se contra o índio, para destruir a expressão formal, a exterioridade aborígene; porque o que há de interior no bugre subsistirá sempre na alma do mameluco e se perpetuará nos novos tipos de cruzamento.¹³⁴

Conforme o mesmo manifesto do movimento verde-amarelo, “na opinião bem fundamentada do sociólogo mexicano Vasconcelos é de entre as bacias do Amazonas e do Pará que sairá a ‘quinta raça’, a ‘raça cósmica’, que realizará a concórdia universal, porque será filha das dores e esperanças de toda a humanidade”. No entanto, na leitura verde-amarela, a civilização futura projetada por José Vasconcelos se aproxima de um ideal mais restrito, e será interpretada na acepção de uma “uma grande nação”, a brasileira, que integraria “todas as nossas experiências históricas, étnicas, sociais, religiosas e políticas. Pela força centrípeta do elemento tupi”.¹³⁵

Por conta dessa herança, segundo os autores do manifesto, “não há entre nós o preconceito de raças. Quando foi o 13 de Maio, havia negros ocupando já altas posições no país. [...] O nosso catolicismo é demasiadamente tolerante [...]. Não há também [...] o preconceito político: o que nos importa é a administração”.¹³⁶ O argumento do grupo verde-amarelo é o de que, no Brasil, o nacionalismo é essencialmente sentimental e expressa uma “não-filosofia”, que seria a continuação do seu destino histórico, sem imposições temáticas e imperativos ideológicos, tidos como elementos externos à brasilidade. Por isso, segundo os verde-amarelos, “podemos destruir nossas bibliotecas, sem a menor consequência no metabolismo funcional dos órgãos vitais da nação”.¹³⁷

Os trechos aqui assinalados indicam a radicalização da ideia de que os estrangeirismos

¹³³ DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio; MOTTA FILHO, Candido; ELLIS, Alfredo. O atual momento literário brasileiro. *Op. Cit.*

¹³⁴ *Ibidem.*

¹³⁵ *Ibidem.*

¹³⁶ *Ibidem.*

¹³⁷ *Ibidem.*

configuravam obstáculos à representação da realidade brasileira. A denúncia da “tirania das sistematizações ideológicas” resulta, nesse sentido, paradoxalmente, na imposição da fórmula do “ser brasileiro” e na interpretação do país a partir de um ângulo pessoal ou da “própria determinação instintiva”.¹³⁸ Em uma espécie de balanço do modernismo desde 1922, os autores do manifesto propõem o encerramento das discussões literárias, em favor da produção e da ampliação do movimento modernista, e lamentam que os escritores tenham sido até então o seu próprio público. Conforme o trecho do manifesto que expressava essa ideia: “convidamos a nossa geração a produzir sem discutir. Bem ou mal, mas produzir. [...] escrever sem espírito pré-concebido, não por mera experiência de estilos, ou para veicular teorias [...]. A vida, eis o que nos interessa, eis o que interessa à grande massa do povo brasileiro”.¹³⁹

¹³⁸ *Ibidem.*

¹³⁹ *Ibidem.*

Capítulo 4

Modernismo, monumento, crítica e tradição

Um país que não tinha um grande fardo de passado sobre as costas.... Essa imagem constantemente desenhada pelos escritores brasileiros, nas primeiras décadas do século XX, algumas vezes foi acrescida da citação do personagem de Friedrich Nietzsche, Zaratustra, em publicações verde-amarelas que sustentaram o pressuposto de um caminho original brasileiro.¹ Nessas ocasiões, os participantes daquele movimento terminariam reiterando a referência constante, mas quase sempre difusa ao filósofo alemão, uma característica comum a diversas publicações da época. Para termos um exemplo de como isso se dava, há um trecho de Plínio Salgado, em *Literatura e Política* (1926), que investiria na seguinte relação: “procurando novas formas e motivos”, os escritores paulistas “acabamos por desejar um pensamento próprio”. “E como aquele indivíduo exaltado de Nietzsche, desbordando aqui da concepção do Super-Homem, deu-nos a ânsia de nos afirmarmos como Super-Nacionalidade. Quisemos uma filosofia nova, uma nova política, nos costumes, nova estética, novo sentido social”.² O contexto de afirmações como essa circundava a premissa de que a conquista de uma forma literária e artística brasileira passaria pelo crivo da experiência local e direta, o que significava a superação de quaisquer obstáculos que abreviassem o caminho de um desenvolvimento natural ou “orgânico”. Especialmente em textos de Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, o problema mais imediato era a sombra europeia que impediria um desenvolvimento livre do caráter autêntico nacional. Um ponto de vista que, como os verde-amarelos reconheceriam em diferentes ocasiões, tivera os seus intercâmbios com temas de realce no imediato contexto pós-

¹ No próprio manifesto *Nhengaçu Verde-Amarelo*, de 1929, há uma alusão ao personagem nietzschiano: “porque ele [o índio] ainda vive subjetivamente, e viverá sempre como elemento de harmonia entre todos os que, antes de desembarcar em Santos, atiraram ao mar, como o cadáver de Zaratustra, os preconceitos e filosofias de origem”, em SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 [1995], p. 184.

² SALGADO, Plínio. Panorama Mental Brasileiro. In: *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1927, p. 35-36. O artigo foi publicado originalmente, no *Correio Paulistano*, com o título “Crônicas Verdadeiras: Diretrizes da Nova Geração”, em 27 de maio de 1927. As citações à Friedrich Nietzsche além de difusas costumam ter sentidos ambivalentes, como se pode notar a partir do contraponto entre a passagem de Plínio Salgado citada no texto e o trecho a seguir: “o que se vê no século anterior é o ingurgitamento do individualismo. [...] É dentro desse pensamento exagerado de liberdade que avulta a figura perniciososa de Nietzsche, no seu supremo desdém pelas multidões e na sua exaltação da prepotência e do domínio dos homens superiores. É dentro desse pensamento que pregam todas as imoralidades chagando-se finalmente a mais dolorosa anarquia espiritual. SALGADO, Plínio *apud* CONGRESSO LEGISLATIVO. 54ª. Sessão Ordinária em 3 de outubro. *Correio Paulistano*, p.7, 04 out. 1928.

Primeira Guerra Mundial os quais, por exemplo, colocavam em xeque o cientificismo, uma expectativa ilimitada de progresso e o próprio modelo de civilização europeu, além do diálogo com as experiências estéticas das vanguardas, nas quais se destacava a atração primitivista.

Desse modo, ao mesmo tempo em que a imagem de um nacionalismo exaltado se aplica bem ao verde-amarelismo, parece insuficiente considerar esse movimento como um dos polos da dialética entre nacionalismo e cosmopolitismo. Melhor seria interpretá-lo como um dos veios a partir dos quais o modernismo paulista daria conta da tensão entre nacionalismo e cosmopolitismo, entendida como tônica própria daquele movimento literário e das diversas expressões vanguardistas naquele contexto.³ Tal mudança de perspectiva não afetaria a percepção de que o verde-amarelismo possa ter desequilibrado a balança entre aquelas duas tendências, mas permitiria chamar a atenção para os diálogos “imprevistos” do grupo verde-amarelo que de outra maneira correriam maior risco de continuarem ofuscados pela imagem “caipira” que se sobrepôs com sucesso ao movimento, reforçada pela própria narrativa auto referencial daqueles escritores. Em contrapartida, mesmo que seja possível mapear entre os modernistas de São Paulo uma série de expressões da ideia de uma via específica brasileira, lembrando que em muitos casos ela serviu como ponto de reorientação do movimento literário em torno de um significado e enraizamento local (a polêmica sobre o uso do nome futurista para denominar o movimento de renovação literária paulista é um exemplo disso),⁴ parece clara a projeção que a ideia adquire nas publicações daqueles escritores, a partir da valorização da imagem de um país que ainda vivia a sua infância.⁵

³ Tratando da vanguarda futurista, Marjorie Perloff assinala que “o mundo que os futuristas conceberam poderia ser atravessado sem um passaporte”, sendo “emblemático” que “F. T. Marinetti tenha publicado o seu manifesto de 1909 no *Fígaro de Paris*, que Umberto Boccioni e Robert Delanay exibissem regularmente os seus quadros nos Salões de Munique e Berlim, ou que a russa Zinaida Venguerova entrevistasse o “futurista inglês” Erza Pound para o periódico de vanguarda de São Petesburgo, *Strelets*. Mas o internacionalismo do *avant-guerre* foi tão precário quanto de curta vida. Na verdade, é a tensão entre cosmopolitismo e um nacionalismo obstinado que dá à poesia e à pintura do período a sua particular pungência. Nem Blaise Cendrars (nascido Freddy Sauser) nem Apollinaire (nascido Wilhelm Apollinaire Kostrowitzki) foram franceses natos e, no entanto, eram ambos muito zelosos do seu patriotismo. PERLOFF, Marjorie. *O momento futurista. Avant-Garde, Avant-Guerre, e a linguagem da ruptura*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 21-22.

⁴ Acerca da aproximação do modernismo paulista com vanguarda futurista ver FABRIS, Anateresa. *O futurismo paulista: hipótese para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil*. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

⁵ VELLOSO, Monica Pimenta. *A Brasilidade Verde-Amarela... Op. Cit.*, p. 94. Sobre os desdobramentos dessa imagem no discurso dos participantes do movimento verde-amarelo, segundo Luiza Franco Moreira, em *Martim Cererê*, “o Brasil merece o amor que se sente por um menino travesso, vivo e encantador, por outro lado, é uma nação imatura e necessita de orientação”. Para a mesma autora, as matrizes paternalistas – e autoritárias – desta figura são inconfundíveis mesmo numa leitura preliminar” da obra de Cassiano Ricardo. MOREIRA, Luiza Franco. *Meninos, Poetas e Heróis: aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 42.

No discurso verde-amarelo, expressões como “Nação criança” e “Brasil menino” sugeriam que o país poderia manter uma relação mais leve com o seu passado do que a estabelecida pelos pares europeus, com uma trilha pregressa considerável. Na primeira situação, a brasileira, havia a possibilidade de um olhar benevolente, porque tudo ainda era começo e os problemas apenas uma condição transitória ou, segundo Menotti Del Picchia, apenas sintomas da juventude. Em 1927, essa interpretação seria reiterada com pequenos acréscimos e variações estilísticas pelos integrantes do verde-amarelismo. Num dos discursos reunidos em *Por amor do Brasil* (1927), por exemplo, Menotti Del Picchia se referiu à crise política brasileira dos anos vinte como “uma crise de depuração orgânica com a entrada da nação criança na sua sadia e próspera juventude”. De acordo com essa perspectiva, para o então deputado estadual, “nossas dificuldades não são criadas nem pelo nosso regímen, nem pelos nossos governos”, eram “fatalidades orgânicas decorrentes da própria infância nacional. Não são erros ou males: são fórmulas fatais da grande lei social da evolução”.⁶ Já no caso dos países europeus, existiria um acúmulo de experiências que determinava percursos mais meditados. Tais concepções dariam curso ao sentido do primitivismo expresso por Plínio Salgado, para quem o Brasil não teria motivos para reproduzir a nostalgia europeia ou a sua forma. Assim, o que a premissa da juventude pretendia afastar eram os perigos de uma contingência que não lhe cabia, a condição europeia vista às voltas com o encerramento de um ciclo, que o país não deveria reconhecer como sua condição, porque não era seu o fardo.

No entanto, o repúdio à paternidade europeia e o anseio por soltura recaiu na busca por uma nova filiação, que a princípio sugeria uma caminhada mais aberta e um destino determinado, intuitivamente. Era o totem tupi proposto por Plínio Salgado e aceito pelos demais verde-amarelos por ser a imagem e semelhança da “incultura”, que deveria ser o ponto de partida nacional, num contexto em que descontinuar a imitação estrangeira, tornava-se a principal divisa verde-amarela. Longe de ser “original”, para usar um termo ao gosto do grupo, por meio dela o verde-amarelismo dialogou com a tradição intelectual brasileira. Com a literatura romântica, na evocação do tema indígena, mas também com outras gerações, nas quais a prevenção contra os estrangeirismos havia adquirido certo destaque.⁷ Mas, ao mesmo tempo,

⁶ DEL PICCHIA, Menotti. *Por Amor do Brasil. Discursos Parlamentares*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1927, p. 10-11. Plínio Salgado diria coisa semelhante, em artigo publicado no mesmo ano: “somos a grande criança. O país que está crescendo, nessa aparente desordem que caracteriza os gestos e atitudes da infância. [...] Tudo para nós, tem de ser, por muito tempo, de caráter precário”. SALGADO, Plínio. *Marcha Batida. Correio Paulistano*, p. 3, 19 nov. 1927. Já Cassiano Ricardo desenvolve a ideia, sobretudo, em *Martim Cererê* (1928).

⁷ Esta temática esteve presente nos textos de Monteiro Lobato na passagem da década de dez para a década de vinte, com formulações que chegariam a ter muitas semelhanças com a dos verde-amarelos. É esse o sentido de

havia, também, uma clara referência desses escritores aos debates europeus da época, nos quais frutificavam não só uma série de discursos nacionalistas, como também questionamentos à própria tradição cultural, associada aos excessos do intelectualismo, no século XIX; além da atração pelo fascismo que colocaria o grupo verde-amarelo dentro do circuito cosmopolita ao qual tantas vezes se disseram contrários.⁸

No discurso verde-amarelo, a valorização do legado indígena acenava para a renovação da herança europeia, arrogando uma suposta predisposição do indígena, sem preconceitos de quaisquer tipos, para congregar-se, deixar-se assimilar e, ao mesmo tempo, permanecer vivo, subjetivamente, em cada brasileiro. A presença do indígena garantia que os traços nacionais não se perderiam na mais radical miscigenação, serviria como antídoto à força dissolvente de um cosmopolitismo indesejável, assegurando que o país não desviaria o seu rumo na elaboração de uma forma brasileira e americana. O “meio cósmico” e o “meio étnico”, segundo Plínio Salgado,⁹ revogariam a mais dura prevenção do europeu contra tudo em que não se reconhece. Nesse ambiente, o imigrante envergado pelo passado renasceria como um novo homem, novamente plástico e criativo. O brasileiro agregaria sem reservas, cultivando a sua marca distinta à do estrangeiro que tudo rivaliza e fragmenta, e se projetaria justamente a partir do traço que, anteriormente, sob a perspectiva dos discursos raciais, o inferiorizava aos olhos europeus, a sua condição mestiça.

A valorização da dimensão espacial, ou geográfica, nos textos verde-amarelos, que remeteria ao sentido nacional, sugere uma quebra de temporalidade em relação ao “século” europeu. Associada a essa ideia houve certa continuidade com uma perspectiva temporal etapista. O que fica claro, por exemplo, nas considerações sobre o índio que rejeitam o pressuposto de sua inferioridade, sob o argumento de que se encontrava num estágio anterior à civilização.¹⁰ Mas, também, no pressuposto de que São Paulo se adiantava num processo de industrialização, interiorização e incremento da imigração que se repetiria, posteriormente, nas demais regiões brasileiras. Nas palavras de Plínio Salgado, “o fenômeno paulista singulariza-se no conjunto social brasileiro, como expressão antecipada de uma fisionomia geral do país,

alguns dos textos incluídos em LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964 [1919] e *idem*. *O saci-pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Editora Globo, 2008 [1918].

⁸ Agradeço a Jorge Myers por ter me atentado para esse tema durante a mesa “Cosmopolitismo y latino-americanismo en los intelectuales de América Latina”, do *II Simposio de la Sección Cono Sur de LASA*, realizado em Julho de 2017.

⁹ SALGADO, Plínio. A revolução da Anta. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., p. 94.

¹⁰ Uma perspectiva que seria recorrente nos artigos que compõem o debate sobre a Anta.

em dias que virão proximamente”.¹¹ Por outro lado, e dessa vez numa referência ao livro de José Vasconcelos, o mesmo escritor diria que São Paulo havia dado início à “elaboração de um tipo futuro de humanidade”, o “da raça futura que desdobrará para as outras regiões do país, ampliando o fenômeno submetido a desígnios superiores da espécie”.¹² Ainda em outros textos, a percepção da história como a sucessão de ciclos evocaria àquela imagem do desenvolvimento orgânico das civilizações sugerida por Oswald Spengler (e evocada pela filosofia da história de José Vasconcelos).¹³

Muito embora sejamos tocados pela projeção do espaço sobre o tempo no discurso verde-amarelo e pela prevenção insistente de Plínio Salgado contra o sentido uniformizador das grandes cidades litorâneas que expressariam o tempo, em contraponto ao interior do país sob à tendência dissociativa do espaço,¹⁴ a solução desse impasse no repertório verde-amarelo parece ter sido, principalmente, a aproximação dessas tendências: usufruir dos benefícios do progresso técnico e do legado europeu, sem abrir mão dos traços autênticos locais.¹⁵ Todavia, não se pode deixar notar que os próprios participantes do verde-amarelismo se remeteram à história com a perspectiva de conectar o passado paulista ao presente e a determinada projeção sobre o futuro brasileiro. Narrativas que estiveram imbricadas numa apreensão otimista da mestiçagem brasileira, conforme foi assinalado no capítulo anterior, mas também numa interpretação heroica do bandeirismo histórico, tomado como fonte de inspiração da ação contemporânea dos paulistas no plano cultural e político.¹⁶

¹¹ SALGADO, Plínio. “São Paulo no Brasil” In: *Literatura e Política*. Editorial Hélios Ltda., 1927, p. 73. O texto citado foi publicado no *Correio Paulistano* em 21/07/1927, com o título “Crônicas Verdadeiras: Literatura e Política”.

¹² Segundo Plínio Salgado, “aqui inicia-se a elaboração de um tipo futuro de humanidade, cuja expressão é ainda tão incerta como a fisionomia geográfica que resultará do drama geológico do Amazonas. O mascate sírio de baú às costas, o italiano da lavoura de café, o português do botequim, o técnico alemão, o japonês dos arrozais, o judeu das casas de penhor, o espanhol, o russo, o francês, representariam, no levantamento cartográfico de suas existências, as surpresas sociais equivalentes à incerta potamografia do Inferno Verde [provável referência ao livro de Alberto Rangel, publicado em 1909]. É que S. Paulo, adiantando-se dos outros Estados, iniciou a elaboração da raça futura que desdobrará para as outras regiões do país, ampliando o fenômeno submetido a desígnios superiores da espécie. O panorama paulista sugere um grande sonho americano. SALGADO, Plínio. “Visões da Gente Nova”. In: *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1927, p. 90. Esse texto foi publicado originalmente no *Correio Paulistano* em 12/08/1927, com o título “Crônicas Verde-Amarelas: Visões da Gente Nova”.

¹³ Essa perspectiva apareceria, posteriormente, nos artigos iniciais de *O ritmo da história* (1953), de Plínio Salgado: “O ritmo da história” e “Fênix e suas cinzas”.

¹⁴ SALGADO, Plínio. Aspectos brasileiros. In: *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1927, p. 100.

¹⁵ Ver por exemplo RICARDO, Cassiano. Caapora. *Correio Paulistano*, p. 2, 27 mai. 1928; DEL PICCHIA, Menotti. Mirassol, a cidade de nome lindo. *Correio Paulistano*, p. 3, 21 abr. 1928.

¹⁶ Tais sentidos se apresentam difusos nos textos reunidos *Literatura e Política* (1926), de Plínio Salgado, em *Por amor do Brasil* (1928), de Menotti Del Picchia e se repetem no extenso número de artigos publicados por esses escritores no *Correio Paulistano*, especialmente, na última metade da década de vinte.

Nesse sentido, seja a inserção do discurso de Plínio Salgado dentro do que Michel Löwy (1989) e (1990) caracterizou como um novo surto do romantismo entre fins do século XIX e começo dos anos trinta, como foi assinalado por Eliana Regina de Freitas Dutra (1999), uma leitura que marcaria o discurso de Plínio Salgado como variante de uma nostalgia das sociedades pré-capitalistas,¹⁷ seja a aproximação com o pensamento conservador, conforme assinalado por Monica Pimenta Velloso, por si só não dariam conta da relação com o passado expressa pelo verde-amarelismo. Nesse último caso, segundo a autora, teria predominado no discurso verde-amarelo “uma visão pitoresca e estática da tradição”, na qual “o passado passa a coexistir com o presente”, que se contrapõe à ideia de tradições móveis, em Mário de Andrade. De acordo com Monica Pimenta Velloso, “os verde-amarelos consideraram a tradição como um valor que extrapola o contexto histórico”, que então passa a ser fixada “no espaço, no mito das origens. Este mito cria um tempo ideal que deve ser revivido, retomado, pois nele reside a brasilidade”.¹⁸

Nessa interpretação, o passado se torna um arquétipo ao qual o presente deve se ajustar, uma interpretação que evoca o tempo imutável das sociedades primitivas. No entanto, como destaca Octávio Paz (2013), esse esquema é completamente oposto à concepção moderna de tempo como portador da mudança. Por isso, como destaca o crítico mexicano, “a nostalgia moderna de um tempo original e de um homem reconciliado com a natureza exprime uma atitude nova”.¹⁹ O “regresso à idade feliz não vai ser consequência da revolução dos astros, mas da revolução dos homens”, seu alvo não é a reconciliação, mas a ruptura. Nessa perspectiva, “o passado não regressa: os homens, por um ato voluntário e deliberado, o inventam e o instalam

¹⁷ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.19, n.37, set. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100011. Acesso em: 11 out. 2017. A autora se referiu a LÖWY, Michel. *Redenção e Utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 e *idem*. *Romantismo e Messianismo*. São Paulo: EDUSP/Perspectiva, 1990.

¹⁸ VELLOSO, Monica Pimenta. *A Brasilidade Verde-Amarela... Op. Cit.*, p. 98-99. A respeito disso, embora se refiram a uma fase posterior da trajetória de Plínio Salgado, no âmbito do Integralismo, são pertinentes os seguintes comentários de Ricardo Benzaquen de Araújo: “se, por um lado, a crítica de Plínio ao capitalismo liberal era praticamente idêntica à do conservadorismo, por outro, sua insistência numa completa transformação social no Brasil e no mundo, num corte absoluto com todas as tradições anteriores, enfim, sua adesão ao que Leszek Kolakowisk (1978) chama de ‘espírito revolucionário’, levava-me a questionar a validade da perspectiva que vinha até então adotando. Além disso, a renovação defendida por Plínio importava num enorme realce da noção de mobilização, uma mobilização de alcance ilimitado, já que ela tinha a intenção de incorporar, igualitária e indistintamente, todos os setores da sociedade brasileira. Tratava-se, realmente, de pontos de vista um pouco estranhos para um conservador. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 19-20.

¹⁹ PAZ, Octávio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naif, 2013, p. 22.

na história. O passado revolucionário é uma forma que o futuro assume, um disfarce”.²⁰ Em que pese as prevenções verde-amarelas contra certa ideia de revolução, tal leitura permitiria compreender a relação do verde-amarelismo com passado não mais como sintoma do seu distanciamento com o ideário modernista e sim como marca de sua própria inscrição nessa tradição, considerando que o olhar retrospectivo daqueles escritores não se encerra em si, mas aponta para um futuro.

Como visto no capítulo anterior, os verde-amarelos, em seu discurso de ruptura com a referência europeia intentaram substituí-la pelo passado nacional e o mito tupi da Anta, por sugestão de Plínio Salgado, tomaria a forma do futuro vislumbrado por José Vasconcelos. Porém, já alguns meses antes da discussão sobre a Anta se desenrolar no *Correio Paulistano*, Plínio Salgado daria ênfase àquela aproximação entre arte e política, que foi apontada na referência ao texto de Octávio Paz. Segundo o escritor paulista,

tenho para mim que Lênin resultou do grande movimento literário da Rússia, que o precedeu. Acredito que Mussolini é uma sequência dannuziana do pensamento de Nietzsche, que incendiou a alma latina. Penso ainda, que Wagner e Nietzsche desencadearam a conflagração europeia. Ninguém pode calcular até que ponto a Literatura, o Pensamento e a Arte podem exprimir e orientar o sentimento de um povo. [...]. Precisamos nós [...] trabalhar no sentido de criar uma literatura profundamente brasileira, com a íntima consciência subconsciente, que é a luz divinatória dos Artistas. [...]. Eu convidaria Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia [...] a iniciarmos uma obra de bandeirismo intelectual. Precedermos a grande obra política do Brasil. Anunciarmos a geração realizadora que virá atrás de nós.²¹

Passagens como essa de Plínio Salgado sugerem o horizonte mais amplo do verde-amarelismo, ao mesmo tempo em que o inscrevem num discurso crítico da modernidade, que reuniria as tendências da conservação de um sentido nacional e da ruptura com os diversos âmbitos onde frutificavam idealismos estrangeiros, uma mudança que preservaria a tradição, tornando viável a aquisição de uma forma brasileira. Dessa maneira Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia teria vislumbrado a aquisição de uma “unidade de estilo” nacional. Um tema caro ao modernismo paulista que, como lembra Pedro Duarte (2014), colocaria os participantes desse movimento literário em diálogo com algumas das teses desenvolvidas por Friedrich Nietzsche cerca de meio século antes.²²

Este capítulo, afinado a tal perspectiva, procura sugerir possíveis leituras que os verde-

²⁰ *Ibidem*, p. 44.

²¹ SALGADO, Plínio. Piratininga e as coxilhas. *Correio Paulistano*, p.3, 10 ago. 1926.

²² DUARTE, Pedro. *A palavra modernista. Vanguarda e Manifesto*. 1 ed.. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Editora PUC-Rio, 2014, p. 25.

amarelos teriam feito da obra do filósofo alemão, aqui circunscrita a *II Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*.²³ Tendo em conta a crítica de Friedrich Nietzsche à cultura moderna e suas reflexões sobre a história desenvolvidas naquele livro, o capítulo procura interpretar o sentido do contraponto verde-amarelo com os pares no modernismo paulista (uma discussão que veio sendo feita nos capítulos anteriores) e, no contexto dessa temática, focalizar a tensão entre as categorias de tempo e espaço no discurso verde-amarelo, considerando a relação entre o sentido histórico e a-histórico desenvolvida por Friedrich Nietzsche. Dessa maneira, as seções seguintes farão um uso estratégico da *II Consideração Intempestiva...*, sem a pretensão de avançar num debate a respeito da recepção do filósofo alemão pelos brasileiros, mas sugerindo um contexto a partir do qual a *II Consideração Intempestiva...* poderia ter sido lida por aqueles escritores. Esse contexto teria sido mediado pela crítica ao racionalismo e pela interlocução com o corpo difuso de ideias da chamada “filosofia da vida” [*Lebensphilosophie*], que ganharia projeção além do contexto alemão, no pós-Primeira Guerra Mundial, e sobre a qual as críticas de Friedrich Nietzsche à cultura moderna tiveram bastante influência.²⁴ Finalmente, o capítulo considera a premissa de que uma discussão sobre a “utilidade” e a “desvantagem” “da história para a vida”, tal como a realizada pelo filósofo alemão naquele texto, contribua para um enquadramento diverso do tema histórico no discurso verde-amarelo.

4.1. História e Ciência

A aproximação com a *II Consideração Intempestiva...* propõe um modo de ler o conjunto dos textos verde-amarelos, no recorte que viemos privilegiando ao longo desta tese. A partir dessa sugestão é possível reordená-los, apontando relações nem sempre determinadas pela afinidade mais estrita de ideias, mas, principalmente, por uma série de correspondências que parecem indicar o uso de estratégias semelhantes pelos autores, para lidarem com os seus respectivos objetos. São textos que investem contra os seus contextos culturais e os

²³ Foram consultadas as seguintes traduções: NIETZSCHE, Friedrich. “II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida”. In: *Escritos sobre a História*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correio de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 67-178 e *idem*. *II Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Essa proposta de leitura considera as referências dos escritores paulistas à Friedrich Nietzsche feitas especialmente por Plínio Salgado e Candido Motta Filho e o uso de determinadas expressões e temas abordados pelos verde-amarelos que remetem para passagens da *II Consideração Intempestiva...*, mas não está apoiada em uma citação direta a esse texto.

²⁴ Ver LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 206, 211, 236-238, *passim*.

caracterizam fazendo uso de imagens afins, dentre as quais, por exemplo, abundam as metáforas médicas. Assim, do mesmo modo que Friedrich Nietzsche caracterizara a doença histórica que acometia aos alemães, descrevera os seus principais sintomas e aconselhara alguns antídotos àquela enfermidade, os escritores paulistas também tiveram o que falar de algumas moléstias próprias ao cenário literário dos vinte e apresentar um receituário adequado para tratá-las. Nesse caso, os termos inspirados no vocabulário científico forneceram novas inscrições para temas gastos pelos escritores brasileiros, desde bem antes do modernismo. Dos mais destacados, a imitação da estética europeia que os verde-amarelos considerariam uma “enfermidade” endêmica nos círculos acadêmicos, cujos vetores seriam batizados com nomes como “bacilos líricos” e “sonetocócus brasilienses”, numa clara referência ao discurso médico-sanitarista que se projetava no Brasil naquele contexto.²⁵

Também parece ter sido semelhante o lugar ocupado pela crítica da ciência na polêmica com a história de Friedrich Nietzsche e com a literatura brasileira passadista e modernista, dos verde-amarelos. Lembrando aqui da discussão feita no segundo capítulo desta tese, na *II Consideração Intempestiva...* o tema da “utilidade” e da “desvantagem da história para a vida” foi abordado pelo filósofo alemão em vista das interfaces da disciplina com os territórios da arte e da ciência. E a forma que tomou a implicância daqueles escritores com os supostos resquícios de parnasianismo na literatura pós-Semana de 1922 guardaria pontos em comum com a discordância de Friedrich Nietzsche com relação à tentativa moderna de transformar a história numa disciplina científica.²⁶ Enquanto os verde-amarelos notaram a incorporação de procedimentos das ciências pelos modernistas e seu distanciamento da vida nacional, o filósofo alemão condenou o sentido inócuo de uma história orientada por métodos emprestados das ciências naturais e cada vez mais ocupada do acúmulo de conhecimentos.²⁷

Além disso, não é inusitada a leitura da *II Consideração Intempestiva...* a partir do tema das vanguardas e da antecipação daquele impasse entre autonomia ou dissolução das fronteiras entre arte e vida, que mais tarde seria radicalizado pelos movimentos vanguardistas do início do século XX. O discurso verde-amarelo se manifestaria em favor do segundo movimento e, ao defenderem tal posição, esses escritores se preocuparam com a transposição dos procedimentos das ciências para a literatura e a artes, figurando-os como motivo do encerramento desses

²⁵ Ver, por exemplo, HÉLIOS. Ahi que'ras! *Correio Paulistano*, p.4, 25 jul. 1926; DEL PICCHIA, Menotti. O fenômeno Couto-Porchat. *Correio Paulistano*, p. 3, 07 abr. 1927; RICARDO, Cassiano. Gente nova. *Correio Paulistano*, p.3, 24 mai. 1927; *idem*. Sonetocócus brasiliensis. *Correio Paulistano*, p. 3, 03 jun. 1926.

²⁶ NIETZSCHE, *Op. Cit.*, p. 99.

²⁷ *Ibidem*. Esse tema foi desenvolvido especialmente no sexto capítulo da *II Consideração Intempestiva...*

campos em si mesmos. Assim como Friedrich Nietzsche ressaltou que a história se pretendesse servir à vida jamais poderia tornar-se uma ciência pura, os verde-amarelos, por sua vez, questionaram o esteticismo dos literatos. Como visto anteriormente, os escritores paulistas interpretaram a aproximação com a ciência como a interposição de um entrave à apreensão direta da realidade brasileira e um movimento que remeteria para um cuidado maior com a forma do que com a comunicação “sincera” do sentimento. Lembrando aqui da aproximação verde-amarela com os conceitos do escritor Graça Aranha, esse sentido correspondeu ao contraponto do grupo de Plínio Salgado com a via analítica de Mário de Andrade, em favor da intuição enquanto via de acesso imediata ao sentido nacional.

Tendo em vista essa interpretação, os comentários de Candido Motta Filho, por exemplo, não faziam diferença entre “arte pela arte” e “ciência pela ciência”, tomados da mesma maneira como discursos estéreis e como “frutos do dogmatismo do século XIX”.²⁸ Cassiano Ricardo, do mesmo modo, abordaria a questão sem distinguir os chamados “carões da ciência, os carões da filosofia, os carões que não mudam de ideias”.²⁹ Por sua vez, Plínio Salgado continuaria reiterando essa interpretação décadas depois, sem perder de vista a referência aos supostos descaminhos que esses campos teriam experimentado a partir do século XIX:

[...] as normas poéticas dos parnasianos da escola de Leconte e de Heredia, que punham na fatura do verso e na sua perfeição a única finalidade da Poesia; a reação contra o “assunto” no exclusivismo técnico dos pintores e dos escultores modernos [...] encontraram seu equivalente numa Ciência sem objetivo, que não sabe para onde vai. [...] do mesmo modo como a Arte se tornara fria e inexpressiva, inumana, [...] também a ciência nos nossos dias se desumanizou inteiramente e tomou o Homem [...] simplesmente um campo de experiências, um boneco, afinal, de carne, e sangue, ossos e nervos, mas tão insignificante e mesquinho, que o cientista puro jamais cogita de sua significação e seu destino.³⁰

Com efeito, se por ora nos esquecemos das diferenças que deveríamos categorizar numa comparação sistemática entre a *II Consideração Intempestiva...* e os artigos verde-amarelos, algumas paridades entre a crítica de Friedrich Nietzsche aos historiadores de sua época e o desconforto que os verde-amarelos expressaram em relação aos seus companheiros de modernismo podem ser ressaltadas. Para o filósofo alemão, os historiadores modernos aprenderam a trabalhar os diferentes materiais históricos com indiferença e sem a pretensão de

²⁸ MOTTA FILHO, Candido. *Introdução ao estudo do pensamento nacional (o romantismo)*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1926, p. 233.

²⁹ RICARDO, Cassiano. O curupira e o carão. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda. 1927, p. 67.

³⁰ SALGADO, Plínio. Fenix e suas cinzas. In: *O ritmo da história*. São Paulo: Editora Voz do Oeste/Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978, p.18.

extrair deles um acontecimento.³¹ Já para os verde-amarelos, os modernistas reincidiram na submissão a formas estéticas importadas e se dispuseram a colecionar motivos brasileiros, enquanto mantiveram o seu alheamento da realidade brasileira. Na opinião desses escritores, acabaram engessados numa poesia de experiências, ocupada em testar modelos que esvaziavam o sentido divinatório da arte. Nos dois exemplos, estaria presente um desejo comum de preservar os efeitos que os seus respectivos alvos, a história, em Friedrich Nietzsche, e a literatura brasileira, entre o grupo de Plínio Salgado, deveriam produzir contra o presente e na direção do futuro.

Nos dois casos teria existido ainda um horizonte de problemas comuns, o qual teria sido norteado pelo crescente êxito das ciências naturais e (o que vale mais para a *II Consideração Intempestiva...* do que para os textos verde-amarelos) as suas implicações no percurso de institucionalização das ciências humanas e sociais. No continente europeu, em países como a França, a Inglaterra e a Alemanha, a polêmica definição das fronteiras entre a literatura e as novas disciplinas que aos poucos assimilavam os processos das ciências naturais, teria destaque a partir das últimas décadas do século XIX e das primeiras do século XX.³² No Brasil, o mesmo processo de especialização dessas disciplinas (tomadas aqui em sentido amplo) foi posterior, configurando-se com mais força a partir dos anos trinta do último século. Mas, mesmo assim, como já mencionado anteriormente, o modernismo literário foi contemporâneo de transformações importantes nos critérios de validação do discurso intelectual, da especialização dos saberes e de uma participação cada vez maior dos atores científicos no cenário intelectual brasileiro, a partir de fins do século XIX.³³

Esses apontamentos, ainda que iniciais, permitem dar conta de certas aproximações e também de algumas particularidades nos modos como os textos analisados neste capítulo se referiram aos discursos das ciências. Sobre as diferenças, talvez a mais imediata seja quanto às perspectivas desenvolvidas pelos autores, porque enquanto encontramos na *II Consideração Intempestiva...* uma reflexão específica sobre o discurso histórico, nos textos verde-amarelos a mesma questão ficou circunscrita a comentários gerais sobre as fronteiras entre os discursos da arte e da ciência. Os escritores paulistas, em grande medida, responderam ao ingresso de novos atores no cenário intelectual brasileiro, buscando resguardar o lugar do discurso literário e

³¹ NIETZSCHE, *Op. Cit.*, p. 110.

³² Cf. LEPENIES, *Op. Cit.*

³³ Cf. SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

artístico na interpretação do sentido nacional. Mas, se chegaram a questionar a aproximação da literatura e das artes com os procedimentos científicos, o problema da “objetividade histórica”, que o filósofo alemão representaria como espécie de máscara,³⁴ não teve paralelo nos seus discursos.

Para Friedrich Nietzsche, a “objetividade histórica” era uma qualidade que os modernos costumavam arrogar-se, celebrando a si próprios como “mais fortes” e “mais justos” que os homens de outras épocas e, contrapondo-se a essa crença, o filósofo lembra o conselho de Sócrates, a quem parecia ser “uma doença bem próxima da loucura de atribuir-se uma virtude que verdadeiramente não se possui”.³⁵ Segundo Friedrich Nietzsche, os homens modernos estavam mergulhados nessa “crença supersticiosa” e, porque se representavam como epígonos, tomavam a história por um conhecimento destinado a ilustrar uma lei anteriormente conhecida ou por um “drama cujo valor residisse apenas no pensamento conclusivo e central”, o qual “seguiria o caminho o mais extenso possível, indireto e fatigante até a meta”.³⁶ Mas o conhecimento histórico, na visão do filósofo, não poderia corresponder a critérios objetivos na aceção científica do termo, que significava neutralidade e indiferença, ao contrário, deveria se aproximar da objetividade num sentido positivo, que teria que ver com a própria paixão e o comprometimento que cercam o fenômeno estético ou a criação artística.³⁷ Com efeito, no lugar da crença supersticiosa na possibilidade de restituir a natureza empírica dos dados históricos, o historiador deveria cultivar “a faculdade de cercar as coisas com um halo criador, de mergulhar com amor nos dados empíricos, de criar imagens novas a partir dos tipos dados”.³⁸

Parece certo que nessas afirmações Friedrich Nietzsche tenha se preocupado mais com questionar a transposição dos procedimentos das ciências naturais para a disciplina histórica do que efetivamente com colocá-los em questão. Décadas mais tarde, as críticas que os pesquisadores alemães das ciências humanas e sociais (muitas vezes inspiradas pela leitura de Friedrich Nietzsche) dirigiram àquelas ciências teriam se fixado nos mesmos limites, ou seja, não teriam pretendido rechaçar os procedimentos e os resultados alcançados por seus discursos, mas apenas contrapor-se ao cientificismo que se impunha cada vez mais a outras esferas do

³⁴ NIETZSCHE, *Op. Cit.*, p. 125-126.

³⁵ *Ibidem*, p. 116

³⁶ *Idem. II Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p.72.

³⁷ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 124-125.

³⁸ *Ibidem*, p. 125.

conhecimento.³⁹ Nota-se certa convergência entre esses autores no que suas perspectivas apontam para uma forma ensaística e para o contraponto a ciência como discurso universalizante. Não por acaso o discurso científico a que os verde-amarelos emprestam seu nome enfoca temas brasileiros, aos quais os modernistas passaram a se dedicar com maior ênfase a partir de meados dos anos vinte. A expectativa era a de que esses estudos dessem conta de compreender as especificidades locais que, na visão daqueles escritores, eram a condição de liberdade brasileira diante da narrativa das ciências, que apontava para o desenvolvimento nacional numa direção predeterminada. O distanciamento com essa perspectiva se converteria em verdadeira panaceia dos problemas brasileiros, no discurso verde-amarelo. Segundo Plínio Salgado, em 10 de agosto de 1926:

[...] o nosso mal vem de longe, do apriorismo sistematizado dos nossos mentores, [...] partimos do geral para o particular, tomamos os modelos das velhas nações, que passaram por outras contingências, que experimentaram, para usarmos uma imagem mais ou menos adequada, o gosto pronunciado da sua própria vida; levamos o ideal para a existência, quando a esta deveríamos conduzir para o ideal; numa palavra, voltamos as costas às nossas realidades e, longe de conduzirmos os fatos, preferimos substituí-los por outros. [...] esses homens catedráticos que trazem de cor a história e a lição dos outros povos, que pretendem chamar o Brasil à sua aula, com a palmatória na mão; que sonham uma unidade moral absoluta, sem aprofundar no conhecimento da moral histórica, das contingências étnico-mesológicas, dos fatores originais de consciência nacional, esses dão-me a impressão de que nunca saíram das cidades e das bibliotecas, mas as bibliotecas não vão clamar em páginas barbaras o Espírito novo do Brasil.⁴⁰

Assim, se no discurso verde-amarelo a tensão entre arte e ciência derivou, por vezes, no entendimento de que a perspectiva científica baseada na separação entre sujeito e objetivo era fragmentária e, portanto, inferior apreensão totalizadora da arte sobre o nacional, um sentido que derivou para a valorização do poeta em relação ao literato e a cientista, essa perspectiva dividiu espaço, por vezes, com a sugestão de uma interpretação do país que incorporasse as contribuições da intuição artística e da razão científica. No que os escritores paulistas formulariam questões similares às que emergiram noutros contextos nacionais, desdobradas do impacto da especialização dos saberes científicos, da emergência das ciências humanas e sociais, e de suas tensões com a literatura. Em vista disso, o mesmo tema poderia sugerir tanto um contexto de leitura das teses de Friedrich Nietzsche pelos verde-amarelos, como alguns dos diálogos que entrariam para a trama discursiva do movimento fundado por esses escritores.

³⁹ LEPENIES, *Op. Cit.*, p. 210, *passim*.

⁴⁰ SALGADO, Plínio. Piratininga e as coxilhas. *Correio Paulistano*, p.3, 10 ago. 1926.

4.2. A filosofia da vida

Uma leitura verde-amarela da *II Consideração Intempestiva...*, possivelmente teria sido contemporânea ou mediada pelo contato com a chamada filosofia da vida alemã e com o modo como esse corpo difuso de ideias evocaria, nas primeiras décadas do século XX, às teses de Friedrich Nietzsche. O que remonta ao debate em torno da institucionalização das ciências humanas e sociais na Alemanha e a personagens importantes nesse processo, tais como Ernst Bertram (autor de um estudo sobre Friedrich Nietzsche), Friedrich Gundolf, Max Scheler, Oswald Spengler e Hermann Keyserling.⁴¹ No entanto, a assimilação indistinta do que se denominou por *Lebensphilosophie* pelos brasileiros, ainda poderia ter ocorrido via obras de outros alemães, como Ludwig Klages, Georg Simmel e Wilhelm Dilthey, que tiveram cada um deles suas próprias interlocuções com a obra de Friedrich Nietzsche e que foram presença mais assídua pelo menos nos artigos de Candido Motta Filho, publicados entre 1926 e 1929, no *Correio Paulistano*.⁴²

Com efeito, mesmo que o francês Henri Bergson tenha sido referência mais imediata do vitalismo que se desenvolveu no programa verde-amarelo,⁴³ esses escritores teriam tido algum contato com a crítica ao cientificismo que se desenvolveu no contexto alemão, nas primeiras décadas do século XX. Leituras essas que podem ter servido de reforço aos seus comentários depreciativos sobre a ciência, que denunciaram o seu alheamento em relação à vida e a tomaram, por vezes, como coisa estrangeira. Além disso, parece possível pensar a correspondência entre a oposição entre literatura e poesia assinalada nos textos verde-amarelos e a que, segundo Wolf Lepenies, deu o tom particular à polêmica em relação às ciências sociais, na Alemanha.⁴⁴ Finalmente, a tensa relação com o racionalismo francês e a tentativa de apagar

⁴¹ Ver LEPENIES, *Op. Cit.*, p. 212, *passim*.

⁴² Consultar, por exemplo, “Primitivismo e Cultura”, de 22 abr. 1927, “A volta do dogmatismo”, de 08 ago. 1928, “Cultura”, de 13 set. 1928, “O medíocre”, de 18 out. 1928, “Ao lado dos poetas”, 28 fev. 1929. Sobre esse tema, os diálogos de Sérgio Buarque de Holanda com a filosofia da vida expressa nas obras de Ludwig Klages e George Simmel foram estudados por EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo. O organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e Fronteiras de Sérgio Buarque de Holanda*. 480f. Tese (Doutorado em História Social), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2010. Ver especialmente os capítulos 3 e 4.

⁴³ A presença de Henri Bergson nos textos de Plínio Salgado foi analisada por PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o hinterland. O pensamento modernista de Plínio Salgado*. 117 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura), Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2005. Ver especialmente páginas 55 a 66.

⁴⁴ LEPENIES, *Op. Cit.*, p. 205. Consultar também a seção “Uma particularidade alemã, a oposição entre poesia e literatura”, p. 219-231. Dentre as ressalvas que poderiam ser feitas a essa aproximação está a de que no caso brasileiro não teria correspondência à representação do poeta como figura apartada dos vínculos sociais e políticos. *Ibidem*, p. 211. Georg Lukács (2015) aponta essa característica nos movimentos culturais alemães do século XVIII, que desacreditavam a possibilidade do racionalismo. Segundo o crítico, “na Alemanha não havia senão um caminho para a cultura: o da interioridade, o da revolução do espírito, ninguém podia pensar seriamente numa

os seus referenciais na sociologia alemã, que em alguns debates procuraram remeter ao romantismo,⁴⁵ teriam soado bastante razoáveis ao discurso anti-intelectualista e de questionamento da influência cultural europeia, especialmente francesa, dos escritores paulistas. No movimento verde-amarelo aquele conjunto de ideias estaria articulado desde o anseio por uma mediação entre razão e intuição até um intuicionismo mais flagrante nos textos de Cassiano Ricardo e Plínio Salgado.

Dentre os nomes citados anteriormente, o de Oswald de Spengler está entre os mais conhecidos no Brasil e no restante da América Latina. O que se deve, sobretudo, à ampla circulação de *A decadência do ocidente* (1918-1922) e a maneira como essa obra acabou associada à expectativa, no pós-Primeira Guerra Mundial, de uma afirmação dos países do continente americano diante da Europa. Também no discurso verde-amarelo, por mais recorrentes que fossem as citações ao autor alemão, elas acabariam circundando a mesma perspectiva. Como aponta Carlos Eduardo Ornelas Berriel (1987), o discurso de Oswald Spengler continha elementos sedutores ao modernismo brasileiro, “que buscava o reconhecimento de que havia uma cultura nacional, tão legítima quanto a cultura europeia”.⁴⁶ A sua teoria deslocava a ideia de uma história da humanidade como processo linear e assinalava a existência de inúmeras civilizações, que floresceriam cada qual com sua forma própria. Para Oswald Spengler, esse desenvolvimento obedecia a um ciclo orgânico. As diferentes formas culturais, com suas específicas possibilidades de expressão, “surgem, amadurecem, decaem e não voltam a repetir-se”. Já as civilizações, teriam sido caracterizadas por Oswald Spengler como o “destino inevitável de cada cultura”, como “estados extremos” do desenvolvimento cultural que sinalizavam seu término ou decadência.⁴⁷

A ideia de que a civilização correspondia ao estágio final e artificioso da cultura e alguns dos postulados que se desenvolvem em torno dessa questão, na obra de Oswald de Spengler, podem ter tido alguma influência sobre o contraponto entre as grandes cidades e o interior do país desenvolvido por Plínio Salgado. Na obra do autor alemão, enquanto o mundo rural aparece como o espaço de gênese das culturas, a metrópole sinaliza a decadência das civilizações.

revolução real. [...]. Na medida em que o progresso externo era algo inconcebível, todas as energias se voltam para dentro, e logo ‘o país dos poetas e prosadores’ superaria todos os demais em profundidade, sutileza e força espiritual”, em LUKÁCS, Georg. *A alma e as formas*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 83-84.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Dimensões de Macunaíma: filosofia, gênero e época*. 201f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1987, p.73-74.

⁴⁷ *Ibidem*, 73-75. Nesse parágrafo, as expressões entre aspas são trechos de Oswald Spengler que foram transcritos por Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

Nesses espaços a cultura se tornou distante e por essa razão, “em todas as civilizações”, “as cidades modernas adquiriam um caráter cada vez mais uniforme”.⁴⁸ Quanto ao escritor paulista, embora não haja qualquer referência a Oswald Spengler no capítulo “Aspectos brasileiros”, de *Literatura e Política* (1927), esse texto desenvolveu um contraponto parecido. Trata-se da conhecida oposição entre a “cidade brasileira”, “em tudo, parecida com a cidade europeia”, e o “*hinterland*” do país, “profundamente diverso do europeu”. Isso se dava porque, segundo Plínio Salgado, as “grandes metrópoles” viviam sob a influência do “Tempo”, de “tendência uniformizadora”, enquanto que “a vida nas selvas” seria diferente. Nesses espaços, segundo o escritor, a influência da geografia teria uma função caracterizadora ou dissociativa, portanto, no contato com tais regiões sentiríamos “verdadeiramente a nossa vida nacional”.⁴⁹

Em Oswald Spengler aquela interpretação resulta em pessimismo. Desencarnada da cultura, a forma civilizada perde a sua vitalidade. Em consequência, segundo Carlos Eduardo Ornelas Berriel, a ideia de liberdade que deriva desses conceitos aparece como negativa. Para Oswald Spengler, “nos muros da cidade, acabou a aderência vegetal ao solo e romperam-se os laços que amarram e restringem toda a vida rural. O espírito da cidade é a inteligência que se libertou; e tudo quanto, em fases posteriores, manifesta-se violentamente em movimentos espirituais, sociais e nacionais que levam, todos eles, o nome da liberdade”.⁵⁰ Esse ponto de vista também teria certo paralelismo com o argumento de Plínio Salgado, para quem “os centros industriais e cosmopolitas favorecem a desagregação do homem de suas peias naturais e o projetam no terreno neutro”. Nesse sentido, continua Plínio Salgado, as diversas forças que atuavam sobre esses “centros mais populosos”, estabeleceriam “o entrechoque de correntes religiosas, de doutrinas políticas, de processos comerciais”, resultando no “resfriamento gradual de nossas energias próprias”.⁵¹

Aquela perspectiva de Oswald Spengler, reticente com relação à liberdade que se desenvolveria no contexto das grandes cidades, lembraria os embates do grupo de Plínio Salgado com os políticos do Partido Democrático (PD), em torno a um projeto de lei federal para a repressão ao comunismo.⁵² Nesse caso, mais do que uma referência às concepções do autor de *A decadência do Ocidente*, o que interessa ressaltar é o modo como os escritores

⁴⁸ *Ibidem*, p. 82.

⁴⁹ SALGADO, Plínio. Aspectos brasileiros. In: *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1927, p. 99- 100.

⁵⁰ Oswald Spengler *apud* BERRIEL, *Op. Cit.*, p. 82.

⁵¹ SALGADO, *Op. Cit.*, p. 102.

⁵² O projeto teve autoria do deputado federal, pelo Espírito Santo, Abner Carlos Mourão, que foi eleito em 1927.

Paulistas deram sentido ao conceito de liberdade vinculando-o a nacionalidade. Tendo em conta esse enfoque, Cassiano Ricardo procurou deslegitimar o argumento dos “oposicionistas”, que consideravam a lei um ataque à livre expressão do pensamento. No artigo “Liberdade, flor de retórica”, em 09 de agosto de 1927, o escritor chamou de “abstrato” o conceito de liberdade dos políticos do Partido Democrático paulista e defendeu que o termo fosse compreendido como uma “consequência” “ligada às condições de vida e desenvolvimento” e as “aspirações de progresso” do país. No seu entender, o sentido de liberdade, tal como era compreendido pelos contrários à lei que pretendia combater a disseminação do comunismo no país, significava exatamente o “aniquilamento de todas as nossas liberdades individuais, inclusive a de pensamento”. Na própria lógica do discurso verde-amarelo, que seria reiterada pelo escritor nesse artigo, o comunismo, enquanto ideologia política gestada em outros contextos culturais e, portanto, sem vínculos com o país, significava a interposição de um sério empecilho a “ordem natural em que se processava a formação da nacionalidade brasileira, cheia de forças novas e matinais”.⁵³

Já Plínio Salgado, corroborando essa ideia, afirmava que a liberdade tomada como um conceito político era um produto dos últimos estágios do desenvolvimento cultural.⁵⁴ Nessa leitura, a ameaça bolchevique seria um dos índices do “mal urbano” que o escritor considerava urgente combater, a partir da aproximação entre o campo e as cidades brasileiras. Com isso, o escritor fazia a sua interpretação de uma antinomia que se, por um lado evocava a tradição ensaística brasileira, a partir de referências a Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Vianna, entre outros, por outro lado teria encontrado reforço em outros referenciais, como pode ter sido o caso de Oswald Spengler. Dos exemplos que podemos encontrar dessa correlação, Candido Motta Filho afirmava em seus estudos da obra de Alberto Torres, publicados inicialmente no *Correio Paulistano*, que

Alarico da Silveira estudou o fatalismo cósmico da “Voz que chama”, dessa voz profética da terra para a raça nova. [...] Anotara Spengler que a raça é algo de cósmico, algo de interpretação do coletivo humano a uma certa e determinada paisagem. “Raça e paisagem caminham juntos”, diz o sedutor filósofo da “Decadência do Ocidente”. Um país só possui integridade e união, pensa Alberto Torres, quando cobre a sua terra, e envolve os seus habitantes, um forte tecido de relações. E se ele não resulta espontaneamente da natureza da terra e do caráter do povo, é indispensável criá-lo. Como a nossa civilização foi plantada na América por gente europeia, nós somos obrigados a guerrear o artificialismo ingênito e a criar uma política especificamente brasileira, isto

⁵³ RICARDO, Cassiano. Liberdade, flor de retórica. *Correio Paulistano*, p.3, 09 ago. 1927.

⁵⁴ SALGADO, Plínio. São Paulo no Brasil. In: *Literatura e Política, Op. Cit.*, p. 82. O texto foi publicado no *Correio Paulistano* em 21 jun. 1927.

é, atendendo a natureza da terra e de sua gente. Nós precisamos criar esse quadro orgânico de vida. Seremos idênticos com a nossa geografia. Estabelecermos um estilo só. Sem discrepâncias.⁵⁵

Por sua vez, nas palavras de Plínio Salgado, “a Cidade deve ser um índice das possibilidades do Sertão. O Sertão deve dar à Cidade a sua alma e receber desta os benefícios da civilização. Uma e outro devem respirar [...] numa atmosfera de tradições históricas e aspirações comuns”.⁵⁶ No fim das contas, esse receituário permitiu a Plínio Salgado ter um olhar otimista sobre o futuro brasileiro. O escritor provavelmente poderia ter sustentado que a decadência da forma civilizada, assinalada por Oswald Spengler, se expressava nas cidades brasileiras como exterioridade possível de ser eliminada, sem prejuízos ao desenvolvimento de cultura nacional. Essa interpretação nos lembra que, entre os leitores latino-americanos, *A decadência do Ocidente* serviu muitas das vezes para ressaltar as potencialidades americanas diante do ocaso europeu. Numa das passagens em que fez coro a essa expectativa, Plínio Salgado tomara a realização desse destino como dever de sua geração:

[...] sou dos que creem que à América do Sul e, especialmente o Brasil, está reservado um papel no mundo. Mas, como a cristalização dos instintos da raça em ideias definidas e a condensação destas num corpo de doutrina são obra do tempo, não me assustam as dúvidas da nossa geração, que já tem a seu favor, mais do que todas as que precederem, a aguda sensibilidade dos instintos.⁵⁷

No entanto, outro dos nomes mencionados anteriormente teria contribuído para reforçar essa inversão otimista das teses de Oswald Spengler; trata-se de Hermann Keyserling. Numa perspectiva geral, segundo Carlos Eduardo Ornelas Berriel, sua obra apontaria possibilidades de que as civilizações pudessem continuar a existir, se se adaptassem ao meio geográfico.⁵⁸ O mesmo autor, que analisou o *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, notando nessa obra a apropriação de ideias desenvolvidas por ambos os filósofos alemães, chamou a atenção para que, na visão de Menotti Del Picchia, Oswald Spengler e Hermann Keyserling teriam fornecido aos modernistas uma chave explicativa das transformações do mundo. Conforme trecho de Menotti Del Picchia, citado por Carlos Eduardo Ornelas Berriel,

o mundo sofrera um cataclismo. A revolução da técnica anunciada por Keyserling fazia, após a guerra, demonstrar-se o velho cenário europeu como um fundo de teatro cujos autores iriam representar outra peça. Spengler registrara a queda dessa velha civilização sobrevivendo espectralmente a um tipo de cultura já morto. [...] Para dar consciência a essa revolução é que um

⁵⁵ MOTTA FILHO, Candido. *Alberto Torres e o thema da nossa geração*. Rio de Janeiro: Schmidt- Editora-Rio/ Civilização Brasileira, 1931, p.58-59.

⁵⁶ SALGADO, Plínio. São Paulo no Brasil. In: *Literatura e Política, Op. Cit.*, p. 83.

⁵⁷ *Idem*. Crônicas Verde-amarelas. Pela defesa nacional. *Correio Paulistano*, p.3, 23 jun. 1927. Foi reunido em *Literatura e Política* (1927).

⁵⁸ BERRIEL, *Op. Cit.*, p. 75.

grupo de artistas de São Paulo realizou, em 1922, a hoje histórica “Semana de Arte Moderna”. Foi esse o marco divisor entre duas mentalidades, ou melhor, o início consciente de uma nova quadra de civilização.⁵⁹

Como aponta Carlos Eduardo Ornelas Berriel, a apropriação das ideias de Oswald Spengler e de Hermann Keyserling pelos brasileiros, a exemplo do que sugere essa passagem de Menotti Del Picchia, pressupunha uma “disposição intelectual de intervenção na realidade”.⁶⁰ A filosofia de Hermann Keyserling teria se estabelecido sobre uma “oposição ao intelectualismo” em favor “do primado da vida e da criação”, onde seria perceptível “as influências de Bergson, Simmel, Dilthey e da *Lebensphilosophie* de um modo geral”.⁶¹ O filósofo teria buscado “reabilitar a noção de “sentido” que julgava permanecer vivo em muitos povos orientais, enquanto estava em vias de desaparecimento no ocidente, na visão de Spengler, por causa da progressiva e perigosa mecanização do mundo e intelectualização do homem ocidental”.⁶² Para Hermann Keyserling, os mesmos elementos que levariam à perda da unidade de uma cultura e ao seu esgotamento, poderiam conformar uma cultura nova. De acordo com Carlos Eduardo Ornelas Berriel, essa perspectiva teria sido aproveitada por Mário de Andrade, quando propôs a ideia do herói “Macunaíma”, constituído pela mescla das três raças, como sintoma da cultura brasileira.⁶³

Hermann Keyserling chegou a visitar o Brasil em 1929. A viagem foi divulgada pelos principais periódicos da época, dentre os quais o *Correio Paulistano*. Além de entrevistas ao viajante ilustre, as quais chegariam a ocupar as primeiras páginas desses veículos, foi dada ampla cobertura as conferências que realizou em São Paulo e no Distrito Federal.⁶⁴ Ainda em

⁵⁹ Menotti Del Picchia *apud* BERRIEL, *Op. Cit.*, p. 71.

⁶⁰ Nem sempre essa ação foi comentada com o mesmo otimismo de Plínio Salgado, no trecho citado anteriormente, o que se pode notar na passagem de Mário de Andrade que foi transcrita por Carlos Eduardo Ornelas Berriel: “nas épocas de transição social como a de agora é duro o compromisso com o que tem de vir e quase ninguém não sabe. Eu não sei. Não desejo a volta do passado e por já não posso tirar dele uma fábula narrativa. Por outro lado, o jeito de Jeremias me parece ineficiente. O presente é uma neblina vasta. Hesitar é sinal de fraqueza, eu sei. Mas comigo não se trata de hesitação. Se trata duma verdadeira impossibilidade, a pior de todas, a de nem saber o nome das incógnitas. Dirão que a culpa é minha, que não arregimentei o espírito na cultura legítima. Está certo. Mas isso dizem os pesados de Maritain, dizem os que espigaram Spengler, os que pensam por Wells ou por Lenine e viva Einsteis! ”. *Ibidem*, p. 112.

⁶¹ *Ibidem*, p. 114.

⁶² *Ibidem*, p. 120.

⁶³ *Ibidem*, p. 120-121. Carlos Eduardo Ornelas Berriel e Daniel Faria (2013) ressaltaram os créditos que Mário de Andrade deu a Hermann Keyserling, num prefácio a *Macunaíma*. Segundo Daniel Faria, “Mário de Andrade sugeriu que sua obra fosse lida sob o prisma dos *Sens* de Keyserling (em sua tradução, significação) indicando o prefácio de *Le monde qui naît* como referência. Mesmo não tendo publicado o seu prefácio, Mário de Andrade o teria enviado Alceu Amoroso Lima, para que escrevesse a sua resenha do livro. FARIA, Daniel. As meditações americanas de Keyserling: um cosmopolitismo nas incertezas do tempo. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, v. 29, n. 51, set. /dez. 2013, p. 912-913.

⁶⁴ O casal Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral teriam sido anfitriões do filósofo alemão durante a sua passagem por São Paulo. Além disso, cabe lembrar que no Manifesto Antropofágico (1928), Oswald de Andrade se referiu

1929, Candido Motta Filho dedicou um artigo ao filósofo alemão, que provavelmente repercutia o anúncio da sua passagem pelo país. “Um filósofo de Kodak” destacou o combate ao academicismo “infecundo”, que acentuara o “abismo entre pensamento e realidade, entre a filosofia e a vida, entre o sentido cósmico e a racionalização estéril”, como ponto positivo do seu discurso filosófico. Entretanto, também buscou assinalar perspectivas que o desagradavam na obra de Hermann Keyserling, dentre elas estavam “o excesso de seu subjetivismo”, o “desvio pouco novo da ‘evolução criadora’ de Bergson” e a “sua perigosa paixão pelo orientalismo”.⁶⁵

Candido Motta Filho também reiterou a sua desconfiança com aquela perspectiva no texto que publicou em apoio a lei contra o comunismo, que foi mencionada anteriormente. Em *Repressão social ao comunismo*, o crítico tratou o “bolchevismo russo” como um primitivismo que avançava “universalmente”, chamando a atenção sobre a influência que alcançara na Alemanha e em outros países europeus de onde, nas suas palavras, saíam “grandes obras filosóficas de destruição do ocidentalismo”, tais como a “‘A decadência do Ocidente’ de Oswald Spengler, ‘A civilização e o germanismo’, de Thomas Mann; ‘O mundo que nasce’, de Hermann Keyserling; ‘O fim de uma cultura’ de Berth; as obras de propaganda asiática, de Roman Rolland”.⁶⁶ Essa caracterização de Candido Motta Filho sinaliza a recepção das obras de Oswald Spengler e de Hermann Keyserling pelos brasileiros numa chave distinta da apontada anteriormente e, ao mesmo tempo, congruente com o modo como o autor se posicionou no debate em torno da escolha de um totem para a cultura brasileira, quando além de atribuir a pecha primitivista ao tema proposto por Plínio Salgado sairia em defesa da ascendência do legado europeu⁶⁷ na cultura brasileira. Mesmo assim, pelo menos desde o ano de 1926, os textos de Candido Motta Filho trariam referências esparsas ao filósofo alemão, dentre as quais citações mais amistosas à *Le monde qui nait* (1926) e ao *Diario de viaje de un filosofo*, publicado em 1919. Em “O tipo de nossa geração”, de 13 de junho de 1926, por

à Keyserling a partir da ideia do “bárbaro tecnizado”. Consultar o manifesto em SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 175. Como lembra Jorge Schwartz, em 1929, a visita de Hermann Keyserling foi saudada pela *Revista de Antropofagia*. Sobre o filósofo alemão, no *Correio Paulistano*, ver: SEM AUTOR. Hermann Keyserling, o simbolismo da história e o primado do econômico contra o primado dos valores sentimentais. *Correio Paulistano*, p.1, 19 out. 1929; SEM AUTOR. Keyserling. Discorrendo sobre o “problema do espírito”, o filósofo de Darmstadt realizou, anteontem, a sua primeira conferência no Rio de Janeiro. *Correio Paulistano*, p.1, 9 out. 1929. SEM AUTOR. O filósofo que não botou o mundo dentro de uma teoria. O Conde de Keyserling fala, pela primeira vez, no Brasil, ao Correio Paulistano. *Correio Paulistano*, p.1, 1 out. 1929.

⁶⁵ MOTTA FILHO, Candido. Um filósofo de Kodak. *Correio Paulistano*, p. 4, 31 jan. 1929.

⁶⁶ *Idem*. Repressão social ao comunismo. *Correio Paulistano*, p. 4, 27 jul. 1927.

⁶⁷ Seu ponto de vista que parece acercar-se em alguma medida da perspectiva dos nacionalistas católicos estudados por BERGEL, Martín. *El Oriente Desplazado. Los intelectuales y los orígenes del tercermundismo en la Argentina*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2015. Cf. o Capítulo 6: Una reacción de los intelectuales nacionalistas católicos: la “defensa de occidente”.

exemplo, Candido Motta Filho deu destaque à imagem do “*chauffeur*”, cunhada por Hermann Keyserling, espécie de um homem-máquina que refletiria os automatismos e a velocidade da civilização moderna, e sugeriu que a América, caracterizada conforme a expressão do filósofo como “o mundo inédito que nasce”, forneceria um novo “homem específico” do século XX.⁶⁸

Tendo em conta as datas em que foram feitas tais referências à obra de Hermann Keyserling, se pode considerar que a passagem do fundador da “Escola da Sabedoria” de Darmstadt pelo país, apenas consolidaria a sua recepção pelos brasileiros, a qual muito provavelmente se deu em paralelo a de Oswald Spengler.⁶⁹ Como destacou Daniel Faria (2013), as obras desses filósofos tiveram muitos pontos de vista coincidentes, dentre os quais se pode destacar o próprio diagnóstico sobre a decadência da civilização ocidental, mencionado anteriormente, mas também a “percepção da pluralidade dos ritmos vitais entre as diversas civilizações”.⁷⁰ No entanto, os seus distanciamentos também foram importantes. Segundo Daniel Faria, em *Le monde qui naît* (1926), por exemplo, Hermann Keyserling teria sugerido “a integração vital das diversas temporalidades do mundo” e a “absorção da sabedoria de lidar com um tempo que se imobilizara” como saída para o Ocidente.⁷¹ Com efeito, as suas obras foram frequentemente tomadas em perspectiva comparativa. Tristão de Athayde foi dos que adotaram essa estratégia de leitura, num dos textos reunidos nos seus *Estudos* (1928). Desse texto, aliás, trechos como o destacado a seguir, que dariam ênfase ao discurso de Hermann Keyserling em defesa da “reabilitação da filosofia como elemento de vida”, podem ter tido particular ascendência sobre os escritores verde-amarelos:

Keyserling [...] pensa que os filósofos desacreditaram da filosofia, separando-a da vida, reduzindo-a a sistemas rígidos, trazendo-a do ar livre, que é seu elemento natural, para os gabinetes de estudo, que representam a sua cristalização e a sua morte. [...]. Enquanto o artista procurava cada vez mais entrar em contato com a vida e com os homens, o filósofo foi pouco a pouco fugindo da vida, isolando-se dos homens, trancando-se em torres de sutilezas mentais. [...] Keyserling tentou quebrar os preconceitos que afastavam os homens que vivem dos homens que pensam. Tentou retirar a filosofia dos gabinetes de estudo, trazendo-a de novo para o ar livre.⁷²

⁶⁸ MOTTA FILHO, Candido. O tipo de nossa geração. *Correio Paulistano*, p.3, 03 nov. 1926.

⁶⁹ Segundo Daniel Faria, Hermann Keyserling fez um sucesso considerável nas décadas de 1920 e 1930. Suas primeiras edições em alemão foram traduzidas quase simultaneamente para o francês, o espanhol e o inglês. FARIA, *Op. Cit.*, p. 907. Vale ressaltar que passagens de *Sudamerikanische Meditationen* (1932) foram referenciadas em *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, em *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, e em *Marcha para Oeste* (1940), de Cassiano Ricardo.

⁷⁰ FARIA (2013), *Op. Cit.*, p. 906-907.

⁷¹ *Ibidem*, p. 907.

⁷² TRISTÃO DE ATHAYDE. “Keyserling”. In: *Estudos*. 2ª Série. Rio de Janeiro: Edição de “Terra de Sol”, 1928, p. 288-289.

Ainda considerando os nomes mencionados anteriormente, o caso de Max Scheler talvez se pareça com o de Oswald Spengler e o de Hermann Keyserling, quanto à rapidez com que seus escritos teriam repercutido entre os brasileiros. Como se poderia verificar, por exemplo, no artigo de Candido Motta Filho, “Max Scheler e o problema da cultura”, publicado no *Correio Paulistano* em duas partes, nos dias 08 e 16 de novembro de 1928.⁷³ O crítico paulista transcreveu nesse artigo diversas passagens de uma conferência, intitulada “As formas do saber e da cultura”, realizada pelo filósofo alemão na Lessing Hochschule de Berlim, em janeiro de 1925. O mesmo texto contém ainda uma referência a “O homem e a história”, cuja primeira publicação data de novembro de 1926.⁷⁴ A partir dessas citações, Candido Motta Filho estabeleceu um paralelo entre o diagnóstico de Max Scheler, da perda da unidade da cultura em seu país e em outros contextos nacionais, e a situação brasileira com uma “cultura iniciante”. Nos dois casos, para o crítico paulista, a saída seria a coordenação das forças díspares que se apresentavam nesses contextos, em torno de um entendimento da cultura como um modo específico de ser, e não só do saber ou do sentir.⁷⁵ Candido Motta Filho também se coloca de acordo com a crítica do filósofo alemão aos excessos do intuicionismo. No entanto, fica a impressão de que, na opinião de Candido Motta Filho, a principal diferença entre os dois contextos, europeu e brasileiro, era a de que enquanto a crise europeia dependia de uma aproximação com a intuição, no caso brasileiro a uniformização da cultura não podia desprezar principalmente as contribuições da tradição europeia que contemporaneamente se encontravam em crise.⁷⁶ A saída, portanto, era a do equilíbrio ou mediação entre as duas tendências.

Em uma passagem de *Alberto Torres e o tema da nossa geração* (1931), Candido Motta Filho afirmou ter encontrado em “O americanismo da civilização egípcia”, ensaio que Wilhem Worringer havia publicado na *Revista do Ocidente*,⁷⁷ “a explicação precisa da semelhança entre o modernismo da civilização na América e o processo da estilização” no Egito, o qual “devido

⁷³ MOTTA FILHO, Candido. Max Scheler e o problema da cultura. *Correio Paulistano*, p. 2, 08 nov. 1928; *idem*. Max Scheler e o problema da cultura II. *Correio Paulistano*, p. 2, 16 nov. 1928.

⁷⁴ Os dois textos podem ser consultados em SCHELER, Max. *Visão Filosófica do Mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1986. De “O homem e a história”, Candido Motta Filho teria lido uma versão em espanhol.

⁷⁵ Há uma ligeira diferença na tradução que consta no texto de Candido Motta Filho (Max Scheler e o problema da cultura II), onde se lê “Cultura, diz Max Scheler, é uma categoria do ser, não do saber e do sentir”, com a que aparece no livro citado na nota anterior, “A cultura é [...] uma categoria, não do saber e da experiência”. SCHELER, *Op. Cit.*, p.25.

⁷⁶ O que recorda a opinião de Tristão de Athayde. Cf. a seção “Construção e Forma” do Capítulo 1.

⁷⁷ Iniciativa de José Ortega y Gasset, a *Revista do Ocidente* era distribuída no continente americano pela Espasa Calpe. A respeito dessa publicação, no contexto argentino, ver VÁSQUEZ, Karina. De la modernidad y sus mapas. *Revista de Occidente y la “nueva generación” en la Argentina de los años veinte. Estudios Interdisciplinarios de América Latina y Caribe*, Universidad de Tel Aviv, v. 14, n. 1, 2003.

a sua situação geográfica, espiando duas civilizações díspares, criou uma personalidade inédita com a absorção de raças e gênios contrastantes”. Com o historiador alemão, Candido Motta Filho apontava que a América viria a desempenhar um papel equivalente ao daquela civilização antiga, funcionando como um “receptáculo de imigrações sucessivas”, as quais encontravam no continente “uma terra possante”, que as fazia esquecer seus países de origem. Por isso, para Candido Motta Filho, o problema racial brasileiro precisava ser resolvido de modo que contribuísse “para a solidificação nacional”, “sem discutir bizantinismos de civilizações extenuadas”. A comparação que começava com a citação a Wilhelm Worringer, terminaria com a referência a Alberto Torres que, nas palavras do crítico do *Correio Paulistano*, combatera “os preconceitos e prejuízos criados pela etnologia, ciência nova que asilou em si grande número de fantasias e falsidades”.⁷⁸

As citações tomadas aqui dão conta da circulação dessas obras entre os participantes do movimento verde-amarelo e podem apontar caminhos a partir dos quais esses escritores teriam se apropriado de suas obras e mesmo, lembrando a discussão sobre a aproximação entre arte, literatura e ciências sociais, se inteirado das reflexões que aqueles autores fizeram a respeito de suas próprias disciplinas. Nesse sentido, o encontro dos autores verde-amarelos com a obra de Oswald Spengler, por exemplo, possivelmente teria levado em conta também a repercussão que sua atitude anti-cientificista tivera na Alemanha, as referências que fizera à obra de Friedrich Nietzsche e a sua defesa de uma história mais acercada da poesia do que da ciência.⁷⁹

4.3. Os modos da história

O diagnóstico nietzschiano de que os modernos estariam confundindo “cultura autêntica” com “uma espécie de saber sobre a cultura”⁸⁰ guarda alguma correspondência com o balanço que os verde-amarelos fizeram do modernismo. A partir dessa perspectiva, o que esses escritores interpretaram como equívoco de algumas vertentes do movimento iniciado em 1922 de certa maneira também poderia ser traduzido pela dificuldade de encontrar uma medida entre a apropriação e a liberação do passado, uma condição especial em que a história poderia “servir ao futuro e ao presente”.⁸¹ Ao mesmo tempo, as expectativas que o filósofo alemão projetara sobre a juventude dariam conta em alguma medida daquilo que os modernistas de São

⁷⁸ MOTTA FILHO, Candido. *Alberto Torres e o tema da nossa geração*. *Op. Cit.*, p. 66-68.

⁷⁹ LEPENIES, *Op. Cit.*, p. 252.

⁸⁰ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 100-101.

⁸¹ *Ibidem*, p. 98- 99.

Paulo compreenderam como sendo o desafio da sua geração literária. Para os verde-amarelos, os escritores brasileiros, convivendo então com um emaranhado de influências estéticas, precisavam constituir um estilo próprio ou o que poderíamos traduzir na expressão do filósofo alemão, uma “segunda natureza”. Essa transformação demandaria certa atmosfera a-histórica, a partir da qual fosse possível tomar os elementos herdados pela cultura ou enfrentar uma “natureza herdada”, que no discurso verde-amarelo poderia ter sido nomeada como uma arte “carão”, em vias de ser substituída por uma nova arte, “curupira”.⁸²

Para os verde-amarelos, mesmo a literatura modernista continuava submetida a modelos estéticos importados, enquanto ignorava um passado nacional que poderia fornecer elementos para a conformação de uma estética própria. Diante desse diagnóstico, o receituário sugerido por esses escritores poderia ter requerido os três tipos de história caracterizados por Friedrich Nietzsche: o monumental, o tradicionalista e o crítico. Nos três casos, estaríamos diante de perspectivas a partir das quais, segundo o filósofo, a história distanciando-se necessariamente do sentido da objetividade científica poderia servir à vida. Começando pelo último, a crítica do passado pode ser associada à ruptura com o passadismo pregada pelos modernistas, diante da qual os verde-amarelos procuraram impor uma suposta radicalidade. Tratava-se de um efetivo distanciamento da Europa que, para esses escritores, fora até então uma tentativa malograda do modernismo. Segundo Friedrich Nietzsche, certa dose de história crítica era necessária, porque “de tempos em tempos”, o homem, os povos, a cultura precisava ter a força “para explodir e dissolver um passado a fim de poder viver”.⁸³ Mas, como fica claro no trecho a seguir, o filósofo alemão não compreendeu essa concepção como um mergulho no completo a-histórico:

porque somos o resultado de gerações anteriores também somos o resultado de suas aberrações, paixões e erros, mesmo de seus crimes; não é possível se libertar totalmente dessa cadeia. Se condenamos aquelas aberrações e nos consideramos desobrigados em relação a elas, então o fato de provirmos delas não é afastado. O melhor que poderemos fazer é confrontarmos a natureza herdada e hereditária com o nosso conhecimento, combater através de uma disciplina rigorosa o que foi trazido de muito longe e o que foi herdado, implantando um novo hábito, um novo instinto, uma nova natureza, de modo que a primeira natureza se debilite. Esta é uma tentativa de se dar, como que um passado a posteriori, de onde se gostaria de provir, em contraposição ao passado do qual se provém – sempre uma tentativa perigosa, porque é muito difícil encontrar uma negação do que passou e porque, em geral, as segundas naturezas são mais fracas que as primeiras. O que acontece de maneira por demais frequente é que conhecemos o bem sem fazê-lo. Mas aqui e ali,

⁸² A referência aqui é o texto de abertura, “O Curupira e o Carão”, do livro homônimo. DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélio Ltda., 1926, p. 11-15.

⁸³ NIETZSCHE (2003), *Op. Cit.*, p. 39.

contudo a vitória é alcançada, e há até mesmo para os combatentes, para estes que empregam a história crítica a serviço da vida, uma notável consolação: ou seja, saber que também aquela primeira natureza foi algum dia uma segunda natureza e que toda segunda natureza vitoriosa já foi uma primeira natureza.⁸⁴

Em vista dessa citação, na perspectiva verde-amarela, a compreensão do cosmopolitismo como discurso desnacionalizante e sua implicação no desejo de estabelecer um corte com a tradição europeia sugeriria, a princípio, que esses escritores se fizessem surdos à precaução de Friedrich Nietzsche, de que não era possível “se libertar totalmente” da cadeia do passado. Mas aquela perspectiva que, muitas vezes, daria o tom do contraponto aos Andrades do modernismo, nem sempre se expressou como um discurso consonante. Dentre os exemplos das nuances e ambiguidades que poderia comportar, em algumas ocasiões Candido Motta Filho afirmou as reservas que tinha em relação aos traços primitivistas do debate sobre a Anta que, na sua visão, desprezava a herança ocidental como um dos “índices” da cultura brasileira. Mas, mesmo um tempo antes desse desacordo, no *Introdução ao estudo do pensamento nacional (o romantismo)* (1926), o crítico situara Graça Aranha entre Machado de Assis e Euclides da Cunha, como uma forma mais equilibrada entre o “estilo helênico” do primeiro e o “estilo bárbaro” do segundo. Segundo Candido Motta Filho, “Graça Aranha sente a separação da mentalidade brasileira da realidade brasileira e para evitar essa separação procura um estilo que seja esse casamento de harmonia entre a nossa imaginação que é ocidental com a realidade nativa. Para ele, ‘a palavra deve refletir uma unidade de sensação e o pensamento deve ser integral’”.⁸⁵ Finalmente, em artigo de 30 de novembro de 1928, Graça Aranha foi mais uma vez mencionado pelo crítico como autor de uma leitura do Brasil mais acertada que a de Paulo Prado, que acabava de publicar *Retrato do Brasil*. Nas palavras de Candido Motta Filho, “Graça Aranha, apesar de suas excessivas defesas da civilização ocidental, é menos civilizado que o sr. Paulo Prado, por isso, integra-se melhormente, na psique brasileira e afirma na ‘Estética da Vida’, o considerável trabalho do brasileiro e a alegria dele”.⁸⁶

⁸⁴ *Ibidem*, p. 39-40

⁸⁵ MOTTA FILHO, Candido. *Introdução ao estudo do pensamento nacional*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1926, p. 259. Em 1922, no último fascículo da *Klaxon*, depois de investir no mesmo contraponto entre Machado de Assis e Euclides da Cunha Candido Motta Filho se referiu a Graça Aranha como o “psicólogo da raça”. Conforme trecho desse artigo, “a alma cidadina, a alma supérflua dos centros de civilização, [...], a pele da grande alma nacional, encontrou em Machado de Assis o seu psicólogo. [...] A terra bronca e selvagem, imponente nos quadros naturais, sempre novos, na proteica manifestação da Natureza, pediu para si o gênio impressionista de Euclides da Cunha. [...] Era preciso um artista, mas um artista pensador, um artista filósofo que sentisse, compreendesse e tivesse a força potencial de exprimir toda a aspiração, todo o ideal, todo o sonho brasileiro, era preciso um artista que construísse um bloco harmonioso e único, a força criadora da raça. Esse artista encontrei-o nas páginas do *Canaã*. É o psicólogo da raça. Graça Aranha! MOTTA FILHO, Candido. O psicólogo da raça. *Klaxon: mensário de arte moderna*. São Paulo, dez. /jan., 1922, p. 5-7.

⁸⁶ *Idem*. Retrato do Brasil. *Correio Paulistano*, p.2, 30 nov. 1928.

Nessa passagem, Candido Motta Filho faz referência ao diagnóstico e ao receituário propostos por Graça Aranha, em *A estética da vida* (1921), os quais como aponta Eduardo Jardim (2016), tiveram grande participação no discurso modernista a partir de 1924.⁸⁷ Naquela obra, o escritor maranhense assinalou a distância entre os brasileiros e a nacionalidade como traço derivado dos seus antepassados portugueses, indígenas e negros. Para corrigir essa característica, que impediria a conformação de uma arte brasileira, recomendou a realização de três trabalhos espirituais. O primeiro consistia na resignação à fatalidade cósmica, o segundo na integração a terra e o terceiro na ligação entre os homens. O pressuposto era o de que o brasileiro, em primeiro lugar, deveria se reconhecer como expressão do universo e tomar consciência de sua unidade com a natureza. Em seguida, também deveria modificar a sua atitude com relação à terra. O sentimento de tristeza e a letargia do brasileiro, que o escritor associara à fantasia da natureza invencível e providente, deveriam ser substituídos pelo entusiasmo, pela alegria e pela ação. A ligação com os homens, por fim, consistia em estabelecer a base da sociedade e, nesse âmbito, Graça Aranha considerou a nação como o alicerce orgânico dos vínculos coletivos.⁸⁸

Esse parêntese, mesmo expressando um sentido muito distinto do que foi desenvolvido por Friedrich Nietzsche, não deixaria de evocar a ideia da construção de uma “segunda natureza”, a partir de uma “disciplina rigorosa”. Tanto o escritor maranhense, quanto os verde-amarelos, destacando aqui suas perspectivas de que o Brasil dos anos vinte via emergir uma “nova mentalidade”, entenderam que essa mudança deveria resultar num vínculo mais estreito com a terra e na produção de um sentido nacional. No entanto, como visto em capítulo anterior, essa aproximação precisava ocorrer por meio de um caminho intuitivo, uma vez que a perspectiva analítica da ciência, nos termos de Graça Aranha, impedia a união do homem com o “cosmos” ou o “Todo Infinito”.⁸⁹ A fora tais particularidades, esse argumento, na sua crítica ao discurso científico, evocaria a uma tradição intelectual antipositivista, da qual o autor alemão foi um interlocutor importante.⁹⁰

Mas o modernismo paulista comportou tanto uma atitude de ruptura com a tradição literária denominada passadista, como um movimento de aproximação com a tradição nacional. Em vista dessa segunda tendência, ainda seria possível interpretar determinados pontos do

⁸⁷ JARDIM, *Op. Cit.*, p. 64, *passim*.

⁸⁸ ARANHA, Graça. *A estética da vida*. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1921. Em “Metafísica Brasileira”, p. 85-109.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ A crítica de Friedrich Nietzsche à sociologia francesa foi notada por LEPENIES, *Op. Cit.*, p. 236-238.

discurso verde-amarelo, a partir das aproximações com o passado, nos modos monumental e tradicionalista, conforme foram descritas por Friedrich Nietzsche. Na sua visão, a consideração monumental do passado era importante porque o homem que pretendia agir tinha a necessidade de modelos, porque lhe era confortante notar a grandeza que fora possível no passado e acreditar que aquela grandeza poderia acontecer novamente. Assim, sob o efeito da história monumental, nas palavras de Friedrich Nietzsche, o homem “segue, com mais coragem o seu caminho, pois agora suprimiu-se do seu horizonte a dúvida que o acometia em horas de fraqueza, a de que ele estivesse talvez querendo o impossível”.⁹¹

De certo modo, o uso que os verde-amarelos faziam da história das bandeiras paulistas, tomadas como inspiração para a produção contemporânea de um sentido nacional, recorda àquela apreensão da história. O verde-amarelismo costumava-se apresentar como um movimento que desempenhava um papel análogo ao dos bandeirantes históricos, no plano da cultura.⁹² A ideia de um “novo bandeirismo” assinalava a uma histórica capacidade e iniciativa dos paulistas, que anteriormente havia rendido os frutos da demarcação das fronteiras nacionais e do desenvolvimento econômico, a partir da interiorização da lavoura de café. Uma comparação que se assentava sob a expectativa de que aquele movimento anterior pudesse se repetir contemporaneamente, com os paulistas assumindo dessa vez um protagonismo nos campos das artes e da política. Ainda mais tarde, Cassiano Ricardo abusou de paralelos como esses no *Marcha para Oeste* (1940), obra que foi reescrevendo continuamente desde o aparecimento de sua primeira edição, sempre empregando metáforas que ligavam aspectos conjunturais a acontecimentos históricos. O escritor falou, por exemplo, de um “bandeirismo vertical” para dar conta do crescimento urbano em São Paulo e, na década de cinquenta, tomaria a construção de Brasília e as políticas que tratavam de viabilizar a interiorização do centro político e administrativo do país como a reedição do bandeirismo dos séculos XVI e XVII. No prefácio da primeira edição do seu ensaio sociológico, Cassiano Ricardo diria que a “marcha para oeste” era “o ritmo da civilização brasileira”.⁹³

Aqui, teríamos de interpretar esses exemplos como tentativas de encontrar no passado o impulso e embasamento necessário para uma ação no presente. Mas, nessa perspectiva, como

⁹¹ NIETZSCHE (2003), *Op. Cit.*, p. 27.

⁹² Apesar da projeção que a imagem de “novo bandeirismo” alcançou no discurso verde-amarelo, foi empregada por outros modernistas, a exemplo de Rubens Borba de Moraes, citado no Capítulo 2. Cf. Seção Arte, literatura *versus* ciência.

⁹³ RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste. A influência da “bandeira” na formação social e política do Brasil*. Coleção Documentos Brasileiros, volume 25. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1940, p. XXII. Luiza Franco Moreira analisa essa obra como a transposição para a prosa da poesia *Martim Cererê* (1928).

aponta Friedrich Nietzsche, a história não conseguiria produzir um “efeito fortificante” sem escamotear “uma multidão de diferenças, fazendo encaixar à força a individualidade do passado numa forma geral, arredondando os seus ângulos e as linhas em proveito da homologia”.⁹⁴ Segundo o filósofo, sempre que houvesse aquela necessidade de descrever o passado como imitável, a história correria sempre “o risco de ser deformada, enfeitada e assim aproximada da livre invenção poética”, por essa razão, “há mesmo épocas que não são capazes de distinguir entre um passado monumental e uma ficção mítica”.⁹⁵ Tendo em conta essas prevenções, poderíamos considerar a história das bandeiras como o passado monumental dos verde-amaros que, em casos como o da historiografia de Alfredo Ellis Junior, projetaria a imagem de uma “raça de gigantes”, mas sem abdicar do anseio por uma aproximação com a linguagem científica. A esse respeito, aliás, os textos verde-amaros fariam coro a uma historiografia paulista das primeiras décadas do século XX e, especialmente, no marco das comemorações dos cem anos da independência brasileira, que terminaria projetando os bandeirantes enquanto heróis nacionais.⁹⁶

Mas, em outra perspectiva, os exemplos descritos anteriormente traduziriam um anseio pela manutenção de um sentido paulista na história brasileira e a possibilidade de uma aproximação com o conceito tradicionalista da história. Segundo Friedrich Nietzsche, tal aproximação interessava aos que tinham “o gosto pela conservação e pela veneração do passado” e que se voltavam “com a amor e fidelidade para o mundo de onde vieram e se formaram” com o desejo de “conservar para aqueles que virão depois dele as mesmas condições nas quais ele próprio nasceu”.⁹⁷ O discurso anti modernista de Plínio Salgado, preocupado com o avanço do cosmopolitismo de certo reconhecera o valor dessa relação com o passado e sua importância para gerar um sentido de pertencimento e, assim, conter a desagregação das tradições locais. De acordo com Friedrich Nietzsche, a partir de uma perspectiva antiquária do passado, a história entregava à vida a sua maior utilidade, vinculando “os povos e as raças à sua pátria e aos costumes nacionais”, oferecendo ao homem “a felicidade de saber que não se é totalmente arbitrário e fortuito, mas que se teve origem num passado do qual se é herdeiro, a

⁹⁴ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 86.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 87-88.

⁹⁶ Essa produção historiográfica se deu no marco de instituições como Instituto e Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), da publicação de uma série de documentos históricos durante o governo de Washington Luís e teve como personagens Afonso de Taunay e do próprio Alfredo Ellis Junior. Sobre a historiografia paulista nas primeiras décadas do século vinte consultar ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011 e FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção história (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

⁹⁷ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 91.

flor e o fruto, e que se está portanto perdoado, ou seja, justificado por existir”.⁹⁸

É a ausência dessa perspectiva que, segundo os verde-amarelos, estaria por trás da imagem da flor retórica cultivada pelos brasileiros, dispersos de sua realidade nacional, nas mais distintas esferas, das artes, das ciências e da política. Por outro lado, se expressara na intenção de Alfredo Ellis Junior de escrever uma história de São Paulo tendo em conta pontos de vista os mais distintos, o da antropologia física, o da psicologia social, o da genealogia e o da geografia, entre outros, se poderia notar a preocupação com a manutenção de uma tradição paulista em meio as mudanças advindas da imigração e da modernização. Desse sentido, é sintomática a frase que o historiador costumava incluir nas “palavras iniciais” de suas obras, na década de trinta: “na incapacidade de realizar para S. Paulo o que almejo, quero ao menos fazer por ele o mais que posso”. Em alguns casos, essa frase ainda viria acompanhada da ressalva de que sua atividade tinha como preocupação estrita os assuntos paulistas.⁹⁹

4.4. Os ruminantes de cultura

De todo modo, possivelmente os verde-amarelos se sensibilizariam com os perigos de uma história que fosse “ao encontro do antigo com um véu de veneração”, segundo Friedrich Nietzsche. A atitude verde-amarela contra o passadismo daria conta da necessidade de revisar e romper com o passado, o que teria que ver com o desejo de ruptura das vanguardas, mesmo que os seus julgamentos sobre as obras de Mário e Oswald de Andrade também pudessem ser interpretados como uma recusa e hostilidade com o novo. O anseio por ruptura do grupo de Plínio Salgado esbarrava assim em alguns limites, porque o novo para aqueles escritores estaria necessariamente vinculado a uma perspectiva nacional e mesmo regional. Mesmo assim, a maneira como Friedrich Nietzsche descreveu a degeneração da história tradicionalista num conhecimento que não teria outra função senão conservar o passado possui uma série de correspondências com o repertório da crítica verde-amarela ao discurso erudito do brasileiro. De acordo com o filósofo,

quando a história serve de tal modo à vida passada, quando o sentido histórico não conserva mais a vida, mas a mumifica: então a árvore morre de maneira nada natural, de cima para baixo, paulatinamente em direção às raízes – por fim, mesmo as raízes perecem junto. A história antiquária degenera-se justamente no instante em que a fresca vida do presente não a anima e

⁹⁸ *Ibidem*, p. 93.

⁹⁹ Cf. ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Os Primeiros Troncos Paulistas*. São Paulo/Brasília: Editora Nacional, INL, 1976 [1936], p. 9 e *idem*. *Populações Paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p. 8.

entusiasmo mais. Neste momento a piedade se debilita, o hábito erudito continua subsistindo sem ela e gira de maneira egoisticamente auto satisfeita em torno do seu próprio eixo. Então se oferece aos olhos o espetáculo repulsivo de uma ira cega, de um incansável ajuntamento de tudo o que um dia existiu. O homem envolve-se com um cheiro de mofo; através da mania antiquaria, ele consegue mesmo reduzir uma disposição mais significativa, uma necessidade nobre, a uma sede e por cada coisa; frequentemente ele desce tão baixo que acaba por ficar satisfeito com qualquer migalha de alimento e devora com prazer mesmo a poeira das minúcias bibliográficas.¹⁰⁰

No contexto daquela crítica, os verde-amarelos, a princípio, não apontaram nenhum descaminho ao discurso modernista. Como lembra Pedro Duarte (2014), as vanguardas manifestaram um “horror frequente ao filisteu da cultura” que no século XIX Friedrich Nietzsche identificara como “o contrário do artista, do amigo das Musas”, que acumulava conhecimentos mas era “incapaz de fazer deles impulso para o novo”. Ainda segundo o mesmo autor, toda a “massa enorme e indigesta” que, de acordo com Nietzsche, o filisteu culto engole, resulta naquela “gordura” do burguês à qual Mário de Andrade declarara a morte no seu poema.¹⁰¹ Para o filósofo, aquele tipo provinha de uma educação cuja “meta, pensada como pura e elevada, não é de maneira alguma o homem livre, mas o erudito, o homem da ciência [...] o mais rapidamente útil, que se separa da vida a fim de reconhecê-la clara e indistintamente”.¹⁰²

Na referência desse comentário a um discurso do conhecimento que se desprendera da vida e sufocara os instintos, o contraponto ao “filisteu da cultura” não fora estranho aos demais modernistas, mas dialogava com o próprio repertório intelectual da época, que Candido Motta Filho, em 09 de agosto de 1928, aproximara à imagem de Chersterton, “do viajante que esqueceu a guia de seu destino e que deve voltar donde veio para saber para onde vai”. Um “retorno” que, como enfatizava o crítico, se tornara inevitável depois que, em 1914, no começo da Primeira Guerra Mundial, “o homem sentiu, tragicamente, o artifício excessivo a que havia chegado”.¹⁰³ Segundo o crítico do *Correio Paulistano*,

esse retorno, que é uma esperança de renovação celular, que é um gigantesco exame de consciência, que é uma convalescença de uma moléstia prolongada e inquietante, não só está nesse primitivismo estético, nesse selvagismo “snob”, nessa comoção pelo “jazz”, pelo *box*, pelo negro, pela ignorância, como também no pensamento cultural e filosófico, no religioso e moral. Está na destruição definitiva do darwinismo, da psicologia acadêmica, está na obra do professor Einstein sobre a relatividade, está na obra de Uexkul sobre a

¹⁰⁰ NIETZSCHE (2003), *Op. Cit.*, p. 38.

¹⁰¹ DUARTE, Pedro. *Op. Cit.*, p. 107. Nessa passagem, Pedro Duarte cita NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações Intempestivas*. Lisboa: Editorial Presença, 1976, p. 15.

¹⁰² NIETZSCHE (2003), *Op. Cit.*, p. 122.

¹⁰³ MOTTA FILHO, Candido. A volta do dogmatismo. *Correio Paulistano*, p. 2, 9 ago. 1928.

biologia; está na psicanálise de Freud e no deísmo de Max Scheler; na neoescolástica de Maritain e no realismo jurídico de Deguit; na sociologia objetiva de Simmel; na crítica organizada de um Valery, de um Stefan Zweig; está ensaios filosóficos de um conde Keyserling, de um Ortega y Gasset, de um Nicolau Berdiaeff, de um Antonio Sardinha.¹⁰⁴

Para Candido Motta Filho, esses autores procuravam “desentulhar a civilização para proporcionar ao homem um meio de espiar a natureza”. Em contraponto, no discurso dos verde-amarcelos, Mário e Oswald de Andrade encarnariam aquela figura do “filisteu da cultura” e ficariam enredados pela forma artística nas tendências europeias que representavam na filosofia, na psicologia, e nas ciências, o retorno ao primitivo. Eram escritores que passavam o tempo discutindo, testando fórmulas estéticas e que engrossariam o número dos intelectuais brasileiros, que foram tomados por eruditos desconhecedores da terra. Suas obras poderiam ser inseridas no quadro de um conhecimento da cultura, mas não de um cultivo da cultura, o que parodiando o trecho de Friedrich Nietzsche, enfraquecia o presente e cortava “as raízes de um futuro vitalmente vigoroso”¹⁰⁵ para a literatura brasileira. A partir dessa leitura, os verde-amarcelos delimitavam a sua “rebeldia” contra o cânone ou contra a instituição da arte brasileira e contra uma tradição intelectual tomada por desvinculada da vida nacional.

Outra imagem da *II Consideração Intempestiva...* que parece importante para desenvolvermos alguns pontos do discurso verde-amarelo, segundo o filósofo alemão, haveria uma medida a partir da qual o passado deveria ser esquecido, para não se tornar “o coveiro do presente”, a qual teria que levar em conta a “força plástica” ou a capacidade que uma cultura, por exemplo, possuía para crescer a partir de si mesma, incorporando “o que é estranho e passado, curando as feridas, restabelecendo o perdido, reconstituindo por si mesmo as formas partidas”.¹⁰⁶ Na sua visão, aquela medida fora perdida pelos modernos, por isso o saber entrara em contradição com a vida e a cultura passou a ser confundida com o saber sobre a cultura. Com efeito, ao desaparecerem todos os estímulos a partir dos quais uma cultura poderia “crescer e florescer a partir da vida”, esse saber só poderia ser falso e superficial.¹⁰⁷ Friedrich Nietzsche lidou com essa ideia a partir da metáfora da ruminação, que procurava dar conta da fraqueza da cultura moderna, em vista do seu cultivo desmedido da interioridade. Nas suas palavras,

o saber histórico, alimentado por fontes inesgotáveis, o afoga e o invade [ao homem moderno] cada vez mais [...] a natureza faz todo o possível para acolher, arrumar e honrar estes hóspedes estranhos, mas eles estão em conflito uns com os outros [...]. O homem moderno acaba por ter o estômago carregado

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 42.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 13.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 122.

de uma massa enorme de conhecimentos indigestos, que, como é dito no conto, rolam e se chocam no seu ventre. [...] O saber com o qual ele se empanturra, frequentemente sem fome, às vezes mesmo sem necessidade, não age mais como uma força transformadora orientada para fora, fica dissimulado numa certa interioridade caótica que o homem moderno designa, com estranha soberbia, como sendo a sua “interioridade” específica.¹⁰⁸

Essa mesma metáfora da ruminação apareceu com alguma frequência nos textos verde-amarcelos. Em 07 de setembro de 1926, por exemplo, Cassiano Ricardo chamou “ruminantes de cultura” aos dissidentes do PRP paulista, que foram tratados por membros de uma velha elite política e intelectual brasileira. Cassiano Ricardo os descreveu como sendo “homens profundos, mas improdutivos”, que “passavam a vida entre as quatro paredes de uma biblioteca, fazendo de certos autores uma muralha chinesa para trancar o horizonte da própria mentalidade” sem, conseguirem, contudo, “[compreender] o instante comocional do mundo”, “sem [sentir] a vida”. Ainda de acordo com Cassiano Ricardo, são

silenciosos como poços estrelados. Lôbregos como cisternas. Atirasse-lhes uma pedra, dentro da sua cultura, e o que se houve é um rumor de água morta, num canudo de limbo. [...] O que falta nesses escritores é o senso de realidades novas. É o ímpeto da criação. É o desejo de conhecer a vida diretamente, com gosto de luta, de terra e de sangue. Daí por um defeito orgânico de incompatibilidade com a ideia de rumos novos, o seu apego aos modelos ilustres.¹⁰⁹

Plínio Salgado considerava um diagnóstico semelhante quando apresentou o verde-amarcelismo como um movimento “mais de ação do que de pensamento”.¹¹⁰ Nesse sentido, vale lembrar que um dos princípios considerados na fundação da Academia Verde-Amarela era a ideia de “fazer, fazendo”. Na visão de Plínio Salgado, isso significava tomar para a arte o exemplo do processo de formação das cidades brasileiras a partir de um ritmo orgânico e prescindir de teorias.¹¹¹ A ideia desdobrada de tais afirmações seria, muitas vezes, contemplada na citação a Goethe, que abre o texto de Friedrich Nietzsche: “De resto, me é odioso tudo o que simplesmente me instrui, sem aumentar ou imediatamente vivificar a minha atividade”.¹¹² Em Alfredo Ellis Junior, por exemplo, a falta de instrução dos primeiros paulistas teria contribuído para “aumentar o isolamento do planalto em relação à metrópole” e fazer com que “um ideal diferente iluminasse o ambiente [...], onde teria forçosamente de nascer mais rapidamente do

¹⁰⁸ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 100.

¹⁰⁹ RICARDO, Cassiano. Ruminantes de Cultura. *Correio Paulistano*, p. 3, 07 set. 1926.

¹¹⁰ Ver, por exemplo, SALGADO, Plínio. Aos intelectuais do meu país. In: *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1927, p. XIII.

¹¹¹ SALGADO, Plínio. Academia Verde e Amarelo. *Correio Paulistano*, p. 3, 27 jul. 1926.

¹¹² NIETZSCHE (2003), *Op. Cit.*, p. 4.

que nas outras regiões da colônia a ideia de pátria”.¹¹³ Ao mesmo tempo, a mesma característica teria sido fundamental na fixação dos caracteres da psicologia paulista, tais como a altivez, a tenacidade e a fortaleza de ânimo, segundo Alfredo Ellis Junior.

Não é demais lembrar que esse teria sido o modelo requerido pelos verde-amarelos para lidarem com o problema da cultura no contexto dos anos vinte, quando sugerem o “esquecimento” da tradição europeia. Algumas vezes, essa ideia recordaria a imagem a que Candido Motta Filho se referiu ao comentar o texto de Wilhelm Worringer, que foi mencionado anteriormente. Naquela ocasião, o crítico lembrara o “adágio egípcio” citado pelo historiador alemão: “o estrangeiro que bebe água do Nilo esquece o seu país Natal”.¹¹⁴ Adaptada ao discurso paulista, essa sentença daria conta da atração exercida pela terra brasileira sobre o imigrante e da histórica função exercida pelo percurso da Serra do Mar na seleção dos primeiros povoadores paulistas, imagem que foi tantas vezes evocada pelos verde-amarelos e pela historiografia paulista da época. Como diria Plínio Salgado, a respeito do interior paulista, “não há estrangeiro nessas brenhas, porque ninguém traz nas costas o cadáver do passado”.¹¹⁵ Um dos desdobramentos que o escritor dá a essa premissa e que explicita tanto a relação entre o artista e os motivos nacionais, na concepção do verde-amarelismo, ao gosto de algumas ideias de Graça Aranha, como também o deslocamento de foco do tempo para o espaço, é passagem seguinte da “Carta Verdamarela”, publicada pela primeira vez em 02 de setembro de 1926:

Estou hoje muito metafísico e meio obscuro. De certo é um tataravô alemão que está me explicando a vida. Mas o bisavô bugre emperrou dentro de mim e o português bate o pé de chumbo. De certo foi também aquela montanha que me olhava sempre quando era um crila, que está falando da minha terra. Não sei porque, nessas horas eu sinto, que a montanha é muito mais eu, e que sou muito mais ela do que os avós que discutem dentro de mim. Fico meio alegre e meio triste e sinto que sou feito de terra. Nesse caso o homem é uma linguagem da Terra. É por isso que sou um caboclo do Brasil. E detesto a Europa que me ensinou a ler. De onde veio uma parte do meu ser, que agora é quase nada, de tanto que a terra me deu.¹¹⁶

Em vista desses comentários de Plínio Salgado, a aproximação com a visão de Friedrich Nietzsche sobre a cultura grega parece interessante para nuançar algumas ideias. Segundo Anna Hartmann Cavalcanti (2012), Friedrich Nietzsche buscou na “cultura grega antiga lições capazes de auxiliar a juventude em sua tarefa de criar uma cultura autêntica”. Na sua visão, os

¹¹³ ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Os Primeiros Troncos Paulistas*. *Op. Cit.*, p.133.

¹¹⁴ MOTTA FILHO, Candido. *Alberto Torres e o tema da nossa geração*. Rio de Janeiro: Schmidt- Editora-Rio/ Civilização Brasileira, 1931, p. 67-68.

¹¹⁵ SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., p. 162.

¹¹⁶ SALGADO, Plínio. Carta Verdamarela. In: SALGADO, Plínio; DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. *O Curupira e o Carão*. *Op. Cit.*.

gregos teriam sabido organizar o seu caos e “elaborar uma cultura própria e original capaz de se libertar e enriquecer a cultura de seus antepassados”. O valor que o filósofo atribuiu à cultura grega, segundo a autora, esteve relacionado com a sua “capacidade de criar”, que seria “proveniente de uma forma ‘saudável’ de se relacionar com o tempo passado e futuro” e da disposição para “entrar em si mesma, esquecendo e elaborando o passado, refletindo e buscando o futuro”.¹¹⁷ Nas palavras de Friedrich Nietzsche que davam conta dessa ideia,

houve séculos em que os gregos se encontravam diante do perigo semelhante àquele no qual nos encontramos, a saber: o da inundação pelo estranho e pelo passado, de perecer junto à “história”. Eles nunca viveram em uma orgulhosa inviolabilidade: por muito tempo, sua “cultura” foi muito mais um caos de formas e conceitos estrangeiros, semitas, babilônicos, lídios, egípcios, e sua religião era uma verdadeira batalha entre os deuses de todo o Oriente: mais ou menos semelhante como agora a cultura “alemã” e a religião são um caos em si cheio de lutas entre todos os estrangeiros e todo o passado. Entretanto, graças à sentença apolínea, a cultura helênica não se tornou um agregado. Os gregos aprenderam paulatinamente a organizar o caos, conforme se voltam para si mesmos de acordo com a doutrina délfica, ou seja, para as suas necessidades autênticas, e deixam morrer as aparentes. Dessa feita, eles se apossaram novamente de si mesmos; não permaneceram por muito tempo os herdeiros e os epígonos sobrecarregados de todo o Oriente; eles se tornaram eles mesmos, depois de um doloroso combate consigo e por meio da interpretação prática daquela sentença, os mais felizes enriquecedores e proliferadores do tesouro herdado e os primogênitos e modelos de todos os povos e culturas vindouros.¹¹⁸

Aos modernistas que nos anos vinte se colocavam a tarefa de uma reflexão sobre a brasilidade, essa passagem daria um alento à expectativa de os brasileiros também poderem organizar seu próprio caos e elaborarem uma cultura original. A Plínio Salgado, por exemplo, aqueles comentários de Friedrich Nietzsche teriam inspirado um modo de lidar com a ameaça desestabilizadora do cosmopolitismo representada como um drama paulista. Porém, dessa possível leitura sobressaem algumas particularidades. No discurso verde-amarelo, o ensinamento délfico traria à tona a presença subjetiva do tupi, denominador comum de todas as tendências díspares que conviveriam no interior da cultura brasileira. Nessa perspectiva, o caos cultural seria organizado a partir de um sentido intransigente, em torno da ideia de uma cultura formada a partir da imigração, a qual o elemento tupi, nomeado como a “raça transformadora das raças”, exerceria sobre todas as outras “uma ação destruidora dos traços caracterizantes”.¹¹⁹ Por outro lado, a mesma citação anterior correria o risco de ser lida como caminho adotado por

¹¹⁷ CAVALCANTI, Anna Hartmann. Nietzsche, A memória e a história: reflexões sobre a segunda consideração extemporânea. *Philosophos*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 77-105, jul. / dez. 2012, p. 205.

¹¹⁸ NIETZSCHE (2003), *Op. Cit.*, p. 132.

¹¹⁹ DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio; MOTTA FILHO, Candido; ELLIS, Alfredo. O atual momento literário. *Correio Paulistano*, p. 4, 17 mai. 1929.

uma cultura que não teria acumulado ainda muito passado e, nesse sentido, sem tanta tradição assim que assimilar, uma condição que poderia ser comparada à brasileira. Os brasileiros, com uma cultura em estágio inicial e uma relação mais importante com o espaço do que com o tempo, ainda poderiam se ver dissociados da monotonia do mundo europeu e, com isso, o artista nacional ainda teria a chance de encontrar motivos originais. Conforme assinala Cassiano Ricardo,

já se foi o tempo em que os poetas criavam deuses. O tempo em que o homem cantou [...] na afirmação divinatória de um Heródoto ou de um Hesíodo. Depois [...] os poetas começaram a escrever sonetos, substituindo a realidade ofegante da vida [...] pelo modelo de todos os “ismos” intelectuais [...]. Infelizmente, os criadores de deles desapareceram, sob a folhagem farfalhada ou lírica de uma literatura de moldes gastos. [...]. Mas se atentamos à realidade das coisas – nessa frescura do amanhecer brasileiro – veremos que nós, de todos os povos do mundo, somos o único povo onde a vida, cheia de humanidade nova, [...], poderia ser novamente surpreendida na sua fonte de elaboração misteriosa, do mesmo modo que os poetas da antiguidade a surpreenderam nos tempos límpidos, feitos de indecisão e alvorada.¹²⁰

Comentários como esse de Cassiano Ricardo apontam uma diferença importante em relação ao valor atribuído por Friedrich Nietzsche à lição deixada pelos gregos, que o filósofo associou ao modo como se valeram do antídoto de uma atmosfera a-histórica. Numa das passagens mais sintomáticas dessa interpretação, Friedrich Nietzsche descreve a situação em que um contemporâneo fosse enviado ao tempo dos gregos e se surpreendesse com a ideia de que eles eram, na realidade, extremamente “pouco cultos” e, essa descoberta, ao mesmo tempo, evidenciaria que “nós modernos não possuímos nada de próprio, somente na medida em que sorvemos e nos impregnamos de épocas, costumes, obras, filosofias, religiões e conhecimentos estranhos é que nos tornamos objetos dignos de interesse, a saber, a enciclopédias ambulantes”.¹²¹

No discurso verde-amarelo, essa diferença seria traduzida a partir da ideia da infância como marca da cultura brasileira e da potencialidade associada a esse termo, muito mais do que a busca por uma modelagem autêntica. Aqui, a distinção entre sinceridade e autenticidade, em Lionel Trilling (2014), poderia dar conta da distância entre Friedrich Nietzsche e os verde-amarelos. No caso de Friedrich Nietzsche, a discussão se aproximaria mais de uma demanda pela autenticidade, a ideia de uma congruência entre sentimento e declaração aparece como problemática e a discussão sobre a forma assume o lugar importante na *II Consideração*

¹²⁰ RICARDO, Cassiano. O Curupira e o Carão. In: DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., p. 65-67.

¹²¹ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 102

Intempestiva... a partir do pressuposto de que a cultura pode conter múltiplas identidades. No caso dos escritores paulistas, a aproximação se dá com a noção de sinceridade e a preocupação se desloca da forma para a congruência a uma identidade nacional definida. Apesar de seus textos terem se mostrado sensíveis ao processo de desintegração daquela identidade, não o interpretariam sob a perspectiva de uma concessão libertadora, por isso a percepção quase sempre muito negativa do cosmopolitismo, especialmente em Plínio Salgado. Nessa perspectiva, portanto, seria possível repetir a leitura de Lionel Trilling do Werther, de Goethe, considerando assim que os verde-amarelos tenham se apegado à imagem de uma identidade nacional única e verdadeira e procurado insistentemente serem sinceros em relação a ela.¹²²

4.5. Forma e sinceridade

Segundo Friedrich Nietzsche, a separação errônea entre conteúdo e forma ou a “oposição [...] entre uma interioridade à qual não corresponde nenhuma exterioridade, e uma exterioridade a qual não corresponde nenhuma interioridade”, era um problema tipicamente moderno.¹²³ Mas os alemães, especialmente, consideravam a forma “uma convenção, um disfarce, uma máscara” e quiseram renunciar ao que consideravam uma instituição francesa, para se tonarem “mais naturais e portanto mais alemães”.¹²⁴ O resultado disso era o cultivo excessivo da interioridade associado “a negligencia, a comodidade e o mínimo esforço para se superarem”. Por isso, na visão do filósofo, se os alemães afastassem da crença numa interioridade intacta, ou autêntica, se veriam como um povo dividido entre “pessoas cultas, cuja natureza foi deformada e corrompida, e pessoas incultas, cuja natureza íntima seria inacessível”.

¹²⁵

Com algumas particularidades ressaltadas anteriormente, o grupo de Plínio Salgado identificou no contexto brasileiro um problema similar. A divisa “Nem Rui, nem Jeca”,¹²⁶ que nomeia um dos textos de Cassiano Ricardo reunidos na coletânea *O Curupira e o Carão* (1926), de certo modo, traria também o mesmo diagnóstico de uma cultura fraturada. Nessa perspectiva,

¹²² TRILLING, Lionel. *Sinceridade e Autenticidade. A vida em sociedade e a afirmação do eu*. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: Editora É Realizações, 2014 [1971], p. 65.

¹²³ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 100.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 103.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 106.

¹²⁶ RICARDO, Cassiano. “Nem Rui, Nem Jeca”. In: *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios Limitada, 1927, pp. 83-90. Foi publicado anteriormente no *Correio Paulistano* em 08/01/1927, com título ligeiramente diferente, “Nem Rui, Nem Jeca Tatu”.

Cassiano Ricardo destaca a oposição entre os chamados imitadores de tradições europeias, os “papagaios” da cultura estrangeira,¹²⁷ e o brasileiro rural, representado pela personagem de Monteiro Lobato. O escritor paulista recusa a ambos os símbolos, o sintetizado na imagem do político Rui Barbosa, do “homem culto a procurar remédio para os nossos males imaginários e a legislar contra a realidade das coisas”, e o encarnado pela crônica lobatiano, que remetia ao “homem inculto, acostumado ao providencialismo da terra”.¹²⁸ Esses símbolos expressariam “males opostos”. Com o primeiro estava o “mal da cultura extraída dos livros” e, com o segundo, “o mal da incultura, do analfabetismo e indolência”. Cassiano Ricardo parece ter encontrado nesses símbolos um modo de questionar uma cultura que perdeu os seus vínculos vitais e passou a se refugiar no interior das bibliotecas e, ao mesmo tempo, uma situação de distinta, de incultura, mas igualmente sem elos com a realidade brasileira. O escritor relacionou aquele duplo problema à falta de integração do brasileiro à terra e a ausência de uma percepção “exata” do Brasil. A tipos como o Rui, especialmente, esse receituário devolveria “o senso divinatório e profundo – a intuição perscrutante dos fenômenos”.¹²⁹

Para compreendermos qual o sentido teria sido atribuído pelos verde-amarelos à sugestão de “uma percepção ‘exata’ do Brasil” cabe assinalar, primeiramente, que longe dos vícios associados ao personagem Jeca Tatu, o homem do interior, nomeado a partir de termos como caipira, caboclo ou sertanejo, caiu, muitas vezes, no gosto do grupo literário paulista, sob o argumento de que sentiriam a vida nacional com mais profundidade e seriam mais homens de ação que de pensamento.¹³⁰ Ou, ainda, porque teriam sido os mesmos tipos os responsáveis pela fixação das fronteiras brasileiras e pela interiorização da lavoura de café no estado paulista, tornando-se exemplo da disposição ao trabalho e riqueza de iniciativas do paulista. Em determinadas ocasiões, os próprios escritores atribuiriam a si próprios uma identidade caipira, num esforço para se distanciarem de gerações literárias anteriores e de alguns de seus pares no modernismo. Pondo na balança, de um lado o saber erudito, por vezes associado à categoria de “literato”, numa acepção que remonta à expressão do conhecimento próprio a diferentes

¹²⁷ Referência à obra *Vamos caçar papagaios* (1925). Possivelmente, também a RICARDO, Cassiano. *Caçando Papagaios. Correio Paulistano*, p. 3, 02 abr. 1927.

¹²⁸ RICARDO, Cassiano. “Nem Rui, Nem Jeca”. In: *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios Limitada, 1927, p.83.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 83-84.

¹³⁰ Em “Aos intelectuais do meu país”, Plínio Salgado caracteriza da seguinte forma o verde-amarelismo: “o chamado grupo verde-amarelo tem sabido se conduzir, lutando contra os prejuízos de uma velha educação, contra o formalismo de uma época de transição e de dúvida, contra o indiferentismo, o negativismo, e todas as forças de dissolução. Movimento como afirmei há tempos, mais de ação do que de pensamento” do mesmo texto da nota seguinte Plínio fala do verde-amarelismo como “movimento mais de ação que de pensamento”. In: *Literatura e Política*. São Paulo: Editorial Hélios Limitada, 1927, p. XIII.

domínios do saber e, de outro lado, um modelo ideal de poeta, que se relacionaria com a vida de modo mais direto, dispensando as mediações da erudição, os verde-amarelos optaram pelos segundos, arriscando-se, inclusive, na ressalva de que “para fazer poesia era preferível ser caboclo do mato”.¹³¹ Essa frase, quando lida no contexto das polêmicas modernistas nos anos vinte, configura uma clara alfinetada em Mário de Andrade e em Oswald de Andrade que, na visão dos verde-amarelos, escreviam uma poesia excessivamente intelectualista e afinada aos processos estéticos europeus, ou, parodiando a contraposição de Friedrich Nietzsche, que estariam confundindo a *poesia autêntica* com o *saber sobre a poesia*. Nesse sentido, Plínio Salgado considerava, por exemplo, que “a arte é uma cousa que a gente não sabe mais fazer quando aprende o que ela é. Porque a arte não é”.¹³²

O mesmo argumento foi empregado por Cassiano Ricardo, para dizer que Mário de Andrade não era poeta. A opinião dada por ocasião da publicação do *Losango Cáqui* (1926), em artigo de fevereiro de 1926, se assentaria no pressuposto de que faltava ao autor a “capacidade criadora” e “divinatória”. Cassiano Ricardo, conforme já mencionado em capítulos anteriores, chegaria a assinalar em várias ocasiões a linguagem interjectiva da poesia,¹³³ pontuando com isso a função expressiva da arte. Essa característica não poderia encontrar maior contraste senão no “puro intelectualismo” de uma obra concebida, na visão de Cassiano Ricardo, entre “experiências de teorias”, “que nada tem de originais”.¹³⁴ Aqui, novamente, poderíamos nos remeter à imagem de Friedrich Nietzsche, do “homem moderno”, “a quem os historiadores apresentam o festival permanente de uma exposição universal” e “ele por aí passeia como um espectador, desfrutando de todas as coisas, mergulhado num estado tal” que o torna incapaz de “fixar o sublime”.¹³⁵ Segundo o filósofo, esse homem pode realizar “coisas

¹³¹ Segundo Plínio Salgado, “para alcançar uma expressão de arte humana e universal é preferível ser caboclo do mato. Aliás é Mário de Andrade quem o diz brilhantemente: “o brasileiro precisa deixar-se ser”. SALGADO, Plínio. “O conceito dinâmico da Arte”. In: SALGADO, Plínio; DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios, 1926, p.107-108. Também Cassiano Ricardo expressou uma ideia semelhante: “Isso de cultura, principalmente em poesia, é coisa que não importa a nenhum de nós. Qualquer piá do sertão, tocando a flauta de peri, é muito mais poeta que o mais truculento dos nossos intelectuais metidos a cultos. Qualquer caipira, qualquer gaúcho, qualquer caboclo do norte é mais poeta, infinitamente mais poeta que todos os mario-de-andrades decalcadores do futurismo, do dadaísmo ou do expressionismo. RICARDO, Cassiano. *Literatura Cínica. Correio Paulistano*, p. 3, 18 fev. 1926.

¹³² SALGADO, Plínio. “Carta Verdamarela”. In: SALGADO, Plínio; DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios, 1926, p. 80.

¹³³ Plínio Salgado teria amenizado essa ideia: “Em que lugar colocaremos a inteligência de modo a não tornar a obra artística uma mera expressão interjectiva?” Cf. SALGADO, Plínio. O conceito dinâmico de arte. In: SALGADO, Plínio; DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. *O Curupira e o Carão. Op. Cit.*, p. 106.

¹³⁴ RICARDO, Cassiano. Intelectualismo. *Correio Paulistano*, p.3, 06 fev. 1926.

¹³⁵ NIETZSCHE, *Op. Cit.* p. 108.

maiores e mais maravilhosas”, no entanto, “a arte desapareceu”.¹³⁶ Também faria todo o sentido se, naquele artigo, Cassiano Ricardo parodiasse a passagem seguinte da *II Consideração Intempestiva...* e se referisse a *Losango Cáqui* como a obra de um “homem inteligente”, conforme o sentido dado por Schiller; nas palavras de Friedrich Nietzsche, ou seja, como um homem “que não vê certas coisas que uma criança vê, que não ouve certas coisas que uma criança ouve”, enfim, com uma inteligência “ainda mais pueril do que a da criança”.¹³⁷

De todo modo, essa referência não seria desperdiçada por Cassiano Ricardo, meses mais tarde, em um artigo onde responde uma afirmação feita por Oswald de Andrade, a de que o verde-amarelismo estaria plagiando as suas ideias, devolvendo-a ao idealizador da poesia Pau Brasil. Na oportunidade, Cassiano Ricardo recordou a polêmica entre Oswald de Andrade e Tristão de Athayde, e lembrou dos três artigos que havia publicado há cerca de dois anos,¹³⁸ defendendo o primeiro da acusação de importador do primitivismo europeu. Por fim, ocupou-se com distinguir o movimento Pau Brasil do verde-amarelismo, o que fez caracterizando a poesia Pau Brasil de uma maneira muito semelhante ao juízo anterior, emitido sobre o *Losango Cáqui*. Nas palavras de Cassiano Ricardo,

a arte de Oswald é um artifício, uma “idiossincrasia simbólica”. Um jogo de armar. Pura atitude intelectual de quem finge dadá. [...]. Não há nada de vida, ou de verdade [...] nessas coisinhas de armar e desarmar cujo maior encanto é o de não ofenderem nem assustarem a gente. Há muita diferença entre o sentido de vida e de beleza que o Rodó encontrou, depois de Schiller, no simples divertimento de uma criança, que enchia um copo de areia e não lhe podia mais ouvir a sonoridade de cristal, e essas regrazinhas superficiais de certas inteligências vadias, que se divertem à custa do público, com trocadilhos espirituosos. A arte dos modernistas é isto. Uns repetem os outros. E a repetição já se tornou sem graça como um realejo de coisas sabidas. O sr. Mário repete Marinetti. O sr. Oswald repete Breton. O sr. Guilherme repete Ronald. O sr. Alcântara repete Oswald, em segunda mão. E assim por diante.

¹³⁹

Também em textos de Plínio Salgado não é raro encontrar outros modos de expressar a descrição de Friedrich Nietzsche do homem moderno, como quem “procura compreender, calcular e analisar o momento em que, num longo sobressalto, deveria fixar o incompreensível como a expressão do sublime”.¹⁴⁰ Numa carta aberta endereçada a Menotti Del Picchia, que foi publicada em 02 de setembro de 1926, Plínio Salgado contrastara a atitude do artista em relação

¹³⁶ *Ibidem*, p.109.

¹³⁷ *Ibidem*.

¹³⁸ O escritor se refere à série “O individualismo dos novos”, publicada nos dias 25 de julho, 4 e 11 de agosto de 1925. Esses textos foram comentados no Capítulo 1.

¹³⁹ RICARDO, Cassiano. Caçando Papagaios. *Correio Paulistano*, p.3, 02 abr. 1927.

¹⁴⁰ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 109.

à do colecionador, tomando como exemplo a poesia de Oswald de Andrade que, na sua opinião, “pega daqui um elemento, pega outro, e vai fazendo pratinhos de estilo com ingredientes da terra”, ou que “é fragmentária como experiências”, se aproximando da “pesquisa paciente como a dos dicionários de regionalismos, de idiotismos”.¹⁴¹ Nesse sentido, apontava uma perda da capacidade de expressão pelo artista, devido a uma série de obstáculos que se interpunham à atividade do poeta:

quando quero despejar “isto que está aqui dentro [...] que me quer arrebentar, vem um cidadão e diz: “assim, não!”; e vem outro e diz “chi! que fundo! parece que não leu Cendrars nem sabe o que é cubismo!”; e vem outro, ainda, e exclama: “Isso é futurismo! É parece que não leu Castilho nem ouviu falar de Anatole France!”¹⁴²

Ainda sobre essa perspectiva, são sintomáticos os argumentos a partir dos quais, em 02 de setembro de 1926, Plínio Salgado caracterizou a poesia de Raul Bopp, então ligado aos verde-amarelos, como o oposto desse modelo. Para Plínio Salgado, as principais qualidades do poeta gaúcho, diriam respeito aos vínculos de sua obra com a realidade brasileira e americana. Nas suas palavras, Raul Bopp

é sujeito viajadíssimo: já foi ao Amazonas, ao Acre, ao Mato Grosso, viajou de canoa a costa brasileira até o Oiapoque, esteve no Chile, na Bolívia, no Peru, foi pintor de paredes em Cuiabá, caixeiro de livraria em Buenos Aires, estudante em Porto Alegre, no Rio, em Recife, na Bahia, em Belém, andou pra burro, tomou sol, fincou espinho no pé, montou a cavalo, remou, tomou chimarrão, comeu paçoca e fez outras proezas. Só não foi a Europa e isso o valoriza mais ainda, porque não nos interessa saber, presentemente, se a Europa existe. [...] O Bopp é o verde-amarelismo ambulante. Um cabra que descende de alemães e é caboclo; que nasceu no Rio Grande e viveu nas florestas do Amazonas; que é bacharel e foge dos gabinetes; que é poeta e não usa rimas; que dispõe de uma vasta cultura científica e literária, e é simples; que leu todos os modernistas, e consegue ter personalidade e um profundo desdém pelos “processos”; [...] Raul Bopp será uma espécie de São Tomé, que foi caixeiro viajante do Evangelho, [...] percorrerá o Brasil pregando a Ideia Nova. Quanto aos méritos de Bopp, acho que ele tem demonstrado que a poesia brasileira [...] existe de fato com feição puramente americana, brotando da terra e da raça.¹⁴³

¹⁴¹ SALGADO, Plínio. “Carta Verdamarela”. In: SALGADO, Plínio; DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. *O Curupira e o Carão. Op. Cit.*, p. 74.

¹⁴² *Ibidem*, p. 77.

¹⁴³ SALGADO, Plínio. “Carta Verdamarela”. In: SALGADO, Plínio; DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. *O Curupira e o Carão. Op. Cit.*, p. 72-74. Segundo Fernanda Arêas Peixoto, “los comentaristas llaman la atención sobre el lugar de los viajes en la formación de Bopp (Secchin, 2002) y hacen hincapé en la relación estrecha entre viajes, investigaciones, descubrimientos del Brasil y producción poética” (Massi, 1998:15)”. De acordo com a autora, as viagens do poeta que em 1932 ingressaria na carreira diplomática começaram aos quatorze anos. Mesmo depois de deixar a carreira diplomática, as obras de Raul Bopp continuariam referenciando às suas experiências de viagem, nas obras “*Coisas do Oriente* (1971), *Samburá, notas de viagem* (1973) y *Longitudes: crônicas de viagem* (1980)”. PEIXOTO, Fernanda Arêas. Letras e Diplomacia em Brasil: una aproximación en tres tiempos. In: ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (coord.) In: *Historia de los intelectuales en America Latina I: La ciudad letrada, de la conquista al modernismo, II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX*. Buenos

Lembrando aqui das antinomias verde-amarelas mencionadas anteriormente e tendo em conta os comentários de Cassiano Ricardo e de Plínio Salgado sobre as obras de Mário e Oswald de Andrade, está clara a posição que ambos ocupariam dentre os da elite culta brasileira que cultivavam exterioridades. Pois, como afirmava Plínio Salgado, “a formação da mentalidade nacional [...] “não obedeceu a impulsos interiores, a forças psicológicas do [...] subconsciente nacional”¹⁴⁴ Os seus elogios à Raul Bopp, por sua vez, davam conta de que a sua poesia teria escapado do convencionalismo e teria podido oferecer aquela “percepção exata do Brasil” evocada por Cassiano Ricardo, considerando a citação anterior, porque abarcara um sentido espacial ausente nas poesias afeitas às fórmulas francesas de Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Ainda a respeito desse contraponto, o problema da separação entre conteúdo e forma seria resolvido pelos verde-amarelos a partir de uma perspectiva organicista. Por essa razão, a insistência daqueles escritores em metáforas que trataram o desenvolvimento da cultura nacional como processo espontâneo, natural, e orientado por um ritmo próprio e uma forma intrínseca, bem como na ideia de que os literatos e artistas estariam intervindo nesse processo a partir da importação de ideias estrangeiras, realizando enxertos de cultura e formas artificiais. Nessa perspectiva, o entendimento de Plínio Salgado era o de que não havia um problema quanto à forma e a insistência do escritor sobre a necessidade de o artista expressar sinceramente a nacionalidade. Um sentido que ao deixar de fora diversas tensões e negociações que constituíam a própria trama, necessariamente fragmentária, do discurso nacional parece ser bem pouco moderno, se não em relação à solução que Friedrich Nietzsche daria à questão, pelo menos para os parâmetros dos movimentos de vanguarda dos anos vinte.

Em *Arte Brasileira*, de 13 de setembro de 1925, Plínio Salgado afirmou que os modernistas não deveriam se preocupar com a forma porque “ela se cristalizará, naturalmente, si formos sinceros”¹⁴⁵ Quase dois anos mais tarde, no artigo “Arte e Literatura”, de 02 de abril de 1927, o escritor retomava esse tema em comentários sobre a recepção d’*O Estrangeiro* (1926) pelos pares modernistas. De acordo com Plínio Salgado, o incomodava o fato de “Oswald e seus discípulos insistirem em querer enxergar [...] apenas a [sua] forma exterior, e, na forma, apenas alguns detalhes. Abandonando as linhas amplas e bárbaras da sua estrutura”. Ainda nas palavras do escritor paulista, “aquilo a que eles ligam tanta importância para mim

Aires: Katz, 2010, p. 105-106; 109. Os comentários de Plínio Salgado citados no texto permitem concluir que tal aspecto da trajetória de Raul Bopp se destacara ainda nos anos vinte, quando o poeta se aproximou dos modernistas paulistas.

¹⁴⁴ *Idem*. A velha mentalidade. In: *Literatura e Política. Op. Cit.*, p. 111.

¹⁴⁵ SALGADO, Plínio. Arte brasileira. *Correio Paulistano*, p. 3, 13 set. 1925.

não vale mais do que um pormenor; amanhã posso fazer de outro jeito, mas o ‘espírito do estilo’ é que são elas. Nego à Arte a sua função burguesa-aristocrática, e prefiro, ao assunto brasileiro, a ‘alma brasileira’”.¹⁴⁶

Nessa opinião, que claramente valoriza a “alma” sobre o “assunto” ou o conteúdo sobre a forma, Plínio Salgado incorreria no erro típico ou na mesma despreocupação com forma dos alemães, segundo Friedrich Nietzsche. Na visão do filósofo, seus contemporâneos, “tendo fugido da escola da convenção”, “deixaram se arrastar para onde melhor lhes parecesse e, num estado de semiconsciência, reproduziram suavemente e caprichosamente o que antes imitavam escrupulosamente e amiúde com certo sucesso”.¹⁴⁷ A maneira não problemática com que os verde-amarelos lidaram com a forma teria sido assim, de algum modo, similar à crença dos alemães de que possuíam profundidade e apenas lhe faltavam a forma. Segundo Georg Lukács, a respeito da falta de forma da nostalgia alemã, Friedrich Nietzsche, teria perguntado se se tratava mesmo “de um índice de sua força e não de uma debilidade intrínseca, de uma condescendência e de um num nunca-ir-até-o-fim”.¹⁴⁸

No caso verde-amarelo, o pressuposto de que coubesse à poesia a revelação do Brasil, denota, um ponto de vista que, a despeito das tensões destacáveis com a ciência assinaladas anteriormente, compartilhava, em certo sentido, de um anseio semelhante pela objetividade. O acúmulo excessivo de conhecimentos, para o grupo paulista, explicava a carência de verdadeiros artistas, o que pressupunha um vínculo imediato com a vida nacional. Há, por sua vez, nessa ideia, o pressuposto da existência de uma identidade definida a qual o artista deve corresponder. Plínio Salgado, por exemplo, denunciara o “êxtase diante das formas e das fórmulas, diante de todas as exterioridades” e o modo como “literatura, escultura, música, arquitetura, sociologia e política” desobedeciam aos “imperativos históricos, étnicos, mesológico”, permanecendo, “por isso mesmo, sem exterioridades próprias”.¹⁴⁹ Seu comentário expressa ainda a rigidez que a relação entre interioridade e exterioridade adquire no discurso verde-amarelo, onde as ideias de subjetividade e de personalidade, numa perspectiva singular, remontam diretamente a determinado ideário nacional, passível de ser objetivado pelo artista.

¹⁴⁶ *Idem*. Arte e literatura. *Correio Paulistano*, p.3, 02 abr. 1927.

¹⁴⁷ NIETZSCHE (2005), *Op. Cit.*, p. 103.

¹⁴⁸ LUKÁCS, Georg. *A alma e as formas*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 145.

¹⁴⁹ SALGADO, Plínio. *Velha Mentalidade. Literatura e Política, Op. Cit.*, p. 115.

Considerações finais

Apesar dos temas que em maior ou menor medida articularam os capítulos desta tese, a impressão de um plano aberto tem procedência. O desejo é provocar um novo repertório de questões sobre o movimento verde-amarelo e outras aproximações ao modernismo e ao cenário intelectual paulista dos anos vinte. O primeiro capítulo procurou olhar novamente para o contexto de aparecimento do grupo verde-amarelo, em 1925, revisitando textos daqueles escritores e de outros modernistas que foram publicados em revistas literárias e na imprensa da época, com destaque para o diário *Correio Paulistano*. A partir desse exercício, o capítulo buscou estabelecer as afinidades e os distanciamentos que foram se definindo entre os escritores paulistas, num tempo em que modernismo iniciava uma nova fase, que elegeria o tema nacional como seu principal objeto. Essa virada do movimento coincidiu com um cada vez mais comum exercício de reflexão dos modernistas sobre o movimento literário iniciado em 1922. Seria esse o contexto da publicação do artigo de Sérgio Buarque de Holanda, *O lado oposto e outros lados*, em 1926, e dos textos de fundação do movimento verde-amarelo que, desde meados do ano anterior, procurava marcar sua diferença a outras perspectivas modernistas.

Desde esse capítulo inicial, a tese dialogou com o estudo de Eduardo Jardim (1978) retomando o seu argumento de que os verde-amarelos defenderam uma via intuitiva para a apreensão da brasilidade. A partir dessa interpretação, a discussão buscou iluminar as divergências daqueles escritores com a via intuitiva que foi igualmente sugerida pela poesia de Oswald de Andrade (como também destacou Eduardo Jardim), considerando que, para os verde-amarelos, em Oswald de Andrade tal perspectiva era tão artificial quanto o intelectualismo que associaram à obra de Mário de Andrade. Na opinião daqueles escritores, a poesia Pau Brasil era na realidade uma mimetização do primitivismo europeu, que significava uma tentativa de um retorno a uma etapa anterior aos excessos da inteligência no século XIX. No Brasil, para o grupo de Plínio Salgado, a adesão ao primitivismo implicaria numa arte necessariamente mediada pela inteligência europeia e que, portanto, inviabilizaria a constituição de uma expressão artística originalmente brasileira. Associado a essa perspectiva, estaria a demanda verde-amarela pela sinceridade, baseada no pressuposto de uma congruência entre a arte e uma essência nacional.

Esse argumento foi desdobrado especialmente a partir do segundo capítulo, que especificou melhor o diálogo deste estudo com a discussão sobre os conceitos de sinceridade e

autenticidade, em Lionel Trilling (1971), empregando-o, inclusive, para uma leitura da complexa aproximação dos verde-amarelos com o discurso científico. Como esse segundo capítulo procurou mostrar, apesar da valorização do processo intuitivo da arte, os verde-amarelos dialogaram com ensaios de interpretação do país que, nos mesmos anos vinte, se acercavam da perspectiva científica, num contexto de especialização dos saberes. Um dos argumentos desenvolvido nesse capítulo foi o de que essa ambiguidade do discurso verde-amarelo poderia ser compreendida em vista de uma correspondência entre a arte e a identidade nacional, a qual remete novamente para o sentido de sinceridade, bem como para uma correlação entre esse conceito e o de uma verdade científica. Nesse âmbito, os estudos de Edgard Roquette-Pinto, de Alfredo Ellis Junior e de Oliveira Vianna, por exemplo, seriam valorizados pelo grupo verde-amarelo na medida em que os seus discursos, deslocando o sentido universalista da ciência, colaboravam para a produção de um conhecimento atento às singularidades nacionais. Essa interpretação permitiria afirmar que o verde-amarelismo, embora em diversas ocasiões tenha contraposto poesia e ciência, e atribuído a interpretação do sentido nacional ao discurso poético, não foi insensível a uma noção de objetividade, ao considerar uma nacionalidade a que o artista deveria servir e revelar.

O capítulo terceiro continuou a desenvolver esse debate tendo em conta a leitura que os escritores paulistas fizeram da obra *La Raza Cósmica* (1925), do mexicano José Vasconcelos. A discussão realizada nesse capítulo considerou que a interlocução com aquela obra poderia ter sido favorecida pelo entendimento desses autores a respeito de uma necessária articulação de pontos de vista sintéticos e analíticos na elaboração de um sentido nacional. Essa relação teria sido sugerida em grande medida a partir do tema da mestiçagem, que foi central nos discursos dos brasileiros e do mexicano. Desse modo, a exemplo do capítulo anterior, esse capítulo sugere que a discussão sobre a forma do ensaio, explorando os pontos de vista desses escritores, possa ser desenvolvida de modo mais sistemático. Ainda tendo em conta o discurso sobre a mestiçagem, o mesmo capítulo ressaltou as coincidências entre as interpretações otimistas do tema projetadas dos textos de José Vasconcelos e dos modernistas paulistas, mas também apontou os deslocamentos que a leitura verde-amarela realizou das teses desenvolvidas em *La Raza Cósmica*. O mais destacável deles teria sido o achatamento do sentido universalista do discurso do mexicano e sua reconfiguração no nacionalismo estreito dos verde-amarelos.

O capítulo quarto sugeriu uma possível leitura da obra de Friedrich Nietzsche, circunscrita pelos participantes do grupo literário paulista, a *II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* (1875), leitura essa que, como o

capítulo procurou sustentar, teria sido mediada pela aproximação com a tradição alemã da filosofia da vida. Essa discussão retomou temas desenvolvidos anteriormente, relacionados ao ponto de vista verde-amarelo sobre o discurso científico e a sua crítica à inteligência que remonta a uma tradição intelectual das últimas décadas do século XIX. Mas, principalmente, esse capítulo retomou e aprofundou a discussão sobre a forma no discurso verde-amarelo. Em relação a esse tema, o argumento desenvolvido no texto sugere que os verde-amarelos teriam evitado problematizar a elaboração de uma expressão estética nacional e consideraram que a forma brasileira se consolidaria naturalmente, bastando que os artistas nacionais produzissem uma arte sincera. Tal perspectiva poderia ser, de algum modo, aproximada ao que Friedrich Nietzsche apontou como equívoco dos alemães, isto é, o cultivo da interioridade e sua não correspondência a nenhuma exterioridade. A mesma preocupação com o problema de uma cultura fraturada pode ser encontrada no discurso verde-amarelo. Aqui, contudo, há uma inversão na medida em que há nesse discurso uma crítica ao excesso de zelo com a forma exterior que se encontraria desconectada da “alma” nacional, um erro que os verde-amarelos novamente associaram aos dois Andrades do modernismo.

Ao longo da tese, os temas mencionados anteriormente sugeriram leituras do ponto de vista da aproximação do discurso verde-amarelo com o romantismo e do discurso vanguardista da implosão das fronteiras entre arte e vida. Esse anseio teria norteado de certo modo o rechaço dos escritores paulistas da mediação da ciência na produção de um discurso nacional, mas, ao mesmo tempo, o valor que atribuíram a estudos que se dispunham a fazer um exame objetivo da realidade nacional. Com efeito, o tema latente nos textos desses escritores sempre foi uma aproximação com a realidade brasileira, que pusesse de lado discussões teóricas, enquanto uma etapa necessária à elaboração de uma forma que expressasse a singularidade nacional. Nessa leitura do verde-amarelismo, o anseio vanguardista assumiu uma conformação mais rígida, a mesma que foi condenada por Sérgio Buarque de Holanda, quando se referiu à panaceia construtiva do modernismo paulista, no seu artigo de 1926. Retomando aqui os sentidos de sinceridade e autenticidade estudados por Lionel Trilling, no discurso verde-amarelo, em particular, ambos os conceitos se confundiriam na perspectiva de que o artista quando fosse sincero produziria uma obra de arte autêntica.

Referências bibliográficas

Fontes:

- ARANHA, Graça. *A estética da vida*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1921.
- ANDRADE, Mário de Andrade. Feitiço contra o feiticeiro. *Terra Roxa e outras Terras*. São Paulo, 03 fev. 1926.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. 22ª Sessão Ordinária em 17 de agosto. *Correio Paulistano*, p.5, 18 ago. 1926.
- CARVALHO, Ronald de. O artista hodierno do Brasil. *O Jornal*, p. 1; 4, 22 jan. 1926.
- COLLOR, Lindolfo. Keyserling. *Correio Paulistano*, p. 2, 30 jun. 1929.
- CONGRESSO LEGISLATIVO. 54ª. Sessão Ordinária em 3 de outubro. *Correio Paulistano*, p.5-7, 04 out. 1928.
- DEL PICCHIA, Menotti. *O Gedeão do modernismo: 1920-22*. Introdução, seleção e organização por Yoshie Sakiana Barreirinhas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1983.
- DEL PICCHIA, Menotti. *A Longa Viagem. 2ª Etapa. Da Revolução Modernista à Revolução de 1930*. São Paulo: Martins/Conselho Estadual de Cultura, 1972.
- DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio; MOTTA FILHO, Candido; ELLIS, Alfredo. O atual momento literário brasileiro. *Correio Paulistano*, p. 4, 17 mai. 1929.
- DEL PICCHIA, Menotti. Mirassol, a cidade de nome lindo. *Correio Paulistano*, p. 3, 21 abr. 1928.
- DEL PICCHIA; Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios, 1927.
- DEL PICCHIA, Menotti. *Por Amor do Brasil. Discursos Parlamentares*. Editorial Hélios Ltda., 1927.
- DEL PICCHIA, Menotti. Anta, Loba ou Maniôtos. *Correio Paulistano*, p. 3, 12 jan. 1927.
- DEL PICCHIA, Menotti. O problema racial. *Correio Paulistano*, p.3, 26 ago. 1926.
- DEL PICCHIA, Menotti. O fenômeno Couto-Porchat. *Correio Paulistano*, p. 3, 07 abr. 1927.
- DEL PICCHIA, Menotti. Nossa Orientação. *Correio Paulistano*, p. 3, 20 jan. 1926.
- DEL PICCHIA, Menotti. O Fascismo. *Correio Paulistano*, p. 3, 07 out. 1925.
- DEL PICCHIA, Menotti. O espírito do fascismo. *Correio Paulistano*, p. 5, 30 set. 1925.
- DEL PICCHIA, Menotti. Pelo Brasil maior. *Correio Paulistano*, p. 3, 27 set. 1925.

- ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Os Primeiros Troncos Paulistas*. São Paulo/Brasília: Editora Nacional, INL, 1976 [1936].
- ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Populações Paulistas*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1934.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Pedras Lascadas*. São Paulo: Tipografia Hennes Irmãos & Cia, 1928.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo; DEL PICCHIA, Menotti. *O Tesouro de Cavendish. Romance histórico brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Raça de Gigantes*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1926.
- ELLIS, Myriam. *Alfredo Ellis Junior (1896-1974)*. São Paulo: Bentivegna Editora, 1997.
- GENOLINO AMADO. Discutindo o evidente. *Correio Paulistano*, p. 3, 16 jan. 1927.
- HÉLIOS. Crônica Social: Progresso? *Correio Paulistano*, p. 4, 1 dez. 1928.
- HÉLIOS. Sessão Solene e Histórica. *Correio Paulistano*, p. 4, 26 ago. 1926.
- HÉLIOS. Crônica Social: Ahi que'ras! *Correio Paulistano*, p. 4, 25 jul. 1926.
- HÉLIOS. Crônica Social: Carta Antropófaga. *Correio Paulistano*, p. 7, 18 fev. 1927.
- HÉLIOS. Crônica Social: Caapora. *Correio Paulistano*, p. 7, 12 fev. 1927.
- HÉLIOS. Crônica Social: Coisas Verdamarelas. *Correio Paulistano*, p. 6, 17 jan. 1927.
- HÉLIOS. Crônica Social: Soluções para a crise... *Correio Paulistano*, p. 4, 14 jan. 1927.
- HÉLIOS. Crônica Social: Matemos Peri. *Correio Paulistano*, p. 4, 05 jan. 1927.
- HÉLIOS. Crônica Social: O lado oposto. *Correio Paulistano*, p. 5, 26 de setembro de 1925.
- HÉLIOS. Crônica Social: Verde e Amarelo. *Correio Paulistano*, p. 3, 23 set. 1925.
- HÉLIOS. Crônica Social: Descobrimo o jogo, *Correio Paulistano*, p. 4, 8 out. 1925.
- HÉLIOS. Crônica Social: Pau Nele. *Correio Paulistano*, p. 5, 07 out. 1925.
- HÉLIOS. Crônica Social: Team Pesado. *Correio Paulistano*, p. 6, 03 out. 1925.
- HÉLIOS. Crônica Social: Manifesto Anti Pau Brasil. *Correio Paulistano*, p. 4, 13 abr. 1924.
- HÉLIOS. Crônica Social: Cartas a Chrispim IX – Mário Moraes de Andrade. *Correio Paulistano*, p.4, 14 nov. 1921.
- HÉLIOS. Crônica Social: Redenção. *Correio Paulistano*, p. 3, 19 jul. 1921.
- HÉLIOS. Crônica Social: Futurismo. *Correio Paulistano*, p. 3, 6 dez. 1920.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição Crítica. Organização de Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz. Estabelecimento de texto e notas de Maurício Acuña e Marcelo Diego. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro 1, 1920-1949*. Organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora Unesp/Fundação Perseu Abramo, 2011.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e Letra. Estudos de Crítica Literária I (1920-1947)*. Organização, Introdução e Notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Organização e introdução de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- KEYSERLING, Conde de. *La filosofía del sentido. El conocimiento creador*. Traducción del alemán por José Pérez Bances. 1. Ed. Madrid/ Barcelona: Espasa-Calpe, S. A., 1930.
- LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964. [1919].
- LOBATO, Monteiro. *O saci-pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Editora Globo, 2008 [1918].
- LOBATO, Monteiro. A Argentina... e eu. *Novíssima: Modernismo. Nacionalismo. Ibero-Americanismo*. São Paulo, Ano 1, n. 8, nov. /dez. 1924, p. 13-15.
- MAGNI, Verano. A anta na Itália. *Correio Paulistano*, p. 2, 29 jun. 1927.
- MORAES, Rubens Borba de. Balanço de fim de século. *Klaxon: mensário de arte moderna*, p.12-13, 15 ago. 1922.
- MORAES, Rubens Borba. *Domingo dos Séculos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001 [1924].
- MOTTA FILHO, Candido. *Dias Lidos e Vividos. Memórias 2*. Prefácio de Josué Montello. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio Editora/Ministério da Educação e Cultura, 1977.
- MOTTA FILHO, Candido. *Contagem Regressiva. Memórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972.
- MOTTA FILHO, Candido. *Notas de um constante leitor*. São Paulo: Editora Martins, 1960.
- MOTTA FILHO, Candido. *Alberto Torres e o tema de nossa geração*. Rio de Janeiro: Schmidt-Editor-Rio, 1931.
- MOTTA FILHO, Candido. Ao lado dos poetas. *Correio Paulistano*, p. 2, 28 fev. 1929.
- MOTTA FILHO, Candido. Um filósofo de Kodak. *Correio Paulistano*, p. 4, 31 jan. 1929.
- MOTTA FILHO, Candido. Retrato do Brasil. *Correio Paulistano*, p. 2, 30 nov. 1928.
- MOTTA FILHO, Candido. Max Scheler e o problema da cultura II. *Correio Paulistano*, p. 2, 16 nov. 1928.
- MOTTA FILHO, Candido. Max Scheler e o problema da cultura. *Correio Paulistano*, p. 2, 08 nov. 1928.
- MOTTA FILHO, Candido. Ensaio. *Correio Paulistano*, p. 2, 25 out. 1928.
- MOTTA FILHO, Candido. O medíocre. *Correio Paulistano*, p. 2, 18 out. 1928.
- MOTTA FILHO, Candido. Cultura. *Correio Paulistano*, p. 2, 13 set. 1928.

- MOTTA FILHO, Candido. A volta do dogmatismo. *Correio Paulistano*, p. 2, 9 ago. 1928.
- MOTTA FILHO, Candido. Primitivismo e Cultura. *Correio Paulistano*, p. 2, 22 abr. 1927.
- MOTTA FILHO, Candido. Brasileiros na América. *Correio Paulistano*, p. 4, 20 jan. 1927.
- MOTTA FILHO, Candido. *Introdução ao estudo do pensamento nacional (o romantismo)*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1926.
- MOTTA FILHO, Candido. O tipo de nossa geração. *Correio Paulistano*, p. 3, 03 nov. 1926.
- MOTTA FILHO, Candido. O psicólogo da raça. *Klaxon: mensário de arte moderna*. São Paulo, dez./jan., 1922, p. 5-7.
- NIETZSCHE, Friedrich. “II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida”. In: *Escritos sobre a História*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correio de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, pp. 67-178.
- NIETZSCHE, Friedrich. *II Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. *Evolução do povo brasileiro*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1923.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. Eugenismo Paulista. *Correio Paulistano*, p.3, 15 fev. 1927.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José Raças Nacionais e Raças Históricas. *Correio Paulistano*, p. 3, 14 jan. 1927.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. Eugenismo Paulista. *Correio Paulistano*, p. 2, 15 fev. 1927.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. Seleção das Matrizes Étnicas. *Correio Paulistano*, p. 3. 25 ago. 1926.
- OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. *Evolução do povo brasileiro*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1923.
- RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço. Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970.
- RICARDO, Cassiano. O homem cordial. In: *O homem cordial e outros pequenos estudos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1959 [1948].
- RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste. A influência da “bandeira” na formação social e*

política do Brasil. Coleção Documentos Brasileiros, volume 25. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1940.

RICARDO, Cassiano; DEL PICCHIA, Menotti, SALGADO, Plínio; MOTTA FILHO, Candido; ELLIS, Alfredo. O atual momento literário brasileiro. *Correio Paulistano*, p. 4, 17 mai. 1929.

RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê ou o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1928.

RICARDO, Cassiano. A poesia dos cafezais. *Correio Paulistano*, p. 3, 3 jul. 1928.

RICARDO, Cassiano. Caapora. *Correio Paulistano*, p. 2, 27 mai. 1928.

RICARDO, Cassiano. O Homem e a Paisagem. *Correio Paulistano*, p. 3, 1 mar. 1928.

RICARDO, Cassiano; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios, 1927.

RICARDO, Cassiano. O “segredo das uiáras”. Notas Impressionistas à margem dos “Seixos Rolados” de Roquette Pinto. *Correio Paulistano*, São Paulo, 14 set. 1927, p. 3.

RICARDO, Cassiano. Liberdade, flor de retórica. *Correio Paulistano*, p. 3, 09 ago. 1927.

RICARDO, Cassiano. Gente nova. *Correio Paulistano*, p. 3, 24 mai. 1927.

RICARDO, Cassiano. Caçando Papagaios. *Correio Paulistano*, p. 3, 02 abr. 1927.

RICARDO, Cassiano. O Curupira e o Carão. *Correio Paulistano*, p. 3, 17 mar. 1927.

RICARDO, Cassiano. Nhengaçu Verdamarelista. *Correio Paulistano*, p. 2, 21 jan. 1927.

RICARDO, Cassiano. Minha Terra tem palmeiras. Conferência que o dr. Cassiano Ricardo realizou, a 5 do corrente, a convite de um grupo de intelectuais, na cidade de São José do Rio Pardo. *Correio Paulistano*, p. 4, 11 jan. 1927.

RICARDO, Cassiano. A história dos angorás. *Correio Paulistano*, p. 3, 25 out. 1926.

RICARDO, Cassiano. Ruminantes de Cultura. *Correio Paulistano*, p. 3, 07 set. 1926

RICARDO, Cassiano. Sonetococcus brasiliensis. *Correio Paulistano*, p. 3, 03 jun. 1926.

RICARDO, Cassiano. O estrangeiro. *Correio Paulistano*, p. 3, 25 mai. 1926.

RICARDO, Cassiano. Literatura Cínica. *Correio Paulistano*, p. 3, 18 fev. 1926.

RICARDO, Cassiano. Intelectualismo. *Correio Paulistano*, p. 3, 06 fev. 1926.

RICARDO, Cassiano. Rumo ao Brasil. *Correio Paulistano*, p. 3, 24 jan. 1926.

RICARDO, Cassiano. O espírito do momento e da pátria na poesia brasileira III. *Correio Paulistano*, p. 5, 29 set. 1925.

RICARDO, Cassiano. A revelação do Brasil pela poesia moderna. *Correio Paulistano*, p. 3, 08 set. 1925.

RICARDO, Cassiano. O individualismo dos novos II. *Correio Paulistano*, p. 3, 04 ago. 1925.

- ROQUETTE-PINTO, Edgard. Imigração Japonesa. Opinião do professor Roquette-Pinto. *Correio da Manhã*, p. 2, 02 mai. 1924.
- SALGADO, Plínio. *O ritmo da história*. São Paulo: Editora Voz do Oeste/Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978.
- SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972 [1926].
- SALGADO, Plínio; RICARDO, Cassiano; DEL PICCHIA, Menotti. *O Curupira e o Carão*. São Paulo: Editorial Hélios, 1927.
- SALGADO, Plínio. *Literatura e Política*. Editorial Hélios Ltda., 1927.
- SALGADO, Plínio. Aspectos da gente nova. *Correio Paulistano*, p. 3, 31 mai. 1928.
- SALGADO, Plínio. Matemos o verde-amarelismo. *Correio Paulistano*, p. 3-4, 08 dez. 1927.
- SALGADO, Plínio. Crônica de Domingo. *Correio Paulistano*, p. 2, 4 dez. 1927.
- SALGADO, Plínio. Crônicas Verde-Amarelas: Visões da Gente Nova. *Correio Paulistano*, p. 3, 12 ago. 1927.
- SALGADO, Plínio. Crônicas Verde-Amarelas: São Paulo no Brasil. *Correio Paulistano*, p. 3, 21 jul. 1927.
- SALGADO, Plínio. Crônicas Verde-Amarelas: Diretrizes da Nova Geração. *Correio Paulistano*, p. 3, 27 mai. 1927.
- SALGADO, Plínio. Arte e Literatura. *Correio Paulistano*, p. 3, 3 abr. 1927.
- SALGADO, Plínio. Valores em Contraste (o caso Rodrigues de Abreu em face da nossa civilização). *Correio Paulistano*, p. 3, 23 mar. 1927.
- SALGADO, Plínio O Brasil e o Romantismo. *Correio Paulistano*, p. 3, 8 fev. 1927
- SALGADO, Plínio. Crônicas Verdumarelas II: Literatura e Política. *Correio Paulistano*, p. 3, 4 jun. 1927.
- SALGADO, Plínio. A questão da Anta. *Correio Paulistano*, p. 3, 23 jan. 1927.
- SALGADO, Plínio. A anta contra a loba. *Correio Paulistano*, p. 3, São Paulo, 11 jan. 1927.
- SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1926.
- SALGADO, Plínio. *A Anta e o Curupira*. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1926.
- SALGADO, Plínio. Arte brasileira. *Correio Paulistano*, p. 3, 13 set. 1925.
- SCHELER, Max. *Visão Filosófica do Mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- SEM AUTOR. Hermman Keyserling, o simbolismo da história e o primado do econômico contra o primado dos valores sentimentais. *Correio Paulistano*, p.1, 19 out. 1929.
- SEM AUTOR. Keyserling. Discorrendo sobre o “problema do espírito”, o filósofo de Darmstadt realizou, anteontem, a sua primeira conferência no Rio de Janeiro. *Correio*

Paulistano, p.1, 9 out. 1929.

SEM AUTOR. O filósofo que não botou o mundo dentro de uma teoria. O Conde de Keyserling fala, pela primeira vez, no Brasil, ao *Correio Paulistano*. *Correio Paulistano*, p.1, 1 out. 1929.

SEM AUTOR. Uma sessão memorável. *Novíssima: revista de arte, literatura, sociedade e política*, jul./ago. de 1924, p. 1-4.

SEM AUTOR. Os professores paulistas no México. Uma carta do Sr. Murilo Mendes. *Correio Paulistano*, p.4, 30 jun. 1923.

TRISTÃO DE ATHAYDE. “Keyserling”. In: *Estudos*. 2ª Série. Rio de Janeiro: Edição de “Terra de Sol”, 1928, p. 287-292.

TRISTÃO DE ATHAYDE. Um girondino do modernismo II. *O Jornal*, p. 4, 19 jul. 1925.

TRISTÃO DE ATHAYDE. Um girondino do modernismo I. *O Jornal*, p. 4, 12 jul. 1925.

TRISTÃO DE ATHAYDE. Literatura Suicida I. Lucidez. *O Jornal*, p. 4, 28 jun. 1925.

TRISTÃO DE ATHAYDE. Literatura Suicida II. Atenção!! *O Jornal*, p. 4, 5 jul. 1925.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do ocidente. Esboço de uma morfologia da História Universal*. 4. ed.. condensada. Tradução de Hebert Caro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

VASCONCELOS, José. *La Raza Cósmica. Misión de la raza iberoamericana*. Buenos Aires: Espasa- Calpe Argentina, S. A, 1948 [1925].

VASCONCELOS, José. Nueva Ley de los Tres Estados. *El Maestro: Revista de cultura nacional*, México, D.F, tomo II, n. 2, nov. 1921, p. 150-158. Disponível em: <https://icaadocs.mfah.org/icaadocs/ELARCHIVO/RegistroCompleto/tabid/99/doc/755378/language/es-MX/Default.aspx>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Bibliografia:

ABRAMS, Meyer Howard. *O espelho e a lâmpada. Teoria romântica e tradição crítica*. Tradução de Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2010. [1953]

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: *Notas de Literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003, p. 15-46.

ALBIERI, Thaís de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese (Doutorado em Letras). 328f. Departamento de Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

- ALTAMIRANO, Carlos Y SARLO, Beatriz. Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia. 1. Ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016 [1997].
- ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ANTELO, Raúl. *Na Ilha de Marapatá. Mário de Andrade lê os Hispanoamericanos*. São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1986.
- ASCENSO, João Gabriel da Silva. A redenção cósmica do mestiço: inversão semântica do conceito de raça na *Raça Cósmica* de José Vasconcelos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 26, n.52, p. 294-315, julho-dezembro de 2013.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Antisemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução Roberto Matoso. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz. Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930*. São Paulo: Editora 34, 2005. [1994]
- AUERBACH, Erich. *Mimeses: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1946].
- BAGGIO, Kátia Gerab. Ronald de Carvalho e Toda a América: diplomacia, ensaísmo e impressões de viagem na sociabilidade intelectual entre o Brasil e a Hispano-América. In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia Coelho (org.) *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações/ São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH-USP, 2010, p. 143-190.
- BATISTA, Alexandre Blankl. *“Mentores da Nacionalidade”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado*. 170 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. BENJAMIN, Walter [et. al.]. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Organização Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 9-40.
- BEIRED, José Luís Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BERGEL, Martín. *El Oriente Desplazado. Los intelectuales y los orígenes del tercermundismo en la Argentina*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2015.
- BERGEL, Martín; MAZZOLA, Ricardo Martinez. *América latina como prática. Modos de*

- Sociabilidade intelectual de los reformistas universitários (1918-1930). In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *História de los intelectuales en America latina II. Los avatares de la “ciudad letrada” em el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010, p. 119-145.
- BERMAN, Marshal. *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Dimensões de Macunaíma: filosofia, gênero e época*. 201f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1987.
- BEZERRA, Elvia. Ribeiro Couto e o homem cordial. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 44, p. 123-130, jul./set. 2005, p. 125-126.
- BIRKEMAIER, Anke. *Alejo Carpentier y la cultura del surrealismo en América Latina*. Madrid: Iberoamericana, 2006.
- BLANCO, Joaquín José. *Se llamaba Vasconcelos: una evocación crítica*. México: FCE, 2013, [1977].
- BOTELLHO, André Pereira. *Um ceticismo interessado: Ronald de Carvalho e sua obra dos anos 1920*. 349 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna entre interpretes do Brasil*. 2 ed. revista. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro, 1. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Tradução de José Pedro Antunes. 1 ed.. São Paulo: Cosac Naif, 2012. [1974]
- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2010. [1969]
- CAMPOS, Maria José. *Versões modernistas da democracia racial em movimento. Estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945*. 368f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e Sociedade*. 9.ed. RJ: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Intelectuais latino-americanos: o “caráter nacional” em questão. *Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n.28, p.59-79, jul. 2009.

- CARVALHO, Raphael Guilherme de. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória* (1969-1986). 328f. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- CASTRO, Ana Claudia Veiga de Castro. *A São Paulo de Menotti Del Picchia. Arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*. São Paulo: Alameda, 2008.
- CAVALCANTI, Anna Hartmann. Nietzsche, A memória e a história: reflexões sobre a segunda consideração extemporânea. *Philosophos*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 77-105, jul. /dez. 2012.
- CLIFFORD, James. Sobre o Surrealismo Etnográfico. In: *A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, pp.121-162.
- CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.25, n.45, pp.187-208, 2003.
- CRESPO, Regina Aída. *Messianismos Culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1997.
- DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da Eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.
- DUARTE, Pedro. *A palavra modernista. Vanguarda e Manifesto*. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Editora PUC-Rio, 2014.
- DUARTE, Pedro. A vanguarda do modernismo brasileiro. *Viso Cadernos de estética aplicada*, v. 6, n. 11, jan.-jun./2012, p.107-120.
- DUARTE, Pedro. *Estio do Tempo. Romantismo e estética moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.19, n.37, set. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100011. Acesso em: 11 out. 2017.
- EL-DINE, Lorenna Ribeiro Zem. Eugenia e seleção imigratória: notas sobre o debate entre Alfredo Ellis Junior, Oliveira Vianna e Menotti Del Picchia, 1926. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, suplemento, dez. 2016, p. 243-252.
- ESPACIOS DE CRÍTICA Y PRODUCCIÓN. 80 años de Reforma Universitaria. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, n. 24, 1999.
- EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo. O organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e Fronteiras de Sérgio Buarque de Holanda*. 480f. Tese (Doutorado em

- História Social), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2010.
- FABRIS, Anateresa. *O futurismo paulista: hipótese para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil*. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- FARIA, Daniel. As meditações americanas de Keyserling. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, v. 29, n. 51, p.905-923, set/dez 2013, pp. 906-907.
- FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. O Romantismo em Graça Aranha: literatura, política e brasilidade. *Revista do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia*, v. 8, n. 12, 2006.
- FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. *O Mito Modernista*. 297 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.
- FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. *O modernismo que se tornou romântico: literatura, política e brasilidade*. 121 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- FELL, Claude. *José Vasconcelos: los años de águila (1920-1925)*. *Educación, cultura iberoamericanismo en el México posrevolucionario*. Universidad Autonoma de México, 2009.
- FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção história (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FERRETI, Danilo J. Z. Ferretti. O uso político do passado bandeirante: o debate entre Oliveira Vianna e Alfredo Ellis Jr. (1920-1926). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n.41, jan.-jun. 2008, pp. 59-78.
- FINCHELSTEIN, Federico. *El mito del fascismo: de Freud a Borges*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2015.
- GARRAMUÑO, Florencia. *Modernidades primitivas. Tango, samba y nación*. 1ª. Ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- GAY, Peter. Modernismo. *O fascínio da heresia. De Baudelaire a Beckett e mais um pouco*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: estética e ideologia na década de 1920*. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Instituto de Estudos Brasileiros, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GORELIK, Adrián. *Das Vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América*

- Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- GRAMUGLIO, María Teresa. Estudio preliminar. In: GÁLVEZ, Manuel. *El Diálogo de Gabriel Quiroga*, Buenos Aires, Taurus, 2001.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1999.
- HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. “*Eis o Mundo Encantado que Monteiro Lobato criou*”: *raça, eugenia e nação*. 159 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.
- HARRISON, Charles. *Modernismo*. 2 ed. Tradução João Moura. São Paulo: Editora Cosac & Naif Edições, 2001.
- HOCHMAN, Gilberto e LIMA, Nísia Trindade (orgs.). *Médicos Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2015.
- HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade; MAIO, Marcos Chor. The Path of Eugenics in Brazil: Dilemmas of Miscigenation. In: BASHFORD, Alison; LEVINE, Philippa (ed.). *The Oxford Handbook of The History of Eugenics*. Oxford University Press, 2010.
- HOBBSAWN, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita e revisão técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOOPER, Silvana Seabra & ROCHA, Gilmar. Utopias americanas. Terror e amor em laestética modernista de Graça Aranha e José Vasconcelos. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v.39, n.1, p.41-53, Jan.-Mar., 2017.
- HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais e políticas da memória*. 1 ed.. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto/MAM, 2014.
- HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo*. Tradução de Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- JARDIM, Eduardo. *A brasilidade modernista sua dimensão filosófica*. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Ponteio, 2016.
- JOHNSON, Randal. Notes On A Conservative Vanguard: The Case of Verde-Amarelo/Anta. *Hispanic Studies Series*, v. 4, 1988, p. 31-42.
- JOHNSON, Randal. Notes on the Structures of Literary of Literary Authority in Brazil, 1945-1980. *Mester*, XXIV, 1 (Spring 1995), p.3-18.
- KIBERD, Declan. Introdução. In: JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Caetano W. Galindo. Coordenação editorial de Paulo Henrique Brito. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

- KNIGHT, Alan. Racism, Revolution and Ingenismo: México 1910-1940. In: Graham, Richard (ed.). *The Idea of Race in Latin America, 1870-1940*. Austin, University of Texas Press, 1990.
- LARA, Cecília de. A Colaboração Estrangeira na Revista Klaxon. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 19, 1977, p. 37-46.
- LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996 [1985].
- LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda. *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgardd Roquette-Pinto*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/Editora Fiocruz, 2008.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ/UCAM, 1999.
- LÖWY, Michel. *Redenção e Utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LÖWY, Michel. *Romantismo e Messianismo*. São Paulo: EDUSP/Perspectiva, 1990.
- LUKÁCS, Georg. *A alma e as formas*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- LUQUÍN GUERRA, Roberto. José Vasconcelos: mito ibero-americanista o filosofia estética ibero-americana. *Theoría. Revista del Colegio de Filosofía*, n. 24, dez. 2011, p.37-54. Disponível em: http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/3824/03_Theoria_24_2011_Luquin_37-54.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 jul. 2017.
- MAGRIS, Claudio. *Danúbio*. Tradução de Elena Grechi e Jussara de Fátima Mainardes Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça como questão. História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.
- MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.
- MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província. Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- MARTINS, Maro Lara. *Interesse e virtude: a sociologia modernista dos anos 1930*. 225 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- MARTINS, Renato. *Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.

- MICELI, Sérgio. *Vanguardas em retrocesso. Ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MILNES, Timothy; SINANAN, Kerry (ed.). *Romanticism, Sincerity and Authenticity*. Palgrave Macmillan, 2010.
- MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1992.
- MONTEIRO, Luciano. *Para uma ciência da brasilidade: a institucionalização da pesquisa folclórica e etnográfica no departamento de cultura de São Paulo (1935-1938)*. 294 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.
- MONTEIRO, Pedro Meira. *Signo e Desterro. Sergio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015.
- MONTEIRO, Pedro Meira. “Coisas sutis, ergo profundas”: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. In: *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. Correspondência*. 1a. Ed. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto de Estudos Brasileiros/EDUSP, 2012.
- MORAES, Eduardo Jardim de. *A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MORAES, Marco Antonio de (org.). *Correspondência. Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros, 2001.
- MOREIRA, Luiza Franco. *Meninos, Poetas e Heróis. Aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MURUCY, Katia. Considerações sobre o conceito de história e a crítica da cultura. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, 1993.
- MYERS, Jorge. A gênese “ateneísta” da história cultural latino-americana. Tradução de Paulo Neves. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 1, jun. 2005, p. 9-54.
- NETTO, Adriano Bitarães. *Antropologia Oswaldiana: um receituário estético e científico*. São Paulo: Annablume, 2004.
- NUNES, Benedito. Antropofagismo e surrealismo. *Remate de males*. Campinas, IEL-Unicamp, n. 6, 1986, p. 15-25.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo/Brasília,

- Brasiliense/CNPq, 1990.
- PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o hinterland. O pensamento modernista de Plínio Salgado*. 117 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura), Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2005.
- PAZ, Octávio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naif, 2013 [1974].
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Coelho Netto. Um antigo modernista*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- PERLOFF, Marjorie. *O momento futurista. Avant-Garde, Avant- Guerre, e a linguagem da ruptura*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos. Os críticos do grupo clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda. Os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010. [1983].
- QUEIROZ, Helaine Nolasco. *Verdeamarelo/Anta a Antropofagia: narrativas da identidade nacional brasileira*. 247f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura), Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
- QUINTANILLA, Suzana. *Nosotros. La Juventud del Ateneo de México. De Pedro Henríquez Ureña Y Alfonso Reyes a José Vasconcelos y Martín Luis Guzmán*. México: Tiempo de Memoria Tusquets, 2008.
- RAMA, Angel. *Las máscaras democráticas del modernismo*. Montevideo: Fundación Angel Rama, 1985.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *O exílio do homem cordial. Ensaios e Revisões*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2004.
- ROIZ, Diogo da Silva. *A dialética entre o intelectual-letrado e o “letrado-intelectual” : projetos, tensões e debates na escrita da história de Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959)*. 342f. Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. *Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-*

- 1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.779-810, jul.-set. 2008.
- SADER, Emir; GENTILI, Pablo; ABOITES, Hugo (comp.). *La reforma universitaria: desafíos y perspectivas noventa años después*. 1a. Ed - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SCHORKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 [1961].
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARTZ, Jorge. *Fervor das Vanguardas. Arte e Literatura na América Latina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. [1995]
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20. Oliverio Gironde e Oswald de Andrade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.15-50, dez. 2007.
- SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da História Intelectual. Entre questionamentos e perspectiva*. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- SISKIND, Mariano. *Deseos Cosmopolitas. Modernidad global y literatura mundial en América Latina*. Traducción de Lilia Mosconi. Revision de traducción Carmen Güiraldes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco. Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SKINNER, Quentin. Significado y comprensión en la historia de las ideas. *Prismas, Revista de Historia Intelectual*, nº 4, 2000, p. 149-191.
- SKIRIUS, John. *El ensayo hispano-americano del siglo XX*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil. Uma antropologia de la circulación internacional de*

- ideas*. Prólogo de Afrânio Garcia. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião. *Em busca do Brasil. Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. 382 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. 220 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.
- STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? *Remate de Males*, Campinas, SP, (31.1-2), p.13-24, jan. dez. 2011.
- STEPAN, Nancy Leys. *“A hora da eugenia”. Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. (orgs.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doenças na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- STERN, Alexandra. Mestizofilia, Biotipología Y Eugenesia en el México posrevolucionario: hacia una historia da la ciencia y el Estado, 1920-1960. *Relaciones*, El Colegio de Michoacán Zamora, México, v. 21, n. 81, p. 57-92.
- TENÓRIO, Maurício. Um Cuauhtemóc carioca: comemorando o centenário da independência do Brasil e a raça cósmica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 14, p.123-148, 1994.
- TRILLING, Lionel. *Sinceridade e autenticidade. A vida em sociedade e a afirmação do eu*. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: É realizações Editora, 2014 [1971].
- TRILLING, Lionel. *A mente no mundo moderno*. Tradução de Hugo Langone. 1 ed. São Paulo: Editora É realizações, 2015.
- VALENTINI, Luiza. *Um laboratório de antropologia: o encontro de Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. 242 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira. Análise do discurso integralista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- VÁSQUEZ, Karina. De la modernidad y sus mapas. *Revista de Occidente y la “nueva*

- generación” en la Argentina de los años veinte. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y Caribe*, Universidad de Tel Aviv, v. 14, n. 1, 2003.
- VELLOSO, Monica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 89-112.
- VELLOSO, Monica Pimenta *A brasilidade verde-amarela: nacionalismo paulista*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *O mito da originalidade brasileira: a trajetória intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 20 ao Estado Novo)*. 189f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.20, n.1, p.263-288, 2013.
- WEGNER, Robert. Um ensaio entre o passado e o futuro. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Organização de Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- WEGNER, Robert. Da genialidade à poeira dos arquivos: Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1940. In: SENTO-SÉ, João Trajano; PAIVA, Vanilda (orgs.). *Pensamento Social Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2005, p.67-76.
- WEINBERG, Liliana. *Umbral del Ensayo*. Universidad Nacional Autónoma de México. 2004.
- WILLIAMS, Raymond. *Política do modernismo: contra os novos conformistas*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora UNESP, 2011.